DULCI VERISSIMO

Um Perfeito Encanto



TABLE OF CONTENTS

Copyright
Contents
Nota da Autora
Prólogo
01- Primeiro Dia
02-Má Impressão
03-Emoções
04-Insensível
05-Convite
06-Prudência
07-Compartilhar
08-Conversa Sincera
09-Cortesia
10-Retorno
11-Virtude
12-Você de Novo
13-Gentileza
14-Contrição
15- Sr.Darcy
16-Sorteio
17-Brigadeiro
18-Presente
19-Afronta
20-Saudade
21-Viagem
22-Hambúrguer
23-Passeio Radical
24-Terna Noite
25-Bom Amigo

26-Admiração
27-Confidência
28-Sorvete
29-Cumplicidade
30-Amizade Especial
31-Abraço
32-Cuidado
33-Auxílio
34-Sincera
35-Percepção
36-Verdade
37-Reconhecer
38-Almoço
39-Incertezas
40-Perdão
41-Esclarecer
42-Confiança
43-Permissão
44-Afeição
45-Pacto de Amor
46-Cinema
47-Acampar
48-Resfriado
49-Fora do Plano
50-Encanto Real
51-Núpcias
Epílogo
Agradecimentos
About The Author
Books By This Author

DULCI VERISSIMO

Um Perfeito Encanto

Copyright © 2024 Dulcianne da Silva Moreira

Revisão: Clys Oliveira
Diagramação: Dulci Verissimo
Capa: N.K Floro

Este livro utiliza recursos do Canva

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por quaisquer meios sem permissão por escrito dos editores, salvo em breves citações, com indicação da fonte.

CONTENTS

Copyright
Nota da Autora
Prólogo
01- Primeiro Dia
02-Má Impressão
03-Emoções
04-Insensível
05-Convite
06-Prudência
07-Compartilhar
08-Conversa Sincera
09-Cortesia
10-Retorno
11-Virtude
12-Você de Novo
13-Gentileza
14-Contrição
15- Sr.Darcy
16-Sorteio
17-Brigadeiro
18-Presente
19-Afronta

20-Saudade
21-Viagem
22-Hambúrguer
23-Passeio Radical
24-Terna Noite
25-Bom Amigo
26-Admiração
27-Confidência
28-Sorvete
29-Cumplicidade
30-Amizade Especial
31-Abraço
32-Cuidado
33-Auxílio
34-Sincera
35-Percepção
36-Verdade
37-Reconhecer
38-Almoço
39-Incertezas
40-Perdão
41-Esclarecer
42-Confiança
43-Permissão
44-Afeição
45-Pacto de Amor
46-Cinema
47-Acampar

48-Resfriado
49-Fora do Plano
50-Encanto Real
51-Núpcias
Epílogo
Agradecimentos
About The Author
Books By This Author

Para todas as meninas cristãs que amam um clichê de "chefe e secretária", mas não conseguiam ler porque a maioria desses livros são cheios de hot.
Ei, chegou a nossa vez!

“Porque há esperança para a árvore
que, se for cortada, ainda se renovará,
e não cessarão os seus renovos”
(Jó 14.7)

“O fato de ser mulher, não me torna um tipo diferente de cristão. Mas, o fato de ser cristã, me faz um tipo diferente de mulher”

Elizabeth Elliot



NOTA DA AUTORA

Este livro nasceu em 2019, em um momento no qual eu desejava ler uma comédia romântica entre “chefe e secretária”, mas não tinha nenhum disponível que não tivesse hot. Isso me causou uma tremenda insatisfação, então decidi criar meu próprio romance clichê. Isso resume muito bem este livro.

Esta obra não traz para você algo inovador e nunca visto, pelo contrário, é um romance para você reviver todas aquelas cenas que causam borboletas no estômago e que poderá causar risadas, surtos, empolgação e algumas reflexões bíblicas.

Por cinco anos, este enredo esteve no wattpad e conquistou muitas leitoras. E eu espero que possa captar seu coração aqui também. É com muita alegria que convido você, leitor(a), a embarcar comigo nessa aventura romântica para aquecer os nossos corações.

Em um mundo onde parece que a diversão está entrelaçada a consumir imoralidade, apresento uma nova perspectiva através da lente bíblica e como essa jornada de amor cristão pode ser inesperada, apaixonante e regada de encantos.



PRÓLOGO

Julho de 2013

Um sentimento ruim dominava seu peito a cada batida desferida na porta. O som ecoava cada vez mais alto, e ele estava a ponto de levar ao chão aquele pedaço de madeira que se colocava na sua frente como uma barreira. A raiva crescente dentro de si fazia sua pele branca tomar um tom rubro e no último soco contra o umbral, enfim, o ouviu abrir. Diante dele estava a pequena Zilá, a empregada, de cabelos brancos, de Letícia Prado

— Onde ela está? — Pedro indagou, entrando na sala a passos largos.

— Ela... É... — a mulher gaguejava.

Zilá tinha convicção que talvez uma grande tragédia fosse acontecer.

— Fale agora, Zilá! — Pedro vociferou, sentindo todo seu corpo estremecer de uma ira até então desconhecida por ele mesmo.

A mulher abaixou a cabeça e apenas apontou para o andar de cima.

Pedro cerrou o punho e um músculo do seu maxilar saltou pelo ódio que o dominava. Subiu os degraus o mais rápido que pôde. Chegando no corredor dos quartos, diminuiu a velocidade dos passos para tentar ouvir alguma coisa. Ao parar em frente à porta do aposento de Letícia, escutou ruídos de sorrisinhos, fazendo seu estômago embrulhar por completa repulsa. Enfim, deu razão ao seu amigo Murilo, que o contou sobre a traição de sua noiva.

Pedro respirou fundo e se afastou da porta o suficiente para pegar impulso a fim de chutá-la e fazê-la se abrir instantaneamente. O barulho do grito de Letícia e do homem junto a ela foi nítido, ao encararem o olhar fulminante do noivo traído. Ambos estavam enrolados no lençol branco, mas logo o amante se levantou para sair correndo do quarto, o que conseguiu fazer visto que Pedro tinha os olhos flamejantes de ódio contra a noiva, que possuía um temor nos olhos por vê-lo naquele estado de ira.

— Pedro, meu amor... — Ela se levantou com o lençol enrolado sobre seu corpo e foi ao encontro do noivo, querendo aliviar os ânimos.

Pedro se afastou, não a deixando tocá-lo. Ele não gostaria de perder o resquício final de seu domínio próprio.

— Mentirosa! Cínica! — ele pronunciou entredentes.

Letícia começou a chorar.

— Você não entende? Ele me forçou, eu não queria nada, mas... — Letícia se lançou sobre o noivo. — Ele disse que se não me entregasse, faria algo contra você.

Pedro se esquivou dela com brutalidade, e a mulher perdeu o equilíbrio e caiu sobre a cama.

— Acha que eu sou algum idiota para acreditar nisso? — o noivo extravasou sua fúria na porta do guarda-roupa, que ao receber tamanho impacto caiu ao chão.

A noiva continuava a lagrimar.

— Agora eu entendo tudo. — Ele passou as mãos sobre os cabelos. — Conseguiu me enganar por muito tempo, mas a partir de hoje nunca mais acredito em nenhuma palavra sua. Na verdade, espero nunca mais olhar na sua cara!

Ao dar os primeiros passos para fora daquele lugar fétido, por causa da presença dela, ainda de costas, ouviu:

— Nunca vai me esquecer. Serei como uma sombra para você — Letícia declarou com um sorrisinho debochado. — Não será feliz com outra.

"Não mesmo. Nunca mais amarei nenhuma", disse a si próprio e seguiu seu caminho.

Letícia voltou a deitar na sua cama, achando que tinha conseguido sua vitória, mas só não esperava ouvir o som de muitas viaturas cercando seu prédio. Precisava fugir. Mas sabia que um dia voltaria.



01- PRIMEIRO DIA

Fevereiro de 2016

Era cedo do dia e a campainha tocava sem parar. Beatrice, secando as mãos no guardanapo, foi até a porta e a abriu. A visão do senhor Rogério, de braços cruzados e olhando para ela, a fez engolir em seco, sentindo inclusive uma gota de suor percorrer pela sua têmpora.

— Vim cobrar o aluguel — exigiu o homem com dureza.

— Não temos o dinheiro — Bea levou seu olhar ao chão e umedeceu os lábios. — Pelo menos, não ainda.

— Vocês estão há dois meses em atraso e com este serão três. — O homem careca, de barbicha e músculos avantajados a fez estremecer. Não seria nada difícil ele pegá-la pelo braço e atirá-la na rua da amargura.

— Eu sei e peço perdão, mas por hora não temos nada. — Mostrou as mãos úmidas e vazias para ele.

— Olha, Beatrice, se daqui a duas semanas vocês não pagarem, eu terei que expulsá-las. Eu preciso do dinheiro. — Ele cruzou os braços no peito, mostrando o seu autoritarismo.

Ela soltou um suspiro profundo, sentindo o peso de toda a humilhação que há meses enfrentava, no entanto, não havia outro caminho a seguir, então o mirou com seus olhos inocentes e disse:

— Tudo bem, senhor. É justo!

A sinceridade das palavras de Beatrice fez a pose do homem se desfazer. Outro inquilino talvez pudesse xingá-lo ou pedir por um prazo maior, ao invés de dizer: "É justo!". Rogério fitou a jovem de feição gentil e olhos marejados a sua frente e considerou outra possibilidade.

— Beatrice, veremos o que podemos fazer. — Suspirou com pesar. — Mas tente ganhar alguma coisa — disse, colocando uma mão no ombro da jovem, mostrando sua pequena solidariedade com a situação.

— Eu tentarei, senhor. Obrigada e desculpe mais uma vez. — Ela comprimiu os lábios rosados e assentiu com humildade.

O homem partiu coçando a nuca, ainda pensando nas palavras dela. Beatrice fechou a porta, sentou-se no sofá, afundou a cabeça entre as mãos e pôs suas muitas lágrimas para fora, externando, assim, as dores das dificuldades que enfrentava dia após dia. Desde a morte do pai, a vida se tornou mais dura. A mãe estava sofrendo com problemas de saúde; Flávia, a prima, ajudava como podia, mas seu salário mal cobria as despesas; e Bea não podia fazer nada sem um emprego. Aqueles problemas a consumiam dia a dia, levando-a às vezes a ficar noites em claro, pensando em alguma solução, porém não achava uma saída. As tribulações a faziam chorar por se sentir só e desamparada muitas vezes. Ela recorreu ao seu único recurso mais uma vez. Ergueu a cabeça, respirou fundo e externou a sinceridade do seu coração contrito.

— Se Tu não me ajudar, iremos para debaixo da ponte. Senhor, estou cansada de lutar acerca dessa situação financeira, ou mesmo com as doenças de mamãe. Se for isso que tu tens para mim, quem sou eu para lutar contra Ti, ou contra os teus decretos para minha vida? Que não seja como eu quero, mas como tu queres. — Ela orou com grande sinceridade no coração. Estava entregando as suas forças naquele momento. — Tu sabes o que eu preciso, mas eu não posso Te obrigar a conceder meus desejos. Mas peço forças para suportar essas provações. Amém. — Terminou sua prece com a voz arrastada e enxugando as lágrimas.

Há tempos Beatrice procurava por emprego e espalhava currículo em todos os lugares. Sua prima conheceu uma mulher que trabalhava no fórum e informou para Bea sobre um emprego como auxiliar através de uma empresa terceirizada, mas ainda nada tinha acontecido.

Ela mirou a pequena sala do apartamento, pensando em como resolveria os seus problemas, porém foi despertada de suas indagações quando o telefone tocou.

— Alô? — Beatrice atendeu a chamada e se recompôs ao seu estado natural.

— Boa tarde, gostaria de falar com Beatrice Mendes. — Uma voz feminina e grave solicitou pelo telefone.

— Sou eu. Quem fala?

— É sobre a vaga administrativa que você se candidatou. Seu currículo foi selecionado.

O coração de Beatrice pulou dentro do peito, a voz se perdeu no susto do momento e o cérebro parecia não processar a informação.

— Beatrice?

— Oh, é claro! — respondeu agitada.

— Você poderia vir amanhã às 8h? — A mulher permanecia calma e firme enquanto dava a informação.

— Sim, qual é o endereço? — Sua euforia quase a fez largar o telefone para comemorar, mas conseguiu se conter.

— É na 4º Vara da infância e juventude. No centro, Avenida Getúlio Vargas, 1986.

— Muito obrigada — agradeceu Bea, anotando num papel o endereço.

— Sem falta. — Enfatizou a mulher ao telefone.

— Não faltarei. Muito obrigada mais uma vez — Bea disse, sorrindo para as paredes brancas do apartamento.

— De nada, tenha um excelente dia. — O som da linha encerrada foi ouvido.

Beatrice pôs o telefone no gancho e saiu pulando pela casa. A alegria não podia ser contida em seu coração. A senhora Rosana apareceu na sala, crente que um meteoro tinha sido derrubado em meio a sua pequena

moradia, mas era somente sua filha saltando pelo sofá e quase dando de cara no chão.

— O que é isso, Beatrice?

— Um milagre! Estou comemorando um milagre, mamãe. Vem comemorar comigo! — Bea pegou as mãos da mãe e quis fazê-la pular também, porém a mulher tinha seu juízo no lugar.

— Não tenho mais idade para isso. — A senhora deu umas batidinhas no dorso da mão da filha. — Mas se acalme e me conte o que aconteceu.

Bea parou, respirou fundo e disse para a genitora:

— Eu consegui um emprego! Se lembra sobre a vaga de auxiliar no Fórum?

A mãe assentiu com um sorriso se abrindo nos lábios.

— Pois é, enfim fui selecionada. Eu tenho que ir lá amanhã cedo. — Bea abraçou a mãe. — Finalmente, Deus ouviu minhas orações. Agora vou poder cuidar melhor da senhora.

— Deus sempre ouve as orações sinceras, minha filha. — Ela tocou no rosto de Bea. — Minha alegria é imensa e espero que prospere muito nesse emprego.

Bea se sentou no sofá e se uniu a mãe, orando:

— Jesus, muito obrigada! — Algumas lágrimas desceram. — O Senhor faz cumprir a palavra que diz: “Invoca-me no dia da angústia e eu te responderei”[1]. Como é bom poder pertencer ao Deus que não está alheio às nossas lutas. — Após alguns minutos finalizou seu genuíno agradecimento.



Na manhã do outro dia, Bea estava vestida de uma saia e camisa de manga três quartos para se apresentar na 4ª Vara da Infância e Juventude. Ela aguardava sentada numa das cadeiras da recepção. A jovem olhava para algumas pessoas no local e via como muitas mulheres tinham a aparência sofrida. O mundo era mesmo difícil para boa parte dos moradores da terra.

— Beatrice Mendes.

A jovem despertou de suas meditações acerca das pessoas na sala de espera quando foi chamada. Ela virou-se em direção a uma mulher morena, de cabelos cacheados, sorriso espontâneo, vestida com uma blusa de cetim branco e uma saia lápis cinza. Um vestuário comum para quem trabalhava ali.

— Olá! — A mulher estendeu a mão para Beatrice em cumprimento. — Eu sou Andréa, uma das servidoras, muito prazer.

— Bom dia, Andréa. — Cumprimentou Bea com sua gentileza peculiar e levantou-se da cadeira, pondo sua bolsa ao lado.

— Vamos, eu lhe mostrarei suas funções — chamou-a com as mãos e já virando de costas, pronta para andar.

— Minhas funções? — Bea, com a sobrancelha erguida, demonstrou sua confusão para com aquele assunto.

A servidora se virou, inclinou a cabeça para o lado e estreitou os olhos.

— Sim, você começa hoje. Não lhe avisaram?

— Ah! — a moça exclamou em meio a um suspiro. — Não sabia — declarou e sorriu. — Mas é uma dádiva.

— Que ótimo. — A mulher a puxou pelo braço. — Vamos!

No decorrer do caminho, Andréa explicava sobre algumas das situações que ocorriam no fórum, mostrou as salas onde se faziam as audiências, apresentou-a a outros servidores, e fizeram todo o percurso até entrarem no gabinete do juiz.

Bea se encantou ao ver aquele lugar tão imponente, com as paredes cobertas por livros, um sofá e uma mesinha de centro logo na entrada, outra mesa suntuosa feita de carvalho posta no centro dava um toque monumental para o cômodo.

Andréa, ao ver o fascínio no olhar da nova funcionária, sorriu. Ela levou a jovem para uma sala pequena dentro daquele escritório. O local era de cor bege claro com uma janela que dava para a rua, havia um computador posto sobre uma mesa de MDF branco, uma cadeira acolchoada preta, à frente da mesa existia um pequeno sofá cinza e, ao lado, uma estante com livros e um gaveteiro com papéis arquivados.

— Esta aqui será sua sala — Andréa andava pelo ambiente a fim de mostrar todas as qualidades dele.

— Ok, mas o que farei? — Beatrice se sentou no sofá de pernas cruzadas, pôs sua bolsa ao lado e perguntou.

— Você lerá os relatórios do doutor Pedro Bernardi. Duas vezes na semana, pela manhã, ele trará a você e outros serviços.

— Quem é o Doutor Bernardi? — Sua curiosidade sobre o tal homem foi evidente, enquanto seguia os passos de Andréa com os olhos.

— Seu Chefe. — Deu uma risada divertida. — Me perdoe, ele é o juiz desta vara — explicou.

— Ah! — Bea soltou a respiração que nem sabia estar prendendo. — E o que mais eu farei? — Levantou-se e seguiu em direção aos livros da prateleira. Ela analisou como estavam precisando de uma pequena organização e pretendia fazer isso.

— Ele mesmo lhe dará as ordens, tem coisas que são mais específicas. Tudo bem? — A colega de trabalho contemplou a jovem encantada com as literaturas ao seu lado.

— Sim. — Sorriu para a mulher.

— Tenho uns relatórios para você ler. — Andréa estendeu para a jovem uma pasta amarela com vários papéis. — Graças a Deus você está aqui. Era eu que estava com esse trabalho e isso é chato demais — sussurrou as últimas palavras, levando Beatrice a gargalhar.

A recém-contratada pegou os relatórios e se atentou a eles.

— Deixe isso aí — Andréa indicou para a mesa ao lado. — Vamos, você precisa pegar o café do chefe. Daqui a pouco ele chega.

Beatrice deixou as folhas e seguiu no encalço de Andréa até a copa. A colega de trabalho chegou ao local e apresentou Beatrice Mendes para mais alguns dos funcionários ali reunidos. Após as devidas boas-vindas, a servidora foi até a cafeteira posta em cima do armário de apenas duas portas e, em seguida, orientou:

— O Doutor Bernardi gosta do café dele sem açúcar. — Pôs o pó no filtro e virou-se para Bea.

— Como ele é realmente? — Bea esfregou as duas mãos e inflou o peito em expectativa.

Andréa virou-se para ela e suspirou:

— Como posso dizer? — Colocou a mão no queixo ponderando. — Ele é um excelente juiz. De verdade, faz seu trabalho com perfeição, mas é um homem que gosta de ficar quieto. Doutor Bernardi é muito...

— Frio? — Bea arqueou a sobrancelha com certo temor.

— Eu prefiro dizer metódico. — Andréa sorriu. — É só você fazer seu trabalho que tudo fica bem.

— Tomara. — Bea retorcia as mãos uma na outra para tentar conter o nervosismo que estava começando ao pressentir o temperamento rígido do chefe.

Com o café pronto, ambas organizaram a bandeja com uma pequena garrafa térmica e uma xícara. Bea tentava prestar atenção às instruções de Andréa e equilibrar a bandeja nas mãos ao mesmo tempo. Ao tentar acelerar os passos para acompanhar a moça, esbarrou em algo rígido a sua frente e só conseguiu ouvir:

— Cuidado!

No mesmo momento, sentiu alguém gemer baixinho e a bandeja caiu ao chão, estilhaçando tudo. Ela se abaixou com destreza para tentar pegar os cacos de vidro.

— O que é isso? — Seus tímpanos doeram com o tom grave com a qual a pergunta foi pronunciada.

Olhando para o chão diante de si, avistou um par de sapatos masculinos.

Ainda segurando os pedaços de vidro, Beatrice levantou a cabeça e foi surpreendida com duas íris azuis olhando em sua direção. Ele era a muralha na qual havia batido e causado todo aquele acidente.

— Quem é você? — O grande homem rangeu os dentes e parecia querer fuzilá-la.

— Excelência, essa é Beatrice Mendes, sua nova auxiliar. — Andréa fez as apresentações, comprimindo o lábio inferior.

Beatrice deu um sorriso amarelo e olhou para o lado, sabendo que seria demitida no seu primeiro dia.



02-MÁ IMPRESSÃO

Os olhos de Pedro se cravaram na mulher no chão, que estava trêmula com aqueles pedaços de vidros nas mãos. Ele notou como a jovem de cabelos longos e loiros procurava ser ágil na limpeza dos cacos, contudo o jeito estabanado era nítido.

— Como você pode ser tão *desastrada*? — A irritação dele era profunda.

— Doutor, me perdoe. — Bea se levantou depressa e observou a extensa mancha escura na roupa do juiz.

"Pela fé!"

— Eu tenho uma audiência dentro de uma hora. — Os olhos azuis dele faiscavam. — Como acha que posso me apresentar estando assim?

O tom frio e entrecortado a fez engolir em seco. A postura ereta, a voz grave e a feição rude denunciavam sua personalidade imponente e autoritária. Bea quis responder, mesmo titubeante, mas Andréa interveio, sabendo que, pelo olhar do doutor Bernardi, talvez a moça não durasse um dia a mais.

— Excelência, pedirei que o motorista vá a sua casa e pegue uma nova muda de roupa. Ela não fez por mal — intercedeu pela nova contratada.

— Faça isso, Andréa. — Ele olhou para a mulher de cabelos encaracolados. — E se atente em ensinar bem a senhorita aqui a não cair por onde passa. Preciso de uma auxiliar competente, e não uma palhaça fazendo travessura!

Andréa quis rir ao ouvir aquela sentença, mas comprimiu os lábios, pôs a mão na boca e consentiu com a ordem do juiz, cujo olhar frio e expressão ácida eram demonstrados nitidamente. Para alívio de Beatrice, o homem seguiu seu percurso a passos firmes.

Bea ouviu tudo aquilo e procurou se sentar antes que os nervos alterados a fizessem desmaiar. Misericórdia! O juiz era terrível. Sabia com toda certeza que teria dificuldades de trabalhar com ele.

— Esse homem vai me matar, Andréa. — Bea tinha pavor e vontade de nunca mais olhá-lo.

Ela colocou as mãos no rosto para tentar recompor os ânimos. Nunca imaginou que seu primeiro dia seria lembrado por derrubar café na camisa do juiz. Que tipo de gente era ela que cometia tamanha gafe? Era tudo que precisava para perder o emprego que tanto orava. Andréa não conseguiu deixar de rir pela expressão de horror na face de Beatrice.

— É provável.

Bea arregalou os olhos, prendeu a respiração e pôs a mão no coração. Andréa soltou uma risada um tanto escandalosa.

— É claro que não, sua boba! — Bateu na perna da recém-contratada e se sentou ao seu lado. — É como eu disse, ele é um ser...

— Terrível! Pavoroso! Um homem turrão e cheio de vontades! — a jovem blasfemou contra o novo patrão.

— Não seja tão dura com o Doutor Bernardi.

— Não pode defendê-lo, Andréa — Bea sentiu a angústia predominá-la.

— Beatrice — Andréa se levantou e a olhou com seriedade. — Se não aprender a lidar com o temperamento dele, não poderá trabalhar *aqui* — enfatizou. — Doutor Bernardi não está interessado que você goste dele, mas, sim, que execute suas tarefas com excelência. Sua função não é de educá-lo,

mas servir, digitar e atender pessoas. Só isso. Faça seu trabalho, pois o juiz, sem falta, fará o dele.

Ao ouvir tal repreensão apenas anuiu. Andréa estava certa, não podia querer mudar as coisas à sua maneira. As pessoas tinham suas vidas, suas personalidades e não cabia a ela mudar ninguém.

— Tem razão — disse a nova auxiliar, inspirando com força. — Trabalharei da melhor maneira possível. — Pôs-se de pé e alisou a saia.

— Faça isso. — Andréa piscou para a colega de trabalho e partiu, a fim de resolver outros problemas.

Beatrice respirou fundo e criou um pouco de atitude para encarar o novo chefe. Ela começou a andar procurando trazer à memória o que lhe dava esperança, ou seja, se Deus concedeu o emprego a sustentaria. Após alimentar sua mente com palavras de coragem, chegou à porta do gabinete e clamou aos céus por ajuda. Ela girou a maçaneta devagar e, aos poucos, foi colocando a cabeça para dentro a fim de avaliar a "temperatura" do ambiente, a primeira visão foi de vê-lo com um semblante sério digitando algo no computador. O juiz estava sem o terno, e ela se apiedou por aquela mancha preta no meio de sua camisa branca.

— Como sou desastrada, Senhor — murmurou para si mesma.

Com um pouco mais de bravura, passou pela porta e procurou seguir rumo à sua sala sem ser vista pelo chefe, mas foi em vão, pois o tom grave e orgulhoso do juiz a chamou e ela girou o calcanhar, apertou os lábios e se direcionou ao seu encontro.

— Sim? — Se posicionou diante dele, com as mãos entrelaçadas atrás do corpo.

— Sente-se, por favor. — Ele indicou a cadeira à frente e pegou uma bolinha nas mãos.

Ela obedeceu e se sentou com as pernas cruzadas, para tentar ficar mais relaxada. Observou como o juiz amassava a bolinha, que era amarela, e criou mais temor sobre a personalidade do chefe. Ao menos, ele parecia ter fingido demência com o ocorrido de minutos atrás. Ou talvez a bolinha fosse uma forma de se acalmar, desejava que fosse isso. O homem a fitou, fazendo-a apertar as laterais da cadeira a fim de canalizar sua ansiedade para algum lugar.

— Então, senhorita Mendes — o juiz disse. — Perdão senhora ou senhorita? Não sei o seu estado civil.

— Senhorita mesmo. — Deu um sorriso tímido.

— Certo. — Ele soltou um suspiro. — Senhorita Mendes, poderia me dizer quais são suas experiências profissionais? — A expressão de Pedro a deixou intimidada. Não entendia por que o olhar do juiz parecia perscrutar cada detalhe de sua fisionomia.

— Claro. — Ela engoliu a saliva presa na garganta e continuou: — Eu trabalhei num supermercado e na área administrativa de uma empresa automobilística — explicou, entrelaçando os dedos sobre as pernas.

— Mas essa é a primeira vez na área jurídica? — ele indagou com os olhos semicerrados.

— Sim, senhor. Eu fiz um curso básico de serviços jurídicos. Apesar de nunca ter atuado, garanto que aprendo rápido — respondeu, nervosa e com medo de ser despedida pela falta de experiência.

Pedro apertou os lábios, colocou a bolinha num canto da mesa e uniu os dedos. Toda a postura dele criava uma tensão nos ombros de Beatrice.

"O ar está mesmo sumindo ou eu que estou morrendo?", ela se questionou.

— Senhorita Mendes — os dizeres dele a trouxeram para a realidade —, desejo que seja estritamente profissional e organizada em suas funções. — Foi enfático, e a jovem assentiu como se tivesse diante do presidente. — Lerá as petições e fará uma avaliação sucinta e objetiva de cada uma para mim. Redigirá as atas das audiências, as sentenças, os despachos. E me acompanhará nos atendimentos e reuniões.

— Entendi, doutor. — Assentiu sem conseguir desviar o olhar para não passar uma imagem de irresponsável.

— Se aproxime, por favor — pediu, e ela arregalou os olhos.

A distância era uma segurança que não queria deixar de sentir, porém imaginou que talvez ouvisse uma sonora repreensão e resolveu atender ao chamado. Ao inclinar o corpo para mais perto da mesa, visualizou a tela do computador do juiz e percebeu como cada coisa era perfeitamente ordenada, até mesmo as pastas. Ficou surpreendida, mas não queria ser abelhuda. Ela reparou que o magistrado entrou numa plataforma específica e apresentou o

login e senha dos processos e mostrou quais gostaria de ter um relatório em mãos.

— Aqui está.

Beatrice arregalou os olhos e inspirou devagar ao ver no monitor a quantidade de processos.

De onde tiraria fôlego ou mesmo disposição para tanta leitura? pensou, surtando por dentro.

— Sim, senhor. — Ela assentiu sem muita certeza e queria dizer que não sabia por onde começar, mas não deixaria outra má impressão. Deus a ajudaria.

A jovem se levantou da cadeira, retorceu as mãos para controlar o nervoso e deu um sorriso que mais parecia a súplica de alguém que vai para a forca, mas não daria ao juiz a chance de dizer que não fosse capaz. Ela seria, nem que para isso passasse noites acordada estudando. Ao dar as costas para sair e dar uns passos para longe, escutou:

— Senhorita Mendes — chamou-a.

Ela virou-se para o chefe com o cenho franzido.

— Tenha fé. — A fala a pegou de surpresa.

Bea conseguiu ver um leve sorriso no canto dos lábios dele.

— Eu terei — sussurrou, tendo a certeza de que aquele homem a mataria, mas de tanto trabalhar. Talvez essa fosse a sua vingança.



03-EMOÇÕES

Bea ligou a luz da sua sala e colocou a bolsa no lugar devido. Ela bebericou um pouco mais do café que segurava nas mãos e se sentou à frente do computador para continuar seu trabalho que há dois dias se perdurava, parecendo não ter fim. O problema maior não era desenvolver os relatórios, mas não se deixar afetar pelas histórias. Sentia o coração ser comprimido a cada relato. Antes de começar aquele processo, tomou um pouco mais do café e fez uma curta oração.

— Me ajuda a dar conta deste trabalho, Jesus. — Tinha o desejo sincero das coisas darem certo.

Após uns minutos de reflexão, ligou a tela do computador e esperou carregar até entrar dentro do sistema devido. Preparou seus papéis para escrever os pontos principais. Era claro que poderia usar o *word*, mas escrever carregava a sensação de a deixar mais perto e refletir com maior sinceridade sobre os processos, depois passava para o programa.

Depois de ter feito todos os preparativos, começou a trabalhar. Ela não se concentraria sem as coisas no devido lugar. Abriu um dos processos,

dedicando real atenção aos assuntos abordados, e era terrível o caso. De todos os casos que tinha lido até ali, durante os primeiros dias de trabalho sobre abandono, abusos verbais, físicos que a faziam se perguntar sobre como aquelas vítimas infantis poderiam ter um bom futuro com tantos sofrimentos já experimentados. Aquele, em específico, lhe fazia revirar o estômago.

Por uns instantes, voltou ao passado e à memória feliz de quando o pai chegava em casa à noite do trabalho, trazendo quase sempre uma balinha, flor ou qualquer coisa que refletia a saudade que obtinha de sua única filha. Ela fechou os olhos e as lágrimas ameaçaram cair. Bea acreditava que todas as crianças deveriam ter a chance de ter um pai tão amoroso e protetor como o seu foi.

Passaram algumas horas, e a auxiliar ainda tinha sua atenção focada nas páginas digitais e, em certo momento, entre os parágrafos da história que lia, não conseguiu reter as lágrimas, que fluíram. Os relatos descritos eram sobre uma garota abandonada pela família, adotada por outra, que a torturou com as piores coisas possíveis, enfrentou um abuso sexual, mas, enfim, foi resgatada e retornou para o abrigo.

Bea tentava ponderar sobre como a mente da criança sobreviveria depois de tamanhas aflições. Por um momento, ela deu as costas à tela do computador e respirou fundo. Tentava procurar controlar as emoções, mas os pensamentos eram ágeis em questionar a Deus sobre as motivações de uma criança passar por tamanhas dificuldades.

— Senhor — começou a conversar com Deus, sentindo a compaixão aflorar na sua alma —, como pode ver tudo isso e permitir? Meu pai! Quantos traumas essa criança carregará?

Ela continuava a indagar e o choro parecia se intensificar conforme orava. Mesmo sendo difícil, resolveu voltar a ler e, com assiduidade, analisava cada vírgula do relato. Dessa vez, o pranto tomou conta ao chegar ao que parecia o clímax de uma história de terror. Nem sua autora de romance preferida conseguiria expor com tanta sensibilidade uma situação dramática quanto aquele relatório com palavras diretas e cruas.

O documento descrevia uma situação nauseante que a fez considerar se realmente suportaria as demandas do serviço. Por Deus! Como existiam

pessoas que se acostumavam com esse tipo de trabalho, ou pudessem chegar um dia e achar comum tamanha monstruosidade? A adaptação era maior do que imaginava suportar.

— Senhorita Mendes, eu... — Pedro entrou na sala, chamando-a, mas não obteve resposta.

Sem entender o motivo de tanta desatenção, ele falou seu nome mais uma vez, dessa vez, um pouco mais alto. Só então ela ergueu a cabeça e os seus olhos vermelhos denunciaram as emoções descontroladas. Bea sentiu o impacto daqueles olhos azuis, frios como o gelo, do juiz Bernardi sobre si. Ele estava parado na soleira da porta, com a típica postura séria e os lábios comprimidos. Não saberia descrever com exatidão qual sentimento predominava nele, se era o desdém ou o profundo aborrecimento. Nada conseguiu dizer, apenas limpou as lágrimas que escorriam pelas bochechas vermelhas.

— Por que está chorando, senhorita? — perguntou, frente àqueles olhos vermelhos e inchados.

— Desculpe-me. — Beatrice passou a mão no rosto outra vez e desligou a tela do monitor como se tivesse sido pega lendo algo proibido.

Ele, que estava parado na porta, entrou mais na sala, aproximando-se dela. Mas, antes de declarar alguma sentença, observou a exímia organização na mesa de trabalho da jovem.

— E então? — Ele arqueou a sobrancelha e a olhou.

Ao notar o rosto compenetrado do chefe, Bea retorceu as mãos e balançou a cabeça em negativa. Ela tinha certeza de que pagava todos os seus pecados por passar tanta vergonha na frente do juiz. Mesmo com medo do que ele acharia, decidiu contar a verdade sobre o porquê de suas lágrimas.

— A história descrita aqui nesses processos. — Apontou para o monitor. — É triste. Muito triste! — enfatizou.

— É muito emotiva, senhorita Mendes? — Pedro reclinou o corpo para frente, olhando-a com tamanha atenção que parecia enxergar até suas entranhas.

Ela piscou algumas vezes querendo compreender melhor a pergunta e respondeu:

— Não, senhor. — Abaixou a cabeça, sentindo a vergonha por estar mais uma vez de modo inadequado na frente dele. — Mas acredito que qualquer ser humano com coração se compadeceria dessa história. — Fungou. — Peço desculpas por estar neste estado. — Bea voltou a limpar os olhos marejados.

Pedro enrijeceu o maxilar e respirou fundo.

— Senhorita Mendes, pare com isso! — o juiz ordenou, fazendo Bea arregalar os olhos.

— Mas eu...

— O que fará por eles com o seu choro? Por acaso poderá mudar o passado ou traçar novas rotas para o futuro? Diminuiria a dor deles em algum centímetro? — Ele parecia implacável com aquelas indagações, sem dar chance de resposta para a nova contratada. — Essas crianças não precisam de um coração que se comove com lágrimas, mas, sim, de um que resolva o problema deles e garanta que não passarão novamente pelo mesmo sofrimento.

Beatrice se sentiu acanhada e despedaçada pela repreensão que parecia ser de um pai para a filha. Ela não poderia argumentar, ora por se sentir inibida diante do autoritarismo que emanava do homem, ora porque não gostaria de criar mais uma animosidade na sua primeira semana de trabalho. Mas o sentimento de frustração e angústia se instalaram no coração. Ele não poderia ser um pouco mais cordial ou misericordioso para entender que nem todas as pessoas processam as circunstâncias de modo igual? Parecia que não.

— Controle suas emoções! — ordenou, alinhando o terno azul escuro.

Com timidez, Beatrice assentiu e visualizou o piso branco abaixo de sua mesa. Nunca se sentiu tão pequena e errada pelo seu modo de ser.

— O senhor não me verá mais nesse estado — garantiu e suspirou.

— É o que espero. — Ele a olhou sem emoção e declarou mais: — Informo que às três em ponto terá uma audiência.

Ela ergueu a cabeça e disse com confiança:

— Está bem, doutor Bernardi. Estarei pronta.

Pedro semicerrou os olhos para a jovem e balançou a cabeça e fez menção de sair, porém antes de sumir da sala, verificou as horas no relógio

de pulso e indagou:

— Não está na hora do seu almoço?

— Ah, sim! — Ela se atentou para o horário no próprio relógio. — Mas acho que vou ficar por aqui — Bea ressoou um pequeno murmúrio. — O senhor deseja mais alguma coisa?

Ele balançou a cabeça e proferiu:

— Que almoce, pois não desejo uma funcionária doente. — Virou-se de costas e saiu da sala sem esperar resposta.

Beatrice, ao ver sua saída tão repentina — assim como a entrada —, franziu o cenho.

— Oh, Pai, dai-me graça! — Ergueu as mãos ao céu, clamando ao divino. — Senão, irei assassiná-lo!



04-INSENSÍVEL

Era fim de expediente quando Beatrice escutou um raio rasgar o céu. Ela saiu de trás de sua mesa e reparou na paisagem nebulosa que se formava no firmamento da cidade. O coração até estremeceu no peito. Não era muito fã de chuvas fortes, apesar de gostar dos dias com uma aparência mais melancólica.

Ainda conseguia se lembrar de uma vez na infância, quando foi para uma fazenda e houve uma tempestade tão feroz que árvores caíram pela estrada, fazendo que o poste de energia fosse ao chão. A madrugada na escuridão, os diversos ruídos e barulhos para todos os lados a amedrontavam. Sabia que não deveria carregar com profundidade aquelas memórias, mas estavam lá.

Sem muita pressa, começou a recolher suas coisas sobre a mesa, desligou o computador, apagou a luz e saiu. Na recepção da vara, encontrou Andréa e os outros se preparando para ir embora também. Antes que pudesse declarar alguma coisa, um som de trovão explodiu nos ouvidos dos servidores ali, e Andréa fez uma careta que Bea riu.

— Com essa chuva o trânsito vai estar um caos. — Marluce, a recepcionista, comentou para as duas.

— Nem me fala. Tudo que eu mais quero é chegar em casa e fazer doce para comer. Minha dor de cabeça está enorme. — Andréa massageou as têmporas e suspirou. — Seu dia foi puxado também, Bea? — indagou a colega ao lado.

— Como sempre. — Bea riu. — Mas é melhor do que estar desempregada.

Andréa semicerrou os olhos e deu um sorriso.

— O pensamento positivo é a melhor coisa, querida — Marluce declarou antes de Andréa, e Bea assentiu.

— Depois de duas semanas ainda tem embates com o doutor Bernardi? — Andréa colocou a bolsa no ombro e, junto com Bea, despediu-se de Marluce.

— Ah! Nossa relação é apenas profissional. — Deu de ombros. — Você disse que eu deveria fazer meu trabalho porque o juiz faria o dele. E é isso. — A jovem moça apertou os lábios.

— Fico feliz que tenha aprendido direitinho. — Andréa deu umas batidinhas no ombro de Beatrice, sorriu e apertou no botão para chamar o elevador.

— Mas eu me pergunto por que ele tem de ser assim — questionou entrando no elevador com a amiga. — Será que não tem alguém com coragem suficiente para dizer como é terrível esse proceder dele?

A amiga cacheada soltou uma gargalhada.

— Acho que não nasceu essa pessoa. — Apertou o botão do térreo. — E tenho fé que você não vai querer ser ela.

Beatrice suspirou. Não negava a vontade de esfregar umas verdades na cara do juiz. Ela segurava a língua para não dizer algo como: “Coloca um sorriso no rosto”; “Palavras tão diretas não soam como sinceridade, mas rudes”; “Nem todo mundo pensa como você”; “Ei, o sol não gira em torno do seu umbigo”; “Um pouco de humildade faz bem, hein!”. Mas precisava do emprego.

— Tenho boletos para pagar. — Bea soltou uma risada.

— Com certeza tem.

— Ainda bem que foi embora mais cedo esta tarde. Ele precisava de um descanso — Beatrice declarou. — Nunca vi alguém para trabalhar tanto.

— Ele não foi. Só seguiu para outra vara para uma conversa com o outro juiz — Andréa relatou, o que pegou a auxiliar do magistrado de surpresa.

— É, então vai morrer de trabalhar mesmo.

As duas se olharam e não aguentaram segurar a risada. Não demoraram para chegar ao térreo e notar como a chuva amenizou, apesar de verem pessoas saindo do fórum com algo sobre a cabeça, fosse um guarda-chuva, jornal ou pasta.

— Ainda bem que vou conseguir ir até minha parada de ônibus em paz — Beatrice falou e tirou o guarda-chuva da bolsa. — Porque esse pequeno guerreiro não ia aguentar. — Balançou a sombrinha de um lado para o outro.

Andréa fez uma careta engraçada.

— Te daria uma carona se não morássemos tão distantes uma da outra.

— Não se preocupe com isso. Eu entendo e a gasolina está cara. — Bea abriu a sombrinha. — E gosto de andar de ônibus. É quando posso colocar meus fones de ouvido e, com a ajuda da música, viajar pelos pensamentos. Às vezes eu faço meu próprio clipe musical na mente.

— Bea, você não existe — Andréa riu e balançou a cabeça.

Ambas se abraçaram e se despediram.

Bea foi caminhando pelo estacionamento do Fórum até sair na calçada. Tinha que andar uns quatro quarteirões para chegar à sua parada. Ela olhou de um lado para o outro a fim de visualizar que não viria nenhum carro acelerado e passaria por uma poça de água para molhá-la. Tudo estava certo até o céu trovejar mais uma vez e os pingos de águas se tornarem grossos. Ela acelerou os passos, mas aqueles gotejos incessantes trouxeram consigo uma ventania que começava a soprar para todos os lados.

O pequeno guerreiro do guarda-chuva foi levantado por uma rajada de ar, e Bea teve de lutar para fazê-lo ir para frente, a fim de receber uma mísera proteção, mas a batalha era em vão. A chuva começava a molhar sua roupa, sapato e bolsa. Ela, pela força do vento, sentiu o corpo ser puxado para trás, mas tentava prosseguir ainda que os cabelos chicoteassem seu rosto sem piedade, ardendo seus olhos.

A guerra era travada com o clima torrencial quando chegou próximo a uma cobertura de um estabelecimento, que estava fechado. Ela largou aquele guarda-chuva arrebentado, passou a mão pelo rosto para tentar tirar os fios de cabelo, tocou nas suas roupas e as viu coladas sobre o corpo, deu graças por sempre usar uma blusinha por baixo. Estava se sentindo humilhada com a situação. A respiração ofegante de Bea denunciava seu espírito aflito. Sentia o peito arder e colocou a mão sobre o rosto com uma vontade enorme de chorar, mas se conteve. Queria uma ajuda, mas não sabia como conseguir.

O sinal fechou e os carros começaram a formar fila, até que ela tirou a mão da face e avistou um carro preto e esportivo. Era seu chefe. Bea arregalou os olhos e pediu a Deus que ele a visse naquela condição para prestar alguma ajuda, pois sua vergonha e temor a impediam de bater na janela do carro dele e implorar por auxílio, porém, nem ao menos um olhar recebeu. Pedro parecia se recusar a virar a cabeça para o lado.

Não era possível!

“Com certeza me viu quando estava diminuindo a velocidade do carro e agora me ignora”. Pensou, indignada.

Bea suspirou derrotada. Um sentimento de vergonha percorria seu corpo e desejava se esconder ao ver que outros motoristas a enxergavam naquele estado deplorável. A luz verde brilhou no sinaleiro e os carros voltaram a andar e Pedro, no seu belo Porsche, desapareceu de vista. Beatrice sentiu o nó se formar na garganta.

“Como pode alguém ser tão insensível, meu Deus?”

“Pedro Bernardi é o verdadeiro exemplo de um ser sem misericórdia, ruim, grosseiro e temperamental!”

“Não suporto você, juiz Bernardi!”

Bea queria poder gritar tudo aquilo que flamejava em seu peito na cara do magistrado ou ali mesmo. Mas sabia que era provável alguém chamar não um Uber ou Táxi, mas sim uma ambulância para levá-la direto para o hospital psiquiátrico. Com dificuldade, respirou fundo e deixou umas poucas lágrimas de raiva descerem. Ao menos estar com o rosto molhado a ajudaria a disfarçar.

Ela ergueu seu olhar ao firmamento.

“Deus, aquele juiz não me ajudou. Contudo, o Senhor poderia amenizar essa chuva só para eu voltar para casa, por favor?”, suplicou com olhos pidões e outro raio estalou no firmamento, o que a fez tremer.

Com a misericórdia divina estendida a ela, a chuva depois de uns minutos foi melhorando e Beatrice, encharcada, seguiu até sua parada de ônibus. A jovem agradeceu a pequena benevolência recebida, pois a lotação nem demorou a passar. Assim, encaminhou-se para dentro daquele transporte se instalando no último assento e desejando não pegar um resfriado. Porém, sem dúvida, a irritação com o chefe se instalou com efeito.



05-CONVITE

Tosses e espirros constantes era o som da sinfonia que Beatrice ecoava por onde quer que andasse. Depois de três dias daquele banho de chuva, não demorou para a gripe dominá-la de vez. Ela assoava o nariz e tossia, o remédio até havia ajudado um pouco, porém os sintomas do vírus gripal eram nítidos.

— Sua situação não é nada boa, hein. — Andréa chegou perto da colega e a olhou com piedade. — Deveria nem ter vindo trabalhar.

— E ser tida como uma irresponsável por causa de uma gripe? — Bea espirrou de novo. — Não, obrigada. Não quero enfrentar uma avalanche de raiva sobre mim.

— Você fala como se o doutor Bernardi fosse a Fera dos contos de fadas — Andréa riu e estendeu mais um lenço para Bea, que jogou o dela no lixo.

— Ao menos a Fera da Disney tinha esperança de virar um príncipe, mas vossa Excelência aqui não. — A seriedade expressada por Bea chocou Andréa. — Ele não tem esperança. É um ser duro de coração.

— Eita! Parece que o doutor magoou seus sentimentos.

Bea não quis responder e foi dominada por outro espirro, o que fez sua cabeça doer.

— É melhor eu ir para minha sala. Até mais tarde.

Ambas se despediram, e Beatrice entrou no gabinete louvando a Deus por ser cedo e o juiz ainda não ter chegado. Ela respirou fundo e sabia que não deveria ficar remoendo mágoas no seu coração. Fez uma resolução interna de não mais pensar nas ações daquele homem, pois todas as vezes que se prestava a ponderar sobre os motivos que pudessem tê-lo levado a um caminho de frieza tão absurda, sua mente se revoltava e formulava situações que o condenavam. Portanto, estabeleceu manter a maior distância possível do chefe. Beatrice e Pedro eram como óleo e água que não tinham chance de se misturar. Ela estava certa disso.

Após um tempo trabalhando na leitura de algumas petições, com a intenção de entregar os resumos para o juiz, o telefone do trabalho tocou. Ela atendeu.

— Olá, é do gabinete do juiz Pedro Bernardi? — Era uma mulher cuja frequência da fala denunciava seu leve desespero.

— Sim, pois não?

— Meu nome é Giovana, sou uma das organizadoras de uma conferência para estudantes de direito, com foco nos temas da área da infância e juventude. — Apresentou-se.

— Pode dizer o que deseja, por favor? — Beatrice não poderia imaginar o motivo da ligação.

— Seria possível que o doutor Bernardi tivesse a disponibilidade de palestrar, dentro de duas horas, no nosso evento? — A mulher solicitou o convite com certo tremor. — Sabemos como isso é inconveniente em cima da hora, porém, o nosso convidado, doutor Félix Ertel, teve um sério problema de saúde, e indicou o nome do doutor Pedro Bernardi para substituí-lo, pois é tão bom quanto ele nessa especialidade.

Beatrice podia não o suportar, mas não deixava de concordar que talvez não tivesse alguém mais excelente que ele. O homem, em decorrência de suas funções, era magnífico. Até lembrou da coroação em Nárnia quando Aslam disse: “Pedro, o magnífico”. Aquilo combinava com o magistrado

turrão na sua profissão. Ela voltou a atenção para a ligação e ouviu algumas outras informações da mulher, então declarou:

— Senhora, eu o informarei de sua solicitação e entrarei em contato assim que possível. — Beatrice não poderia garantir muita coisa.

— Por favor, se não fosse uma causa urgente não teríamos ligado. Mas se ele não aceitar, informe o quanto antes. Obrigada.

Bea desligou o telefone e se levantou para comunicar ao chefe sobre o pedido ousado. Dentro de si possuía uma certa convicção de que o juiz detestaria aquele convite tão inesperado. Ele odiava não se planejar. Mas sua função era apenas informar, ele que decidisse. Com os passos meios trôpegos saiu da sala e ao enxergar o juiz a distância as pernas tremeram. Ela limpou o nariz e caminhou devagar, como se estivesse pronta a travar uma batalha, aquilo era um absurdo, mas sempre se sentia assim com o chefe.

— Excelência? — Beatrice se aproximou da mesa do juiz, que lia algo no computador.

— O que deseja? — O homem não tirou os olhos da tela.

— O senhor acaba de receber um convite para palestrar numa conferência — ela informou e, para seu horror, espirrou três vezes seguidas, obtendo a atenção do juiz, que parecia não acreditar nas palavras expressadas ou talvez nos espirros dados bem a sua frente.

Bea sentiu sua respiração ficar tensa ao ter aquele olhar rígido em sua direção, examinando-a de cima a baixo.

— De quem veio esse convite? — O juiz arqueou a sobrancelha.

— O nome dela é Giovanna, uma das organizadoras do evento. É para os alunos de direito da Universidade Federal de Santa Catarina e… — Beatrice quis explicar tudo com muita precisão, mas uma tosse impediu de prosseguir.

— E para quando será? — ele ergueu as sobrancelhas e questionou, olhando-a com certa descrença.

Sua auxiliar começou a retorcer as mãos e, como se estivesse a ponto de lançar uma bolada na cara do juiz, proferiu:

— É daqui a duas horas. — Deu um sorrisinho forçado e um outro espirro completou a situação constrangedora. — Desculpa, senhor. — Ela só queria sumir do universo.

Devagar, o magistrado pegou sua bolinha sobre a mesa e começou a apertar, Bea soube que os ânimos dele se agitaram, ele inclinou a cabeça de lado como se não tivesse compreendido bem.

— Essa mulher ligou pedindo que eu palestrasse dentro de duas horas? — expressou como se estivesse soletrando e deu um sorriso sarcástico. — É algum tipo de piada?

Beatrice fez uma careta.

— Infelizmente não, excelência.

Pedro abriu a boca e fechou de novo, se sentindo afrontado. Bea viu como o juiz apertava com mais força a bolinha e pensou que o magistrado quisesse que fosse a cabeça dela ou de Giovanna ali. Ela compreendia que a ousadia da mulher o ofendesse, pois achava que o juiz tinha o tempo disponível para palestrar na hora que bem quisesse. Mas, para seu próprio bem, permaneceu em silêncio, porém um espirro visitou o ambiente de novo, fazendo-o a fitar com uma seriedade que a assustou. Ele devia odiar pessoas doentes também.

"Papai, tenho certeza de que logo o encontrarei". Pensou.

— A organizadora disse que foi indicação do doutor Félix Ertel — Bea acrescentou a informação.

Pedro olhou para o lado, colocou a outra mão no queixo e pensou por alguns instantes.

— Ligue para ela e me passe a ligação. — A ordenança foi clara, e Beatrice correria para fazer isso, mas antes ouviu. — E você, use uma máscara.

Escutar aquilo fez surgir uma ira no peito da jovem, querendo avançar no pescoço do juiz que jogou a dureza de suas palavras e voltou para o computador, ignorando-a por completo. Ela apertou o punho, controlou a respiração, seguiu para a saleta, fez a ligação e arfou na cadeira assim que passou a ligação ao chefe. Teve até dó da Giovanna. A mulher ouviria e não era pouco por tamanha afronta. Mas aquela briga, como dizia sua mãe, era de cachorro grande. Ela se reduziu a sua insignificância e retornou as suas funções no computador e tomou remédio de novo, não querendo nem saber mais sobre o assunto. Se ele aceitasse o convite, apenas iria embora, sem nem dar adeus, o que Bea acharia bom, pois desejava não o ver outra vez.

“Que homem terrível!”. Porém, seus pensamentos não poderiam estar mais longe da realidade quando ouviu a porta da sala ser aberta de forma meio abrupta.

— Senhorita Beatrice, organize-se para sairmos — Pedro a comunicou sem grandes explicações.

Ela o fitou com os olhos arregalados, o nariz vermelho e perguntou:

— Ah! Para onde iremos, excelência? — Piscou algumas vezes.

Pedro soltou o ar com força e olhou para a pequena estante de livro ao lado direito da porta. A moça notou como uma veia do pescoço dele estava mais aparente, denunciando assim sua irritação.

“Uma hora ele infarta. Tenho certeza”.

— A palestra, se lembra? — Saiu entre os dentes.

— Ah, o senhor aceitou! — Ela estava meio chocada, não conseguia esconder.

— E você vai comigo. Daqui a dez minutos saímos. — Ele saiu da sala, deixando a funcionária desacreditada.

Beatrice ficou estatelada no lugar e a informação pareceu não processar, piscando algumas vezes como se estivesse num estado de hipnose. A jovem passou a mão entre os cabelos e olhou de um lado para o outro imaginando o que aquela mulher teria dito, a fim de fazê-lo aceitar. Na verdade, o trabalho de convencê-lo não parecia tão eficaz, pois a irritação estava nítida.

“Esse homem come limão todos os dias”. Riu dos próprios pensamentos.

Sem demora, pegou a bolsa, tirou o espelho de dentro e viu sua aparência adoentada e nem um pouco apreciável para estar num evento daquele porte. Suspirou. Ele deveria deixá-la na sua caverna. Mas é claro que não ficaria nessas condições, então passou um batom para se fazer apresentável. Não sabia o que faria lá, porém, se o juiz precisasse de um apoio moral estava disposta, ainda que não merecesse. Bea se olhou mais uma vez no espelho e riu.

“Até parece que ele precisa de apoio moral”

Não esperou escutar um grito para se apresentar diante dele. Ao entrar no gabinete, o viu bem elegante em seu terno cinza, com gravata azul escura, os cabelos loiros escuros estavam alinhados e ele arrumava o relógio no

pulso. Beatrice respirou fundo. Poderia dizer muitas coisas sobre aquele magistrado, menos que era desprovido de beleza. Era um excelente colírio para os olhos. Ela o contemplaria por horas como se fosse uma obra de Michelangelo.

"Deus estava de bom humor quando o fez!"

— O quê? — A voz dele ressoou.

Bea quis jogar o próprio corpo pela janela. Ele teria ouvido? Teria pensado tão alto assim? Se fez de desentendida e nada respondeu, apenas arrumou a sua postura profissional.

— Disse algo, senhorita? — Ele se virou para ela com o cenho franzido e o olhar questionador.

— Não, senhor. — Bea engoliu em seco e procurou controlar a respiração que se agitou.

Pedro crispou o cenho e deu de ombros. Ufa! Ambos saíram do gabinete caminhando ao lado um do outro. Bea, passando pela recepção da vara, encontrou o olhar de Andréa a distância, inclinou a cabeça para o lado e esticou os lábios de um jeito desconfortável, seguido de um aceno como se estivesse indo para a forca. Andréa riu da interpretação exagerada da colega e desejou "boa-sorte".

O motorista não demorou para chegar e abrir a porta para os dois, com uma cordialidade desconhecida para Beatrice, o juiz deu espaço para que ela entrasse primeiro. Já dentro do veículo os dois nada disseram. Mas Beatrice aproveitou para organizar algumas das informações que Giovanna passou, minutos antes de sair com o chefe, pela mensagem do telefone. Ela agradeceu a Deus pelo remédio começar a fazer efeito e os espirros terem diminuído.

Pedro a notou de seu lugar. Ele observou como sua funcionária se sentava com prudência, não deixando nada exposto do corpo; analisou como ela sempre procurava organizar sua papelada e deixar tudo impecável. Não podia negar que era aplicada nas funções. Por uns instantes, olhou para os fios dourados e ondulados do cabelo dela, e admitiu que combinavam com a pele branca corada. Porém, logo cortou sua observação e arrumou sua postura no assento, se concentrando na paisagem urbana fora da janela do carro.

O juiz e sua auxiliar chegaram ao Hotel Blue Tree, local da conferência, em tempo adequado. Eles puderam aproveitar de um tempo extra no espaço da recepção quase vazio, pois a palestra de Pedro só começaria dali vinte minutos. O que era excelente para o juiz, que não gostava de lugares aglomerados. Bea gostaria de utilizar daquele espaço de tempo para almoçar, contudo, não tinha coragem de expressar ao magistrado a sua vontade. O jeito era passar a tarde com fome mesmo. Ela suspirou e procurou olhar ao redor, avistando uma jovem mulher elegante entrando no hotel com um bebê nos braços.

— Os bebês são as coisinhas mais lindas que existem — Bea expressou.

Pedro, que estava no celular, semicerrou os olhos para a fala de sua funcionária e levantou o olhar para frente, enxergando a criança sorrindo para a auxiliar, que acenava dando tchau para o pequenino que sorria mostrando seus dois dentinhos.

— Ai! Que vontade de apertar aquelas bochechas! — Bea fechou as mãos, fazendo o movimento de apertar. — Fofura demais!

O juiz percebeu como Beatrice não falava com ele e nem ninguém, só se expressava sozinha, levando-o a visualizá-la de soslaio. Ele não disse nada, mas prestou atenção na reação da moça e da criança, que entrou com a mãe no elevador ainda sorrindo e dando “tchauzinho”. Bea acenou de volta e, assim que se virou, notou os olhos do magistrado sobre si e o coração só faltou sair para fora.

— Não acha bebês os seres mais fofos que há? — perguntou com um sorriso de canto e entre os dentes. Ela precisava sair daquela situação sem parecer ser uma louca que falava sozinha.

— Não posso negar. — A expressão do juiz estava rígida.

Antes que o clima ficasse mais constrangedor, a porta do auditório se abriu e Giovanna se apresentou diante deles. Beatrice notou como a mulher possuía um porte de elegância, uma aparência refinada com os belos cabelos ruivos, olhos verdes, o conjunto de saia e terno lhe davam um ar de feminilidade. Todo homem se encantaria por uma beleza daquela.

Não pôde deixar de perceber como a mulher, ao ver o doutor Bernardi, colocou o sorriso mais largo nos lábios vermelhos. Era provável querer causar uma boa impressão ao juiz, ou até querer ser notada além do viés

profissional. Contudo, Pedro a tratou com a singularidade de sua educação: poucas palavras, diretas e objetivas. Nem uma beleza daquela poderia tentá-lo? Beatrice meditou sobre isso.

— Doutor Bernardi, agradeço imensamente por ter se disponibilizado — Giovana exprimiu sua gratidão. — Quando soubemos que o juiz Ertel não viria, quase tivemos um surto de pânico porque ele era a nossa palestra principal, mas sua indicação foi de fato acertada.

— Estou aqui por causa dele, que é um velho conhecido. Só isso. Liguei para ele antes de vir.

Bea compreendeu que não foi a mulher a responsável por convencê-lo. É claro que não. Teve que ser o outro juiz.

— É claro — Giovanna declarou sem jeito.

O celular de Pedro começou a tocar, ele se retirou e deixou Beatrice encarregada de lidar com a organizadora. As duas ficaram se olhando sem dizer nada por um tempo, e Giovanna teve que partir para resolver uma outra situação.

Ao se ver sozinha, Bea começou a ler suas petições pelo celular e a leitura tomou parte de sua atenção, tanto que nem notou estar andando para frente quando tropeçou na borda do tapete e veio ao chão junto com o celular, a pasta que segurava e a bolsa. Beatrice teve raiva de si própria por ser tão desastrada em alguns momentos.

— O que está fazendo? — a pergunta seca veio de Pedro Bernardi, que chegou ao lado da sua funcionária, e a viu caída.

Ele estendeu a mão, e Beatrice ficou receosa em aceitar ou não a oferta de ajuda. Mas não teve muita opção. Então, segurou nas mãos do chefe que não precisou usar de muita força para levantá-la. Desejou agradecer, porém ouviu.

— A senhorita deveria evitar cair tanto — Pedro expressou sem suavidade. — Parece mais uma criança de pernas bambas e não uma adulta com responsabilidades.

Aquilo doeu no íntimo de Beatrice, que suspirou. Ela notou como ele guardou o celular dentro do bolso do terno e colocou as mãos para trás, ergueu o queixo e soltou o ar. Sentia-se uma formiga perto daquele homem

amargo. Só queria sair dali e afundar suas emoções em algum lugar, mas precisava ser profissional.

— Doutor Bernardi — ela ousou dizer alguma coisa —, quero pedir desculpa se fiz algo de errado e…

Os espirros voltaram com mais força antes de poder concluir sua sentença. Ela quis morrer, mas o chefe não declarou nada, apenas olhava para a porta do auditório esperando seu momento de entrar. Bea queria melhorar o momento constrangedor e resolveu agir.

— Doutor Bernardi, deseja um café antes de entrar? — perguntou com o coração na mão, pois talvez ele nem desejasse mais ouvir sua voz.

Pedro ficou calado por um tempo antes de responder.

— Sim, por favor.

Ela assentiu e foi para a mesinha que tinha uns poucos aperitivos para provar, porém o café estava lá pronto para ser consumido. Bea serviu o cafezinho e voltou para o juiz, estendendo a ele que provou e agradeceu. Os dois ficaram lado a lado e a tensão parecia dominar todo o corpo da auxiliar. A porta se abriu e Giovanna saiu de lá, levando o juiz para o palco.

Beatrice se posicionou na cadeira da frente, e começou a assisti-lo. O juiz tinha uma propriedade e ótima oratória. Os alunos o ouviam com expectativa e a jovem auxiliar só desejava fugir de diante do chefe.



06-PRUDÊNCIA

Ao girar a maçaneta da porta de seu pequeno apartamento, Beatrice sentiu como se tivesse destravado as portas do paraíso. Ela se jogou no sofá, esticou as pernas e descansou os pés na mesinha de centro. Que dia exaustivo! O juiz, após sua palestra, conversou com algumas pessoas e tudo que fez foi esperá-lo, mas o sentimento de ser reprovada era constante em sua cabeça. Aquela aspereza por parte do homem a feria apesar de muitas vezes não querer levar para o lado pessoal. Mas era necessária tamanha frieza?

A senhora Rosana chegou na sala e se deparou com a condição da filha: descabelada, com olheiras e expressão abatida. A mãe foi em direção a ela e tirou a bolsa caída ao lado do sofá e se sentou no único estofado de cor vinho situado no centro da sala.

— O que aconteceu? — Os olhos alarmados da genitora eram perceptíveis.

— Ah!

— Quer conversar? — Rosana afagou a mão da filha, que descansava ao seu lado.

— Eu nem sei o que falar — Bea inclinou a cabeça para trás e visualizou o teto.

Rosana compreendia que a filha era dada a bastante reflexão antes de expor os sentimentos. Ela precisava sempre ponderar tudo exaustivamente até se sentir segura a colocar para fora o que a afligia.

— Vou fazer um suco para nós duas — a senhora declarou e se levantou.

Beatrice sabia que sua mãe estava preparando o terreno para que ela se abrisse. Depois de um tempo, Rosana voltou, estendeu o copo de suco de maracujá para a jovem e se sentou outra vez ao seu lado. As duas apreciaram aquele líquido gelado.

— E sua saúde está melhor hoje? — a filha indagou, pois sabia o quanto, nos últimos meses, a mãe estava sofrendo com uns apertos no peito.

— Me sinto bem, mas agora me fale sobre você. — Segurou a mão da menina. — E a sua gripe?

— Melhorou mais agora à noite, porém passei o dia espirrando. Foi constrangedor. Acredito que meu chefe quis me matar. — Bea relatou com tristeza.

— Seu chefe não é bom?

Bea arfou.

— A verdade é que estou tendo dificuldade no trabalho. — Ela soltou o ar cansado. — O serviço é bem prático, mas meu chefe é complicado.

— O que tem ele?

— É um homem rude e de palavras grosseiras, ainda que não precise. — Bea pareceu meditar um pouco nas atitudes do juiz. — Nunca vi alguém tão fechado e objetivo. Até demais para o gosto de alguém.

Dona Rosana soltou uma risada. E a filha a olhou incrédula.

— Para uma pessoa emotiva como você, lidar com alguém muito racional é muito complicado. — A mãe balançou a cabeça. — Mas esses relacionamentos são importantes para nos amadurecer.

Beatrice suspirou.

— Eu sei que tenho a tendência a sentimentalizar tudo, porém, lidar dia após dia com tamanha frieza me sufoca. — Ela tossiu um pouco.

— Conte mais. — Rosana incentivou.

A filha contou todos os incidentes que ocorreram em seu ambiente de trabalho. Relatou como, no primeiro dia, derrubou café na roupa do juiz; o dia em que ele a mandou controlar as emoções; a insensibilidade dele ao ignorá-la toda molhada; a rispidez no trato naquela tarde por ter caído de novo. E tantas outras situações corriqueiras em que ele demonstrou sua total falta de solidariedade e empatia. Ao fim da explicação se sentia fadigada.

— Eu tenho que ler algumas petições e as histórias são tristes. — Seus olhos marejaram ao relembrar dos relatos descritos e a coriza do nariz quis voltar. — Eu não sei o que fazer, mãe. — Ela fungou. — Todos os dias é como se estivesse andando numa mina, tendo que desviar para não pisar em uma e explodir.

Por ora, dona Rosana nada declarou e parecia somente refletir.

— Por mais forte que tento ser, é complicado lidar com alguém que tem um temperamento tão inconstante. A gente não sabe o que pode fazer a bomba estourar ou não. — Bea murchou os ombros e a face se abateu. — Eu agradeço a Deus por esse emprego e procuro dar o meu melhor. Incentivo a mim mesma a ver as coisas por um melhor ângulo, porém ele parece ficar cada vez mais rígido.

— Esse é um bom ponto a considerar.

— O quê?

— Que Deus lhe deu esse emprego — a mãe respondeu. — Não sabemos ao certo o motivo principal, mas sabemos que onde ele coloca seus filhos é lá que Ele deseja que a luz brilhe. Isso já é um gás para que você prossiga.

— Mamãe...

— Bea, nós não podemos saber o propósito do Senhor em tudo. — A mãe levantou o dedo indicador. — No entanto, de modo geral, sua Palavra nos revela o que Ele deseja de nós em qualquer lugar, ou seja, que glorifiquemos o nome dEle; contemos aos outros suas misericórdias e boas obras; anunciemos o seu evangelho; que tenhamos paz, se possível, com todos os homens; sempre preservando a verdade no nosso proceder.

A mãe foi falando e aquilo trazendo alívio a Beatrice. Ela estava se sentindo tão perdida, sem propósito e cansada.

— Tudo isso promove a diferença no nosso ambiente. É isso que como cristãos somos chamados a fazer: trazer o reino de Cristo aos homens. — Rosana ensinava com amor. — Isso pode se tornar uma luz que chega até seu chefe e, quem sabe, o Senhor possa convencê-lo de que seu proceder é muito rígido.

— Aquele homem se convencendo de algo? — Bea riu com leve sarcasmo. — Aquilo é duro feito granito. Não tem piedade por ninguém.

Bea estava incrédula no poder de transformação de Pedro.

— Beatrice, não julgue a vida dos outros. Você não sabe por quais caminhos eles passaram para se tornarem o que são — a mãe a repreendeu com sabedoria.

A jovem se calou, pensativa.

— Será que ele sofreu tanto assim para se tornar desse jeito?

— Sabemos que somos como retalhos costurados para se formar uma colcha e, infelizmente, alguns tecidos estão estragados. — A senhora tomou um gole a mais do suco.

Bea permanecia calada.

— De todo, ele não está errado. — Rosana continuou e a filha a fitou. — A história das crianças pode ser difícil, mas não pode fazer nada chorando por elas. Muitas vezes conversei com você sobre controlar as emoções. Mas, é claro, ele poderia ter dito isso sem tanta brutalidade.

— É isso. Não me importo de ouvir a verdade. Só não precisa ser dita de maneira tão agressiva.

— Homens assim nem sentem que estão ofendendo, minha filha. É da natureza temperamental deles. Só Cristo para ajudar a melhorar — a senhora declarou com um olhar terno. — Já conheci alguns nesses moldes.

— O que fazer então? — Bea balançou a cabeça se mostrando perdida sobre o que fazer.

— Lide com sabedoria para que ele veja a diferença de uma cristã. E aprenda com ele o máximo que puder.

— Aprender? — Ela tossiu de novo. — É sério?

— Ora, Beatrice, você está trabalhando com um dos melhores juízes da área. Esqueça as diferenças por um momento e analise seu chefe, como age, como lidera, como organiza as funções e julga. Enriqueça a si própria.

— Apesar da frieza dele me assustar, eu tentarei. Na real, às vezes, tenho vontade de dizer umas verdades na cara dele. — Olhou para a mãe com um sorrisinho faceiro.

— Os versículos 1 e 2 do capítulo 2 de 1 Pedro diz: “se ele não crê na mensagem de Deus, seja levado a crer pelo modo de você agir. Não será preciso dizer nada”. — Rosana recitou o texto que carregava no coração desde que se casara. — O apóstolo está aconselhando as esposas como tratarem seus maridos não cristãos, mas podemos aplicar a outros contextos práticos.

Beatrice ficou curiosa sobre como poderia aplicar aquele ensino com o chefe.

— Aja assim com o juiz — a mãe acrescentou. — Não tente mudá-lo com palavras, isso cansa e fadiga. Mas dê o melhor testemunho, seja sábia em suas ações e atitudes. Assim, você verá as diferenças. Creia na palavra, pois o Deus dela sempre a cumpre.

Ao final daquela conversa, Bea abraçou a mãe, grata por seus conselhos valiosos. Ela guardaria no coração aquelas palavras e com renovado pensamento, agiria da melhor forma em amor a Cristo, para o bem de todos que a rodeavam. O juiz Pedro Bernardi seria seu maior desafio, mas venceria. Ela desejava crer nisso.



07-COMPARTILHAR

Duas semanas se passaram, a saúde de Bea se restabeleceu e ela trabalhava com fervor, pois tinha dominado toda a sua função. Terminava um de seus serviços quando Andréa entrou na sua sala sem pedir licença.

— Ei, querida, vamos almoçar? — perguntou, abrindo a porta. — O doutor Bernardi acabou de sair para o almoço.

Bea murmurou um cumprimento à colega de trabalho, enquanto, às pressas, digitava algo na tela do computador e assentiu com o que ela dizia, sem dar muito crédito.

— Ele estava sério ao sair. — A jovem mulher de cabelo encaracolado relatou.

Bea riu sem graça.

— Me diga o dia em que o juiz não é sério? — Ela apertou com força numa tecla, dando por encerrada a tarefa. — Eu tenho uma teoria. — Virou para a Andréa, que semicerrou os olhos, curiosa. — Todos os dias, ele faz um suco de limão e toma. Porque só isso pode fazer alguém ser tão azedo.

— Bea, você não presta! — Andréa caiu na risada.

— Pode rir, mas no fundo concorda comigo. — Ela levantou da cadeira e pegou a bolsa.

— Minha querida — Andréa mudou o tom divertido para mais sério, o que levou a colega a dar mais atenção —, continue fazendo seu melhor. Isso parece ter surtido efeito no juiz — declarou com sinceridade.

O queixo de Beatrice caiu e ficou parado por uns segundos na posição.

— Eu não sei onde você vê melhora nele.

— Olha, vou dizer que esta semana ele deu até um "bom dia". — Ela meditou um pouco. — Surpreendeu a todos nós, fazendo com que a gente lembrasse o antigo juiz Bernardi.

Bea mirou Andréa com desconfiança.

— Como assim antigo juiz? — A jovem inclinou a cabeça para o lado, curiosa. — Ele já foi diferente disso?

— Eu poderia utilizar da conhecida frase "Era uma vez um juiz". — Andréa passou as mãos entre os cachos para não soltar uma gargalhada. — Contudo, só digo que há um ser humano ali dentro daquele ar autoritário.

— Esse ser humano podia dar as caras de vez em quando. Eu não reclamaria. — Bea apagou a luz da sala e ambas seguiram para um restaurante, mas aquela história sobre o "antigo juiz" não saiu de sua cabeça.

— Quem sabe ele não aparece para surpreender um dia desses.

— No dia que isso acontecer, a mula vai falar.

— Nunca diga nunca.

Ao chegarem ao restaurante, de nome *Palletinos*, Beatrice admirou a elegância e simplicidade na decoração do ambiente, com as toalhas de linho brancas nas mesas; a organização dos pratos e talheres era charmosa; os vasos de flores azuis davam um toque acolhedor; a música calma permitia a reflexão. Elas se sentaram na mesa perto de uma janela cuja paisagem era jardim de inverno.

— Gostou daqui? — Andréa perguntou ao perceber o olhar de admiração da amiga para o lugar.

Bea assentiu.

— Fazia tempo — Bea estalou os dedos — que eu não frequentava lugares assim.

— Bem-vinda de volta a “lugares assim”. — Andrea riu para a simplicidade da amiga.

O garçom não demorou a trazer o menu, e após escolherem o camarão internacional com porção para duas pessoas começaram a conversar.

— Há quanto tempo trabalha na vara, Andréa? — Bea perguntou, apoiando o queixo nas mãos e procurando conhecer mais sobre o espaço de trabalho e a vida da própria amiga.

— Dois anos. — Andréa entortou os lábios e mirou uma flor amarela no jardim de inverno. — Se lembro bem. — Assentiu com a cabeça, dando firmeza à sua resposta.

— Era o seu desejo trabalhar lá?

— Não mesmo. — A mulher de pele morena soltou o ar e abanou a mão em negação. — Meu desejo era... — pediu com o dedo indicador para Beatrice se aproximar, a colega atendeu o pedido e se aconchegou mais — queria ser doceira — sussurrou a sua confissão.

Beatrice não sabia discernir se era verdade ou sarcasmo depois da risada extravagante de Andréa.

— É um absurdo, não é? — Andréa bateu as mãos nas pernas.

— Por que seria? — Bea franziu o cenho. — Não é seu sonho?

— E o que importa? — Deu de ombros. — Ninguém dá valor a uma doceira... — argumentou e olhou para os lados, fingindo procurar alguém.

— Quem deveria dar valor à profissão é a pessoa, e não a profissão mostrar o quanto você vale — Bea declarou, deixando Andréa pensativa. — Você deveria inovar.

— Como assim? — A moça gostou do rumo que a conversa tinha seguido.

— Saber investir na qualidade. — Bea colocou o guardanapo no colo. — Por exemplo: ter embalagens personalizadas, isso valorizará os docinhos contidos ali, dizendo para as pessoas que o seu trabalho é de bom gosto; sabores variados, mas manter a tradição dos sabores comuns; um marketing que se utiliza dos recursos atuais, as redes sociais estão aí para isso. — Levantou o dedo indicador. — Essas coisas fazem a diferença junto com preços acessíveis.

— Tem razão — Andréa concordou e a imaginação foi ágil em despertar milhares de possibilidades.

— Mas por que ser doceira? — Bea quis saber.

Os olhos castanhos da colega ficaram meio perdidos. Estava prestes a contar os motivos, todavia a garçonete compareceu com a comida para servi-las. Ela pôs as devidas porções do alimento no prato de cada uma, serviu os refrescos e após isso se retirou, permitindo às duas retornarem a conversa.

— Bom, os momentos mais preciosos da minha vida estão na cozinha. — A jovem riu das lembranças que voltavam a sua mente. — Minha avó e minha mãe faziam doces e eu participava. Era sempre uma diversão — conversou empolgada, mas logo um tom abatido tomou conta. — No entanto, com o falecimento das duas, a única coisa que restou foram os doces que ambas me ensinaram... — a voz já estava ficando embargada. Aquele assunto era delicado para a moça de espírito tão alegre, tornando-a, de certo modo, melancólica.

— Fazer doces é uma forma de reviver os momentos com suas entes queridas. — Bea colocou mais suco em seu corpo e notou pelo pesar da colega que embora aparentasse ser tão feliz, possuía dores no seu próprio mundo.

Bea começava a compreender como todas as pessoas travavam suas próprias batalhas. Às vezes chegava pensar que apenas ela sofria, mas via que não. Assim como sofreu com a morte de seu pai, Andréa também carregou dores de perder as mulheres mais importantes que possuía. A vida era uma guerra mesmo.

— Depois delas não tive ninguém para me incentivar. — Murchou os ombros. — Acabei deixando o sonho de lado. — O ar triste pareceu preencher o local, mas ela quis desviar as memórias dolorosas.

— Não precisa querer ser sempre alegre e forte comigo, Andréa. — Bea tocou na mão da colega de trabalho. — Fique à vontade para também ser fraca. Precisamos disso no nosso dia a dia.

— Você é uma benção, Bea.

— E não se preocupe, o Senhor pode muito bem realizar esse sonho. Afinal, para Ele não há impossíveis. — Beatrice consolou Andréa com aquelas palavras.

A mulher retribuiu o toque de amizade sobre ela.

A conversa durou por um tempo a mais e retornaram ao Fórum. Elas entraram no elevador e enquanto subiam, Beatrice iniciou um diálogo sobre um excelente livro que leu há poucos dias e não havia ninguém para discutir o assunto.

— Eu estava lendo um livro muito bom.

As portas daquele transporte se abriram e as duas ficaram quietas ao verem Pedro Bernardi entrar no ambiente. Ele as cumprimentou e recebeu igual reciprocidade de trato, e permaneceu calado. Bea, meio envergonhada, retomou sua fala anterior:

— A leitura é muito boa, mas há alguns pontos que não consegui entender.

— Qual o nome do livro? — Andréa perguntou sem muita empolgação acerca do assunto.

— *A busca do crescimento*, de Jonathan Edwards — a moça respondeu. — É uma excelente obra, mas me deixou sem compreensão em algumas partes.

— Acredito que deva ser bom. — A colega quicou os ombros e começou a brincar com seus cachos nas pontas dos dedos. — Mas nunca ouvi falar desse autor.

Beatrice suspirou, entristecida. Poucos o conheciam e o compreendiam.

Ao lado, Pedro esboçou um sorriso ao ouvir a inquietação da funcionária. Ele concordava que *Edwards* era uma leitura difícil. Entretanto, entendia que poucos autores conseguiam abordar assuntos tão importantes com tamanha profundidade de palavras, poder e emoção como aquele.

— Já li esse livro — ele declarou e Bea ficou em choque.



08-CONVERSA SINCERA

Ele se virou para a auxiliar, que estava parada com a boca entreaberta e o olhar suspeito era nítido. Por um tempo incômodo, a jovem não expressou nada. Apenas permanecia parada como se tivesse sido congelada num freezer, com uma expressão de espanto e incredulidade.

— O que não entendeu? Talvez possa ajudar em seus questionamentos.

"Era mesmo o juiz Bernardi diante dela?", questionou-se. "Quem foi o ET que invadiu seu corpo?"

— Nada, senhor. — Bea entrelaçou as mãos e baixou a cabeça. — Deixe para lá.

— Ora, aproveite que o doutor já leu e tire suas dúvidas — Andréa disse a empurrando com os ombros.

Pedro permanecia olhando-a.

Ela mataria sua colega, disso tinha certeza.

As portas do elevador se abriram e, para tristeza de Beatrice, Andréa disse que precisava ir na frente para resolver umas coisas urgentes, deixando-a sozinha com o magistrado. Bea passou a mão no rosto, refletindo sobre como expressaria sua dúvida.

Eles já estavam perto do gabinete quando ela disse com a voz trêmula:

— A dúvida era sobre como a luz divina atua na alma do homem. Alguns pontos ficaram embaçados em minha compreensão. — Bea começou a esfregar as mãos e sentiu a orelha queimar.

Pedro abriu a porta do gabinete e ambos entraram. Ao fechar, ele respondeu:

— Antes de tudo, é importante saber a real definição sobre o que seria essa luz divina. O próprio autor a define como: "um verdadeiro sentido da excelência das coisas reveladas na Palavra de Deus, e convicção da verdade e da realidade que delas então emana". — Ele seguiu para explicar: — O que ele quis dizer com isso? É que você não pode crer e confiar nas Escrituras se o próprio Deus não lhe abrir a mente. Por nós mesmos nunca poderíamos entender.

Bea ficou estarrecida com a exatidão da explanação do assunto pelo juiz. E muitas coisas em relação a ele se tornaram confusas para no momento.

— E, respondendo sua pergunta — continuou ele —, a luz atua por meio do Espírito, forjando na alma do homem algo que não pode ser feito naturalmente, ou seja, as verdades do evangelho. O autor declara mais: "O Espírito de Deus se une à mente do crente, torna-o seu templo, atuando nele e influenciando-o como um novo princípio sobrenatural de vida e de ação".

Ela queria perguntar como ele lembrava de cor as partes do livro, mas permaneceu quieta. Era melhor não mexer naquilo que estava tranquilo. Ele acrescentou:

— Essa é a diferença que o Espírito de Deus faz quando passa a habitar no interior do ser humano: se torna um com a mente do homem e assim faz brotar a nova vida. Por isso, as Escrituras falam em Filipenses 2.13: "porque Deus é o que opera em vós tanto o querer como o efetuar, segundo a sua boa vontade". — Pedro a fitou e indagou: — Consegue compreender?

— Sim... Eu... — Ela não conseguia formar uma frase adequada.

Pedro era uma incógnita para a pequena cabeça de Beatrice. Há três meses trabalhava com ele e nunca demonstrou qualquer abertura para outro assunto, além dos afazeres da vara. Agora havia explicado algo sobre um livro de seu interesse?

E outra, como assim ele conhecia tanto sobre assuntos cristãos? Não imaginou que fosse um irmão na fé. Nunca. Nem nos seus mais loucos sonhos. Mas admitia que ele era brilhante. O homem era uma máquina pensante.

— Sabe, eu não entendo. — Ela botou para fora o sentimento há tanto tempo preso.

O juiz semicerrou os olhos.

— A explicação não ficou clara? — Ele colocou a pasta que carregava na mesa, se virou para ela e pôs as mãos no bolso.

— Ficou, é claro. — Bea o fitou. — O que não entendo é esse seu jeito. De verdade, doutor Bernardi, não me leve a mal. Mas eu não consigo compreendê-lo.

Nesse momento, o juiz escorou seu corpo na mesa, cruzou os braços e crispou os olhos, querendo saber até onde sua auxiliar avançaria.

Bea engoliu a saliva ao vê-lo se posicionar de maneira mais imponente. Mas naquele momento, todo medo e timidez evaporou. Os seus ombros ficaram mais eretos.

— Suas atitudes me confundem. — A auxiliar levantou as duas mãos na altura da cabeça e o olhou com incredulidade. — Uma vez estava toda molhada na rua e o senhor parou o seu carro do meu lado e fez questão de não me olhar, só para não ajudar. Eu sei que sou terceirizada, mas ajudar uma pessoa num estado de calamidade não faz mal a ninguém.

— O quê? — Ele deu uns passos à frente.

— É isso mesmo. O senhor me ignorou — disse com certa decepção. — Eu fiquei uns três dias ao seu lado gripada e tudo que me mandou foi usar uma máscara. Hoje se dispõe a me explicar sobre um livro, o que agradeço porque foi ótimo. Mas essas atitudes tão incoerentes me deixam confusa.

De certo modo, Pedro admirou a funcionária pela ousadia em confrontá-lo. Ele era o tipo de homem que gostava que as pessoas fossem diretas com ele, assim como ele agia com os outros.

— Primeiro, eu não a vi. — O magistrado começou seu contra-argumento. — Quando saí do Fórum, meu celular caiu no chão do carro e não conseguia alcançá-lo. Estava dirigindo e procurando o objeto ao mesmo tempo. Não negaria uma ajuda.

Bea inclinou a cabeça de lado e semicerrou os olhos.

— Segundo, falei para usar máscara para seu próprio bem. O ambiente poderia piorar a situação.

"É, fazia sentido."

— Então, é como meu pai dizia: "Não é o que você fala, mas como fala". — Ela o olhou com firmeza. — Excelência, o senhor é muito bom na sua área, não posso negar. Porém, falar com um pouco mais de cordialidade não faria mal a ninguém.

Pedro franziu o cenho e petrificou o maxilar.

— Nem todos nós pensamos como o senhor. Não sentimos as coisas igualmente. Uns são mais emocionais e outros mais racionais, isso faz parte da relação humana. — Bea começou a falar o que desejava sem medo de seu destino. — Se o senhor compreendesse isso, saberia o quanto todos nós ficamos tensos ao seu lado, pois o medo de levar uma repreensão tão crua e nua nos persegue. Considerar a diferença do outro é sábio também.

— Está dizendo que o modo como me dirijo a vocês é pesado? — Ele arqueou o cenho.

Bea entrelaçou os dedos frente ao corpo e munida de uma coragem desconhecida, assentiu.

— Estou, não vou negar. — Ela respirou fundo. — Trabalhamos juntos há três meses e quase sempre tenho um ataque de pânico quando estou ao seu lado por causa do medo de cometer alguma falta e receber uma palavra tão brusca. — Bea coçou o rosto e disse mais: — Eu sei que fui muito ousada com tudo isso e é provável receber minhas contas hoje mesmo. Mas tudo bem, eu precisava falar isso. — O pulmão expeliu o ar para fora, mostrando seu alívio.

A serenidade expressada pela funcionária, ainda que diante da séria possibilidade de ser despedida, o fez considerá-la um pouco mais.

— Eu sei que meu dever não é mudá-lo, mas precisava dizer que não está sendo fácil. E, como é cristão, creio que possa entender melhor.

Apelar para o cristianismo de Pedro o fez se revirar por dentro. Naquele instante, o homem ponderou sobre como sua crença estava sendo tão escondida atrás de suas ações rudes.

— Vá para sua sala, senhorita Mendes. — Foi tudo que disse.

Beatrice fechou os olhos e deu a volta para a saleta. Sabia que tinha colocado tudo a perder.



09-CORTESIA

Na tarde do dia seguinte, Beatrice fazia algumas pontuações numa das petições quando sua mente a levou para a conversa com o juiz no dia anterior. Era certo que tinha lavado a alma. Porém, depois disso, ele saiu do gabinete e não se falaram mais até aquele momento. Ela ponderou se o magistrado não estava resolvendo tudo para sua demissão.

"Bom, se ele fizer isso está no seu direito"

Até se surpreendeu com a atitude dele de ficar calado e não dar um coice atrás do outro para se defender. Considerou que ao menos o chefe possuía certa "humanidade" para ouvir, ou apenas se segurou para depois não ser processado por agressão verbal. Vai saber.

No entanto, seu maior espanto foi ele ser cristão. Era cristão ou só conhecia teologia? Contudo não podia conceber alguém conhecer tão bem um autor daquele sendo apenas um frio estudante. Aquilo mudava tudo.

"Pedro, um irmão na fé, quem diria?"

Ela se levantou da cadeira e foi até a pequena janela de sua sala, olhando para todos os prédios ao redor. Bea suspirou e retornou aos sonhos do passado, quando desejava cursar a faculdade de direito. Ela riu para si própria. A vida demonstrava de muitas maneiras que os planos nem sempre se concretizavam. Agora precisava cuidar de sua mãe.

Ainda imersa em divagações, ouviu a porta de sua sala abrir e, ao se virar na direção do som, constatou ser o juiz. O coração dela pulsou mais rápido pelo nervosismo, levando-a a correr em direção a cadeira, se esquecendo das rodinhas naquela peça de mobília e, assim que se sentou, deslizou de encontro à parede branca, fazendo um alto som ecoar pelo local. Ela pôs as mãos na cabeça verificando o machucado e o rosto se transformou em uma careta por conta da dor quase palpável.

— Minha nossa! — Pedro arregalou os olhos e acelerou os passos na direção de sua funcionária.

— Excelência, eu... — ela tentou falar, mas sua dor piorou.

— Não diga nada. — Ele tocou ao redor do machucado, procurando avaliar a situação.

Beatrice ficou com a mão parada no ar, sem saber o que fazer diante da atitude do juiz.

“Esse homem é estranho demais!”, concluiu com aquele momento de cuidado.

— Não foi nada, doutor. — Deu um sorriso seco e procurou se levantar. — Eu peço perdão mais uma vez pelo meu desleixo. — Ao ficar de pé, a cabeça rodou, o corpo fraquejou e quase caiu, mas uma mão forte a segurou pelas costas.

O momento propiciou um cruzar de olhares, no qual Beatrice admirou a firmeza que emanava de Pedro, e ele notou a suavidade das expressões da funcionária, contudo, aquela condição não se perdurou mais.

— Foi uma pancada forte. Tenha mais cuidado. — Pedro a sentou na cadeira, rompendo o breve momento de brandura, e ligou para a recepção, a fim de solicitar uma bolsa de gelo.

Tal atitude prática de Pedro chamou a atenção de Beatrice, pois mostrava como o magistrado podia, às vezes, possuir alguma compaixão.

“Será que um dia vou entender esse homem?”

Os pensamentos dela foram interrompidos por uma moça, do serviço geral, que trouxe o gelo. Beatrice segurou a bolsinha e fechou os olhos, sentindo o rápido alívio tanto na dor do machucado quanto da tensão dos músculos. Ao abrir os olhos, avistou aquelas íris azuis fitando-a com preocupação.

— Obrigada, doutor Bernardi — Bea agradeceu, umedecendo os lábios.

Ele assentiu e sorriu levemente.

"Um sorriso! Um sorriso! Um sorriso!"

— Zerei a vida! — ela proclamou alto.

— O quê? — Pedro pestanejou sem compreender o palavreado da jovem.

— Não é nada, não. — Sorriu sem graça, encolhendo-se na cadeira e querendo um buraco para se enterrar. — Mas o que desejava quando entrou aqui? — Ela deixou a bolsa de gelo na mesa, restabeleceu sua posição na cadeira e arrumou os cabelos, procurando ficar apresentável.

— Vim informar que sairá comigo daqui uns 20 minutos. — Ele olhou para o relógio de pulso.

— Tudo bem. Estarei pronta dentro de poucos minutos. — Beatrice não deixaria um tombo impedir seu trabalho.

Pedro balançou a cabeça e depois de olhá-la mais uma vez, como se estivesse procurando algo, saiu da sala.

— Ele não desejou melhoras, não disse para tomar um remédio para possível dor de cabeça e nem nada — Bea começou a falar consigo mesma. — Mas me segurou e até pediu um gelinho para me auxiliar.

Beatrice parou naquele exato momento e fitou a bolsa de gelo na mesa, tomou-a nas mãos e declarou olhando o objeto:

— Você é a exata representação do juiz Bernardi: frio, sem sabor e duro. — Ela riu e colocou a bolsinha na testa outra vez. — Mas, é claro, faz seu serviço muito bem. — E fechou os olhos aproveitando a sensação de refrigério do frio em seu machucado. — Pedro, você é como o gelo, mas poderoso. É isso.

Então Bea lembrou de um dos seus filmes preferidos, abriu os olhos e levantou a bolsinha no ar, declarando:

— A partir de hoje você será Pedro, o gelinho! — E caiu na gargalhada sozinha.

"Beatrice, não tem ninguém mais doida que você", declarou na mente, deixou de brincar e foi se arrumar. Dez minutos depois, saiu da sua sala e encontrou o juiz já pronto.

— Não sente nenhuma dor? — a pergunta direta dele a surpreendeu.

— Tomei um analgésico, mas o nó na testa está aqui para quem quiser ver — Bea fez uma graça e Pedro só assentiu, dando espaço para que a jovem saísse na frente.

O silêncio foi companheiro dos dois durante toda a viagem. Beatrice nem ousou dizer mais nada, temendo que o juiz lembrasse de sua afronta e a demitisse de vez. Foi sensata em ficar quieta.

Ao avistar o lugar onde entrariam, sentiu as pernas tremerem. Era um restaurante luxuoso, com pessoas afortunadas cujos olhares eram treinados para julgar qualquer um que se desvirtuasse um pouco do padrão de "qualidade" estabelecido pela classe. Ela quis correr dali.

— Terei uma reunião aqui e desejo que anote tudo — Pedro informou para sua auxiliar, que apenas assentiu. — Porém, comeremos antes. — Ele checou as horas.

Ambos entraram no ambiente, Bea se deslumbrou com todo o requinte, desde a decoração até as porcelanas usadas. Ela desejava ter o poder de virar uma formiga e ir embora, mas não tinha essa opção. Com ousadia, ficou mais perto do chefe e segurava com firmeza a sua bolsa. De repente, um garçom careca, mas com um farto bigode de pontas viradas, se aproximou deles.

— Doutor Bernardi, que prazer revê-lo — declarou o homem com um sorriso para o juiz e olhou de cima a baixo para Beatrice, que engoliu em seco.

Pedro balançou a cabeça para a saudação do homem.

— Por aqui, por favor, os demais o esperam. — O garçom guiou ambos para uma mesa reservada e numa distância adequada de outras pessoas. Era típico do juiz. No local, estavam outros dois cavalheiros de postura tão austera quanto Pedro, porém mais velhos que ele.

Uma outra jovem ali, que se vestia como Bea, segurava uma pasta na mão e estava em pé ao lado de um daqueles homens, os quais Pedro cumprimentou. Beatrice foi apresentada por seu chefe aos homens, tal qual o outro juiz, agora conhecido como Rodolfo Ávila, também identificou sua auxiliar, chamada Camila. Bea observou que ao redor da mesa havia apenas três cadeiras. Ela olhou para a outra auxiliar e franziu o cenho, como se indagando: "Ficaremos em pé mesmo?".

Camila entendeu a intenção de Bea, contudo apenas deu de ombros. A jovem não acreditava que ficaria uma tarde inteira como uma estátua e sem comer. Isso não podia ser verdade.

Após a troca das primeiras palavras com os outros juízes, Pedro se voltou para a sua auxiliar e disse:

— Senhorita Mendes, por que não se senta?

Bea deu um sorriso fraco.

— Faria, excelência, se tivesse lugar.

Pedro averiguou os lados e notou que havia só três assentos.

— Por que não pediram uma mesa maior? — o tom da pergunta não foi muito favorável aos homens.

— Reuniões assim são costumeiras, portanto não nos atentamos a esse detalhe — o outro juiz, Libâneo Cordeiro, falou sem muito interesse.

— Pode ser em suas comarcas, porém, não aqui. E minha funcionária não ficará de pé — Pedro assegurou sério.

Ao ver a defesa do juiz Bernardi, Beatrice sentiu certo orgulho do chefe. Era bom vê-lo usando seu autoritarismo para colocar outros em seus devidos lugares. E o estimou mais por fazer isso até com os da própria classe.

"Bom saber que a grosseria dele se estende a todo mundo."

O garçom, a pedido de Pedro, trouxe duas cadeiras, para Bea e Camila, que agradeceu com o olhar. Beatrice ficou ao lado do juiz e, enquanto eles faziam seus pedidos, ela fitou Pedro, de perfil, que estava atento ao menu.

"Se você não fosse tão chato, Pedro Bernardi, talvez fosse sua maior fã."

Ela gostava de pessoas com senso de justiça e a jovem também se lembrou de mais cedo e da preocupação dele. É, talvez dentro daquele muro

de pedra, que cercava seu coração, tivesse um homem gentil. A conversa sincera na qual expôs seus sentimentos talvez não tenha sido de todo ruim.

A jovem não esperava que a cabeça dele se virasse e a pegasse fitando-o. Pedro crispou os olhos e Bea só faltou afundar o rosto no cardápio, ponderou que uma hora a demissão bateria na porta dela.

“Você está se colocando no vale da sombra da morte, Bea. Depois não vai reclamar.”



10-RETORNO

O som dos trovões despertou Bea de sua imersão nas atividades. Esticou-se, a fim de estimular os músculos depois de tanto tempo parada naquela posição, e decidiu ir à copa pegar café. Aquela tarde de quinta-feira seria longa. Olhou o relógio e ainda estava por volta das 15h. Ela se levantou e atravessou a sala de Pedro Bernardi, que tinha saído, e quando chegou na recepção da vara, encontrou um vazio maior do que de costume.

— Aconteceu um arrebatamento e eu não fui? — Beatrice chegou perto de Andréa, que riu.

— Quem dera! Porque tem umas pessoas que eu não gostaria de ver de novo, mas não — Bea riu da colega, que se levantou da mesa de trabalho. — Vai até a copa?

— Preciso pegar um café, ou vou dormir naquela sala.

— Entendo, vamos lá.

As duas seguiram para o local de café dos servidores e conversaram enquanto esperavam a cafeteira preparar o líquido negro e quente.

— Seu hematoma melhorou. — Andréa relembrou os dias em que Bea foi trabalhar com a testa roxa.

— Acredita que uma mulher na parada de ônibus achou que eu tinha um marido e sofri uma agressão doméstica?

Andréa não deixou de gargalhar.

— O povo inventa cada coisa. — A colega balançou a cabeça. — Uma vez tinha fraturado o osso do braço e uma mulher perguntou se alguém me jogou da escada.

— Acho que as novelas influenciam bastante a percepção das pessoas — Bea riu e pegou seu café, e Andréa também.

Elas bebericavam a bebida e conversavam amenidades quando voltaram para a recepção da vara, Bea achou estranho que parte dos servidores tinha sua atenção voltada para uma mulher, que perguntava com rispidez:

— Ninguém vai me responder?

— Ah, eu não acredito! — Andréa exclamou com certa raiva.

— O quê? — Bea olhou para a mulher. — Quem é essa?

Beatrice não recebeu resposta e observou de novo a mulher com um belo par de salto alto vermelho, vestido evasê bege acima do joelho, óculos escuros, bolsa de marca e uma postura de austeridade.

— Alguém sabe do juiz Pedro Bernardi? — a voz dela era enjoativa e aguda.

Não houve resposta de nenhum servidor. Todos pareciam ter sido petrificados. Por um momento, Beatrice se sentiu dentro de um filme, no qual os colegas de trabalho teriam sido congelados por algum ser mutante. Ela falava dos noveleiros, mas não era muito diferente.

— Ele saiu, senhora. — Com educação, Bea resolveu respondê-la. — Deseja deixar algum recado? — perguntou, já que não entendia a reação dos outros.

— Quem é você? — indagou a mulher com ar de superioridade e um olhar de escárnio.

— Sou Beatrice Mendes, a auxiliar do juiz Bernardi, muito prazer.

E estendeu a mão para um cumprimento formal, porém não foi correspondida. Bea recolheu a mão, desajeitada, por tal frieza dirigida a ela.

— Auxiliar? — A desconhecida a inspecionou, de cima a baixo, com desdém estampado. — É, a aparência dos funcionários não importa mais nos dias de hoje.

Beatrice arregalou os olhos ficando estarrecida pela fala cruel da mulher.

— Eu vou voltar. Avise que Letícia Prado está atrás dele. — A mulher colocou seus óculos escuros, empinou o queixo para cima e saiu andando pelo corredor como se estivesse numa passarela.

Beatrice ainda estava incrédula sobre o que acabou de vivenciar. As pessoas, após aquela cena, voltaram a trabalhar como se nada tivesse acontecido, mas Bea não conseguia deixar aquele episódio de lado. Ela entrou no gabinete e puxou Andréa junto.

— Quem é aquela? — indagou para a colega, que começava a averiguar os livros devidamente ordenados nas prateleiras de tonalidade escura.

— Aquela é o diabo em forma de gente — respondeu, virando-se para a jovem loira.

— Como assim?

— Não cabe a mim ficar explicando isso. — Num passo curto e rápido se sentou no sofá, situado no centro do gabinete.

— Me conta, vai. — Bea não era de mexericos, mas, sobre aquela mulher, tinha bastante interesse. Ela era intrigante.

— Não devo... — Apontou o dedo indicador para Bea — Mas quando você informar o doutor Bernardi sobre a presença dela, minha amiga, você compreenderá bastante coisa. — Reclinou outra vez no sofá.

— Assim não vale. — Bea bufou, cruzando os braços sobre o peito, fingindo estar irritada. — Então, me diga, por que os outros servidores não gostam dela?

— Todos têm motivos para isso, Beatrice. — O rosto de Andréa ficou inexpressivo diante da pergunta. Não queria ter que remexer na vida do juiz da vara.

— Misericórdia! Não consigo mesmo compreender essa situação. — Beatrice jogou os braços para cima, mostrando sua total falta de entendimento para com aquilo.

— O doutor Bernardi... — Andréa desviou o olhar para o lado e umedeceu o lábio inferior.

— O que tem ele? — Bea indagou com insatisfação ao ver como sua amiga enrolava para lhe dar uma explicação razoável sobre aquela situação.

— Merece seu descanso.

— Descanso? Mas por quê? Quem é essa Letícia Prado? — Os intensos questionamentos de Beatrice foram cessados ao ver a porta do gabinete ser aberta de forma abrupta.

Andréa, no mesmo instante, ficou de pé ao contemplar o rosto fechado do juiz.

"Santo pai!". A cacheada arfou.

Se ele tivesse escutado a conversa, Andréa estaria perdida. Letícia Prado era um nome de grande ofensa a Pedro Bernardi.

— Quem esteve aqui? — O timbre grave e pesado dele levou Bea a sentir um tremendo embrulho no estômago.

— Uma mulher chamada Letícia Prado — respondeu o nome quase soletrando.

O homem segurou com tamanha força a maçaneta da porta, onde estava com a mão apoiada, que os nós de seus dedos ficaram brancos e as veias saltaram para fora. A expressão do rosto de Pedro mudou completamente. Parecia que algo o tinha atingido. O semblante de raiva se tornou nítido, fora do normal. Seu rosto branco parecia pegar fogo pela intensidade da vermelhidão. Ele caminhou rumo a Beatrice com o olhar flamejante.

— Nunca mais, em toda sua vida, repita esse *nome*! — A última palavra saiu de forma rude e sombria.

— Mas eu... — Bea tentou se justificar, mas seu corpo começou a tremer diante do olhar duro do juiz.

— Não me *interessa*! — A entonação alterada dele fez a perna da jovem estremecer e as lágrimas se amontoarem no canto dos olhos.

— Eu não tenho...

— Não tem direitos de se meter onde não foi chamada!

Bea engoliu em seco, sentindo-se acuada e totalmente desolada por estar sendo tratada de maneira tão injusta.

— Doutor, eu...

— Ainda vai ousar dizer alguma coisa? Será que a ordem não está clara?

Andréa percebeu a respiração acentuada de Beatrice e tinha quase certeza de que a jovem estava a ponto de se lançar em uma tola discussão com o juiz. Ela fitou a amiga que lhe dirigiu o olhar e aproveitou para dizer apenas com os lábios:

"Não diga nada."

Porém, seu conselho foi ignorado.

— O senhor não me deixa falar e já vai logo me atacando.

Pedro fechou os olhos, inspirou e soltou o ar quente.

— Excelência, Beatrice apenas estava comentando sobre a visita da mulher no fórum esta tarde. — Interveio Andréa, antes que a situação ficasse mais carregada entre os dois, pois sabia que o juiz estava a um passo de se encolerizar ainda mais. — Ela me perguntava sobre quem era, a fim de poder lhe passar o recado.

— Saiam as duas. Agora! — ordenou e as mulheres em passos rápidos caminharam para fora.



11-VIRTUDE

Beatrice soltou o ar depois de sair do clima sobrecarregado da sala. Caminhou até o banheiro com Andréa e as suas lágrimas não demoraram a chegar, fazendo-a desmoronar.

— Ele me odeia, Andréa! Me odeia!

— Não odeia. — A colega massageou as costas de Bea. — Dê tempo ao tempo e as coisas se acertarão.

— Claro que isso nunca vai acontecer — Bea disse com raiva. — Ele nunca vai melhorar. — Passou a mão entre os cabelos e limpou as lágrimas dos olhos.

— Não é isso. Eu disse que ele reagiria mal quando você desse o recado — Andréa proferiu.

Bea franziu o cenho e olhou para a colega.

— Não, Andréa, você não me disse. Na verdade, ficou enrolando no assunto e então peguei toda grosseria dele. — Bea colocou as mãos na cintura e suspirou. — Se sabia que ele agiria assim, por que não me ajudou?

Andréa apertou os lábios e abaixou a cabeça.

— É verdade. Eu falhei mesmo.

— Poxa! Você sabe que minha relação com o doutor Bernardi já é conflituosa e poderia muito bem ter me poupado de outro acesso de raiva dele. — Se encostou na bancada da pia.

— Eu não queria me meter porque já sabia da explosão dele. Na hora, fui egoísta e não pensei na sua situação. Me perdoa, Bea. Prometo que da próxima vez te prepararei para a batalha. — A morena caminhou para o lado da colega e deu um empurrãozinho no seu ombro. — Você pode me desculpar?

Bea deu um sorriso e assentiu.

As duas conversaram um pouco mais, e Bea caminhou para o gabinete com o coração na mão. Ela não sabia se encontraria um homem ou uma fera dentro do ambiente, porém, não tinha outra opção a não ser passar por aquele vale da sombra da morte. Ao segurar a maçaneta da porta, respirou fundo e a abriu. Para sua surpresa, não havia ninguém. Estava tudo um completo silêncio. Ele tinha ido embora.

Uniu as mãos e agradeceu a Deus por aquele livramento. Não desejava ser ferida outra vez com palavras tão rudes e secas, que se assemelhavam a uma adaga. Seguiu para sua sala quando ouviu o sino da igreja, perto dali, ressoar, indicando o término do expediente.

Beatrice organizou a mesa, pegou sua bolsa, apagou as luzes e seguiu para sua parada de ônibus. Ela caminhava com atenção sobre a calçada, a fim de ter cuidado ao atravessar a rua, mas o vento forte não ajudava. A pista era bastante movimentada, qualquer desatenção poderia causar um acidente. Posicionou-se frente à faixa e logo o sinal verde para pedestre brilhou. Ao dar os primeiros passos, ouviu alguém chamá-la:

— Ei!

Bea se virou e avistou a tal mulher que esperava pelo juiz Bernardi mais cedo, que era o motivo de outro desentendimento entre os dois.

— O que deseja, senhora? — Bea perguntou alto por causa do vento, que cortava o som emitido pela sua voz.

— Eu esperei o Pedro até agora — Letícia disse na calçada. — Ele não chegou.

Beatrice estranhou a mulher não o ter encontrado.

— Ele teve um dia agitado. É difícil encontrá-lo mesmo. — Foi tudo que conseguiu dizer, segurando seus cabelos que batiam em sua face, mas ficou assustada ao constatar que ela não tinha realmente ido embora.

Afinal, não queria que os dois se encontrassem, visto que o chefe quase teve um infarto apenas por escutar o seu nome, pois imaginava que depois seria ela o alvo de todas as antipatias dele.

Letícia bateu os braços ao lado do corpo e soltou o ar em desagrado.

— Quer deixar recado? — perguntou por educação, mas era provável não entregar nenhuma mensagem. Ela só queria seguir seu caminho, pois o vento sinalizava uma tempestade e não desejava enfrentar outra humilhação como nos dias anteriores.

— Minha conversa é somente com ele. Eu e Pedro não precisamos de intermediadores — assegurou, arrebitando o nariz, em seguida, deu as costas e caminhou com sua pose ereta.

A conversa causou um arrepio na pele. Aquela mulher não era normal, foi isso que Bea concluiu. Ela se virou para atravessar a pista e, de repente, um carro buzinou alto e passou em sua frente numa velocidade extrema.

Ao sentir o vento da velocidade no seu corpo, deu um passo para trás e tropeçou numa pedra e acabou caindo no chão, porém ao tentar se levantar sentiu a dor no tornozelo. De repente, o gotejar de chuva começou.

“Não é possível! Não! Não!”

Beatrice desejava ser enterrada viva naquele momento. Como todas as coisas terríveis podiam acontecer com uma única pessoa? Tentou se levantar de novo, mas seu machucado não permitiu firmar os pés no chão. Quis chorar. No entanto, a Providência resolveu se manifestar de maneira curiosa.

— Senhorita Mendes, o que faz caída nesse chão? — Era a voz do seu chefe.

Bea piscou algumas vezes para confirmar se era mesmo Pedro Bernardi ali.

— Excelência, o que faz aqui? — Sua voz saiu meio duvidosa.

— Eu estava saindo do fórum quando a vi nessa condição. — Ele se abaixou ao seu lado e a chuva começou a ficar mais forte.

— O senhor vai ficar todo molhado. É melhor ir embora agora. — Bea não queria ser alvo de outro ataque de ira.

— Não sou de açúcar, posso sobreviver. — O juiz analisou a situação. — O que aconteceu aqui?

— Foi um acidente. — Ela desviou o rosto para o lado.

— Os acidentes parecem que são seus parentes. — Ele estendeu a mão para a jovem. — Nunca vi igual. Vamos, eu a ajudo. — Pedro colocou a mão nas costas de Bea, dando-a força para se levantar.

A chuva começou a ficar mais forte e, em poucos segundos, ambos ficaram encharcados. A contragosto, Beatrice aceitou a oferta de ajuda. Uma careta se formou em seu rosto quando foi posta de pé no chão. Pedro compreendendo a dor da auxiliar, colocou a mão dela em volta do seu pescoço e começou a conduzi-la até seu carro. Ele abriu a porta do carona e a acomodou lá dentro, fechou a porta e seguiu para seu lugar de motorista. Bea ao vê-lo todo molhado sentiu dó dele e se condenou por fazê-lo passar por isso. Em silêncio, o juiz deu partida com o carro e, após um tempo, a jovem declarou.

— Doutor, eu peço perdão por colocá-lo nessa condição — Sua voz estava tímida. — O senhor não deveria ter se incomodado.

Pedro soltou uma curta risada irônica.

— Meu Deus! Você deve achar que eu sou um monstro. — O tom dele era grave, mas continuou olhando para o trânsito. — E ainda pede perdão. — Ele a fitou com um relance de arrependimento que brilhava em seus olhos.

Bea se sentia estranha ali dentro do carro, machucada e com alguém cujo ânimo era dos piores. Um longo silêncio perdurou entre eles, e Pedro, ao vê-la naquela condição, sentiu uma angústia por sua terrível grosseria. Letícia era um espinho em sua carne.

“Sempre ela me trazendo desgraça”. Ele pensou.

Como ele odiava aquela mulher que parecia nunca sair de sua vida! Letícia era como uma sombra que o cercava e, no fim, sempre acabava prevalecendo sobre seu próprio controle. A lembrança das lágrimas de Beatrice invadiu sua mente, pesando ainda mais seus fardos. Reconheceu que ela não merecia ter ouvido nada daquilo. E ela ainda pediu perdão. O carro foi perdendo velocidade e parou. Após ponderar, Pedro se virou para a jovem pálida ao seu lado.

— Senhorita Mendes — olhou para Beatrice —, desejo pedir perdão acerca dos meus atos esta tarde.

Bea ficou boquiaberta ao escutar aquelas palavras, contudo não podia negar a sinceridade e humildade que emanava daqueles olhos azuis.

— Você não tem culpa de nada. — Ele balançou a cabeça. — Só estava fazendo seu trabalho e a minha brutalidade falou mais alto que a razão.

Toda angústia de Beatrice se desfez diante do juiz. Ela entendeu pela primeira vez que algo não estava certo com ele, levando-a até mesmo a querer oferecer algum consolo.

“Não julgue, Beatrice. Você não sabe o caminho pelo qual as pessoas já passaram”. Relembrou o conselho da mãe.

Ela consentiu com o pedido de perdão.

— Eu o perdoo. — Pressionou os lábios e deu um leve sorriso.

Pedro assentiu, cansado. O sinal abriu e o silêncio repousou sobre os dois outra vez.



12-VOCÊ DE NOVO

Na manhã do outro dia, Pedro se encaminhou para o seu gabinete e não demorou para os assessores, analistas judiciários, ou mesmo estagiários entrarem e saírem de sua sala. Era serviço para todo lado, pois, dentro de poucas horas, uma audiência, de um caso que há meses estava parado, seria realizada.

O relógio apontava por volta das 16h quando a audiência acabou. O estresse era dominante ao ter que lidar com todo aquele problema e relatos sobre as ações mais vis possíveis daquele réu. Além da resolução de outros assuntos pendentes. O trabalho parecia não ter fim. Quando Pedro conseguiu uns minutos livres, sentou-se em sua cadeira para ao menos fechar os olhos, pegou sua bolinha e começou a apertá-la com a mão esquerda, enquanto a outra apertava as pálpebras a fim de aliviar sua dor de cabeça.

— Trouxe água e um analgésico, Excelência. — O timbre de Bea rompeu o breve silêncio, levando-o abrir os olhos.

— Como sabe que estou com dor de cabeça? — ele inquiriu, analisando a bandeja com um copo de água e o medicamento sobre sua mesa.

— Meu pai fazia isso quando estava com dor. — Ela pôs os dedos polegar e indicador na raiz do nariz e comprimiu os olhos fechados, imitando a posição outrora do juiz.

Pedro deu uma curta risada pela careta feita por sua auxiliar.

— Bom, é isso mesmo. — Ele tomou o analgésico sem demora. — Obrigado. — Respirou fundo, fechou os olhos e inclinou a cabeça para trás.

— De nada, doutor. — E recolheu a bandeja com o copo de vidro. — Vou deixá-lo sozinho.

Pedro assentiu.

Após um breve espaço de tempo, o juiz usufruía de uma melhora na dor. Enquanto descansava, ouviu o ranger da porta se abrindo, mas não se dispôs a ver quem era, tinha quase certeza que seria Beatrice. No entanto, tudo mudou ao ouvir aquela voz que pareceu rasgar seus tímpanos.

— Pedro?

Letícia entrou no ambiente, que permanecia com a decoração de anos atrás. A mesma mesa imponente feita de carvalho, cadeira e livros organizados nas prateleiras. À frente, encontrou o alvo de seu desejo, sentado com a gravata afrouxada parecendo estar dormindo.

“Os anos passaram e o fizeram bem”. Ela pensou.

Não era mais o jovem que encontrara na universidade, mas, sim, um homem amadurecido.

— Pedro? — aproximou-se dele e o chamou outra vez.

O juiz nunca, em toda sua vida, imaginava que escutaria aquele timbre agudo novamente. Todo o seu corpo se agitou como um navio em meio ao oceano revolto. Abriu os olhos e vislumbrou a fisionomia da mulher. Ela permanecia igual de aparência, forma de olhar e sorrir, parecendo uma serpente pronta para atacar. Letícia Prado nunca perdia sua altivez. A ira dele inflamou diante da audácia dela em reaparecer em sua vida mais uma vez.

— Acordou! — Sorriu ao ver a expressão do homem que traiu há anos.

De imediato, ele jogou a bolinha sobre a mesa e se colocou de pé.

— O que faz aqui? — a pergunta era seca e direta. — Como ousa aparecer depois de tantos anos?

— Por que está me tratando assim? — Usou de uma suavidade não costumeira.

Mas Pedro Bernardi discernia muito bem as artimanhas dela. Conhecia as caras e bocas que Letícia fazia para tentar ganhar alguma coisa.

— Eu deveria tratá-la pior! E é o que receberá se não sumir da minha frente agora! — O juiz expressou furioso e socou a mesa, levando Letícia pular para trás e sentir o perigo diante da ira dele que se acendia.

Ela nunca o vira assim.

— Esse não é o seu desejo, Pedro — Leticia argumentou. — Vim de tão longe, não esperava esse tratamento. — Baixou o semblante, ficando com os olhos marejados e apertando os lábios inferiores.

A encenação causou náuseas nele, querendo expulsá-la da sala a qualquer custo. Ter Letícia na sua frente era a paga por toda a sua desobediência. Parecia que sempre carregaria aquele passado tortuoso construído por causa de suas más escolhas, e só restava uma ira acumulada no peito inflamando seu coração.

— Pedro, eu...

— Para! — Ele se virou para ela com o olhar faiscando. — Você é dissimulada. Totalmente louca. Quem fez todas as atrocidades foi você e não eu. Fui enganado da maneira mais vil possível e você diz que esperava outro tratamento?

Outra vez ele socou a mesa de modo brutal, o que levou o monitor do computador a despencar no chão.

— Eu não sabia o que eu estava fazendo, era nova e sem conhecimentos. — Letícia tentou se defender, de olhos vermelhos e com a voz trêmula.

A risada irônica de Pedro ressoou por toda a sala.

— Sem conhecimentos? Tudo aquilo aconteceu e ainda tem coragem de dizer que foi sem *conhecimento.* — A raiva o consumia por inteiro.

Então a porta se abriu, chamando a atenção dos dois. Pedro contemplou o rosto assustado de Beatrice e Andréa atrás dela com os olhos arregalados ao presenciar a trágica cena. Ele passou a mão entre os cabelos, tentando, inutilmente, se controlar diante das duas.

— Excelência... — Bea tentou falar, não sabendo lidar com aquele ambiente pesado que dava sinais de desabar a qualquer momento.

— Andréa — Pedro respirou fundo —, tire Beatrice daqui. Leve-a embora — ordenou para a assistente.

Ele não queria ofender outra vez sua auxiliar e talvez não conseguisse conter seu terrível temperamento por muito mais tempo.

— Doutor...

— Agora! — Ele alterou a voz.

Andréa, sem demora, segurou no braço de Beatrice — que detinha o olhar piedoso sobre o chefe — e a puxou para o lado de fora.

Letícia observou o olhar de proteção de Pedro em relação a sua auxiliar, que saiu da sala de maneira tão abrupta. Ela não gostou nada daquilo. Contudo, naquele instante, fitou o homem à sua frente e soube bem o que aquele rosto avermelhado queria dizer.

— Pedro, você me ama. — Soltou a frase, convicta. — Para de negar isso. — A entonação ficou macia e, em passos lentos, foi se aproximando dele. — Estou aqui para recomeçarmos. Essa sua ferida nunca será curada sem mim. Eu a fiz e só eu posso curá-la.

Letícia ergueu as mãos em direção ao rosto de Pedro, mas ele segurou seus pulsos antes de tocá-lo, levando-a a tomar um susto com sua reação e a afastou com prudência, apesar dos instintos gritarem no seu íntimo.

— Olhe bem nos meus olhos — ordenou para a mulher. — Eu *não* te amo. Perdi anos da minha vida ao seu lado, sendo usado por você como um *maldito* brinquedo! Sua traição era o tapa que precisava para acordar. Nunca voltaremos. Nunca mais teremos nada! — ele disse, com o maxilar rígido, a ponto de sua veia ficar visível.

Letícia Prado sentiu o peso das palavras e do seu afastamento. Pedro não tinha um pingo de sensibilidade com ela. A mulher controlou a respiração e firmou seus passos novamente.

— Pedro, eu sei...

— Saia da minha sala agora! — Exigiu.

O homem fechou os olhos, pegou sua bolinha de novo e a apertou com toda a força. Sua respiração mantinha uma sequência de tempo que fez Letícia dar um passo para trás pelo temor que lhe correu dos pés à cabeça.

Ela engoliu em seco o seu orgulho e não ousou inflamar ainda mais a ira do juiz. Mas não ia desistir de seus planos. Ela o amansaria e não demoraria

para que ambos estivessem juntos. Pedro só estava com o orgulho ferido, e quem poderia ficar entre os dois? A mulher tinha certeza de que nenhuma outra ocuparia o seu lugar no coração do magistrado. Ela foi a primeira em sua vida e seria até o fim. Ele bateria o martelo para o recomeço de ambos. Só precisava de tempo para ganhar aquela batalha. Isso era tão certo quanto a luz do dia.



13-GENTILEZA

Beatrice chegou mais cedo à vara para finalizar um trabalho. Fechou o livro que segurava na mão, não conseguia se concentrar, ainda estava com o coração na mão pela tarde anterior. Não tinha mais visto o juiz depois que o encontrou com Letícia. Pelo olhar dele, soube quanta raiva estava acumulada dentro do magistrado. Em casa, orou pelo chefe.

Ao abrir a porta do gabinete, se deparou com uma cena chocante. Nunca imaginou ver aquilo. No entanto, a compaixão inflamou em seu peito. Ele estava lá, dormindo debruçado sobre sua mesa. A cabeça afundada nos papéis e o corpo sentado numa posição nada confortável.

Beatrice ficou estática por um momento. Não sabia muito bem o que fazer, mas um raio de luz brilhou em sua mente. Sem perder tempo, a auxiliar deixou o seu livro na mesinha de centro do gabinete e partiu rumo à copa e voltou poucos minutos depois.

— Doutor Bernardi, acorde — chamou-o e o tocou com cuidado.

Ele não respondeu.

— Excelência, acorde. — Cutucou-o mais uma vez.

Bea percebia as olheiras no rosto cansado do juiz, mas a maior exaustão era no espírito. A fadiga e o peso de carregar tantas amarguras e angústias por anos. Que o Senhor Deus tivesse misericórdia, este era o clamor dela.

— Juiz Bernardi! — A voz dela foi mais alta, e o fez despertar com os olhos arregalados e logo os comprimindo por conta da luz do sol.

— O que faz aqui? — Pedro perguntou com a voz rouca.

— É a hora do meu expediente. O senhor dormiu no trabalho — ela respondeu, e o juiz suspirou ao ser visto daquela forma. — Eu trouxe café e um misto quente. — Ela havia ido à copa preparar o alimento.

Pedro olhou a comida na bandeja e sentiu o estômago roncar.

— Vou ao lavabo e já volto. — Ele se levantou e partiu em direção ao local para fazer ao menos uma higiene básica.

Água gelada foi lançada sobre a pele amassada de Pedro. Ele precisava despertar de verdade. Ao enxugar o rosto se viu no espelho, lembrando-se de ter entrado na madrugada trabalhando como tentativa de ocupar a cabeça para não ter de pensar naquela mulher.

Ele estava se matando, sabia disso. E por mais que quisesse descansar, não conseguia. Sua mente não tinha paz e o seu coração não aliviava o fardo, que era pesado demais. Agora até mesmo sua auxiliar podia enxergar sua deplorável situação. O magistrado soltou o ar com pesar.

Beatrice organizou o pequeno desjejum na mesinha de centro, a fim de trazer algum conforto para o juiz. Ele estava mais do que abatido, e não podia mais negar os fardos que carregava nos ombros. Ela ouviu os passos dentro do gabinete e o viu chegando com os cabelos já alinhados e o rosto mais viçoso.

— Preparei este lugarzinho para o senhor poder desfrutar da comida. — a jovem apontou para o sofá e a mesinha. — Trouxe água e um analgésico também. — Bea deu um pequeno sorriso, que cativou o olhar angustiado do juiz.

— Obrigado, senhorita. — Agradeceu, refletindo de onde vinha tamanha bondade.

Ela sorriu com graciosidade e acenou com a cabeça, dando a entender que iria para sua pequena saleta. Pedro notou as ações dela e indagou:

— Para onde vai?

Ela o olhou surpreendida.

— Vou para minha sala. — Esfregou as mãos. — Por quê?

— Porque quero sua companhia — manifestou seu desejo sem delongas.

Por uns instantes, os olhares de ambos se encontraram, fazendo com que Beatrice engolisse em seco. Pela primeira vez, sentiu seu coração acelerar.

— Você se importa? — Pedro perguntou e caminhou para o assento no sofá.

— Não, doutor.

— Me chame só pelo meu nome — pediu com um longo suspiro. Durante aquelas horas nem queria se lembrar de suas funções.

Ele só queria poder compartilhar da companhia agradável de Beatrice. A moça o fazia se sentir bem e, de certa forma, em paz.

— Está certo. Então, me chame pelo meu nome e não "Senhorita Mendes" — Ela deixou a bolsa na cadeira e se sentou na poltrona à frente dele. — Isso me faz sentir com 90 anos.

Sua fala conseguiu tirar um curto sorriso dele. Pedro desfrutou do alimento tão simples, mas que parecia ser a melhor comida já preparada que teve o prazer de apreciar. Sorveu o último gole de café e declarou:

— Obrigado pela gentileza. — E cravou o copo na mesinha.

— Fico feliz em ter sido útil. — Bea o dedicou um sorriso afável e tinha na mão a bolinha dele, estendendo ao juiz com gentileza.

— Beatrice, eu… — Ele massageou sua esfera amarela e tinha um olhar perdido.

— Dout... — parou e reviu as palavras. — Pedro, espero que confie em mim. Ninguém saberá que o encontrei dormindo no seu gabinete.

— Não me importo se as pessoas souberem. — Deu de ombros. — Nada disso importa. — Continuou com o movimento circular no objeto em suas mãos.

A jovem ao ouvir aquilo não soube como interpretar. Achava que o juiz era muito atento a sua posição diante dos outros.

— Não? — Bea ergueu a sobrancelha.

Beatrice percebeu que o homem não declararia nada sobre os acontecimentos do dia anterior. Um ensurdecedor silêncio pairou sobre eles e a fez ficar inquieta. Ela enxergou o romance de época que veio lendo e

havia deixado sobre a mesinha, tomou-o na mão outra vez e folheou as páginas.

— Gosta de ler? — o juiz indagou após vê-la abrir o exemplar.

— Bastante. É o meu momento de repouso mental, se posso dizer assim — falou com certa timidez e fechou o livro, repousando-o sobre o colo.

Ele assentiu e outro silêncio se impôs, pois a conversa não avançava. No entanto, a sua auxiliar ousou em dizer:

— Pedro — e o despertou de vagos e distantes pensamentos —, acho que precisa repousar.

Ele negou com a cabeça.

— Sabe, o que eu quero dizer com isso é que necessita descansar a sua alma. — Ele a olhou de imediato. — Jesus disse*:* "Vinde a mim, todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei"[2]. Precisa deixar na cruz todo esse fardo.

Pedro não conseguiu falar nada, apenas ouviu com grande dor no coração as palavras de sua auxiliar.

— A cruz é a esperança para nós pecadores. Ela não foi feita para os perfeitos e, sim, para nós, os doentes, os culpados, os que erram. Para nós pecadores que se arrependem dos seus maus feitos. — Bea sorriu, enquanto pensava na cura que Deus proporcionou aos homens por meio de seu Filho. — A verdade é que a vida é cheia de erros, mas a graça de Deus se manifesta em fazer dessas falhas meios de crescimento e amadurecimento.

Pedro mirou a luz do sol que entrava pela sua janela, e as memórias de seus deslizes e enganos voltaram à mente. Eles lhe recordavam da sua desobediência com os conselhos dos seus pais e amigos também. Estava tão cego na juventude e colheu frutos amargos de todas as suas escolhas.

— "Porque há esperança para a árvore, pois, mesmo cortada, ainda se renovará, e não cessarão os seus rebentos. Se envelhecer na terra a sua raiz, e no chão morrer o seu tronco, ao cheiro das águas brotará e dará ramos como a planta nova" — Bea recitou os versículos de Jó capítulo 14, versos do 7 ao 9. — Gosto desses versículos, pois eles me ajudam a crer que Deus é capaz de restaurar mesmo os que não tem mais forças. Porque nada é difícil demais para o Senhor Deus.

Pedro refletiu por um breve momento. Ele ficou admirado em ver como sua auxiliar era capaz de usar as palavras mais sábias a ponto de o calar. Admitiu nunca ter conhecido uma mulher como ela.



14-CONTRIÇÃO

Era noite quando Pedro entrou em seu apartamento. Estava tudo escuro, indicando mais uma noite solitária. Ao acender a luz seus olhos demoraram para se acostumar com a luminosidade. Se sentou no sofá, olhou para nada específico, deixando as lembranças vagarem até um passado não muito distante. As suas emoções pesavam em seu coração ao relembrar as decisões tão erradas, trazendo-lhe grande fardo.

Ele se inclinou para frente, apoiou os cotovelos em cima dos joelhos e afundou o rosto entre as palmas das mãos abertas, sentindo que merecia carregar cada uma daquelas consequências, só não sabia até onde iria e por quanto tempo mais aguentaria a culpa, a tristeza e o vazio. Tudo isso dominava sua alma, mente e coração. Então, uma de suas lembranças mais dolorosas retornaram e o atingiu:

"*Por que não escuta nossos conselhos? Você não era assim, Pedro", seu pai lhe dizia.*

“Vocês não entendem que eu já tenho idade suficiente para tomar minhas próprias decisões? Inferno!”, ele vociferou. Estava farto da atitude protetiva de seus genitores.

“Sabemos disso, mas agora não está fazendo boas escolhas”. A voz de Lorenzo Bernardi ficou mais grave e altiva. “E não iremos aprovar seu namoro com essa mulher. Se quiser ir em frente, pode ir. Mas não com nossa benção”.

Os olhos de Pedro faiscavam, ele trincou o maxilar, a passos duros pegou a chave da moto e partiu ao encontro de sua namorada.

Letícia era vibrante, cheia de sagacidade e esperteza. Se conheceram na universidade através de um grupo de estudo da pós-graduação. Ela cursava uma especialização em administração e Pedro ficou encantado com o modo da jovem, porém era reservado para expor qualquer interesse. Mas ela, com seu jeito de ser, o envolveu e o enlaçou em suas teias de paixão.

Naquela noite chuvosa, após mais uma briga com seus pais, Pedro a encontrou no restaurante e permitiu mais liberdade naquele relacionamento. Ele a beijou com força, sentindo o coração flamejar. Estava cansado de tantas regras e de ser sempre o menino certo e exemplar. O coração dele o instigava a se entregar sem medidas aos seus instintos masculinos. Fogo. Paixão. Ira. Pecado. Ele se entregava a isso mais e mais.

As palavras de Letícia sopravam em seus ouvidos e o seduziam. Afastou-se dos pais, amigos leais e, principalmente, de Deus. Não lia mais as Escrituras, não orava, não se reunia com os irmãos na fé. Escondeu no peito as verdades que lhe foram pregadas a vida toda. Ele só desejava uma coisa: aquela mulher. Após tantos convites de Letícia para aprofundarem o namoro e se conhecerem, enfim, se deitou com ela. Ele mudou desde então. Mudou por completo. Nunca mais foi o antigo Pedro Bernardi. E nunca mais voltaria a ser.

Esse contato que teve com ela, depois de três anos, expôs todos os seus pecados. Letícia Prado era como um espelho que denunciava todas as suas falhas. Ele merecia isso. Após cinco anos de namoro, descobriu a traição, levando-o ao desespero completo.

Ele se afundou nos estudos e trabalho, tornando-se grande em sua área. Orou a Deus e pediu perdão aos pais, mas não se sentia digno daquilo. Ele abandonou o Senhor no passado e não era justo voltar só porque havia se quebrado. Não era justo.

Ele suspirou.

O juiz mirou a porta branca do armário e se lembrou do presente que recebeu de um rapaz quando estava no seu pior momento. Na época, não deu valor às palavras do homem, mas naquela noite faziam sentido.

"*O álcool é nosso amigo. Ele nos ajuda a esquecer os problemas desta droga de vida". O homem de cabelo ruivo colocou a caixa com a garrafa de uísque nos braços de Pedro. "Você verá que vai trazer muitos benefícios e irá relaxar".*

Relaxar... Era isso que precisava.

Sem demora, caminhou à devida porta e viu a bela garrafa cristalina com o líquido cor de âmbar cintilante. Ele a pegou pelo gargalo, seguiu para a cozinha, na qual se serviu com qualquer copo, retirou a rolha e o cheiro da bebida invadiu o ar. Pedro colocou o líquido no copo, levou até a boca chegando a molhar os lábios, mas a lembrança da voz de Beatrice pareceu rasgar em seus ouvidos:

"*Jesus disse: Vinde a mim, todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei. Precisa deixar na cruz todo esse fardo".*

As palavras pareciam ecoar por toda a casa, o que fez o copo cair de suas mãos se estilhaçando no chão, chegando perto de feri-lo no pé.

"A cruz é a esperança para nós pecadores. Ela não foi feita para os perfeitos e, sim, para nós, os doentes, os culpados, os que erram. Para nós, pecadores, que se arrependem dos seus maus feitos. A vida é cheia de erros, é verdade. Mas, a graça de Deus, se manifesta em fazer dessas falhas meios de crescimento e amadurecimento".

A volta do conselho de Beatrice à memória fez seu coração se contrair. Então, Pedro Bernardi, após tantos anos, chorou. Ele chorou amargamente todos os seus pecados. Andou para um pouco longe do vidro quebrado e, com muita sinceridade, como há anos não conseguia fazer, orou:

— Deus, eu sei que merecia e mereço o inferno. Me deixei levar pelo pecado do meu coração e, assim, enxergo minha ferida e podridão. — A voz

dele estava embargada. — Mas foi para pessoas como eu que o Senhor morreu. O doente, caído, fraco e sem vida. — As lágrimas molharam aquele chão. — Por todos esses anos, eu queria encontrar em mim algo digno de valor para te apresentar, mas vejo que não posso. O senhor não está procurando nada disso.

Pedro parou por um momento e se lembrou do versículo 17 do Salmo 51: “Sacrifícios agradáveis a Deus são o espírito quebrantado; coração compungido e contrito, não o desprezarás, ó Deus”.

— Senhor, não quero justificar meus pecados. Eu errei com todos, contudo minhas maiores faltas foram para Contigo. Por isso, eu te peço: perdoa-me, ó Senhor! Ajuda-me a caminhar com toda a inteireza de coração outra vez. — Pedro comprimiu os olhos e as lágrimas desceram ainda mais. — “Cria em mim um coração puro e renova dentro de mim um espírito reto”[3].

Naquela noite, Pedro entendeu que nunca conseguiria ficar bom o suficiente para receber o perdão Divino. Na verdade, observou como o Senhor requeria um coração verdadeiramente quebrantado, que cresse na misericórdia concedida através do sangue derramado na cruz.

“Pois todos pecaram e carecem da glória de Deus, sendo justificados gratuitamente, por sua graça, mediante a redenção que há em Cristo Jesus”. [4]

A culpa era o seu cativeiro, mas o real arrependido reconhece os erros e aceita a graça imerecida do Senhor. E nisso não há mérito dos homens. Tudo vem somente de Deus.

Ele permaneceu em oração por mais um tempo. Ao se levantar, sentia o coração mais brando e em paz. Tomou um banho e, como há anos não conseguia, enfim, desfrutou de uma noite de sono reparador. Assim, ele sonhou:

O belo campo verde estava rodeado por árvores e o céu possuía um azul límpido. Mais distante se avistava um lago de águas cristalinas. Ele contemplava aquele espetacular cenário e, ao reparar em si próprio, percebeu que se encontrava sentado em cima de uma toalha de algodão azul e vestia roupas leves. Fechou os olhos para curtir a brisa contínua que

corria no lugar, porém sua tranquilidade foi despertada quando ouviu o som de uma criança, chamando:

— Papai! Papai! — o grito vinha de um menino loiro, que corria na sua direção. Ao se aproximar o abraçou, depois de cair em seus braços. Um largo sorriso surgiu nos lábios de Pedro.

— Papai, eu peguei uma borboleta! Olha! — Uma menina de olhos azuis corria também com algo em mãos. — Está vendo? — Ela chegou perto, balançando a borboleta dentro da compota de vidro.

Pedro se deslumbrou com aquelas crianças tão lindas e cheias de vida.

— Estou vendo, minha flor. — Ele ria. — Vocês são meus filhos? — indagou, não sabendo reagir àquilo, mas a alegria contagiava o coração.

A menina riu ao ouvir a inocente pergunta.

— É claro que somos. Não está nos vendo? — O menino franziu as sobrancelhas para Pedro.

Naquele instante, uma mulher apareceu no local. Ela colocava alguma coisa em cima de uma mesa de madeira. A menininha foi até ela.

— Mamãe, papai está perguntando se somos filhos dele. Vê se pode? — A garota, cheia de ousadia, falava à mãe.

Pedro olhou para a mulher que usava um vestido florido de comprimento abaixo de seus joelhos e um cardigan azul por cima. O vento balançava seus longos cabelos dourados.

— Vem comer, querido. Tudo está pronto. — A voz dela era doce e amável.

— Vamos, papai. — O filho puxou sua mão, fazendo-o levantar e ir até ela.

Aproximou-se por trás e o vento o fez inalar o cheiro da colônia dela. Inspirou o maravilhoso perfume que exalava da mulher. Permitiu-se mexer numa mecha do cabelo longo e ondulado dela e a fez virar, sentindo a maciez da sua pele. Era como uma rosa sem espinhos. Os olhos dela brilharam para ele e o seu sorriso meigo encheu seu coração de uma imensa alegria.

— Você!

Acordou do sonho.



15- SR.DARCY

“Mr. Darcy, atraiu desde logo a atenção da sala, pela sua estatura, elegância, traços regulares e atitude nobre...”

Beatrice suspirou outra vez ao ler a bela descrição da Jane Austen sobre seu mocinho. Amava o Sr. Darcy. Era uma verdade que não podia negar. Aproveitou o breve tempo de folga para apreciar seu livro favorito. Após uns minutos, a porta de sua sala foi aberta e Pedro apareceu diante dela com uma aparência mais sadia e, às pressas, ela guardou o livro na gaveta.

— Oh, Doutor Bernardi — chamou-o com um tom de voz assustado. — O que deseja?

“Esse homem um dia vai pagar meu cardiologista, é sério!”. Bea pensou.

— Nada — ele disse e sorriu, o que fez os olhos redondos de Bea quase saltarem em descrença. — E já falei que não precisa me chamar de doutor.

Bea achava que a petição dele sobre falar só o primeiro nome havia sido um erro no sistema mental do juiz no dia de ontem, ela deu um desconto pela situação, mas pelo visto o homem tinha um bom senso que às vezes funcionava.

— Ah...Ah... — Abriu e fechou a boca umas duas vezes. — Está bem. — Sorriu seco. — Tem certeza de que não é nada?

— Por favor, termine sua obrigação. Depois conversamos. — Foi o que ele falou, reparando em toda a arrumação da sala dela.

Ouvir o "depois conversamos" elevou a curiosidade de Beatrice. Meu Deus, o que tinha feito de errado? Procurou pensar que talvez ela tivesse posto o juízo no lugar e agora daria sua demissão com prazer, por isso obtinha até um sorriso no rosto.

Ela respirou fundo.

— Tudo bem, doutor. Eu estou pronta.

— Pronta para quê? — Ele franziu o cenho, olhando com incredulidade.

— Para o que vier. — Balançou a cabeça. — Pois há algo de errado — disse, um pouco nervosa.

— Não se preocupe. Pode finalizar em paz seu trabalho. — O juiz se acomodou no sofá diante da mesa dela.

"É hoje que minha cabeça vai rolar mesmo."

Ela ficou um pouco agitada por tê-lo ali, contudo o observou por trás da tela, após uns minutos, e viu que o chefe estava entretido num livro.

— Você gosta mesmo de ler, não? — Bea perguntou.

— Pode imaginar quantos livros tive que ler na faculdade. — Ele sorriu. — Tantas leis para aprender e fora as especializações e tudo mais. Livros são meus companheiros de vida.

— Livros são bons. Só não sei se os de direito estão nesse *ranking* — Beatrice brincou e Pedro balançou a cabeça, rindo.

— São "prazerosos" para quem gosta de estudar esses assuntos. Acaba se tornando um hábito. — Ele guardou o livreto na estante perto do sofá. — Você também gosta de livros, não?

— Eu gosto, mas não os de direito. — Deu um sorriso seco e pensou em como queria fazer faculdade de direito, se não gostava de ler aquilo. Mais uma de suas loucuras.

— Eu entendo. — Pedro franziu o cenho. — Posso tentar adivinhar seu gosto? — O juiz fechou um botão que havia soltado de seu terno.

— Pode sim — Bea estreitou o olhar para ver se o homem tinha boa percepção sobre ela.

— Aposto que deve amar romances.

Bea abriu a boca e fechou de novo. Poxa! Será que ela era tão transparente assim?

— Como soube?

— Sabendo. — Ele deu de ombros.

Ela crispou os olhos, mas considerou que o juiz tinha lhe visto com um livro no dia anterior. Era isso. Mas o motivo pelo qual o magistrado demonstrou interesse nisso era sua questão.

— Estranho — ela sussurrou. — Está mesmo tudo bem?

— Parece que não estou bem? — O chefe soltou uma risada.

— Não é possível. — Bea se levantou e bateu um livro na mesa.

Pedro no mesmo instante pulou do sofá assustado.

— Que é isso? — Demonstrou seu espanto.

— O que aconteceu aqui? — Ela balançou a cabeça. — O senhor nunca vem à minha sala para nada. Nunca parou para perguntar se gosto de algo, nunca teve um humor tão bom assim e isso acontece há um tempinho. Eu só posso supor que alguém invadiu seu corpo. — A careta de Bea denunciava sua incredulidade.

Pedro não aguentou e gargalhou alto.

— Você deve assistir muita ficção científica, Beatrice — o juiz declarou depois de se recompor.

— Jesus opera milagres, hein! — a auxiliar pronunciou para o homem.

— Oh, sim. Ele opera grandes milagres. — Pedro sorriu. — Já terminou?

Ela desligou a tela do computador e assentiu. Na verdade, tinha terminado tudo cedo, mas não ia dizer que acabou roubando tempo do trabalho para ler.

“Senhor, me perdoa.”

— Ótimo. Vamos?

— Para onde? — Bea transitou o olhar de um lado para o outro dentro da sala.

— Você vai descobrir agora.

Ela alisou sua saia, ajeitou os cabelos e caminhou ao lado do chefe até uma porta do lado direito do gabinete dele. Pedro a abriu e estava tudo

escuro, contudo, assim, que acendeu a luz, os olhos dela brilharam ao contemplar longas prateleiras cheias de livros. E, para sua felicidade, não tinha nada sobre leis. Eram livros de teologia, aconselhamentos e histórias. O céu na terra.

— Que maravilha! — A boca dela estava entreaberta ao ir lendo cada título.

— Fui comprando durante meus anos de universidade — ele contava. — Quando viajei para a Inglaterra, pude comprar algumas obras clássicas que estavam em ótimas condições. — Apontou para uma estante de madeira no canto esquerdo da sala. — Aí tem todos os livros de romancistas de época. Minha mãe me deu de presente.

Bea correu para aquele móvel e seus olhos reluziam ao ver as obras fantásticas. Aquilo custava uma fortuna.

— Por que sua mãe lhe deu romances? Você gosta? — ela perguntava, enquanto tirava um exemplar da prateleira.

— Não é algo pelo qual tenho tanto interesse. — Pedro removeu a poeira de um dos livros que estava num aparador e pôs em seu devido lugar.

— Então, por que livros desse gênero?

— Não faço ideia. — Ambos riram.

— Ah! Não me diga que nunca se esforçou ao menos para ler algum. — Bea o mirou, com um dos livros de capa de couro em mãos.

— Eu li um uma vez, mas já faz muito tempo. — Ele colocou as mãos no bolso e pareceu pensar.

— Qual o nome? — Bea semicerrou o olhar.

— Ah... — Pedro colocou a mão na cabeça, tentando se lembrar. — É um bem famoso, de uma autora antiga.

Ele fitou a auxiliar, que possuía uma indagação no rosto.

— Orgulho e Preconceito — falou. — Esse é o nome.

Bea deu um grito na sala, levando-o a se assustar. Pedro achava que a mulher acabaria tendo um treco bem na sua frente.

— Você leu meu livro favorito da vida! Conheceu meu amado! — Bea movimentou os braços com avidez, querendo passar toda a sua emoção. — Jesus, isso não é possível!

Ela não cria como Pedro, aquele ser turrão e chato, era o homem que tinha lido o livro que ela mais gostava. Que mundo estranho era esse? Logo aquele juiz?

— Seu amado? — Pedro semicerrou os olhos, querendo entender bem aquela expressão.

— Sim, o Sr. Darcy. O homem mais maravilhoso da Terra! — Ela apertou o livro que tinha na mão contra o coração, mostrando todo seu amor para com o personagem literário.

— Da Terra? — a voz de Pedro saiu incrédula.

— Com toda certeza. — Beatrice suspirou profundamente.

— Você sabe que ele é um personagem literário e nunca existiu. — O magistrado cruzou os braços sobre o peito e a fitou com seriedade.

Bea ficou boquiaberta com a falta de sensibilidade de Pedro. Ele não podia tocar na imagem que criada do espetacular Sr. Darcy. Aquilo era um ultraje!

— Você não pode falar dele assim. — A jovem respirou fundo para tentar acalmar os nervos. — Sr. Darcy é um exemplo do que os homens deveriam ser. — Pedro inclinou a cabeça para se certificar de que realmente estava ouvindo aquilo. — Um cavalheiro, amigo, bondoso, altruísta.

— Você jura, Beatrice? — O juiz semicerrou o cenho.

— É claro! — Ela deixou o livro no aparador e cruzou os braços.

— Achava que o modelo de exemplo para nós, homens, deveria ser Cristo. — Beatrice se sentiu desarmada com a pronúncia daquelas palavras. Sabia que não tinha como refutá-lo. — Você deseja um marido que ame como Cristo ou como o Sr. Darcy?

A moça estufou o peito umas vezes para tentar dizer algo, mas se recolheu de novo.

— Pedro, você é mau. Está acabando com todos os meus ideais, e pior que nem posso ir contra você. Como pode fazer isso? — Fechou as mãos e fez um bico de irritação, sentindo o peso das palavras dele. — Mas acredito que você entendeu o que quis dizer.

— Ora! Eu entendi e, por isso, não gosto do Sr. Darcy. — Ele puxou os lábios em uma linha reta e balançou a cabeça em reprovação.

— Não sei por que, ele nunca fez nada para você. — Beatrice soltou o ar e deu de ombros.

Pedro Bernardi resolveu ficar calado.

— Estes livros são esplêndidos. — Bea fugiu do assunto e contemplou mais uma vez a estante com todos os seus sonhos de consumo.

— Você gostou mesmo? — Ele analisou o brilho no olhar de sua funcionária, que tocava cada uma das obras, como se fosse um tesouro perdido.

— Eu amei. — A jovem se virou para ele sorrindo.

— Que bom. Todos esses de romances são seus!

Beatrice se apoiou na parede e colocou a mão no peito. A emoção parecia esvair todas as suas forças. Pedro achou que ela cairia no chão, mas quando se aproximou, percebeu como a jovem chorava de alegria. Muita alegria. E murmurava uma pequena oração com o rosto afundado entre as mãos.

— Seja muito abençoado, Pedro. — Bea ergueu a cabeça e proferiu em meio às lágrimas de felicidade.

Pedro, ao ver a satisfação dela, sorriu.



16-SORTEIO

Pedro e Beatrice saíram da pequena “biblioteca” e encontraram Andréa entrando no gabinete com um sorriso. Os dois pararam e olharam para a mulher, que se aproximou.

— Que bom que os encontrei — disse a cacheada. — Estamos fazendo o sorteio para o amigo oculto.

— Ah, que legal! — Bea bateu palminhas, seguido de um dos seus costumeiros sorrisos. — Eu gosto de participar dessas coisas. Acho tão empolgante a sensação do que vamos receber.

— Às vezes é bem legal mesmo, porém tem vezes que é um desgosto — Andréa soltou o ar, como se fosse a prova viva daquilo.

— Sério? Todas as vezes que participei ganhei coisas animadoras. — Beatrice olhou para o chefe, que apenas reparava suas ações com expressões suaves e mãos nos bolsos. — Uma vez ganhei um livro, em outra uma pulseira de ouro branco e teve uma vez que ganhei um passarinho.

Pedro e Andréa franziram os cenhos.

— Quem dá um passarinho num amigo oculto? — Andréa perguntou incrédula e o juiz gostaria também de saber a resposta.

— Ah! Foi no ensino médio. O pai do meu colega era veterinário e ele sabia que eu gostava de aves bem coloridas e me deu uma. Fiquei encantada. O pássaro durou dois anos e depois partiu para o além — Bea falou com um pesar no final da frase, pois sentia a falta do bichinho. — Bartolomeu, eu nunca te esquecerei. — Ela pôs a mão no peito com saudosismo.

De repente, todos os três se calaram e apenas se olharam como se algo muito importante tivesse sido nomeado. Um vento forte entrou na sala e fez a porta do gabinete, que tinha sido deixada levemente aberta por Andréa, bater com força e assustar os três. Bea colocou a mão no peito, denunciando seu repentino pavor.

— Nossa! Isso aqui ficou pesado, hein. Vamos voltar para o sorteio? — Andréa mudou o rumo do assunto fúnebre e o juiz se conteve para não mostrar a diversão que sentiu com o semblante das duas. — Os nomes estão aqui dentro desse saquinho, é só retirar.

Ela estendeu para os dois a sua frente, Bea retirou primeiro, e Pedro logo em seguida. Assim que leram quem era o amigo oculto ambos se olharam e nada disseram.

Um breve silêncio pairou entre os três e Bea cortou o clima quieto, perguntando:

— Por que amigo oculto nessa época do ano?

— A gente comemora a festa junina do nosso jeito, com direito a comida e presentes — a jovem cacheada explicou, com um largo sorriso, mostrando a empolgação.

— Isso é bem legal — Bea falou e mirou com simpatia para o juiz, que não conseguiu devolver o gesto mesmo que mais contido. — Serve para fortificar os laços.

— Você não tem noção. — Andréa confirmou.

— O senhor gosta? — Bea quis ouvir Pedro porque estava todo aquele tempo calado.

— Acho bem conveniente. É importante manter um clima de comunhão no trabalho — foi a resposta dele.

Beatrice mirou Andréa com o cenho franzido, pois aquilo era estranho. Logo vindo dele, o último a criar comunhão com alguém.

“Se bem que nos últimos dias as atitudes dele estão melhorzinhas”. Ela pensou. “Ou pode ser uma farsa para o que vem depois?”, uma voz dentro dela indagou.

Beatrice balançou a cabeça para desvencilhar aqueles pensamentos, porém algo mais forte rompeu suas divagações.

— Se a montanha não vai a Maomé, Maomé vai à montanha. — Uma mulher loira declarou, de braços abertos, indo em direção ao juiz, tomando-o num abraço esmagador.

Bea contemplou a cena pasma, e Andréa, ao lado, ria. Ela notou como a jovem senhora de postura ereta, cabelos loiros, magra, vestida num conjuntinho social de tons pastéis e uma bolsa de couro apoiada em um dos seus braços, muito bem afeiçoada, se parecia com o juiz. Seria a mãe? Oh, não podia ser!

— Célia não passou meus recados? — a senhora indagou, colocando os braços na cintura, assim que se afastou do homem.

— Ela me informou, sim — Pedro disse, com calma. — Eu faria a ligação, mas tive um imprevisto.

A senhora jogou as mãos livres para o ar, mostrando sua indignação.

— Essa sua desculpa é velha, meu filho. — Apontou o dedo para ele. — Inventa outra que é melhor. — Bufou e balançou a cabeça em repreensão a sua cria.

Beatrice riu do jeito descontraído da mulher, o que chamou a atenção do juiz. Ela, ao pressentir o olhar dele, engoliu a diversão que sentia.

— Ora, mas o que temos aqui. — A mulher se virou para a auxiliar ao lado. — Se não uma jovem tão bonita.

— Beatrice, essa é a senhora Maitê, minha mãe — o juiz apresentou uma à outra. — O que faz aqui, mãe? — Ele estreitou o olhar para sua genitora.

— Vim ver minha cria, pois fui abandonada. — Maitê dramatizou toda a situação, a ponto de colocar a mão na testa e fazer uma careta melancólica.

Pedro balançou a cabeça ao ver aquela cena, e Beatrice colocou a mão na boca, na vã tentativa de reprimir a risada que queria escapulir dos seus

lábios. Andréa não se aguentou.

— Santo Deus! — ele zombou com os olhos semicerrados. — Deixe o drama, senhora Maitê.

— Não posso. Porque quem sabe assim você se sente um pouco culpado por não me visitar com mais frequência. — Ela se virou para as duas funcionárias ao lado e declarou: — Sabiam que o juiz de vocês, esse desnaturado, não vê os pais há três meses. — Ela voltou a visualizar o filho. — É um homem sem coração. Quem é você e o que fez com meu filhote?

Beatrice não desejava, mas não suportou e soltou uma gargalhada. Andréa a acompanhou no mesmo espetáculo de risada. Pedro gostaria de proibir aquilo, mas conhecia muito bem a mãe para saber como os seus exageros levavam qualquer um à diversão. Era algo que não conseguia mudar.

— Esse filho desnaturado tem trabalhado demais. — Ele cruzou os braços com um sorriso casto no canto dos lábios. — Afinal, foi para isso que me criou, não?

— Seu pai fez isso. — Ela, na maior ousadia, apertou as bochechas de Pedro. — Eu queria você só para mim.

Beatrice achou fofo a interação entre eles, apesar de saber que somente a mãe dele teria tamanha audácia com o juiz Bernardi.

— Mamãe, estou no trabalho. Por favor! — O filho tirou a mão dela do rosto com delicadeza.

De repente, a porta do gabinete se abriu e alguém chamou o juiz para ver algo. O magistrado pediu licença, chamou Andréa para acompanhá-lo e solicitou que Beatrice fizesse companhia para sua mãe.

— Esse menino, sempre tão ocupado — Maitê disse, sentando-se no sofá no meio da sala junto com Bea. — Tenho andado preocupada com ele. — Aproveitou a situação e contou sua aflição maternal sem ao menos perguntar se a jovem gostaria de ouvir. — Pedro trabalha tanto que tenho medo de uma hora ter um infarto por excesso de serviço. Ah, meu Deus! —— Olhou para Beatrice e jogou as mãos para cima. — Me perdoe por este comportamento. — A senhora, enfim, se deu conta de estar desabafando com uma desconhecida.

— Não tem problema. — Bea comprimiu os lábios em um sorriso. — Fique à vontade.

— Você é um amor. — A mulher retribuiu a cortesia. — Ele faz muito isso como um escape dos problemas...

Maitê encontrou nos ouvidos da jovem um meio de expor a tormenta com a situação do filho. A auxiliar só a ouvia, e quando a mãe do chefe terminou suas lamentações, Beatrice disse:

— Senhora Maitê, as Escrituras nos ensinam que não sobrevém a nós tentação que não seja comum aos homens, e Deus é fiel e por isso não permite tentação maior que nossas forças[5]. Seja qual for o problema, o Senhor Deus pode transformá-lo em meios para gerar frutos de justiça.

— Tem razão, Beatrice! — A mulher disse em êxtase. — Suas palavras foram sábias. Muitas vezes as circunstâncias nos fazem esquecer as promessas, mas o Senhor Deus nos relembra.

— Fico feliz. — Bea sorriu e se levantou do sofá. — Bom, eu preciso voltar às minhas funções.

Maitê assentiu.

— Obrigada, Beatrice. Você realmente é uma auxiliar — Maitê declarou as palavras com intenções ocultas.

Bea sorriu.

— Ainda bem que meu filho a contratou. — A mulher, ao ver aquela jovem de aparência tão angelical, não se conteve e a abraçou com apreço, pegando Beatrice de surpresa, mas depois retribuiu o gesto amável da senhora.

— Espero que Pedro perceba a boa auxiliadora que tem do lado — Maitê deu um sorrisinho, que fez Bea franzir o cenho.

— Tenha uma boa tarde, senhora.

Bea sem muita reação entrou em sua sala, se escorou na parede e exclamou:

— Meu pai, não acredito nisso. — Levou as mãos à boca entreaberta. — É cada coisa que me acontece. Que lugar doido de se trabalhar!



17-BRIGADEIRO

“Quero que valorize o que você tem. Você é um ser, você é alguém tão importante para Deus...”

Bea cantarolava essa música e pegava seus cremes hidratantes para ter uma noite de SPA só dela. Há tempos não usufruía de um tempo assim, mas agora tinha conseguido dinheiro para comprar seus cosméticos. Passou uma máscara facial e deitou a cabeça sobre os travesseiros macios, relembrando dos livros que havia recebido do patrão. A sua felicidade não cabia dentro do peito.

Fechou os olhos e, de repente, o alerta brilhou em sua cabeça, fazendo-a lembrar que dentro de uma semana seria realizado o amigo oculto e não tinha ideia do que poderia dar para a pessoa que tirou no sorteio.

— Pensa, Beatrice. Pensa. — Apertou suas têmporas, tentando extrair o mínimo que fosse de criatividade. — Deus, por favor, dá-me uma...

Um lampejo de uma ideia iluminou sua mente, então se levantou e saiu correndo em direção ao quarto da prima. Ao abrir a porta, um grito de horror foi dado e pipocas voaram para cima, pois a prima deu um salto para trás e o

som dos gritos se intensificou. Bea parou em frente a televisão e desligou o filme de terror que Flávia assistia.

— Pelo amor, Beatrice! Vai assustar os mortos no cemitério com essa sua máscara verde. — Flávia se levantou e tirou as pipocas que haviam caído sobre seu corpo.

— Largue de ser medrosa. — Bea se sentou na beirada da cama, ao lado da prima. — Eu preciso de sua ajuda.

— Ajuda para quê? — Flávia inquiriu, enquanto comia os grãos de pipoca que restaram na vasilha.

— Para um presente de amigo oculto.

— E o que seria?

Ao ouvir a pergunta, Beatrice ergueu a sobrancelha e deu um sorrisinho sapeca.

— Vou fazer brigadeiro e a gente conversa melhor. — Bea deu uma piscada com diversão.

Uma hora mais tarde, as primas se lançaram sobre o sofá da sala com uma panela de brigadeiro. Flávia perdeu seus pais quando criança, a senhora Rosana tomou sua guarda e a criou com o mesmo carinho e devoção que dedicou à filha. Ambas se viam mais como irmãs do que primas.

— E sobre o que é o presente? — Flávia perguntou curiosa, e Bea falou no seu ouvido a ideia.

A menina soltou uma risada.

— Isso é um absurdo. Como tem coragem, Bea?

— Acho que vai ser bem propício. — Bea deu de ombros e, rindo, comeu um pouco de brigadeiro.

— Você tem uns parafusos a menos — Flávia levou a primeira colher com o chocolate à boca. — Me conte sobre seu trabalho.

— As atividades são boas, mas a interação com o juiz, de início, foi o mais difícil.

— Por quê?

— Ele é bem esquentadinho... — Suspirou. — Mas tenho visto que é uma boa pessoa.

— Boa pessoa e... — Flávia semicerrou os olhos e deu um sorrisinho maroto.

— Ah, eu não sei. Ele é cristão também. — Bea olhou de soslaio para a prima, mas a moça continuava com sua postura inquisitiva. — Tudo bem, admito que é um dos homens mais lindos que já vi na vida. — Jogou a cabeça para trás ainda lembrando daqueles olhos azuis.

— Ah, sim. — A prima riu. — É bom ver alguém bonito. Onde eu trabalho, só a misericórdia do altíssimo. Acho que Deus não estava de muito bom humor quando os fez.

— Você é louca, Flávia.

— E é por isso que me ama. — Passou a mão no nariz de Bea.

— Certeza.

— Você sempre com essas perguntas capciosas — Bea empurrou a prima com graça.

— Me faz ter esperança. — A jovem riu da sua façanha.

— Esperança de quê?

— Sei lá! — Flávia quicou os ombros. — Só me faz.

Bea balançou a cabeça com as loucuras da prima.

— Agora, lembrando que ele é "esquentadinho", devemos pensar que pessoas difíceis servem para trabalhar nossa misericórdia. Porque também somos complicados — Flávia refletiu e comeu mais um pouco do seu doce preferido.

Beatrice assentiu.

— Admito que o juiz Bernardi me fez exercitar mais a misericórdia nesses três meses e meio do que qualquer outra circunstância na vida. Nem com a morte do papai tive que trabalhar tantas virtudes. — Beatrice suspirou e saboreou o doce outra vez.

— É para isso que os relacionamentos servem, não? Nos estimulam a santidade através das dificuldades, que nem sempre são tão bem aceita assim.

Bea deitou a cabeça no ombro da prima.

— Ainda bem que depois de guerrear com o mundo eu posso encontrar alívio aqui em casa com você e a mamãe.

— Sempre combateremos juntas! — Flávia levantou o braço como se estivesse segurando um estandarte.

— E como anda seu emprego? — Bea indagou, comendo mais um pouco.

— Tenho uma novidade. — A prima deu um salto no sofá. — Dona Maísa, a dona da loja, disse que irá me promover ao término do meu curso de gerência. — Bea subiu no estofado, levando a prima também a comemorar com pulos e altas risadas em meio aos abraços calorosos de alegria.

— Doidas! — Rosana gritou ao chegar à sala e contemplar aquela cena.

As meninas gargalharam e caíram sobre o sofá, a ponto de quase virarem para o outro lado.

— Faz bem um pouco de loucura na vida, tia — Flávia declarou com uma piscada para a senhora com o rosto fechado por causa do sono interrompido.

— E estamos comemorando as bênçãos do Senhor — disse Beatrice com os braços erguidos para cima.

— Arrumem a sala quando forem dormir — a mulher ordenou, voltando para os seus aposentos, querendo dormir o mais rápido possível. Senhora Rosana se sentia muito cansada e seu corpo parecia desfalecer a cada dia, mas não contava isso a ninguém.

— Ah, você não sabe da nova — Beatrice proferiu mais baixo. — O juiz me deu uma coleção de livros.

O queixo de Flávia foi ao chão.

— Depois de um presente desse, você deveria beijar os pés dele. Mal sabe que presenteou uma das maiores leitoras de Santa Catarina.

— Deus conhece meu endereço — Bez fez uma cara de quem estava orando.

— Você não presta! — Flávia jogou uma almofada nela. — Bea, vigie.

— Por quê?

A prima riu, tirando o cabelo do rosto.

— Esse seu doce coração pode te trair.

— Que horror! Nunca poderia me apaixonar por Pedro Bernardi. — Fez uma careta e fingiu um arrepio. — Somos como água e óleo que não se misturam.

— Às vezes, Deus muda o componente químico, vai saber!

— Nem pensar. — Bea jogou uma almofada na prima. — Dessa vez suas loucuras foram longe demais.

— Digo nada.

As duas jovens restabeleceram sua posição e se atentaram para assistir um filme. Mais tarde se recolheram ao som da chuva que descia, a fim de estarem descansadas pela manhã.



18-PRESENTE

Junho de 2016

Uma semana depois.

A 4ª vara da infância e da juventude, na tarde de sexta-feira, estava toda ornamentada com mesas de doces e salgados. Os presentes amontoados num canto determinado, estavam sob olhares e falatórios curiosos, despertando o espírito abelhudo de todo mundo. Era um cenário engraçado.

— O que será que eu vou ganhar, hein? — Fernanda, uma das assessoras, indagava. Ela sempre andava impecável, desde o cabelo até o dedo mindinho.

— Espero que eu ganhe algo bom, senão fico com o presente que comprei — Marluce, uma das recepcionistas, falou com a certeza de fazer *mesmo* o que disse.

Beatrice chegou em meio às conversas agitadas, estava apreensiva sobre o seu presente. Esperava de coração que o "amigo" gostasse.

— Bea, venha cá — Andréa chamou de longe. — Achava que não sairia da sua sala.

Bea se aproximou da amiga com um abraço apertado, transparecendo seu nervosismo.

— Está bonita! — Andréa elogiou ao olhar bem para o figurino de Bea, que vestia um tubinho preto e branco com estampas quadriculadas e um pequeno salto alto nude.

— De vez em quando é bom se arrumar. — Bea proferiu, e a colega riu.

— É verdade. — E puxou a amiga para ajudar na organização dos descartáveis.

Vinte minutos depois, tudo estava pronto. Para começarem, só faltava a presença do Doutor Bernardi, mas não demorou para o verem chegando em sua roupa social, que já no fim da tarde ele permitiu deixar os botões do terno aberto.

Bea admitiu para si como a aparência um pouco mais despojada o fazia mais bonito, combinando com o seu jeito mais reservado. Era um colírio para os olhos. Seu coração, sem seu consentimento, deu um salto dentro do peito, o que a fez desviar o olhar.

— É uma dádiva ter um chefe tão lindo — Andréa sussurrou para Bea, rindo. — Já faz três anos que trabalho aqui, e a cada dia ele fica mais bonito. Isso faz até a gente esquecer um pouco as chatices dele. — Riu baixinho.

Beatrice corou, mas tinha que concordar. De novo, se voltou para ele, que a enxergou, recebendo um sorriso meigo por parte do chefe. Ninguém mais percebeu aquela cumplicidade. Bea apenas retribuiu a "estranha" gentileza do juiz.

— Vamos começar? — Marluce arrumou sua cadeira de rodas e assim todos foram se ordenando até fechar um círculo.

— Por quem começará? — Laura, uma analista judiciária, falou.

— Pela Andréa, foi ela quem inventou de fazer esse amigo oculto — Marluce afirmou. — Concordam?

O som das vozes em coro ressoou em concordância.

— Tudo bem, eu começo. — Andréa seguiu para o meio da roda. — O meu amigo oculto é aquele ser humano chato, mas legal ao mesmo tempo. — Todo mundo riu. — Mas é uma mãezona e acredito que todas nós a amamos. — Parou fazendo um suspense. — É a... Marluce.

O pessoal bateu palmas.

— Eu tinha uma leve impressão — Cláudio, o vigilante, disse.

Andréa entregou seu presente para Marluce e a ajudou a se posicionar no meio da roda.

— Me sinto lisonjeada por ser considerada uma mãezona. — A cadeirante abriu os braços para mostrar o tamanho da sua gratidão. — Bom, minha amiga oculta é um ser humano desleixado, sem vaidade nenhuma, chega todos os dias maltrapilha. — As pessoas ficaram encarando umas às outras porque ninguém se vestia assim. Até entenderem que ela estava falando ao contrário.

— É a Gisele? — Laura palpitou.

Marluce olhou e declarou:

— É você, Gisele. — Indicou a moça que veio até ela desfilando em seu salto alto e distribuindo sorrisos para os colegas de trabalho.

— Obrigada, querida — agradeceu. Ela era uma mulher elegante em todo seu proceder. Recebeu o presente e falou: — Meu amigo oculto é o mais novo de todos nós. Ele é um poço de chatice e enjoo, mas sempre nos faz sorrir. — Parou e observou se alguém chutava o nome.

— É o Bernardo! — Fernanda afirmou ao lado do menino e o cutucou o fazendo sentir um ardor na pele.

Gisele confirmou com um sorriso e entregou o presente ao jovem, que se colocou ao meio com certo nervosismo. Bernardo era um dos estagiários. Com a voz um pouco trêmula, começou:

— O que eu poderia dizer sobre minha amiga oculta? — Ele olhou para a mesa cheia de doce e soltou um suspiro, sorridente. — É bonita, alegre, comediante, descobri há pouco tempo que é uma doceira de mão cheia.

Do lado direito da mesa de doces e de braços cruzados, Andréa ao ouvir aquelas palavras olhou de escanteio para Beatrice, que percebendo o olhar da amiga engoliu em seco.

— Parece que está se declarando, hein? — Jonathan, o psicólogo, disse. O que acabou agitando o pessoal.

O juiz assistia tudo aquilo com uma expressão curiosa, e Bea vendo-o à distância o achou encantador na expressão de cenho franzido e lábios comprimidos. Ela balançou a cabeça para dispersar os pensamentos intrusos.

“Que isso, Beatrice?”. Ela voltou sua atenção para a festa.

— Huumm! — Os demais resmungaram rindo.

— Quem é ela? — Jonathan perguntou. — Por enquanto, ela não vai querer te matar aqui na vara, você pode correr o risco. — Todos riram com as palavras do psicólogo.

— Diz logo! — Os colegas pediram, curiosos.

— Minha amiga oculta é a Andréa. — A mulher quase infartou ao perceber aquele olhar brilhante do jovem em sua direção.

— Arrebentando os corações, hein? — Bea a empurrou de lado com o ombro, tirando graça com a colega.

— Nem me fale. Vou matar aquele menino. — Andréa respirou fundo e fitou o rapaz no meio do círculo segurando seu presente.

— Para com isso. Ninguém escolhe por quem se apaixona — Beatrice repreendeu, observando a amiga de escanteio.

— Eu escolho! — ela afirmou e andou até o meio do círculo. — Parem com isso, gente — advertiu o pessoal sobre as insinuações e recebeu o presente dela. O olhar do menino queria dizer muitas coisas, mas ela se afastou com rapidez.

— "É o amor que mexe com a minha cabeça e me deixa assim" — Cláudio, o vigilante, cantarolou ao constatar a paixão do estagiário por Andréa e todos riram.

Depois de uns minutos, as pessoas acalmaram os ânimos e Marluce perguntou:

— Quem é agora, já que voltou para Andréa?

— O nosso querido juiz pode recomeçar — Andréa sugeriu, andando para o lado de Beatrice.

— É verdade. Doutor Bernardi, nos dê a honra. — Marina, a assistente social, pronunciou.

Ele assentiu e se posicionou no meio do círculo.

— Minha amiga oculta, é uma pessoa muito organizada e que gosta de ler — ele pronunciou enquanto mirava para o presente em suas mãos. — Eu sinceramente espero que ela goste. — As palavras dele foram simples e diretas, não dando muito espaço para as pessoas especularem algo além.

Os funcionários iam e vinham com os olhares de indagações sobre quem poderia ser. Pedro visualizou a mulher que trabalhava dia a dia ao seu lado e

ela se arrepiou com aqueles olhos em sua direção.

— A minha amiga oculta é você, Beatrice — revelou e todos ficaram calados.

Uma gota de suor desceu pela nuca de Beatrice, levando-a a sentir uma emoção desconhecida até então. Pedro estendeu em direção a sua auxiliar o pequeno presente envelopado num papel branco cintilante com um laço vermelho em volta. O pacote era lindo.

— Vai lá. — Andréa empurrou a amiga paralisada ao seu lado.

Bea soltou o ar preso em seus pulmões, assentiu e, em passos lentos, se aproximou do juiz e recebeu o presente.

— Uma foto — Andréa falou e a luz do flash brilhou. Os dois, um ao lado do outro, visualizaram a câmera e deram um sorriso tímido.

Ao ver Andréa se afastando com a máquina, Pedro voltou a sua posição na roda, ao lado dos seus colegas de trabalho que ainda estavam sem reação, ninguém compreendia de fato o motivo do silêncio criado no ambiente.

Beatrice, um pouco emocionada, olhou para todos, engoliu a saliva presa nas suas cordas vocais, respirou fundo e começou seu pequeno discurso sobre o seu amigo oculto.

— O meu amigo oculto é uma pessoa muito boa no que faz, admiro sua organização e é eficiente. Confesso que o gosto dele ainda não é tão conhecido por mim. — Sorriu para descontrair. — Então, procurei atender uma de suas necessidades.

Aquelas palavras deixaram nas expressões faciais dos colegas uma incógnita sobre qual o conteúdo do presente. Ninguém havia entendido nada.

— O meu amigo oculto é o juiz Pedro Bernardi — revelou, apontando na direção do chefe.

Pedro, ao ouvir seu nome, a olhou fixamente, mostrando sua surpresa ao ter sido tirado por ela.

— Ahhh! — Todos exclamaram ao mesmo tempo, intercalando o olhar entre o chefe e a auxiliar.

— E o meu presente não está aqui. — Bea umedeceu os lábios e deu um leve sorriso. — Eu gostaria que o senhor me seguisse. — Indicou o caminho até o local onde se encontrava seu presente.

O juiz semicerrou os olhos ao ver a funcionária indo em direção a sua sala. Estava incrédulo acerca daquilo, mas obedeceu ao pedido de Bea e foi no seu encalço. Os demais, vendo-os partir, seguiram a ambos. Pedro e Beatrice chegaram à frente da porta do gabinete e ele tinha um olhar questionador. Ela deu um sorrisinho sem graça e deu de ombros.

"Seja o que Deus quiser!". Pensou ela.

— Feche os olhos — pediu e ele franziu o cenho. — Por favor. — Juntou as mãos numa pequena súplica e o juiz obedeceu. Bea abriu a porta, só então disse: — Agora pode olhar — ordenou ao chefe.

Ao levantar suas pálpebras, a visão de sua sala o paralisou. O pessoal atrás esticava o pescoço para ver o escritório, porém não entenderam o "presente". Contudo, Pedro compreendeu bem. Ele ainda fascinado e em passos lentos começou a entrar no ambiente, mas parou antes de entrar completamente e se virou, pronunciando:

— Caros colegas, vocês já viram o meu presente. — Riu, pois percebeu a interrogação no olhar de quase todos. — E como eu e Beatrice tiramos um ao outro, não precisam da nossa presença para continuar a brincadeira. Por favor, poderiam nos dar um momento?

Assentiram e, aos poucos, retornaram para o lugar da festa, mas os cochichos rodavam na boca de um por um.

— Poderia me acompanhar? — Pedro chamou Beatrice para dentro da sala.

— Sim, doutor Bernardi — Com as mãos entrelaçadas o acompanhou e ele fechou a porta atrás de si. Só estavam eles dois na sala.

— Como você pôde fazer isso? — Ele andou até a direção de sua mesa e avistou aquela pintura de um homem do século XIX.

— Eu queria que vocês dois se entendessem e por isso pedi a minha prima para fazer uma pintura do Sr. Darcy em sua homenagem. — Os olhos de Beatrice estavam saltitantes ao ver as linhas de expressões na testa do chefe com aquele seu presente.

— Ou talvez, você só tenha feito isso para que eu não gostasse ainda mais.

A jovem não se aguentou e deu uma alta risada, e Pedro cruzou os braços diante dela.

— Eu não sei. — Ela pôs a mão sobre a boca para se conter. — Mas algo em mim deseja que vocês dois se deem bem.

— Beatrice, eu nem sei o que dizer. — A essa altura, Pedro poderia julgar que sua auxiliar possuía pensamentos muito estranhos sobre a fantasia e a realidade.

— Por favor, não me ache louca — disse, como se acabasse de ler os pensamentos dele. — Vamos! — chamou-o com umas das mãos e se direcionou para o local da porta de entrada da biblioteca. — Na verdade, seu presente está aqui.

O juiz franziu as sobrancelhas e refletiu sobre o que se apresentaria diante dele agora: uma lhama ou quem sabe uma jaula? Esperava de tudo vindo dela.

Beatrice com um sorriso tímido abriu a porta, e a visão que Pedro teve foi de um pequeno oásis. A pequena biblioteca tinha sido redecorada. Os livros outrora empoeirados e desorganizados estavam todos alinhados, limpos e etiquetados. No canto, uma poltrona confortável e uma mesinha ao lado. Pedro elevou os olhos, a fim de enxergar todas as prateleiras. Era incrível! Aquele espaço antes terrível estava impecável. Um ótimo local para pequenos momentos de descanso.

— Eu sei o quanto você trabalha e queria que tivesse um local para descansar. — Bea tinha um sorriso dócil nos lábios. — Suas dores de cabeça têm sido frequentes com tanto serviço ultimamente, agora poderá ter um local de silêncio por alguns minutos. — A preocupação exposta na fala da auxiliar tocou em Pedro, a sinceridade e doçura dela o comoveram.

— Como conseguiu fazer tudo isso em poucos dias?

— Um pouco de trabalho braçal e horas extras. — Bea riu, acanhada.

— Devo pagá-la por isso. — A olhou com seriedade.

— Não mesmo — a jovem protestou. — Este é o meu presente. O seu contentamento com ele já é a minha recompensa.

Pedro Bernardi visualizou o chão, colocou as mãos no bolso e balançou a cabeça. Se sentiu envergonhado por dar aquele minúsculo presente para Beatrice, enquanto ela trabalhou duro para presenteá-lo com algo exemplar e de grande valor.

— Não acredito que fez isso sozinha — ele falou.

— Eu tive uma ajudinha — Bea respondeu. — Como não conheço seus gostos direito, resolvi facilitar sua vida — Um riso tímido nasceu nos lábios.

— Você fez tudo isso por mim e eu apenas lhe dei isso. — Apontou para o presente nas mãos da auxiliar.

— Ah, não se preocupe. — Ela abanou a mão no ar e deu de ombros. — Tenho certeza de que deve ser excelente.

— Por favor, abra. E se não gostar, fale. Eu trocarei na hora. — Pedro estava tão envergonhado pelo pacote em comparação com aquela sala, que naquele momento daria até uma viagem para Paris se ela quisesse.

Bea abriu o presente e quando o viu, gotículas de águas se formaram no canto de seus olhos, fazendo sua visão embaçar. Pedro, vendo a emoção no rosto dela, indagou:

— Você está bem?

— Estou sim. — Ela passou o polegar ligeiramente ao redor dos seus olhos. — É lindo demais. — Direcionou um sorriso cortês ao juiz. — É perfeito!

O diário de oração de capa dura tinha um aspecto de livro antigo, com folhas mais grossas e uma caneta embutida ao lado. Beatrice parecia amar cada detalhe.

— O senhor não poderia me dar um presente melhor. — Se aproximou e o tocou no ombro, mostrando sua amizade e real gratidão.

Pedro retirou a mão dela de seu membro e a segurou, sentindo como sua pele estava fria e a contemplou por uns instantes. Bea apreciou aquele toque e seu coração disparou, levando uma lágrima solitária a escorrer pela face.

— Muito obrigada, Pedro. — E recuou com a mão.

— Eu é que agradeço — o juiz tinha os olhos fixos nela, percebendo a emoção exposta no rosto de sua auxiliar.

O sorriso feliz de Bea alegrou o ambiente e aqueceu o coração dele.

— Vamos voltar? — Bea balançou a cabeça e tentou clarear os pensamentos.

— Pode ir, eu irei logo atrás — garantiu.

Bea assentiu e se foi, deixando-o com os pensamentos a mil. Ele apenas acompanhou os passos dela até sumir de sua vista e a porta se fechar.

O juiz se sentou no sofá e inspirou fundo. Por um momento, comparou sua auxiliar com a ex-noiva. Para Leticia fazer aquilo seria a morte, porém Beatrice fez sem querer nada em troca. Ela não queria nada, apenas o fazer feliz. Letícia nunca receberia um diário e ficaria satisfeita, mas para Bea aparentava ser o mais valioso diamante.

“Como pode ser tão feliz com algo tão pequeno?”, se perguntou e reconheceu que ela era diferente.



19-AFRONTA

— Já estou indo, só um minuto. — Bea corria depressa para atender o telefone que não parava de tocar. O tirou do gancho e disse: — Alô!

— Gostaria de falar com Beatrice Mendes, por favor. — Era uma mulher do outro lado da linha com seu discurso pronto.

— Sou eu — Bea respondeu. — E se for coisas para vender, já fique ciente que não gosto de fazer dívida. Obrigada.

— Não, não. Na verdade, estou ligando do SPA Shambala. — Bea crispou os olhos para aquela conversa. — Tem um pacote comprado em seu nome. Estou apenas confirmando.

— Como? Mas eu não comprei nada, moça. Você deve estar confundindo. — Queria resolver logo o mal-entendido. — Não que eu acharia ruim um dia no SPA — brincou. — Porém, não sou eu.

— O pacote foi comprado para Beatrice Mendes por Pedro Bernardi. Ele informou que poderia citá-lo se você não quisesse aceitar — a mulher declarou, e Bea ficou de boquiaberta.

“Certeza de que ele fez isso pensando no amigo oculto”.

— Então, você virá? — A moça ao telefone perguntou.

— Se compraram, eu vou, sim.

“Eu não vou perder uma oportunidade tão boa.”

— Compareça hoje às 14h e informe seu nome na recepção. Será um prazer atendê-la. — Fez o discurso final de qualquer pessoa que trabalha com atendimento ao público.

Beatrice desligou e pensou como Pedro deveria estar acostumado a nunca receber nada de graça.

“Você precisa mudar isso, gelinho”. Riu e foi para o quarto arrumar suas coisas.

Horas mais tarde, Beatrice adentrou no estabelecimento aconchegante e elegante. Nunca tinha visitado um SPA tão luxuoso portanto, agradecia a Deus pelo mimo, pois ela amava se cuidar.

“Você tem bom gosto, Pedro Bernardi”, Admitiu.

Apresentou-se na recepção e a atendente, por nome Kelly, explicou o pacote comprado e quais serviços à disposição, como massagem com pedras quentes, esfoliação corporal, limpeza de pele + peeling diamante. Beatrice ficou boquiaberta.

— Acho que qualquer coisa que tenha diamante é caro, não? — Bea disse para a mulher, que sorriu.

— Não é barato mesmo. — A atendente de cabelos ondulados e pele negra ficou ao lado dela. — O pacote comprado foi especial — revelou com um sorriso sugestivo.

— Nossa! Quanto esmero!

— Se me permite, muitos homens que compram esses pacotes o fazem para expressar um carinho maior.

Kelly a olhou com graça e a levou para um espaço amplo com vários armários, bancos no meio, pias e espelho, deu-lhe a chave de um armário e declarou a Bea que deveria se trocar.

— Espero que tenha uma ótima tarde. — A funcionária saiu do aposento.

Ao ficar sozinha, Beatrice respirou fundo. A moça fez sugestões nada reais sobre as intenções de Pedro com a compra daquele pacote. A motivação era a vergonha por achar que não tinha dado um presente suficiente. Só isso.

Ela se trocou, colocou suas coisas no armário 53 e partiu para sua primeira etapa de cuidados. Bea estava no paraíso com a limpeza de pele, sentindo que a derme do rosto e corpo era trocada por outra.

— Beatrice, sua pele parece que foi banhada a ouro de tão reluzente que está — a esteticista falou com um sorriso. — Você definitivamente se cuida em casa, não é?

— Sim, desde a adolescência — Bea declarou satisfeita. Pelo menos alguém fora ela via os benefícios de seus zelos.

Após todo esse cuidado corporal, ela foi levada para uma sala de massagem, onde apreciou mãos hábeis se movimentando de maneira que lhe traziam conforto e relaxamento. Concentrava-se naquelas sensações quando ouviu uma conversa do outro lado da sala e umas risadas um tanto escandalosas, porém não deixaria aquilo arruinar o seu próprio momento. Ela tentou voltar ao estado de paz, mas...

— Ai! Ai! — A jovem começou a se remexer. — Que coisa quente!

— São as pedras. — A massagista riu.

— Mas são quentes demais. Ai! Ai! — Bea tentou se virar de um lado para o outro. — Misericórdia! Eu sinto que minha pele vai derreter.

— Oh, cuidado! — A massagista a repreendeu pelos movimentos inquietos de Bea. — Você pode...

Nem precisou falar mais nada, pois Bea acabou pendendo para o lado e caindo no chão. O barulho foi um pouco alto, o que despertou a curiosidade das outras que entraram na sala apressadas para verem o que tinha acontecido.

Beatrice começou a rir de mais um desastre e se levantou com a ajuda da esteticista, mas teve um susto quando viu, entre as pessoas que tinham entrado na sala, Letícia Prado com o roupão branco como o seu. Como pôde encontrar essa mulher novamente? Sentiu um arrepio. Letícia semicerrou os olhos para ela e saiu da sala apressada como se precisasse resolver um problema. Bea respirou fundo.

— Desculpa o incômodo, pessoal — a jovem declarou com um pouco de tensão. — Mas eu estou bem.

As curiosas de plantão foram saindo da sala e ela pediu desculpas para a massagista, que sorriu. As duas organizaram a maca no seu devido lugar e

retomaram a massagem, dessa vez sem as pedras. Bea deitou sua cabeça sobre as mãos cruzadas e relembrou do olhar de Letícia, concluindo como a mulher era muito estranha.

Depois da massagem, as 3 horas de pacote especial haviam se completado e Bea se sentia renovada para enfrentar um ano inteiro. Destacou que deveria se dar momentos assim dali para frente. Voltou para o local dos armários e, ao pegar o celular, viu que tinha várias ligações perdidas de Flávia. Ligou de volta e a prima atendeu perguntando sobre seu paradeiro.

— Você não vai acreditar, Flávia. — A voz estava empolgada e quase deu um pulinho. — Recebi um dia no SPA.

A prima perguntou como ela conseguiu.

— Claro que eu não tenho dinheiro para isso, mas, por incrível que pareça, foi o juiz.

Flávia deu um grito do outro lado da linha.

— Tenha dó dos meus ouvidos, mulher! — Bea riu. — Nunca imaginei que Pedro Bernardi faria algo assim, e ainda mais para mim. A vida é muito doida.

Bea ouviu mais umas insinuações da prima e riu, porém, não se deixou levar.

— Para com as loucuras, Flávia. — Refreou as expectativas da menina. — Eu vou desligar e depois a gente se fala mais. Beijos! — E desligou o celular.

Ainda nem tinha voltado a guardar o aparelho na bolsa quando reparou que alguém entrou ali. Ela olhou para a entrada e se espantou, constatando que era a jovem mulher morena clara, de cabelos negros e lisos, Letícia a esquadrinhou de cima abaixo e balançou a cabeça em negação.

— Que curioso você num lugar assim, não acha? — Letícia disse com seu agudo desdenhoso.

Beatrice engoliu em seco.

— Por que curioso?

— Pelo simples motivo de você não ter dinheiro. — A mulher sagaz se aproximou de Beatrice com um olhar condenatório. — Porque para frequentar um lugar desses, só se alguém pagar para você.

Bea sentiu a voz prender na garganta.

Letícia escutou a conversa da auxiliar do juiz no telefone. Seu sangue fervilhou, os músculos tencionaram e os olhos quase saíram da órbita ao descobrir que Pedro tinha feito aquilo. Como ele podia oferecer algo tão caro para uma mulherzinha? Mas ela colocaria aquela funcionária "simplória" no seu devido lugar.

— Tenho observado como tem se aproximado de Pedro e com esse seu disfarce de boa moça parece estar conseguindo algo. — Encarou mais ainda a jovem com seus olhos castanhos. — Eu pareço não estar por perto, mas sei tudo que diz respeito a Pedro Bernardi.

Bea apertou as pálpebras e pensou se aquela mulher tinha algum informante dentro da vara. Só podia ser.

— Vocês, meninas sem futuro, são boas em se fazer de coitadinhas para encantar homens ricos, mas não passam de golpistas. — Só faltou escorrer o veneno do canto dos lábios.

Bea sentiu o coração comprimir, pois não merecia ouvir aquilo. Deus sabia da inteireza de seu coração quanto às ações com o juiz. Nunca pediu algo em troca.

— Sabe quantas mulheres tentaram se aproximar dele? Muitas. — Letícia semicerrou os olhos e apontou o indicador para o rosto de Bea. — Tem ideia de quantas conseguiram algo? — Ela riu. — Nenhuma. Eu coloquei todas em seus devidos lugares.

Beatrice resolveu tomar a postura de Cristo diante de seus acusadores, ou seja, permanecer calada e observar o *show* de Letícia. Pois sabia que as discussões não serviriam para nada.

— Não pense que você, uma mulher de classe inferior, poderá por um momento se colocar entre nós dois. — Letícia chegou mais perto e tocou umas mechas do cabelo de Bea. — Para conquistar um homem é necessário beleza, sagacidade e um toque de sensualidade. É disso que eles gostam e não de alguém com essas pontas duplas enormes. — Soltou o cabelo da jovem.

Prado riu com desprezo.

— Mulheres como você se entregam por um prato de comida. Não valem nada!

Infelizmente, Beatrice não segurou as lágrimas diante da mulher. Como podia ofendê-la sem ao menos conhecê-la? Só Deus sabia como nunca havia se entregado a ninguém e sempre se preservou. Agora estava sendo humilhada e acusada por algo que nunca cometeu.

“Me ajude, ó Deus!”, suplicou no íntimo.

Letícia, ao ver como a jovem nem ao menos abriu a boca para discutir, indagou:

— Não se defenderá?

Beatrice elevou o olhar marejado e declarou:

— O Senhor julgará minha causa com justiça.

Letícia franziu o cenho, piscou várias vezes e sentiu como se um golpe a desnorteasse. Nunca recebeu esse tipo de resposta. Ela deu uns passos para trás e empinou o nariz.

— O meu recado está dado. — Saiu do ambiente.

Beatrice se sentou num dos bancos de madeiras que ficavam no meio daquele espaço e afundou a cabeça entre as mãos, jogando para fora suas muitas lágrimas e angústia. Um dia que havia começado tão bem foi arruinado.

Por um breve momento, olhou para o chaveiro de lua que tinha em sua bolsa e soube para onde deveria ir.



20-SAUDADE

O vento gelado de inverno começava a soprar com mais intensidade, soltando das árvores as folhas secas que voavam para todo lado naquele lugar em que o silêncio se fazia presente todos os dias.

Ali onde moram os fracos e fortes, os sábios e tolos, os amados e desprezados, os que se foram para a eterna saudade dos corações que um dia precisaram aceitar o adeus como para todo o sempre.

Beatrice entrou no cemitério “Jardim da Paz” e caminhou com o açoite do frio até a lápide de Manuel Mendes (1958-2013). Ela apertou sua jaqueta em volta do corpo enquanto as lágrimas densas caiam pelo rosto. Ficou em silêncio por um tempo visualizando o retrato do homem que havia sido tão importante em sua vida.

— Papai, como sinto sua falta — a voz dela estava embargada. — E das vezes que eu caía e sabia que, ao chegar em casa, poderia ser acolhida em seus braços de amor.

Ela se abaixou e tocou nos escritos do epitáfio “Agora e para sempre estou em terra firme lá.” As lágrimas de Bea foram copiosas e o vento parecia aumentar igual a desolação do seu coração.

— Por que o senhor teve de ir embora, me deixando nesta terra movediça? — Fechou os olhos para limpar mais a visão embaçada. — Sempre me falou o quanto deveria ser forte nos tempos difíceis, mas não sou forte, pai. Eu sou muito fraca. — Ela engoliu a saliva, tentando não deixar a boca ressecar por conta do vento. — A mamãe não é mais como antes, quase fomos expulsas do apartamento, não consegui me formar e hoje só espero que nada desmorone sobre nós. Me sinto cansada e sem rumo.

Beatrice derramou mais o seu coração ali, como se de alguma forma pudesse encontrar palavras de esperança e auxílio.

— Fui ofendida esta tarde e queria ouvir seus conselhos, escutar que não estou só e que tudo isso vai passar. Só desejava ter o senhor de volta, pai. — Suas palavras eram carregadas de tamanho pesar que qualquer um que a visse poderia se compadecer dela. — Por que o senhor teve de partir e não aqueles que o fizeram mal? Por quê?

Olhou para o céu sentindo a amargura e a angústia a dominarem. Deus sabia que o pai era o cabeça da casa e o levou, deixando-as com um grande vazio que, mesmo depois de três anos, ainda não tinha sido superado.

— Eu o amo tanto, papai. — Mais lágrimas. — Só gostaria de poder ouvir a sua voz outra vez dizendo...

— Beatrice?

De repente, ela ficou em silêncio. Tinha mesmo ouvido alguém pronunciar o seu nome? Ou era o som forte do vento que a fez imaginar palavras ecoando por aquele lugar?

— Beatrice, está tudo bem?

Então olhou para cima e avistou os conhecidos olhos azuis como o oceano em sua direção. Era Pedro. A jovem piscou várias vezes para ver se a imagem do homem era real ou fruto da sua imaginação, pois não tinha cabimento. O que ele fazia ali? Ao se levantar, limpou os olhos.

— Pedro? — indagou com desconfiança. — O que faz aqui? — Analisou em volta, como se procurasse, mas nem sabia o quê.

— Moro a três quarteirões daqui e sempre corro por esses arredores. O portão estava aberto e ao olhar para dentro avistei você. — Ele tinha um olhar preocupado. — Aconteceu alguma coisa?

Bea coçou o rosto, notando a diferença da roupa esportiva no juiz, que sem o costumeiro estilo social ficava um tanto diferente. Mas retornou a pergunta dele, suspirou e apontou para a lápide do pai.

— Precisava visitá-lo. — Limpou as lágrimas que persistiam em descer.

Pedro podia ver a tristeza estampada no rosto de sua auxiliar. Queria perguntar o motivo de estar tão entristecida, mas não se sentia íntimo para isso. No entanto, percebeu como era angustiante vê-la sem a sua alegria de todos os dias. Preferia a Beatrice desastrada e língua solta do que calada e com feições deprimidas. Ele olhou a lápide.

— Posso perguntar como seu pai faleceu?

Bea inspirou fundo, fechou os olhos e os açoites dos ventos relembravam a terrível tarde de inverno quando chegou a notícia sobre o falecimento de seu genitor. Era como se fosse o reflexo da alma ferida, abandonada e surrada pelo calafrio gélido.

— Na volta do trabalho, a rota dele foi assaltada e os bandidos o assassinaram. — O tom dela ficou mais pesaroso, criando uns nós em sua garganta, impedindo-a de prosseguir.

Pedro compreendeu como aquilo a feria.

Beatrice se abraçou mais, querendo se aquecer com aquela jaqueta. O juiz se atentou aos movimentos da moça, procurando compreender sua fragilidade, então tirou o próprio casaco e estendeu para ela.

— Não é necessário — ela negou.

— Você pode adoecer. — Pela primeira vez, Bea notou uma suavidade na fala do juiz, como se realmente estivesse preocupado.

Ela aceitou, usufruindo de um calor aconchegante e do cheiro de perfume masculino que exalava e era muito bom. Bea desviou sua atenção disso e olhou ao redor, dizendo em seguida:

— Lembro do meu pai dizer: “elevo os meus olhos para os montes, de onde me virá o socorro? O meu socorro virá do Senhor, o Criador dos céus e da terra” — recitou o versículo 1 e 2 do Salmos 121, tomando a atenção do juiz para si. — Ele me falava isso toda vez que passávamos por situações duras. — Uma lágrima solitária desceu. — Mas às vezes é difícil confiar. Nem sempre é fácil aceitar a vontade do Senhor.

Pedro permaneceu calado, respeitando a dor de sua funcionária. Ele ponderou que a vontade Divina difícil de aceitar seria a morte do pai.

— O amor de Deus é complexo demais. Nós entendemos amor como puro cuidado e proteção, mas o Senhor por muitas vezes nos lança no meio do fogo. — Bea fitou o céu e fungou. — Como conseguir confiar na bondade dEle quando estamos sendo esmagados? Como reconhecer o socorro do Senhor nestes momentos da vida?

Ela pôs as mãos na cintura e balançou a cabeça, procurando responder aquelas indagações. Não tinha resposta. Ninguém tinha.

— A única coisa que podemos fazer é confiar na palavra dEle: "Por motivo algum te abandonarei, nunca jamais te desampararei"[6]. — Pedro recitou o versículo, e Bea o olhou de maneira terna, o que agitou brevemente seu coração.

— É uma palavra que nunca devemos esquecer mesmo. — Ela sorriu de maneira gentil. — Obrigada.

— Por que não saímos daqui? — o juiz perguntou, desviando o assunto. — A noite está chegando e ficará mais frio.

— Você está certo. — Bea se abaixou mais uma vez para se despedir do pai, e Pedro permaneceu ali.

Bea ia se levantar, contudo encontrou uma mão estendida a ela para servir de apoio. Ela segurou a mão forte do juiz que a ajudou a ficar em pé. As mãos, ainda que de forma inconsciente, permaneceram unidas e ambos seguraram o olhar por um breve tempo, até Bea romper o momento, recolhendo a mão:

— Agradeço o auxílio. — Esboçou um breve sorriso. — E não somente por isso, mas pelo pacote no SPA também.

Pedro sorriu de canto.

— Espero que tenha gostado. — Semicerrou os olhos por causa do vento.

— Eu amei, mas você sabia que não queria recompensa nenhuma — ela disse, e os dois começaram a caminhar para fora do cemitério.

— É claro que sabia, mas quis assim mesmo.

Bea assentiu e não declarou nada sobre Letícia, pois era humilhante demais e não perturbaria o chefe com aquela mulher arrogante, que o trazia tanta aflição. Eles chegaram do lado de fora e havia dois táxis estacionados na esquina, então começaram a caminhar até lá.

— Acho que não terei como agradecê-lo por sua bondade neste dia. — Bea expressou sua gratidão com um sorriso encabulado.

— Não foi nada — o juiz declarou. — E tem certeza de que não precisa de algo mais? Seu rosto está vermelho. — Ele levaria a mão até a face dela para limpar aqueles resquícios de lágrimas, mas se segurou.

Ao chegarem perto dos taxistas, Pedro comunicou a um dos homens que deveriam levar uma moça para casa.

— Você vai poder ir em paz agora — ele disse a Bea. — Já deixei tudo acertado.

Bea ficou pasma com a iniciativa dele. Assim que o taxista destravou o carro, ela entrou e antes que pudesse fechar a porta, declarou:

— Pedro — ele a fitou —, eu já tenho a resposta. — Estava emocionada outra vez.

— Que resposta? — Pedro crispou os olhos.

— Você foi o socorro do Senhor. — Ela lagrimou e devolveu o caso para o juiz. — Papai estava certo, Ele sempre ouve e nos responde.

O coração do juiz se encolheu com a declaração tão pura. Não conseguiu dizer nada. Apenas se despediu, ficando com o casaco na mão, e ela partiu em meio ao seu profundo silêncio, contudo, sua alma se tornou agitada como as ondas num mar tempestuoso



21-VIAGEM

Na segunda-feira, às 18h, Beatrice pisou no chão de São Miguel do Oeste com as costas doloridas. Mais de 10h de viagem não era para qualquer um.

Para sua sorte,o ônibus fazia várias paradas durante o percurso.

— Achava que isso não teria fim — Andréa ao seu lado esticou o corpo cansado.

— Saímos de Florianópolis 7h e chegamos só agora, eu não aguento mais — Beatrice fez uma careta. — Só quero comer e dormir.

— Esses mutirões são cansativos mesmo — Andréa disse enquanto as duas se posicionavam para pegar suas bagagens.

— Tem sempre isso?

— Só quando muitos processos são acumulados e não tem ninguém para despachar. Os adolescentes ficam nas casas de internações por um bom tempo, e os casos deles precisam ser julgados. É até um pouco emocionante — Andréa contou um pouco sobre como funcionava o mutirão.

— Então o doutor Bernardi vem para julgar esses casos parados na socioeducação? — Bea queria entender bem.

As duas foram chamadas e pegaram suas malas.

— É isso. — Andréa assentiu. — Como não tem um juiz aqui, o doutor vem para resolver todos esses processos pendentes. Por isso, passaremos quase uma semana aqui. — A mala de Andréa se enroscou numa pedra. — Que porcaria!

Bea a ajudou e as duas voltaram a andar.

— Vão ser realizadas as audiências dos internos durante toda a semana nos centros provisórios, nas casas de internação masculina e feminina e nas casas de semiliberdade. E são muitos jovens esperando por isso. — Andréa soprou o cacho que caía em seu rosto.

— Esses adolescentes estão internados por quê? — Bea perguntou curiosa.

— Todo tipo de ato infracional. — A cacheada deu de ombro. — Do simples roubo a atos hediondo de estupro, homicídio e tudo mais.

Bea ficou chocada.

— De verdade, a socioeducação os ajudam a voltar para sociedade de modo melhor?

Andréa não respondeu de imediato, pois as duas ao chegarem à frente da rodoviária, junto com outros servidores, foram recebidos por algumas viaturas da polícia que os levariam até um hotel para passar a noite e descansar. Depois de estarem acomodadas no carro da polícia, Andréa voltou a falar.

— Nem sempre, Bea. — Suspirou. — São casos e casos. Alguns adolescentes têm famílias boas e só erraram o caminho, então depois de serem internados mudam a rota da vida. — Ela começou a brincar com um cacho do seu cabelo. — Outros a família é toda desestruturada e o tráfico é a única forma que eles têm de conseguir se sustentar, o que é errado. Mas a situação é bem degradante.

— Já vi moleque acabar de sair da prisão provisória e não dar uma semana para estar de volta, pois dizia que ao menos preso teria comida todo dia. — Um dos policiais na viatura, de bigode preto, acabou se metendo na conversa, e o peito da Bea ao ouvir tudo isso começou a pesar.

— Tem menino internado com que idade? — Bea tinha o coração na mão ao pensar na possibilidade de quase crianças estarem ali.

— De 12 anos para cima — Andréa respondeu.

— É todo tipo de garoto com variados contextos de vida — o policial participou outra vez.

— Nossa! — Bea se calou.

Durante aquela viagem até o hotel, ela olhou para a paisagem do lado de fora pensando em como as circunstâncias da vida podiam ser tão pesadas para uns como para ela. Ninguém estava imune às dificuldades.

— Amanhã, às 8h, as buscaremos — o policial informou assim que finalizou a carona.

Elas, junto com os outros, entraram no hotel e as duas dividiram um quarto com beliche. Bea colocou a pequena bagagem em cima do colchão e se sentou, pensativa. Andréa, que tinha ido ao banheiro às pressas, quando voltou e viu a amiga naquele estado, questionou:

— Bea, está tudo bem? — Sentou-se do lado da colega.

— Estou me perguntando por que precisei vir aqui? — Bea franziu o cenho.

— Olha, realmente não teria motivo para você vir — Andréa constatou o óbvio, e a colega a encarou. — Mas você é auxiliar do doutor Bernardi, e acredito que ele te quis aqui porque gosta de você.

A jovem arregalou os olhos para Andréa.

— O quê?

O espanto de Beatrice foi tão grande que fez Andréa rir.

— Não gostar daquele jeito, bobinha. — A cacheada deu um empurrãozinho nela. — Gostar do seu serviço. Sou sincera em dizer que desde sua chegada o excelentíssimo juiz Pedro Bernardi tem andado com menos carrancas no rosto. Até os outros servidores comentaram isso.

O coração de Beatrice quase saiu da caixa do peito.

— Como é?

— Mas é uma coisa boa. Isso significa que seu trabalho de auxiliadora tem sido tão bom que atingiu todos nós. Afinal, juiz calmo, todo mundo em paz. Você é nossa heroína! — Andréa a abraçou de lado, que permaneceu estatelada.

— Não acho, não. Mas já que dizem. — Bea se levantou da cama e foi para o banheiro.

Após um bom banho, um jantar decente e umas conversas aleatórias, ambas as mulheres se deitaram, mas Bea não conseguiu dormir logo. Ela levantou devagar e pegou sua bolsa posta numa cadeira em cima da cama. Tirou de lá seu diário de oração e escreveu brevemente suas impressões sobre o que escutou acerca dos meninos e escreveu uma oração. Isso acalmou seu coração, logo após adormeceu.



A casa de internação masculina não era a prisão que Beatrice achava que seria. Na verdade, parecia mais um internato com salas de aula, refeitório, quadra esportiva, jardim e tudo mais. Porém, os meninos ficavam em celas e só saíam para suas programações do dia.

Ela e todos os outros servidores foram recebidos com muito respeito. Tinha pais, tios, familiares de todo tipo ansiosos pela audiência. Bea passou pelo corredor e viu os jovens com a blusa da casa de internação, indicando que eram os adolescentes privados de liberdade, e os socioeducadores estavam ao lado deles. Ela se perguntou sobre quais seriam os atos feitos que os mandaram para ali.

Foram encaminhados para uma sala de aula que tinha sido arrumada com uma mesa retangular coberta por uma toalha branca, e as cadeiras formavam um círculo em toda a sala. Era naquele lugar onde os julgamentos aconteceriam. Bea se sentou no lugar proposto e esperou com os outros a entrada de Pedro Bernardi, que chegou às 9h em ponto.

Os olhares para o juiz foram instantâneos, o diretor da casa, os pedagogos, psicólogos, advogados e de todos os demais presentes. Bea sentiu o coração errar umas batidas quando avistou o juiz. O olhar de ambos se cruzou, mas logo Pedro desviou sua atenção para atender a outros. Desde o encontro que teve com ele no sábado, diante da lápide do seu pai, não puderam trocar nenhuma palavra em decorrência da loucura que estava o serviço.

Ao entrar na sala, a primeira pessoa que Pedro avistou foi sua auxiliar. Ela estava de calça social e blusa branca, o leve sorriso se fazia presente, fazendo o juiz ter um sentimento de bem-estar. Afinal, algo dentro dele ansiava não ver mais Beatrice num estado de tristeza. Contudo, seu olhar logo precisou se afastar para dar atenção aos demais.

Pedro começou as audiências dos casos com os quais já estava inteirado. Beatrice ficou em choque ao ouvir sobre um menino de 13 anos, junto a outro com 15, que estavam ali por terem matado um homem a pauladas; os dois, depois de 6 meses na internação, receberam a liberação para a semiliberdade, um lugar onde ficariam durante a semana e voltariam para suas casas nos finais de semanas.

O segundo caso foi de um garoto de 17 anos que, havia matado um motorista estando drogado. Ele já cumpria a internação há mais de um ano e, segundo os dados, ele havia cumprido muito bem todos os processos dentro da casa e, então, recebeu sua liberdade. Beatrice e todos os demais se comoveram ao ouvir o choro da mãe por saber que seu filho estava solto.

Foram atendidos naquela manhã 5 casos e, à tarde, depois do almoço, continuariam com mais audiências. Todos os servidores e o juiz foram convidados para um almoço organizado pela própria casa de internação, portanto foram encaminhados para uma sala com uma grande mesa posta e um cardápio bem variado.

Após aquele almoço, Beatrice perguntou para o diretor se poderia ver o jardim e as plantações. Ele liberou. Beatrice se encaminhou para o devido lugar e analisou algumas mudas, ficando apaixonada.

— Nem parece que são esses meninos que fazem isso — um tom grave ressoou ao lado dela.

Bea se virou e viu um homem de blusa preta se aproximando. Era um socioeducador. Ela sorriu e pensou que era provável o diretor tê-lo enviado, a fim de não ficar rodando sozinha por aí.

— É verdade. Eles são muito talentosos. — Voltou a olhar as plantas de novo. — Se eles soubessem do que são capazes, não perderiam tempo com ações sem futuro.

— É porque aqui eles têm oportunidade. Lá fora, nem sempre. — Dessa vez não foi a voz do socioeducador.

Beatrice se virou e viu Pedro chegando com as mãos no bolso. Ele acenou para o socioeducador e se aproximou.

— Eu fico com ela aqui — disse para o homem, que assentiu e se retirou.

Bea sorriu por dentro.

— É uma pena que isso aconteça. — Ela voltou ao assunto principal.

— A socioeducação é uma forma de garantir os direitos que foram negados para esses adolescentes do lado de fora. Como educação, saúde e a chance de ingressarem num mercado de trabalho — Pedro falou.

— Tenho certeza de que muitos não pensam assim — Beatrice proferiu com dúvida nos olhos. — As pessoas que perderam seus parentes e bens com certeza não desejam que eles tenham direito a isso.

— Não é fácil e a gente compreende os dois lados. — Pedro suspirou. — Mas se eles podem aprender e mudar o destino deles, não é melhor do que fazerem mais vítimas no futuro? Eles são jovens e ainda têm chance de mudar. É a nossa intenção.

— Como consegue ser tão imparcial diante de todos esses acontecimentos? Não sente nada? — Beatrice franziu o cenho para o juiz com sincera curiosidade.

Pedro soltou o ar e deu um leve sorriso de canto.

— Para lidar com isso precisamos saber guiar nossas emoções. Não estou aqui para avaliá-los pelo meu olhar, mas sobre o que a lei determina acerca de suas ações e consequências. Eu apenas a executo.

Bea assentiu e o admirou por isso. Talvez realmente devesse aprender mais com Pedro. Ele não era o muro de bronze que achava, desejava cumprir bem seu papel para o bem de todos.

— Que bom que eles têm um juiz como você — declarou e voltou a olhar para frente, sentindo seu coração apertar.

Naquele instante, Pedro analisou sua auxiliar e respirou fundo.



22-HAMBÚRGUER

Era fim de tarde quando Beatrice e Andréa saíram da última audiência, na casa de internação feminina. Felizmente, todos os processos pendentes haviam sido julgados, e logo elas partiriam para Florianópolis, na manhã de sábado.

— Eu achava que essa semana não terminaria — Andréa pronunciou, saindo da sala de aula onde ocorreu a audiência.

— Foram dias puxados, mas aprendi muito aqui com todas essas situações — Beatrice falou. — Isso me fez pensar mais fora da caixinha e em como a vida é diversa.

— Pena que nem sempre é um "diverso" bom, mas os aprendizados estão aí para nos tornar mais humanos — Andréa completou, e Bea assentiu. — E, se é cansativo para nós, ainda mais para o pobre do doutor Bernardi — a jovem morena declarou com compaixão.

— Admito que me compadeço dele nesse serviço, pois é muito complicado — Bea tinha um tom de lamento. — De fora, a gente só pensa no título do juiz, mas nem nos damos conta o quanto é exaustivo esse cargo.

— Sim, cruz credo! Eu não queria nem metade dessa responsabilidade. — Andréa soltou o ar e, ao chegarem na sala de estar, reparou na mesa cheia de salgados e sucos posta para todos os servidores. — E o doutor nem vai poder aproveitar disso. — Apontou para o mini banquete à frente delas. — Além de julgar, ainda dá atenção para as milhares de conversas dos outros. — Indicou a outrora sala de audiência, onde o juiz falava com aqueles que queriam sua opinião sobre alguns fatos.

— Ele tem o espírito mais compassivo do que eu imaginava. — Beatrice reconheceu que no início julgou tão mal o juiz.

Andréa assentiu e não continuou mais a conversa, estava cansada e só queria comer.

— Vamos ali aproveitar aqueles docinhos, pois estou achando que é de avelã com leite ninho. — A cacheada tinha os olhos semicerrados, analisando o doce de longe.

— Ah! Eu não vou comer agora. — Bea disse, e Andréa questionou só com a expressão facial. — Quero comprar umas coisinhas que vi aqui perto para mamãe e Flávia. Daqui a pouco estou de volta. Aproveita aí e se for bom guarda uns para mim.

— Não vai muito longe, hein! — Andréa aconselhou. — Não é melhor eu ir com você?

— Você está exausta e é algo simples. Logo mais apareço. Beijos! — Bea garantiu e saiu.

Beatrice partiu para a livraria a umas quatro quadras. Ela viu a placa de promoção e ansiou o momento em que poderia desbravar aquele lugar. Sua felicidade foi completa ao ver que tinha um espaço de papelaria, onde comprou uns post-it, marcadores, adesivos e uma nova Bíblia para a mãe, que reclamou sobre a dela estar em pedaços, e uma agenda para a prima.

Ela passou mais tempo do que esperava e, ao sair, notou já ter escurecido. O peito apertou por se ver numa rua quase deserta. Ela esfregou as mãos e tomou coragem para andar até a casa de internação outra vez. Ao olhar para o relógio se desesperou ao pensar que todos já tivessem ido embora.

“Misericórdia! Por que você demorou tanto?”, condenou-se, mas continuou andando.

Ao passar pela segunda quadra, avistou dois adolescentes em atividade suspeita, o que fez o seu coração acelerar. Para sua má sorte, eles a viram e iniciaram um trajeto na direção dela, Beatrice quis dar um grito, mas acelerou os passos e pediu a Deus que interviesse na situação de algum modo.

Virou o rosto para trás e reparou como os dois meninos caminhavam devagar. Não saberia dizer se isso era somente para desesperá-la, pois sabiam que estavam em vantagem e a qualquer momento poderiam abordá-la.

A respiração ficou ofegante e, quando chegou na penúltima quadra, um carro parou na sua frente. Beatrice sentiu o golpe do nervosismo no estômago e quis vomitar, mas se segurou. A porta do carro prata se abriu.

"Pronto, agora vou ser sequestrada!"

— Beatrice, onde você estava? — O homem alto e loiro diante dela trouxe um enorme alívio.

— Pedro — disse num sussurro.

De imediato, não conseguiu responder direito, apenas olhou para trás, a fim de enxergar se os adolescentes estavam ali. Pedro direcionou a visão para o mesmo lugar que ela e passou a frente de Beatrice, reparando como os dois jovens acabaram entrando na outra esquina.

— Eles estavam atrás de você? — O juiz se virou para ela e segurou em seu braço. — Está bem? — Analisou-a de cima a baixo.

A jovem apenas assentiu e suspirou. Sentiu uma leve fraqueza, mas ficou estática ali, querendo se recompor.

— Vamos, entre no carro! — Pedro pôs a mão nas costas dela e a guiou para o banco do carona, colocou-a lá dentro e voltou para sua posição de motorista.

Ao entrar no carro, visualizou-a de cima a baixo, como que procurando algum machucado, respirou fundo e balançou a cabeça. Pedro apertou o volante ao pensar no que poderia ter acontecido se não tivesse chegado no exato momento. Ele se voltou para a jovem que parecia um gatinho medroso no canto do carro e desejou oferecer mais conforto de algum jeito.

— Por que estava andando sozinha por aqui? — perguntou depois de um tempo e deu partida com o carro.

— Fui até uma livraria, mas quando vi já tinha anoitecido. Não foi minha intenção. — Ela passou a mão sobre o rosto. — Meu Deus! A Andréa deve estar louca atrás de mim... — Parou, piscou umas vezes e olhou para o juiz. — Mas como me achou?

— Eu saí tarde da reunião e, ao chegar na sala, encontrei Andréa preocupada. Ela informou que você tinha saído há tempos e não tinha voltado — ele disse, concentrado no trânsito. — Então saí para procurá-la, temendo que tivesse acontecido algo ruim. — Pedro apertou com força as mãos no volante ao declarar aquilo e seu rosto ficou mais branco que o normal.

— Eu errei nisso. — A jovem engoliu em seco. — Obrigada por se preocupar e me achar. Aqueles dois meninos estavam vindo atrás de mim, e eu prestes a dar um grito de socorro.

O sinal vermelho acendeu, Pedro parou o carro e se virou para a mulher ao seu lado. Ela se encontrava pálida e cansada. Notou como as suas mãos apertavam as sacolas que segurava, estava tensa ainda. O coração dele se contraiu ao pensar que alguma coisa grave pudesse ter acontecido.

— Da próxima vez, leve uma pessoa com você. Não é nada bom para uma moça andar sozinha por ruas vazias — ele aconselhou com sinceridade.

— Você está certo. — Jogou a cabeça para trás e colocou as mãos no rosto.

— Precisa de algo? — Pedro tinha um tom ansioso.

— Não, só estou com dor de cabeça. Acho que foi o nervosismo. — Encarou-o encontrando aquele par de olhos azuis fixos nela. Beatrice sentiu o ar faltar por alguns segundos, mas desviou o olhar ligeiramente.

— Comeu alguma coisa? — questionou antes de voltar a dirigir.

— Não, eu posso comer algo no hotel. — Ela deu uma desculpa qualquer.

— Você vai comer agora. — O juiz fez uma curva para a direita e seguiu reto, assustando Bea com a mudança brusca de direção do carro.

A moça pôs a mão na cabeça e com os olhos arregalados, declarou:

— Homem de Deus! Desse jeito eu morro não de fome, mas sendo atirada para fora do veículo.

Pedro quis rir alto do comentário de sua auxiliar, mas foi discreto em dar um sorriso de canto.

— Para onde estamos indo? — Quis saber.

— Uma lanchonete.

A resposta foi firme, e Beatrice não teve ousadia de contradizê-lo, pois já havia sido achada por ele, não arriscaria trazer o Pedro frio como gelo de volta. Aproveitaria o momento de preocupação do homem que a estava surpreendendo.

"Até quando dura esse lado dele? Pode ser que só uma hora, é melhor eu comer rápido". Ela ponderou com graça.

Ele estacionou o carro depois de uns minutos em frente a um lugar com mesas postas a céu aberto e, ao redor, vários trailers de comidas um ao lado do outro.

— Deixe suas coisas aí — declarou e saiu do carro.

Beatrice tirou a bolsa, colocou as sacolas no banco atrás e quando ia sair, viu que Pedro já estava abrindo a porta para ela.

Ok, aquilo era demais para sua compreensão!

Ficou boquiaberta, mas, antes que pudesse ser vista na posição de assustada, fechou de novo a boca e saiu do carro, dando um sorriso sem jeito para o juiz, que assentiu de leve.

"Quem é você e o que fez com o Pedro Bernardi do fórum?"

O juiz colocou as mãos nos bolsos da calça social, e Beatrice reparou em como a blusa de botão com as mangas virada até o cotovelo deixava aparente o antebraço com algumas veias salientes. Ela segurou o ar e resolveu prestar atenção nas coisas à sua frente e não no chefe.

"Concentra, mulher!"

O "pátio gastronômico", como era chamado o ambiente, tinha poucas pessoas, o que era ótimo. Beatrice se sentou numa cadeira, e o juiz, à sua frente, fazendo-a ficar um pouco nervosa. Sobre o que eles conversariam? Não teve muito tempo para se questionar mais, pois uma garçonete apareceu para anotar o pedido. Pedro pegou o menu. E Beatrice estava ficando mais ansiosa porque não sabia como se portar diante dele naquelas condições. Era tão fácil só no ambiente de trabalho.

— Então, o que deseja comer? — Ele olhou para Beatrice.

Bea soltou o ar e mirou para a garçonete. Ao receber o menu, ficou pensando sobre o que pediria.

— Pode ser o que eu quiser? — O fitou com incredulidade.

— É claro que sim. — Pedro deu de ombros e soltou baixo uma risada.

— Tudo bem, então. — Ela sorriu para a jovem que esperava os pedidos. — Vou querer esse combo de hambúrguer com duas carnes, batatas, cebolas fritas, refrigerante e sundae. — Fechou o cardápio sem ter coragem de olhar para o juiz e entregou para a moça.

Pedro arregalou os olhos, mas não falou nada. Ele imaginou o quanto de comida aquela aparente menina inocente de rosto meigo podia comer, não quis duvidar do poder de uma mulher faminta. Bea imaginava que o chefe estaria pensando mal dela, porém não fazia questão de impressioná-lo. Seria a Beatrice de sempre, se ele não gostasse, não seria uma novidade.

— E o senhor?

A jovem se virou para ele.

— Quero um misto e um café, por favor. — Foi só o que pediu, e Beatrice se sentiu humilhada.

"Você prova de todas as formas que é pobre, Beatrice!". Só queria sair correndo dali.

— Doutor Bernardi...

— Pedro, Beatrice, nós nem no trabalho estamos — a corrigiu com o cenho franzido.

— Está bem. — Ela respirou fundo. — Pedro, não se preocupe, eu vou pagar meu lanche.

O juiz crispou os olhos.

— Eu não disse nada. — E deu de ombros. — Mas eu acho que meu trabalho me permite pagar dois lanches.

Beatrice colocou a mão na boca para segurar o riso.

— Você é engraçado, Pedro.

— Olha aí, esse é um elogio que não recebo com frequência — Bea sentiu que o magistrado estava se esforçando para manter a postura séria. — Mas obrigado, Beatrice Mendes.

Ela cruzou os braços sobre a mesa e se inclinou um pouco mais para frente, semicerrando os olhos e, com um riso discreto, zombou dele:

— Você sabia que não é pecado rir? — Deu uma piscada.

Pedro não aguentou mais e soltou uma gargalhada. Bea sentiu um arrepio ao ouvir a espontaneidade do chefe. Nunca imaginou o juiz Bernardi tendo aquele tipo de reação. Ela piscou algumas vezes, sorriu e falou:

— Ah, está vendo? Fica até mais bonito!

"Opa!"

Beatrice parou de rir no mesmo instante, sabendo que tinha ido longe demais com aquela sua língua solta. Bonito? Realmente admitiu isso na frente dele?

Ela fingiu que não falou nada demais e olhou para o lado, Pedro notou como a sua auxiliar ficou vermelha depois de soltar o elogio, resolveu nem comentar nada para não a constranger mais, porém não podia negar que aquilo foi prazeroso de ouvir.

— Esse pedido está demorando, não acha? — Começou a bater os pés no chão.

— Considerando que a moça saiu daqui a uns 10 minutos, é provável que demore — respondeu o óbvio para o terror de Beatrice.

— Você entendeu o que eu quis dizer. — Voltou a olhá-lo e colocou o guardanapo sobre o colo.

— Acho que você já deve saber que não tenho muito talento para brincadeiras. — Ele colocou os antebraços na mesa e a fitou bem. — É por isso que, na maioria das vezes, não sou a companhia mais agradável.

— Acho que você precisa de pessoas com mais bom-humor na sua vida — ela disse e dessa vez não sentiu culpa. — A vida passa muito rápido para vivermos sérios e somente trabalhando. — Apontou para o juiz. — Daqui a pouco, você pode ser internado por excesso de serviço, hein. Precisa saber viver.

Pedro permaneceu atento a Beatrice e admirou sua fala. Era uma jovem que detinha uma suavidade na postura, palavras e ações. De certo modo, isso o atingia, despertando nele um sentimento mais calmo e ponderado. Nem saberia discernir como sua auxiliar conseguia esse efeito, mas reconhecia ser muito bom. Estar com ela era como chegar a um lago de água fresca depois de um deserto.

— É, Beatrice, você está certa.

— Está mesmo concordando comigo? — Alarmada averiguou o céu, olhou também para os lados.

— O que está fazendo? — Pedro franziu o cenho.

— Vendo se não vai chover porque isso é um milagre. — Esboçou um sorrisinho maroto.

— Vejo que a Beatrice engraçadinha voltou. — Ele soltou o ar. — Isso é bom.

— Eu tenho meus dias. — Com ousadia, inclinou seu corpo para mais perto da mesa. — Até que você é bem sociável. Achei que ficaríamos só olhando um para a cara do outro.

Pedro cruzou os braços sobre a mesa e se inclinou também mais para a frente, ficando um pouco mais perto da jovem loira que até estranhou a reação e, ao senti-lo mais perto, engoliu em seco. O magistrado a encarou com a típica seriedade, mas sua expressão era suave.

— Não tenho problema de socializar, Beatrice. — O tom dele era como se estivesse contando um segredo. — Mas só faço isso com quem eu quero — assegurou com sua voz grave e sem nenhuma demonstração de riso dessa vez.

Bea prendeu a respiração e apertou os lábios, sua boca ficou seca por conta das palavras que faltaram.

— Fico feliz em saber disso. — Enfim, encontrou a voz e foi se afastando para sua posição inicial. Não tinha certeza do que havia acontecido para terem ficado tão próximos por um breve momento. — Afinal, por trabalharmos juntos, você tem que me aturar. — Quis disfarçar a leve emoção que a dominou.

O juiz sorriu e balançou a cabeça, Beatrice notou o quanto ele ficava mais charmoso quando a aparência feliz tomava conta de seu rosto. O contemplou por um momento até que uma música começou a tocar, fazendo alguns casais se formarem na pista. Beatrice reparou a dança das pessoas e apreciou por um tempo, e o juiz percebeu o encanto da moça com a situação.

— O pedido de vocês. — A garçonete apareceu e colocou duas bandejas na mesa com os respectivos pedidos de cada um.

Bea se virou e enxergou a diferença discrepante da quantidade de comida entre ela e Pedro, porém deu de ombros e colocou na cabeça que não

se importaria. Assim que a jovem saiu, ela fez um breve agradecimento em oração e não demorou para abocanhar o sanduíche e a sua fome pareceu crescer. Não prestou atenção em nada a sua volta e só se deleitou em seu lanche. Após terminar, limpou a boca com lencinho e o amassou, colocando dentro do copo de refrigerante assim que sugou a última porção do líquido. Ao levantar a cabeça, notou o rosto incrédulo do chefe para ela.

— Nossa! Muito bom mesmo! — Bea soltou as palavras um pouco tímida e pegou com cuidado o copo do sorvete, como se qualquer movimento brusco pudesse fazer uma explosão acontecer.

"Meu salvador! Esse homem agora vai achar que eu sou a rainha da falta de educação!"

Ela passou a colherzinha sobre o sorvete e pôs na boca com uma cara de sem-vergonha.

Pedro ficou paralisado ao observar a velocidade que sua auxiliar comeu o hamburguer, precisava reconhecer que nunca tinha visto uma mulher devorar um lanche daquela forma, mas de todo jeito não conseguiu condená-la por isso. Ele procurou tomar um pouco do seu café.

— Olha, na maioria das vezes eu não como assim. — Tirou a colher da boca e quis se justificar. — É que quando estamos com fome, você sabe, né?

— Quem sou para julgar uma mulher faminta! — o juiz quicou os ombros e apertou os lábios segurando a risada.

— Isso, por favor, não seja um juiz neste momento. — O pedido dela o fez admirá-la brevemente.

— Não serei, não se preocupe — garantiu e a fez assentir, comendo seu sorvete em paz.

Uma nova música começou a tocar e o coração de Bea quis saltar para fora e se unir a dança das pessoas.

— Ah! Eu não acredito! — Pôs as mãos no coração. — Essa é a minha música favorita de toda a vida.

Pedro procurou escutar com atenção.

— *Love is not a fight*? — ele inquiriu.

— Sim, se tornou especial desde o dia que assisti ao filme *A prova de fogo*. Ela tem um valor sentimental para mim. — Bea expressou com certa melancolia.

— Então, sua música favorita é essa e o seu livro preferido é Orgulho e Preconceito. — O juiz cruzou os braços e a olhou bem. — Parece que um complementa o outro.

Bea fitou nada específico na mesa e balançou a cabeça.

— Eu nunca tinha pensado nisso. — Admitiu alegre. — Você tem uma atenção perspicaz, juiz Bernardi!

— É a minha função observar as entrelinhas — ele tinha um tom que Bea não soube discernir. Pedro descruzou os braços e se levantou da cadeira. — Você quer dançar? — a pergunta do juiz a pegou de surpresa.

— Eu? — respondeu com a voz trêmula, reparando como ele rodeou a mesa e ficou diante dela.

— Acho que você é a única mulher que está comigo — a voz dele era uma mistura de seriedade e zombaria.

"Meu Deus! Me ajude a lidar com o humor desse homem!"

— Ah, bom...

— Vamos logo! — Pegou-a pela mão e a pôs em pé.

Beatrice não resistiu, já que desejava mesmo aquilo. Ela sentiu um formigamento na mão com o toque firme dele. Ao se posicionar à frente do juiz, sentiu o coração saltar ao experimentar a mão dele na sua cintura, trazendo-a mais para perto de si. Bea inalou a fragrância de sândalo que exalava do perfume do magistrado e fechou os olhos.

"Você não devia ser tão cheiroso assim, Pedro Bernardi. É até um crime, meu Deus!", ela disse para si.

O juiz inspirou o cheiro adocicado dos cabelos de Beatrice, apreciando o momento. A maciez das mãos dela era algo apreciável e a leveza de seus passos comunicava seu espírito amável e bondoso. Ele a considerou mais.

Entre a fluidez das linhas melódicas e a firmeza da harmonia da canção, os dois se contemplaram sob a perspectiva de um sentimento desconhecido que ecoava ternamente como o traçado de um vento que batia no peito e atingia os dois corações.



23-PASSEIO RADICAL

Beatrice não acreditava que havia concordado com aquilo. Como assim, aproveitar o sábado para um passeio? O juiz Bernardi não estava no seu estado natural. Ela pensou isso e suspirou. Desde a noite passada em que dançaram, seu espírito ficou mais agitado.

Não sabia se era por ter compartilhado uma dança com o chefe, pois isso dava aos dois uma intimidade desconhecida, ou se só estava ficando louca mesmo. Era bem provável ser a segunda opção. E a maior prova foi a desculpa que deu a Andréa sobre não voltar junto com os servidores. Mas como diria que tinha sido convidada pelo juiz sem pegar mal? Precisava se resguardar.

Estava à frente do hotel, às 10h, esperando Pedro com sua mala nas mãos, pois o preço das diárias já havia sido fechado e ansiava que o juiz não fosse demorar tanto para não ficar como uma tola na calçada. Pegou seu diário de na bolsa, se sentou na beira da calçada e começou a escrever uma poesia sobre os últimos acontecimentos e nem terminou o último verso

quando o carro prateado apareceu. Ele estacionou e abriu a porta, no entanto, Beatrice não estava preparada para ver o juiz tão casual, e algo a surpreendeu.

— Pedro, você tem uma tatuagem — falou em choque enquanto guardava o diário.

A tatuagem do juiz era de um guerreiro que ia do ombro até o cotovelo do braço esquerdo. A camiseta que ele usava permitia ter a visão da pintura na pele. Não queria ter de admitir o quanto aquilo o ressaltou mais ainda aos seus olhos.

"Esse homem não pode ficar mais bonito, meu senhor!"

Ele riu da expressão assombrada da auxiliar.

— É, eu tenho — Pegou a mala dela para pôr no bagageiro.

Bea não queria ser intrometida, mas fixou o olhar no desenho tão bem-feito.

— Nunca imaginei que um homem como você pudesse ter uma tatuagem. — Beatrice não conseguiu segurar a língua.

O juiz fechou o porta-malas, pôs as mãos no bolso da bermuda e se aproximou da jovem, que sentiu o sangue correr mais depressa nas veias.

— Um homem como eu? — Semicerrou os olhos e os fixou nela.

— Não me entenda mal, é só tão diferente do que achei — ela queria expressar algo coerente, mas sentiu que meteu os pés pelas mãos.

— O que você achava? — O juiz parecia querer a encurralar.

— Não sei direito. — Bea deu de ombros. — Mas, com certeza, que você não era adepto à tatuagem. — Caminhou até a porta do carona.

Os dois entraram no carro e, antes de partir, Pedro se virou para ela e declarou:

— Fiz a tatuagem num momento difícil da minha vida. — Não manifestou mais nada, e Bea sabia que deveria se satisfazer com aquelas palavras tão diretas e sem compreensão completa.

— Então, para onde vamos? — Beatrice colocou o cinto de segurança e tinha uma expectativa na face.

— Para um passeio.

Beatrice não entendia como os dois haviam chegado ali. Num momento mal se falavam, no outro fariam um passeio juntos? O mundo estava

rodando ao contrário. Só podia. E, com essa mudança de rotatória, ela bateu a cabeça numa montanha para estar aceitando sair com Pedro Bernardi por livre e espontânea vontade.

— O que Andréa falou quando soube que não voltaria?

— Ela ficou desconfiada, mas acho que a minha desculpa de ficar para conhecer mais a cidade foi aceita.

— Você não mentiu, pois realmente vai conhecer este município. — Pedro, após um tempo dirigindo, entrou numa trilha com o carro e Beatrice estranhou.

— Para onde estamos indo?

— Fazer tirolesa — o juiz declarou com muita satisfação.

O coração de Beatrice pulsou tão forte a ponto de quase sair pela boca.

— Ti...Tirolesa?

— Sim, e outras coisas a mais. — Ele sorriu para a auxiliar que tinha acabado de ficar com os nervos à flor da pele.

— Pedro, acho que você não escolheu a melhor companhia. — Bea uniu as mãos e deu um riso seco. — Sério. É mais fácil eu ter um infarto no meio do caminho.

— Dá medo no início, mas depois você vai gostar. — Virou-se para ela. — Todo começo é assustador mesmo, não é?

Beatrice franziu o cenho.

— Desde quando gosta de esportes radicais?

— Sempre gostei, mas o trabalho consome a maior parte do meu tempo. — Ele suspirou como se tivesse lembrado de algo marcante na vida. — Enfim, hoje é um dia para aproveitar.

— Meu Deus! Que eu saia viva disso. Amém. — Bea uniu as mãos e fez sua breve súplica aos céus e o juiz riu.

Ele estacionou o carro num espaço mais longe. Cada um pegou sua mochila e começaram a caminhar até um ponto mais alto.

— Ainda bem que você mandou eu colocar uma roupa confortável e tênis — ela declarou enquanto subiam, já estava ficando cansada.

— Não ia fazê-la sofrer tanto assim — Para surpresa de Bea, ele estendeu a mão, a fim de ajudá-la. A oferta de auxílio foi aceita e ambos de mãos dadas subiram ao topo.

Beatrice não queria imaginar nada além, mas não podia negar o quanto Pedro segurava firme sua mão, como se estivesse a impedindo de se afastar. Ela decidiu apreciar as paisagens aos arredores para poder desvencilhar seus pensamentos.

Ao chegarem lá em cima, Bea soltou o ar por ver a estrutura e o longo fio que ia de uma ponta a outra. Tinha certeza de que não conseguiria. Suas pernas ameaçaram parar e o sentimento de enjoo quis atacar.

"Você não pode amarelar agora, Beatrice", declarou a si própria.

Pedro falava com o instrutor enquanto ela recobrava a coragem que havia se perdido na hora em que saiu do carro. O juiz voltou para junto da jovem e disse:

— Depois daqueles dois somos nós. — Pedro apontou para uma moça e um homem que estavam sendo amarrados pelos fios de segurança.

— Tão rápido assim? — A auxiliar estava a ponto de desistir de tudo.

— Ei — Pedro segurou a sua mão, o que a fez gelar —, não precisa ter medo. Tudo aqui é muito seguro e estarei com você. Nisso você pode confiar em mim.

Beatrice sentiu um movimento circular do polegar dele na mão dela. Sem dúvida, o gesto era algo estranho e bom ao mesmo tempo.

— Vou confiar.

Deu um sorriso, virou a cabeça de lado e enxergou umas crianças se preparando todas animadas para praticar o esporte.

— Nem imaginava que as crianças também podiam fazer isso — Bea estava com o coração mais calmo, o gesto de Pedro a ajudou mesmo.

— Podem sim, e é uma das atividades que elas mais gostam — o juiz constatou.

A bola de um dos pequenos que brincava durante a espera da sua vez parou nos pés de Beatrice, que se abaixou para pegar.

— É sua? — ela perguntou ao menino de cabelos castanhos e ondulados, que se aproximou.

— Sim, eu ganhei ontem de aniversário — o pequeno rapaz respondeu.

— Ah! Então é por isso que estão aqui, para comemorar seu mais um ano de vida? — Bea manifestou sua curiosidade.

— E do meu primo, que faz aniversário hoje — o menino feliz se achegou mais, sussurrando no ouvido de Bea: — No final, vamos comer um bolo perto da cachoeira!

— Ah, eu não acredito!

Pedro crispou os olhos para o que o menino havia dito, curioso para saber o que deixou sua auxiliar com uma cara de surpresa.

— Que dia mais legal, hein? — Ela bagunçou os fios de cabelo do pequeno. — Certeza que ficará na memória.

O rapazinho riu e os pais dele o chamaram, acenando com gentileza para Pedro e Bea que retribuíram a cordialidade.

— Agora vai lá com sua família comemorar! — Bea fez uma leve carícia na cabeça do menino e ele se foi.

O magistrado não pôde deixar de apreciar a facilidade e amorosidade de Beatrice com o pequeno, ela era tão gentil que até uma criança poderia constatar isso. Ele ficou pensativo ao reconhecer esse fato.

— É a vez de vocês — o instrutor chamou os dois.

Beatrice seguiu orando, e Pedro não podia negar a felicidade. Ao chegarem no local exato, o instrutor, chamado Alexandre, os saudou, explicou tudo e começou a colocar o equipamento de segurança. Ele viu como Bea estava tremendo e inquiriu:

— Beatrice, não é?

Ela assentiu, e Pedro se atentou a conversa do homem com sua auxiliar.

— Estou vendo como está tremendo, se desejar posso ir com você.

Beatrice sentiu a esperança reacender dentro se si. Não queria mesmo ter que passar por aquilo sozinha.

— Eu gostaria muito porque...

— Alexandre, eu vou com ela — Pedro interrompeu Beatrice, que o olhou com incredulidade. — Não precisa deixar seu posto.

— Você concorda? — o instrutor perguntou para a jovem.

— Só de não ir sozinha já é ótimo! — Ela só queria que começasse e terminasse logo.

Alexandre preparou os dois e começou a contagem, Beatrice fechou os olhos, mas não esperava sentir as mãos firmes de Pedro no seu braço. Ela abriu os olhos e o fitou, sendo, nesse instante, ambos empurrados e a

aventura começou. Ambos deslizavam pela corda e antes que pudesse decidir não querer ver nada, ouviu:

— Não permita que o medo tire as oportunidades de contemplar a bela criação de Deus!

Beatrice o contemplou e assentiu, dando oportunidade para ver tudo ao redor e se surpreendeu com a paisagem vista de cima. Era tudo tão belo e gracioso. Como o mundo poderia ser tão vasto de magnificência? Só a obra de um Supremo Artista! Ela agradeceu a Deus por ter a chance de enxergar tudo aquilo.

A tirolesa acabou antes de se dar conta. A partir dali ela se abriu às aventuras de Pedro. Eles, junto com outros, fizeram arvorismo, trilhas e escaladas. Ao fim da tarde, caminharam até uma cachoeira para fechar o dia com chave de ouro.

Durante o percurso, Bea conseguia já ouvir o som da água. Era como um oásis. Não demoraram nem 10 minutos para ter à frente a estupenda cachoeira!

— Pedro, é muito linda! — Bea estava atônita com a bela paisagem natural, e se coçou.

Pedro sorriu. Ele gostava de como sua auxiliar se empolgava até com as mínimas coisas. Era tão aprazível ver o mundo a partir de uma óptica simples e encantadora. O coração grato tinha esse poder de ver beleza em todas as coisas.

— Eu disse que valeria a pena! — Ele vislumbrou a mesma visão.

Beatrice se virou para o chefe, e ele notou um brilho de emoção nos olhos dela.

— Obrigada por me apresentar isso, juiz Bernardi! — Bea deu um sorriso que aqueceu o coração do magistrado. — Nunca vou me esquecer — a fala dela foi acompanhada por mais algumas coceiras.

As palavras de Beatrice foram suficientes para preencher todo o coração dele.

— Obrigado por aceitar! — Pedro declarou, sabendo que aquele dia não teria sido o mesmo sem a presença dela. — Vamos aproveitar a água? — E andou até a frente para molhar os pés.

Beatrice assentiu, empolgada, mas antes que pudesse aproveitar a água fresca, disse:

— Pedro — sua voz parecia cansada, de repente.

— O que foi? — O juiz se virou.

— Não estou bem! — Ela estava completamente inchada no braço e o rosto vermelho.

O juiz arregalou os olhos e correu em sua direção.

— Beatrice, o que aconteceu? — Ela não respondeu, pois desmaiou.



24-TERNA NOITE

Beatrice apertou os olhos antes de se acostumar com a luz. Avistou uma estante de livros, parede meio verde-água, uma mesa com computador e estava deitada sobre uma maca. Aquilo era desconfortável! Ao se sentar, virou a cabeça para o lado, e encontrou o magistrado de pernas cruzadas com um livro nas mãos.

Quão estranha era a visão de Pedro, parecendo o exato juiz sério e concentrado, vestido com roupas casuais e uma tatuagem que cobria o braço delineado pelos músculos. Beatrice achava agora que o homem deveria sempre usar terno, seu lado esportivo era uma “afronta” à saúde mental das mulheres.

— Você acordou! — A voz grave de Pedro ressoou e deixou o livro de lado.

— O que aconteceu, hein? — Bea não queria ter que encará-lo.

Sua mente estava meio confusa, mas começava a se lembrar que estavam na cachoeira, sentiu uma ferroada, a pele começou a coçar, faltou o ar, a vermelhidão e parou ali.

— Que lugar é esse?

— É uma pequena clínica perto das montanhas para casos como o seu. O doutor Ravi a atendeu. Ele deu uma saída rápida — Pedro respondeu com gentileza e se aproximou com nítida cordialidade. — Você teve uma reação alérgica à picada de algum inseto. Sabia que tinha essa alergia?

Beatrice piscou rápido.

— Não sabia. — Ela colocou a mão na cabeça. — Misericórdia! Até os insetos tentam me derrubar.

Pedro não conseguiu deixar de rir.

— Pelo visto, você voltou intacta. — A porta se abriu, entrando um homem baixo, moreno e de jaleco.

— Oh, a jovem acordou. — O médico se aproximou, pedindo para Bea abrir a boca, a fim de examiná-la e depois auscultou o seu coração. — Você já está bem. — Fez uma anotação na prancheta. — Pode voltar para casa, mas eu recomendo não fazer uma viagem muito longa. Os remédios dão sono e enjoo.

— Ela será bem cuidada, doutor. Obrigado. — Pedro estendeu a mão para o médico, que apertou.

O juiz ajudou sua auxiliar a descer da maca, pegou as mochilas e conduziu Beatrice para fora da sala. Em passos lentos e começando a sentir uma grande fome, Bea declarou:

— Que horas são? — Ficou curiosa ao ver que anoiteceu.

— São aproximadamente 22h.

— Nossa! — Ela parou e olhou para o juiz. — Eu dormi todo esse tempo e você ficou aqui?

— Você acha que eu ia embora e a deixaria? — O juiz abriu a porta de trás do carro e lançou as mochilas lá. — Que tipo de homem acha que eu sou, senhorita Mendes?

A jovem identificou o tom zombeteiro do chefe.

— Obrigada por me ajudar. — Tinha um tom tímido.

— Você faria o mesmo tenho certeza. — O magistrado deu um leve sorriso e a colocou no banco do carona.

Enquanto Pedro dava a volta para entrar pelo lado do motorista, Beatrice pensou o quão estranho estavam sendo as atitudes dele. Será que

esse era o verdadeiro juiz e não o turrão do trabalho? O que havia ocorrido para tal mudança de atitudes? No momento, se indagou, mas estava cansada demais para buscar respostas. A única coisa que faria era aproveitar o acolhimento por parte dele.

— Para onde vamos?

— Tem um hotel aqui perto, ficaremos nele.

— Eu estou dando um trabalho do tamanho do mundo. — Bea se sentiu um pouco envergonhada. — Me desculpe mesmo!

— Você não é culpada por ter sido picada e ter uma reação alérgica. Imprevistos são coisas comuns da vida, Beatrice. — Ele a olhou de soslaio e voltou a se concentrar no trânsito.

— Você foi muito rápido em me ajudar.

Bea descansou a cabeça no encosto do assento. Por um momento, comparou o juiz com seu pai, que era tão bom em resolver problemas assim. Os dois não ficavam parados diante das situações difíceis e tinham uma percepção veloz do que fazer e como agir. Reconheceu ter um senso de segurança com o magistrado tal quanto obtinha ao estar com seu genitor.

— Descanse mais um pouco, logo chegaremos — Pedro proferiu com tom de ordem, Beatrice já considerava aquilo um hábito natural dele.

Meia-hora depois, Beatrice enxergou o hotel, mas não era nada como esperava. Imaginava ser algo muito luxuoso e tudo, mas, para sua alegria, era um lugar rústico, aconchegante e simples. Ela e Pedro se encaminharam para a recepção e notou que o lugar não tinha muitas pessoas. Se sentiu melhor.

O juiz reservou dois quartos no mesmo corredor e solicitou uma reserva no restaurante para jantar. Beatrice agradeceu internamente. Eles foram para o elevador e, quando as portas se fecharam, Pedro perguntou:

— Está mais estável agora? — Concentrou-se nela, e Beatrice sentiu a intensidade da preocupação naqueles olhos azuis. Estava sendo sincero em seu cuidado. Isso comoveu o coração da jovem auxiliar.

— Muito mais. — A jovem suspirou e o encarou, notando o quanto a barba dele estava por fazer e isso lhe atribuía certo charme. Ela balançou a cabeça. — Tenho certeza de que um bom banho e a comida vão ajudar ainda mais.

— Isso é bom! — A porta do elevador abriu e eles saíram.

Ao chegarem ao quarto dela, ele lhe entregou a chave.

— Daqui a uma hora, eu busco você para o jantar. O restaurante daqui têm uma boa comida. — O chefe colocou as mãos no bolso da bermuda.

Bea assentiu e entrou no aposento. Por um curto tempo, observou como a decoração tinha um apelo rural e confortável, com uma cama simples, uma cômoda, frigobar, televisão, um banheiro e varanda. Era tudo acolhedor. Sentou-se na cama e pensou nas atitudes de Pedro, suspirou fundo ao perceber como ele poderia ser gentil. Um sorriso escapuliu dos seus lábios. De repente, se lembrou da mãe e da prima, então resolveu ligar para dar explicações.

Tinha acertado ao saber que as duas se encontravam com o coração na mão depois de tanto tempo sem dar notícias. Bea informou sobre os acontecimentos e as tranquilizou ao relatar como o juiz havia a auxiliado e logo regressaria para casa.

— Não vai demorar muito para eu voltar a perturbá-las. — Brincou com as duas, que aceitaram suas palavras e desligaram o telefone tranquilas.

Ficou por um tempo em silêncio pensando em todas as coisas ocorridas durante o dia e agora a noite. Tirou de dentro da bolsa seu diário e passou a descrever os sentimentos sobre tudo isso. Sem dúvida o juiz Bernardi havia se mostrado muito diferente nas suas ações. O que a surpreendeu de maneira positiva, mas havia um certo temor de a qualquer momento vê-lo retornar a postura autoritária. Deveria temer ou agradecer? Ponderou e se expressou nas suas folhas até que avistou as horas no celular e correu para se arrumar.

Bea preparou o banho e escolheu um vestido soltinho e com estampas de flores, cujo busto era modesto e saia leve. Tomou um banho, limpou os cabelos e os secou, deixando-os ondulados e soltos, pôs a roupa e calçou as sandálias, passou uma cor no rosto e gloss nos lábios só para disfarçar a pele pálida, usou uma colônia de cheiro adocicado e estava pronta.

Uma batida na porta ecoou, e Bea a abriu encontrando Pedro que, quando a viu, não conseguiu expressar nada. Seus olhos não puderam deixar de contemplar a beleza da jovem. Ele reparou nos fios soltos e naturais; o vestido expunha a feminilidade; o cheiro dela exalava o inebriando e os olhos claros realçavam a delicadeza do rosto.

— Pedro, já estou pronta.

Ele fechou os olhos e respirou fundo.

— É claro que está. — Enfim, encontrou a sua voz.

O juiz pôs as mãos nos bolsos a fim de driblar a vontade que teve de segurar as mãos macias de Beatrice.

“Que pensamentos são esses?” Pedro indagou-se.

Bea saiu para o corredor e fechou a porta atrás de si. Ela sorriu para o juiz e observou como estava bonito vestido de calça jeans e blusa de botão branca, com mangas dobradas até no antebraço, escondendo a tatuagem outra vez, para sua tristeza. Ela gostou do desenho.

— Não vai levar seu celular? — Reparou na jovem caminhando de mãos vazias ao seu lado.

— Deixei no quarto. Há situações em que precisamos nos dedicar somente ao presente e as refeições são um desses momentos.

Ele gostou disso. Lembrou de como Letícia nunca deixava o aparelho para nada, até quando conversavam. Aquilo era estressante para o juiz. Era muito bom Beatrice ser diferente.

Os dois chegaram ao restaurante, cujas paredes ao redor eram de vidro, que os deixavam exposto a toda paisagem natural. Beatrice ficou deslumbrada. Ela sentiu as mãos firmes do juiz encostarem nas suas costas e a guiar até uma mesa bem perto da parede. O garçom chegou com os menus e os entregou.

— Eu posso adivinhar que você pedirá hambúrguer. — Desafiou-a com um sorriso de canto.

— Eu poderia surpreendê-lo, juiz Bernardi. — Ela fechou o menu com audácia, arqueou a sobrancelha e semicerrou o olhar. — Mas prefiro me abster e pedir sanduíche.

Pedro riu e pediu uma salada com peito de frango.

— Você é triste, Pedro. — Bea balançou a cabeça em negação. — Em vez de aproveitar a juventude para comer besteira.

— E depois morrer com as veias entupidas do meu coração? Eu agradeço, mas não.

A jovem balançou a cabeça em resposta ao comentário do juiz. Olhando para fora, avistou algo que há muito tempo não admirava.

— Olha ali aquela luz brilhando! — Apontou para longe e se levantou.

— Aonde vai, Beatrice? — Sem entender, ele se levantou também.

— Vou ver a luz nesse céu! — disse com um sorriso. — É sério, não é todo dia que a gente tem a oportunidade de ver planetas a olho nu.

— Planetas? — Pedro franziu o cenho.

— Isso! — Bea deu um sorriso travesso e seguiu para fora. O juiz acabou a seguindo.

Do lado de fora, ela encontrou uma escada que dava para a parte superior do restaurante, então começou a subir.

— O que está fazendo?

Ela o olhou de cima e declarou:

— Hoje de manhã você me mostrou um pouco do que gosta. Agora venha ver o que eu gosto. — E chegou ao topo.

Pedro apareceu logo depois. A parte de cima era totalmente descoberta, mas o hotel parecia saber que pessoas gostavam de lugares altos, então decorou o terraço com um belo jardim e sofá ao ar livre.

— Todas as vezes que vim aqui nunca percebi que tinham isso — Pedro tinha um tom surpreso na voz.

— Você está sempre muito ocupado para ver as coisas simples da vida, juiz! — Bea possuía um misto de seriedade e graça na voz. — Veja aquela luz fixa. — Ela indicou o firmamento escuro revestido de pontos prateados. — Está vendo?

Pedro se aproximou dela e assentiu.

— É um planeta. É só você identificar os pontos luminosos que não piscam. Eles emitem uma luz contínua porque apenas refletem a iluminação que recebem do sol — explicou com paixão. — Já as estrelas estão muito, muito, muito distantes do nosso sistema solar. Essa luz que a gente enxerga no céu percorre uma distância gigantesca e por isso elas parecem estar piscando.

— É incrível! — Ele ficou próximo dela. — Como sabe tanto sobre isso?

— Meu pai sempre amou astronomia e me ensinou. Nós dois construímos um telescópio. Era incrível. — Abraçou-se por conta do vento. — Depois da morte dele, fiquei um tempo distante. O céu e seus luminares

eram uma das coisas que nos unia. É difícil compartilhar tanto com uma pessoa e vê-la partir. — Bea ficou emocionada.

A jovem respirou fundo, fechou os olhos e sentiu algo sendo posto nos seus ombros. Era uma pequena manta. Quando abriu as pálpebras, reparou como o juiz estava mais perto.

— Peguei essa manta do sofá para aquecê-la. — Ele deu um sorriso. — Obrigado por compartilhar sua paixão pelas estrelas.

Ela baixou a cabeça, tímida.

— Pode ser besteira para algumas pessoas, mas...

— Deus fez um universo diverso e todo ele pode ser explorado. Na riqueza disso, encontramos a sabedoria do próprio Criador — Pedro refletiu e fez Bea o encarar outra vez. — Uns podem se encantar com as flores, os alimentos, as rochas e, com toda certeza, os corpos celestes. Há graça Divina em todos eles.

— Isso foi muito bonito! — Bea tinha os olhos marejados. — Quer saber um pouco mais sobre essa linda paisagem estelar?

Ele assentiu.

Pedro teria expressado que a beleza dela realçava todas as outras, mas guardou as palavras para si. Apenas contemplou Beatrice e ficou ao seu lado enquanto apreciava o doce som de sua voz.



25-BOM AMIGO

Andréa bocejou e tampou o rosto com as mãos, procurando tirar uma soneca. Havia passado a madrugada inteira fazendo seus doces já que, graças a batedeira ultra tecnológica dada por Bernardo no amigo oculto, resolveu aceitar alguns pedidos.

— Trouxe café para você. — O timbre do estagiário, de apenas 21 anos, ressoou em seus ouvidos.

Andréa ergueu o olhar para o menino de cabelos e olhos castanhos que tinha um largo sorriso em sua direção, e resolveu não o destratar mais uma vez. Desde o evento junino, ele procurava sempre estar ao seu lado e, de todas as maneiras, servi-la. Era bem claro a todos que trabalhavam na vara a paixão do estagiário por ela. Se não fosse a diferença de 4 anos de idade, ela poderia considerar algo entre eles.

— Obrigada, Bernardo, mas não precisava. — Ela tomou a xícara com o líquido quente em mãos e dando as primeiras bebericadas. — Essa segunda-feira está parecendo final de semana.

— Eu vi como estava com sono.

Andréa arqueou a sobrancelha e perguntou:

— Estava me espionando?

— Não, mas eu passei aqui e vi sua condição. Parece que não teve uma boa noite de descanso.

— Tenho trabalhado demais! — Sorveu um grande gole de café. — E eu nunca tive a oportunidade de agradecer, mas sua batedeira tem me ajudado bastante. Valeu! — Sorriu para ele, e o jovem, ao ver tal gentileza da mulher que tomava conta de seus pensamentos, sentiu um novo ânimo em seu ser.

— Não foi nada! — O sorriso estava de orelha a orelha.

— Ótimo. Agora volte ao trabalho! — Ela semicerrou os olhos, e Bernardo assentiu feliz e satisfeito.

Andréa ainda tomava o restante do líquido preto quando Beatrice chegou ao trabalho.

— Beatrice, enfim apareceu! — Andréa saiu de trás de sua mesa e se encaminhou para o lado da amiga.

— Por quê? O que aconteceu? — Bea seguiu para preparar a bandeja de café do juiz na copa.

— Bom, depois de ter ficado na cidadezinha e nem mandar mensagem, queria saber como foi. — Andréa apertou os lábios, mostrando sua curiosidade e a colega se fingiu de desentendida.

Beatrice pensou no que diria para não se comprometer. Não poderia falar do passeio com o juiz, o desmaio e aquela noite com as estrelas. Não podia mesmo. As pessoas pensariam errado sobre o ocorrido.

Na manhã de domingo, no dia anterior, após Pedro deixá-la em casa, precisou ter uma longa conversa com a mãe e a prima. Ela caminhou para seu quarto pensativa e ainda carregava na memória as vivências com o magistrado. Nunca imaginaria viver algo assim com ele. Isso ainda era tão vívido que precisava ser processado muitas vezes antes de compartilhar com alguém.

— Foi um bom passeio — Não apresentou grande emoção, apesar de querer.

— Só isso?

Bea assentiu e deu um sorriso tímido.

— A vida não tem mesmo tanta aventura. — Andréa bufou e reparou nas ações da colega ao pegar uma xícara. — Acho bom você preparar duas

xícaras, minha cara. — Beatrice parou e contraiu o cenho. A colega cacheada compreendeu a expressão da mulher e continuou: — Doutor Bernardi está recebendo uma visita.

— Ele já chegou! — A auxiliar quase cuspiu as palavras ao declará-las e acelerou seus movimentos como se tivesse se tornado o flash.

O juiz não poderia achar que por causa do passeio, ela ficaria uma irresponsável.

— Ei, vai com calma. — Andréa recuou uns passos para trás, para não se sujar com a saliva, caso a colega repetisse outra exclamação.

— Desculpa! — Às pressas, organizou as xícaras e o bule em cima da bandeja. — Meu Deus, eu estou atrasada! — Colocou uns biscoitos junto e partiu a passos rápidos para o gabinete.

— Bea, espera! — O timbre de Andréa ecoou, mas a jovem não deu atenção e partiu apressada.

Ao entrar no gabinete do juiz, reconheceu que só havia um homem ali. Poxa vida! Suas atitudes precipitadas nem deixaram Andréa responder que o juiz não tinha chegado.

“Desastrada!”

“Melindrosa!”

“Beatrice, só Cristo por você!”

— Oh! — O homem de cabelo castanho e barba, exclamou. — Você precisa de ajuda aí?

— Eu não... — Ela recusaria, mas a bandeja pendeu para o lado, motivando-a aceitar o auxílio oferecido. — Tudo bem, eu preciso.

Ele caminhou até a auxiliar e segurou a bandeja. Beatrice aproveitou a oportunidade para arrumar a porcelana que ficou em má posição.

— Vocês, mulheres, sempre atentas a esses detalhes, não é mesmo? — O homem tinha um sorriso ao examinar a destreza dela na arrumação.

Bea o olhou e declarou:

— Pense comigo, você não se sente bem ao ser recebido com boa organização e delicadeza?

— Está certa! Você me pegou!

Os dois acabaram compartilhando uma risada, mas foram interrompidos com a porta se abrindo e Pedro Bernardi aparecendo em sua postura austera

habitual. Seus olhos se estreitaram ao presenciar os sorrisos harmoniosos de sua auxiliar com seu velho amigo. Bea o olhou e notou que lá estava o juiz sério e contido outra vez.

— Pedro! — O visitante expressou com sincera alegria.

— Ah, doutor Bernardi! — Bea entrelaçou as mãos rentes ao corpo. De modo quase involuntário, seu corpo se afastou da proximidade com o homem ao seu lado.

— Bom dia — Pedro declarou em tom seco e seguiu rumo a sua mesa.

— Por favor, deixe que eu carrego a bandeja agora — Beatrice disse ao homem que a ajudou minutos atrás.

— Não — retorquiu com gentileza. — Me diga onde pôr. — Ele nem se deu conta da expressão nada favorável de Pedro, que assistia aquilo em silêncio.

Bea achava que o chefe a estava vendo como uma irresponsável. O amigo do juiz, simplesmente, pensava em como ser o mais prestativo para uma auxiliar em apuros e simpática. Enquanto Pedro queria apenas entender o que estava acontecendo ali.

— Coloque na mesinha de centro, por favor — pediu depressa e assim que o homem atendeu suas orientações, agradeceu: — Obrigada, senhor.

— Foi um prazer ser útil... — Ele estreitou os olhos e estalou o dedo, a auxiliar entendeu.

— Beatrice.

— Foi um prazer ser útil, Beatrice!

— Tenham um bom dia! — Bea, ao constatar o olhar estático do patrão para eles dois, engoliu em seco e correu para sua sala.

— Que ótima pessoa sua auxiliar! — o homem elogiou, com um largo sorriso, ao analisar a pressa da jovem para sumir da presença dos dois.

— Está sorrindo demais, não acha? — Pedro o indagou com o cenho franzido.

O homem se virou para ele e não aguentou a repreensão, colocando-se a rir ainda mais alto. No entanto, ao verificar a reação séria do amigo se conteve.

— Desculpe. — Pigarreou um pouco.

— Murilo, você não muda mesmo! — Pedro desfez sua posição de carrancudo e saudou o amigo com um forte abraço.

— E nem você com esse jeito sério. Quem aguenta seu temperamento, Pedro? — Murilo falou, sentando-se num dos cantos do sofá. — Deve matar a Beatrice com essas variações de humor.

Pedro se acomodou na poltrona e não pôde deixar de rir do comentário do colega.

— Acho que ela tem se acostumado. — O juiz arrumou um dos botões do terno.

— Ou comprou um saco de boxe para dar uma surra nele todos os dias pensando que é o chefe dela. — Murilo brincou outra vez.

Pedro estreitou o olhar para Murilo, que quicou os ombros para a expressão mal-humorada do amigo.

— Admita, Pedro, você é um pé no saco!

— Eu poderia processá-lo por calúnia e difamação, sabia? — Pedro tomou a xícara de café nas mãos e semicerrou o olhar para o amigo.

— E eu julgaria seu caso e lhe daria perda de processo. — Murilo não perdeu a piada.

— Vai assumir alguma vara? — Pedro cortou a brincadeira, como de costume.

— Assumirei a vara de família. — Murilo sorveu um pouco do café e soltou o ar. — E irei me casar! — Soltou a frase com satisfação.

Pedro arregalou os olhos e um ar pesado foi expelido de seus pulmões.

— Parabéns, Murilo! — O juiz estendeu a mão para felicitar o amigo. — Quem é a felizarda?

— Ela é da Paraíba. — O sorriso espontâneo de Murilo demonstrava sua paixão. — Daqui a um mês ela chega.

— Enfim, Murilo Ferreira foi fisgado! — Pedro assegurou ao relembrar as antigas pretendentes do amigo nos tempos da faculdade de direito.

Era interessante como Murilo nunca se deixou levar pelo *glamour* das mulheres que o cercavam. Sempre se manteve fiel aos seus princípios bíblicos. Na época, Pedro achava que ele nunca encontraria ninguém com aqueles ideais, mas estava errado. Arrependeu-se de zombar do amigo quando estava sob os efeitos de Letícia. Era lastimável a sua condição.

— Ela é a resposta das minhas orações, Pedro — Murilo proclamou com todo seu ardente amor. — Nos encontramos numa conferência cristã.

— Tenho certeza que sim. — O juiz ficou pensativo. — Ela é uma mulher de muita sorte e que deseja trabalhar a paciência, já que o tem do lado.

— Olha quem fala! — O amigo jogou uma almofada no magistrado. — O homem cuja esposa deveria ter auréola na cabeça para aguentar. — Pedro deixou a xícara na bandeja e balançou a cabeça. — Mas, falando sério agora, quem teve sorte foi eu.

— Qual o nome dela?

— É Mísia!

— Que nome mais diferente, mas bonito.

— Acho que combina, pois ela é uma mulher diferente das outras!

— O que ela tem de diferente das outras, Murilo?

— A bondade, a sabedoria e amor ao próximo — Ele suspirou. — A forma como ela cuida dos seus me encanta. Sabe como é difícil achar uma mulher assim? — O noivo desprendeu a elogiar de todas as formas a mulher que era a dona de suas afeições. — Não é todo dia que encontramos uma.

Os pensamentos de Pedro não puderam deixar de vivenciar o último final de semana com Beatrice, sabia como ela se encaixava nesses padrões tanto quanto a noiva de Murilo.

— Não é fácil, mas, às vezes, estão mais perto do que imaginamos! — Pedro olhou a porta da sala de Beatrice.



26-ADMIRAÇÃO

Na tarde daquele dia, Bea ouviu a porta da sua saleta abrir: era Pedro Bernardi. Ela respirou fundo ao ver como os olhos azuis do chefe estavam fixos em sua direção. Ele permaneceu de pé e parado como uma das suas estantes.

— Tudo bem, Pedro? — Bea uniu as mãos sobre a mesa.

Depois do final de semana, Beatrice ficou receosa em como agir com o juiz. Ambos ficaram mais próximos, mas não era motivo para mudar a relação de trabalho. Tinha certeza de que o juiz permanecia com os mesmos conceitos de profissionalidade de antes, mas admitia ter uma pulga de curiosidade sobre como ele se sentia. Sem dúvidas, Deus era de milagres. Tinha uma crença que os dois se odiariam para sempre, mas agora ousava em quase o considerar um amigo.

— Beatrice, você terminou seu serviço? — Pedro se aproximou da mesa e a observou com atenção.

— Neste exato momento! — Ela apertou no botão “Enter” e sorriu para o juiz.

— Ótimo! — A olhou com firmeza. — Agora se arrume, você irá me acompanhar a um determinado lugar — informou sem muitas explicações.

— Ahh! — ela gaguejou, surpresa.

— Você tem dez minutos — Pedro indicou a hora no relógio de pulso e saiu.

Ao vê-lo sair tão rápido como entrou, a curiosidade percorreu por toda a dimensão do seu corpo. Bea ficava se perguntando para onde iria com o juiz.

"Depois da tirolesa, nada mais pode me surpreender!"

Ela olhou para a hora no celular e resolveu se apressar. Foi ao lavabo se preparar e se colocou diante dele com breves minutos de antecedência.

— Estou pronta! — Bea entrou na sala do chefe com a bolsa na mão.

Ao visualizá-la reparou em como estava bela com aquele cabelo preso, e a saia abaixo do joelho. Ela era sempre assim? Como nunca reparou antes?

"Pedro, desvie seus pensamentos!", repreendeu-se e levantou.

— Muito bem. — Ele pôs o terno que descansava na cadeira. — Vamos? — Ainda mexido, o juiz se encaminhou até a porta, abrindo-a, logo esperando a moça passar para depois fechá-la.

Beatrice entrou no carro, e Pedro ao lado. Ela começava a sentir uma sensação de costume em ter a presença dele. Acabou suspirando, sabendo que não deveria se dominar por esses tipos de sentimentos.

— Pedro — falou assim que ele entrou no veículo.

— Sim?

— Iremos para onde?

Pedro apertou um pouco mais a gravata frouxa no pescoço e declarou:

— Achei que gostaria de ver pessoalmente umas pessoas. — O juiz estreitou os olhos em direção a auxiliar e sorriu.

Bea soltou um longo suspiro por ter tido sua ansiedade mais inflamada. Que pessoas seriam essas? Mas resolveu guardar seus questionamentos para si.

— Conseguiu descansar depois da viagem? — Pedro indagou assim que deu partida no carro.

— Reconheço que depois de tanta aventura foi difícil se acostumar com um domingo calmo. — Foi sincera.

Ele riu.

Beatrice reparou no jeito espontâneo dele, lembrando o Pedro do final de semana.

“Então, você não mudou de novo. Só estava fazendo seu papel de juiz durão outra vez, não é?”, comprovou e sorriu satisfeita.

A jovem se sentiu confortável ao constatar que, quando se achavam a sós, ele suavizava seu temperamento. Seria isso comum a outras pessoas próximas? Ficou curiosa.

Eles conversaram umas amenidades durante o trajeto e, 40 minutos depois, o carro parou em frente a um grande portão preto. Pedro se identificou e o veículo entrou no lugar onde, no grande muro, estava escrito o nome “Abrigo Raio de Sol”.

Beatrice observou o ambiente. O prédio parecia uma casa de campo cor-de-rosa. Amou a cor! Tinha também um moderado parque de diversões, cujos brinquedos eram um balanço feito com pneus, uma casinha com escorregador, sobe-desce de madeira, túneis e outros.

Várias crianças se aproximaram ao verem o carro. Quando Pedro e Bea saíram do veículo, a curiosidade dos pequenos sobre a jovem mulher foi nítida.

— Como vão? — o juiz questionou com uma naturalidade que surpreendeu a auxiliar.

As respostas foram variadas relatando ao juiz as suas diversas descobertas, aprendizagens e até sobre um dente que havia sido arrancado. Era tanta falação de uma só vez que ficou difícil saber com quem estava a palavra.

Uma senhora de meia-idade procurou contê-los, mas não conseguiu. Bea apenas abria a boca surpreendida com a atenção de Pedro com os pequeninos. Ele parecia mesmo interessado na conversa infantil.

— Crianças, quero apresentá-los a Beatrice! — Pedro indicou Bea com a cabeça. — Digam, “oi”! — Os pequenos logo atenderam aos pedidos. Bea foi surpreendida com alguns abraços espontâneos.

— Seja bem-vinda, Beatrice. — A senhora a cumprimentou. — Meu nome é Olivia.

Bea retribuiu o cumprimento com um forte aperto de mãos.

— Crianças — Olivia os chamou com tom sério —, agora que já falaram com o doutor Bernardi, podem ir brincar. Nós precisamos conversar.

— Ahh! — elas resmungaram e fizeram caretas para a mulher.

— Mais tarde conversaremos — Pedro falou com otimismo e os empolgou.

Os pequenos foram aos poucos se afastando.

— Vamos, Beatrice? — Pedro tirou Bea de sua observação das atitudes das crianças.

— O quê? — Virou-se para ele sem entender.

— Vamos conversar com Olivia. — O juiz balançou a cabeça e soltou uma risada com a expressão da jovem.

Ele a guiou em direção a casa e Beatrice caminhava com nítida admiração pelo lugar. Ao entrar, Bea percebeu que o primeiro ambiente era uma sala. Tinha um sofá preto grande e uma televisão; no canto direito possuía uma pequena biblioteca e do lado ficava o escritório de Olivia. E antes de entrar, reparou que algumas mulheres a ficaram olhando com desconfiança, mas não considerou aquilo. Eles entraram e se sentaram nas duas cadeiras postas diante da mesa da mulher.

— Beatrice, este lugar é um abrigo da igreja. — Pedro começou a contar. — Nós somos responsáveis pelo bem-estar dessas crianças. — Ela ficou em choque com aquilo. — Eu tenho ajudado o abrigo por muitos anos e gosto de vir pessoalmente para ver como as coisas estão funcionando.

— Entendo. — Bea balançou a cabeça e entrelaçou os dedos.

— Olivia — indicou a mulher à frente deles — administra esse lugar. Ela utiliza as verbas destinadas para o abrigo e distribui de acordo com as necessidades como roupas, comida, calçados, móveis, materiais didáticos e tudo mais.

— Incrível! — Beatrice vibrou com o trabalho tão primoroso da mulher.

— O abrigo é também assistido por psicólogas, professores de música, cozinheiras, e voluntários têm auxiliado nas áreas pedagógicas. — Mais uma vez a jovem ficou admirada com todo o trabalho desenvolvido. — Olivia sempre me informa sobre o que está precisando, mas depois de pensar e ponderar os prós e contras, decidi que quero lhe passar essa obrigação. Você aceita?

Por um momento, o coração da auxiliar ameaçou parar perante aquela informação. Ela tossiu mais do que gostaria.

— Eu não sei se posso. — Tentou respirar mais fundo.

— Isso não é nada difícil — Pedro abanou a mão no ar. — Além do mais, você é uma ótima organizadora e ama crianças.

Beatrice o encarou e percebeu como o juiz a estava considerando para aquele serviço. Tudo bem que se sentiu meio espantada por receber um convite inesperado desse.

— Pedro, eu ... — O timbre agudo de Bea saiu em leve desespero.

— Não confiaria esse trabalho a você se soubesse que não é capaz! — A seriedade dele demonstrava a confiança que tinha na capacidade dela. Isso a comoveu.

— Essas crianças são um tesouro para o doutor Bernardi e se ele está lhe concedendo a honra de cuidar delas, aceite! — Olivia incentivou Beatrice a receber aquela tarefa como um presente.

— Muito obrigada. — Bea pressionou os lábios. — Espero que esse trabalho flua em minhas mãos. — Desejou com sinceridade.

— Confie no Senhor e o mais Ele fará! — Pedro falou com um sorriso para a jovem. — Olivia, a partir de hoje quaisquer necessidades, a senhora pode procurar a Beatrice. Ela a ajudará em tudo que for preciso.

— Assim farei.

Pedro assistia ao abrigo por muitos anos. Ele sempre amou aquelas crianças. Era um lado de sua vida não muito divulgado, mas um dos mais importantes. Ao ver a reação de Beatrice com aquela criança no final de semana, todo seu empenho organizacional no trabalho, a compaixão com os adolescentes na socioeducação, não teve dúvidas de que ela seria perfeita para servir ali também.

— O objetivo dessa vinda foi apresentar a Beatrice — Pedro disse à Olivia.

A mulher assentiu, satisfeita.

— Contudo, eu também trouxe presentes para as crianças, afinal, são as férias de meio do ano. — Ele sorriu para a mulher. — Organize-as e nós distribuiremos os brinquedos.

Olivia se levantou e chamou o pessoal.

Ao saírem da sala e caminharem para o lado de fora, Beatrice falou:

— Pedro, ainda não acredito que me chamou para ajudar num abrigo. Isso foi especial. — Ela deu um sorriso sincero para o chefe e seus olhos tinham um brilho de emoção.

— Acredito que nenhuma mulher poderia amá-los mais do que você — As palavras voaram da boca do juiz.

Ela demonstrou sua alegria.

Ambos se encaminharam para o carro, e Pedro, ao abrir o porta-malas, mostrou imensas sacolas brancas com os presentes. As crianças e também adolescentes, já formavam fila e a expectativa era evidente nas expressões delas.

Cada sorriso, olhos marejados e bochechas vermelhas faziam o coração de Bea se derreter enquanto entregava os brindes. Aquelas crianças não tinham amor de pai e mãe; não possuíam outros familiares, mas se dependesse de Bea, conheceriam o grande amor do Pai celestial que era capaz de satisfazer cada ínfimo espaço dentro de cada um.

— Obrigada, moça — agradeceu uma menina ruiva de voz doce ao receber seu pequeno fogão de cor rosa e lilás.

Todos os objetos eram de boa qualidade: as bonecas, casinhas, lego-lego, joias de brinquedo, geladeiras, pias e todos os utensílios domésticos feitos de plásticos, que serviriam para alegrar as tardes das garotas ao preparar a festa do chá para elas e suas amiguinhas.

— De nada, meu bem. — Bea se ajoelhou para ficar da altura da menina de cabelos cor de fogo e recebeu um afetuoso abraço. Sentindo aquela aproximação, Bea chorou. Ela não aguentou!

Pedro, ao olhar a cena entre as duas, sorriu. Ele ponderou sobre como Beatrice tinha o poder de tirar os mais sinceros sentimentos das pessoas ao seu redor. Possuía tamanha delicadeza, bondade e amor em suas ações com o próximo que era impossível não a admirar.

— Vamos brincar, doutor Bernardi? — Uma voz rouca o tirou de suas divagações.

— Oi, Bruce. — O juiz distribuiu o último brinquedo e se voltou com mais atenção ao pequeno rapaz. — Brincar de quê?

— De dama! — o garoto de oito anos, pele morena e cabelos crespos respondeu. — Eu treinei e agora vou ganhar do senhor. Eu o desafio para um duelo.

Pedro franziu o cenho e riu da ousadia da criança.

— Eu aceito, senhor Corajoso! — O juiz bagunçando o cabelo do pequeno rapaz.

— Aêeeee! — gritaram as outras crianças que estavam em volta deles.

Bea, ao ouvir o barulho, se atentou para o que acontecia ao seu lado. Ao saber do desafio, achou fantástica a audácia do pequeno Bruce. O menino direcionou Pedro até uma mesa situada debaixo de uma árvore. Ali continha o jogo de dama montado.

— Oponente, tome sua posição — Bruce indicou o assento ao magistrado.

— Sim, senhor. — Pedro obedeceu, sentando-se à frente do menino e ficando com as peças pretas do jogo.

O garoto tomou o seu lugar, estalou os dedos e pronunciou:

— Prepare-se para perder! — afirmou com grande confiança em sua habilidade requerida com tanto esforço.

— Você já está me assustando com esse tom de voz — Pedro falou, crispando os olhos.

Todas as demais crianças ao redor riram.

— Essa é a intenção. — Bruce arqueou a sobrancelha. — Silêncio, pois iremos começar — ordenou às outras crianças, mostrando as palmas das mãos abertas para elas.

O jogo começou e, a cada movimento de peça dos oponentes, os cochichos rodavam entre os espectadores mirins. Bea prestava bastante atenção no desenrolar da competição e os participantes da rodada estavam muito atentos.

Ao ver como o pequeno Bruce estava concentrado a cada passo do seu no tabuleiro, Pedro tirou o terno, tentando aliviar o calor do momento. O silêncio era quase palpável e os olhares dos demais acompanhavam com expectativa o desfecho do desafio. Após uma hora, Bruce disse:

— Xeque mate! — E ganhou o jogo.

— Ehhhhh! — As crianças gritaram em celebração.

— Xeque mate é do xadrez — Pedro corrigiu.

— Isso não importa agora — rebateu o pequeno rapaz. — Foi um prazer competir com o senhor. — Ele estendeu a mão para Pedro, que retribuiu.

— Você foi um excelente adversário. — O juiz fez um aceno de reverência para o menino. — Parabéns, Bruce! — Pedro bateu palma e as crianças o acompanharam na felicitação ao menor.

Beatrice se surpreendeu ao ver o sincero respeito com o qual Pedro tratou o menino.

Bruce riu e começou a correr como uma criança "normal". Após se despedirem de todos, Pedro e Bea entraram no carro para voltar.

— Gostou do lugar? — Pedro inquiriu após um tempo dentro do veículo.

— Eu adorei!

— Fico contente. Eu sei que você vai ser uma benção para essas crianças.

— Sinceramente, muito obrigada! — Ela entrelaçou suas mãos, procurando conter a empolgação.

— Você mostrou que é digna. — O juiz a mirou com profundidade e respirou fundo.

— Achei incrível o Bruce. Que ousado ele é. — Bea repousou a cabeça no encosto do banco, olhando para o teto do carro.

— Ele é um excelente menino.

— Por que você não o deixava ganhar? — Se voltou ao chefe e indagou curiosa.

— Ele precisava aprender que a vitória vem com esforço. Um homem de verdade trabalha arduamente para vencer seus obstáculos.

— Por isso, ele falava como se fosse um adulto. — Relembrou a audácia do garoto.

— Sempre os tratei com seriedade nesses jogos. Queria ensiná-los que, quando estão diante de alguém, devem ser comportados e precisam respeitar os seus oponentes — Pedro explicou.

— Parece que ele aprendeu bem. — Bea sorriu e fitou o juiz.

Ela arfou no assento com grande admiração por pelo homem ao seu lado. Pedro era respeitoso e ensinava aos rapazes a serem também. E para

aqueles meninos, o juiz era uma das poucas referências de masculinidade. Ficou feliz por eles terem um bom exemplo.



27-CONFIDÊNCIA

Uma semana depois.

Beatrice tinha sido convidada por Olivia para visitar o abrigo e se inteirar mais das necessidades das crianças, da rotina do local e planejar meios de auxílio para o espaço. O caminho até o local possuía uma bela paisagem. Flávia, que acompanhava a prima, aproveitou o panorama a sua frente e resolveu gravar as belezas do trajeto com sua câmera.

— Enfim, chegaram! — Olivia as recepcionou no portão de entrada. — Estávamos esperando, queridas. — Recebeu-as com os braços estendidos para um abraço. — As crianças estão empolgadas pela presença de vocês. — O bom-humor da administradora do lugar empolgou as duas primas, que se sentiram acolhidas.

As jovens chegaram ao quintal que possuía algumas mesas com comidas para o café da manhã. Elas andavam e eram apresentadas, e perceberam alguns olhares desconfiados, Bea achou estranho mais uma vez, mas resolveu não se importar. Muitas crianças corriam pelo ambiente e outras estavam sentadas na grama brincando com bonecas ou carrinhos. A senhora Olivia bateu palmas, chamando a atenção dos pequenos para ela.

— Crianças, venham cumprimentar a tia Beatrice e a sua prima Flávia!

Não foi preciso repetir as palavras, pois todas correram em direção às moças que prontamente se posicionaram para receber uma enxurrada de abraços e beijos. Bea, cheia de carinho para oferecer, aproveitou o momento de alegria. Os gestos de amor dos seres infantis transbordavam em seu coração.

“A beleza da vida estava ali”. Pensou ela.

— Oh, crianças, deixem as meninas respirar um pouco! — Uma moça de cabelos longos e cacheados se aproximou das primas. — Vão para as mesas ou ficarão sem o café da manhã — ameaçou com o objetivo de espantar os pequenos para longe de Beatrice e Flávia.

Eles ouviram o som do apito de Olívia e correram, a fim de tomar seus lugares nas cadeiras postas no quintal.

— Essas crianças só faltam nos enlouquecer — declarou a jovem quando ficou a sós com as duas mulheres. — Muito prazer, eu sou a Raquel. — Estendeu a mão para um cumprimento. — Trabalho como psicóloga aqui e fui designada para orientar vocês sobre como funciona o abrigo.

— Ah, que maravilha! — Bea apertou a mão da psicóloga com força. — Estamos muito felizes de estar aqui e esperamos que esse dia seja abençoado.

— Vocês têm umas paisagens naturais muito bonitas — Flávia disse, admirando as copas das árvores ao redor.

— A igreja, quando decidiu fundar o abrigo, fez questão que fosse num local com muito verde. Assim, as crianças poderiam aprender sobre as atividades rurais, além de crescer num ambiente mais natural — a psicóloga respondeu.

— Foi uma excelente ideia! — Bea exclamou, observando o cenário mais camponês ao redor. — Vocês fazem um trabalho fantástico aqui.

— É um trabalho sustentado pela graça do Senhor Deus e a ajuda de muitos. — Raquel iniciou uma caminhada rumo às mesas e as meninas a acompanharam, ouvindo os relatos. — Às vezes, recebemos doação de roupas, sapatos, brinquedos, alimentos e tantos outros. E podemos ver que em tudo Deus tem suprido.

— Isso me leva a lembrar de George Müller — Beatrice disse. — Ele também cuidou de um abrigo, que na época era chamado de orfanato, e sempre pôde ver a provisão do Senhor.

— Ah! Eu gosto dessa história! — Flávia entrou na conversa.

Raquel teve seu interesse despertado, pois nunca ouviu falar daquele homem. Flávia, como que lendo os pensamentos da moça, começou a contar:

— Certa vez, ele estava orando e uma serviçal bateu na porta. Ao atendê-la foi abordado pela conversa de que não havia nada para as crianças comerem quando o amanhã chegasse. Ela pediu encarecidamente para que ele pedisse ajuda de alguém.

— George era conhecido por nunca pedir nada de ninguém para sustentar o orfanato — Bea pontuou, causando grande espanto em Raquel.

— E ele, após ouvi-la, apenas disse: “Sim, eu pedirei ajuda” e voltou para suas orações — Flávia retomou a história. — Naquela madrugada, atravessava pela cidade um homem que trazia um carregamento de pães, só que do nada a roda da carruagem quebrou.

— E, por incrível que pareça, uma outra carruagem que trazia barris de leite também quebrou — Bea continuou com um tom de suspense.

— Nossa! — Raquel estreitou os olhos ao ouvir os fatos.

— E você não vai acreditar onde essas carruagens quebraram. — Flávia comprimiu os lábios em um sorriso.

— Na frente do orfanato de Müller! — Beatrice afirmou com a voz empolgada.

— Os carregadores chegaram à conclusão de que não arrumariam a carruagem a tempo das entregas e os alimentos se perderiam. Então, bateram na porta do orfanato e a serviçal os atendeu. Eles perguntaram se eles queriam o carregamento, e você já pode imaginar o fim da história — a prima declarou num suspiro.

— A empregada não se conteve e saiu correndo para avisar George, dizendo o que tinha acontecido — Bea proferiu. — Ele simplesmente declarou: “Eu sei”.

— Ele pediu mesmo, mas ao Senhor — Flávia assegurou. — Sabia que ele abdicou do salário da igreja ao qual foi pastor e, do início ao fim, tudo no orfanato foi por doações?

— Durante a guerra nenhum vidro do orfanato sequer se quebrou — Bea completou sobre a fascinante vida de um dos seus heróis da fé preferido. — Ele alimentou mais de 10 mil crianças e nunca ficou devendo ninguém ou tiveram empresas por trás. — Ela parou, pensou e, com ênfase, declarou: — A única coisa que fazia era dobrar os joelhos e orava ao Senhor Deus.

— George afirmou uma vez: “Se esta obra é de Deus, certamente Ele tanto quer como é capaz de suprir todo o necessário. Ele não vai necessariamente prover na hora que nós achamos que deve. Mas quando há necessidade, ele nunca falha.” — a parente de Beatrice recitou a fala do homem.

— Uau! Que fantástico esse homem! — Para Raquel faltavam os adjetivos certos para qualificar o homem sobre quem ouviu.

— E ousado também. — Bea riu. — É contado que a rainha da Inglaterra o visitou em sua casa. Müller estava orando no quarto, e a empregada o informou: “Sr. Müller, a rainha está na sala, querendo lhe falar”. E ele respondeu: “Diga a Senhora Rainha que neste momento não posso atendê-la, pois estou falando com o Rei do Reis!”.

— Uou! — Raquel exclamou, fascinada pela coragem de George. — Que Deus me dê essa ousadia na vida!

As outras duas mulheres riram e balançaram a cabeça concordando com a psicóloga.

— Ah! — Bea suspirou e se encostou na prima. — Passaríamos horas conversando sobre a vida desse exímio servo de Cristo. Ele nos ensina tanto com o seu testemunho. São tantos milagres e eu queria chegar ao menos no dedo mindinho dele. — Expôs seu desejo do coração diante das duas.

— O mesmo Espírito Santo que habitou nele e o capacitou também vive em nós. — Flávia tocou no ombro da prima. — Então há esperança!

— Amém! — a psicóloga assegurou. — Bom, após esse sustento espiritual vamos para o material que nos espera e não está tão longe.

As primas assentiram com alegria e seguiram para compartilhar aquele precioso momento com as crianças. A manhã no abrigo foi regada com muitas conversas, brincadeiras e até mesmo gincanas.

Beatrice observava a interação das crianças e, apesar de saber como elas estavam contentes ali, percebeu como um passeio fora dos muros do abrigo

acrescentaria bastante. Fez uma anotação mental sobre o assunto e mais tarde conversaria com Raquel sobre sua ideia.

À tarde, algumas adolescentes se aproximaram de Flávia a levando para alguns cantos do abrigo, a fim de poder tirar excelentes fotos. O que se tornou muito bem-sucedido, trazendo grande divertimento entre as meninas.

— As jovens daqui gostaram mesmo de sua prima — Raquel observou ao se achegar para mais perto de Bea que se encontrava sentada numa cadeira na varanda.

— É verdade. — Bea assentiu. — Acredito que Flávia possa instruí-las em alguma coisa — refletiu sobre o assunto e uma luz lhe acendeu na mente. — Seria bom trabalhar com essas moças sobre a feminilidade delas. Estão crescendo e essa é uma boa hora.

A psicóloga dirigiu o olhar na mesma direção de Bea, avistando as adolescentes reunidas em grupo ao pé de uma árvore.

— Elas precisam mesmo de orientação sobre como ser mulher, sendo que esse é um assunto tão esquecido ultimamente.

— Isso mesmo! E tenho uma outra ideia também — Bea relatou, e Raquel voltou-se para ela. — Acho que poderíamos reunir as crianças para um passeio. Seria bem legal elas terem contato com outras pessoas e espairecer um pouco. O que pensa sobre isso?

— Uma boa alternativa. — Raquel sentou numa cadeira perto de Bea. — Elas ficariam muito contentes em sair por um dia.

— Acredito que podemos organizar passeios uma ou duas vezes no mês para vários locais. — Bea ficou pensativa por uns instantes e prosseguiu: — Falarei com Pedro sobre isso e como podemos fazer.

— É muito interessante isso — Raquel expressou, utilizando-se de um tom de voz quase inaudível.

— Por que é interessante? — Beatrice conseguiu ouvir.

— Me desculpe, mas é muito estranho o doutor Bernardi trazer outra vez alguém aqui — a jovem psicóloga disse. — Mais assombroso ainda é ele entregar essas funções para outra mulher.

Beatrice arrumou a postura na cadeira e estreitou os olhos, não entendendo a conversa da moça. Raquel percebendo a expressão no rosto da mulher, cuidou de se retratar.

— Não é nada contra você ou sua capacidade. Não me interprete mal, por favor — pediu. — É sobre a própria promessa dele no passado.

— Que promessa? — A auxiliar do juiz arqueou a sobrancelha.

— De que nunca mais traria ninguém aqui. Apenas ele cuidaria das coisas.

— Mas por que ele faria isso?

Raquel constatou que Beatrice não sabia de nada que envolvia o passado do juiz, se sabia era muito pouco. Ela coçou o rosto e considerou se contava ou não toda a história.

— Bom, eu não sei devo. — Começou ajeitando os óculos na face.

— Ah, por favor! Me tire das sombras e conte tudo. — Bea queria compreender um pouco mais sobre a vida de seu chefe.

Após ponderar sobre o assunto, Raquel resolveu confidenciar tudo que sabia.

— Pois bem — soltou o ar —, o senhor Bernardi era noivo de uma mulher chamada...

— Letícia Prado. — Bea sentiu o amargor nos lábios ao pronunciar aquele nome.

— Sim. — A jovem assentiu. — Ela o acompanhava nas visitas aqui. Tinha uma pose de amorosa, mas sempre que podia se afastava das crianças para ficar no celular. — Raquel ainda podia se lembrar dos sorrisos falsos de Letícia quando segurava alguma criança. — Nunca manifestou real interesse para o bem-estar do abrigo.

Com atenção, Bea ouvia os fatos que lhe eram expostos.

— Há três anos, houve uma festa do Dia das Crianças. Muitas pessoas vieram e o abrigo obteve grandes doações, até mesmo de empresas. — Raquel colocou uma mecha de cabelo atrás da orelha e continuou: — Havia muitos brinquedos para as crianças e várias barracas com vendas de comidas, a fim de arrecadar fundos para o abrigo.

— Isso é muito bom — Bea pensou que poderiam fazer aquilo de novo.

— Claro, só não contávamos com o que aconteceria. — A moça observou a curiosidade nos olhos de Bea e prosseguiu: — A noiva do doutor Bernardi, vendo nossa correria no dia, se dispôs a tomar conta do dinheiro

que o abrigo estava recebendo. E por confiarmos tanto no juiz, também depositamos confiança nela.

A mente de Bea começou a supor algumas situações que não gostaria de ter que afirmar.

— Ao fim de toda a festa, Letícia disse à senhora Olivia que não se preocupasse com o dinheiro. Ela faria toda a contagem das vendas e doações e dentro de poucos dias prestaria conta. — Raquel olhou para o chão e soltou o ar. — Esses poucos dias se tornaram semanas e a senhora Olívia comunicou ao senhor Bernardi sobre o ocorrido. — Raquel ainda lembrava do rosto lívido do juiz ouvindo a situação. — Pense na dificuldade que ela teve de ter que falar da atitude imprópria da noiva do juiz.

Beatrice passou as mãos sobre seu cabelo e respirou fundo.

— Letícia entrou em contato depois de um mês, dando uma desculpa qualquer sobre o porquê do atraso com o dinheiro, e disse que a quantia estava depositada na conta bancária do abrigo.

— Estava? — Bea a olhou com tristeza.

— O que você acha?

Beatrice não conseguiu declarar mais nada. Apenas abaixou a cabeça e fixou seu olhar perdido numa pedra perto da porta da varanda.

— A conta estava vazia e Letícia Prado sumiu até mesmo do noivo. — Raquel se levantou e caminhou até a beirada da sacada. — Você não pode sequer imaginar a vergonha que assolou o juiz com a atitude de sua *noiva* — disse a última palavra com sarcasmo.

— Como ela pôde roubar um abrigo? — A voz pesada de Beatrice denunciava sua indignação aflorada na alma.

Raquel quicou os ombros, pois não tinha resposta.

— O caro juiz repôs do próprio bolso boa parte dos recursos financeiros perdidos — relatou a ação de Pedro diante daquela constrangedora situação. — Ele prometeu que nunca mais traria ninguém aqui. — Ela mirou Bea e disse: — Você pode imaginar a nossa reação quando ele te trouxe.

— Acho que agora entendo os olhares de algumas mulheres daqui. — Bea sorriu sem muito humor.

— Gostei de você, Beatrice — Raquel esboçou um riso. — Você é muito verdadeira em suas atitudes. E preciso dizer que, se o doutor Bernardi

a colocou aqui, é porque ele a viu de um modo diferenciado.

— Mas eu não tenho nada de diferente.

— Você tem o Senhor e isso muda tudo!



28-SORVETE

— Está se sentindo melhor, mãe? — Beatrice perguntou a sua genitora. — Dar um passeio não é bom? — Tinha um sorriso tristonho nos lábios.

— Esse vento é gostoso de sentir — dona Rosana fechou os olhos e mostrou seu prazer.

— Tia querida do meu coração — Flávia passou o braço ao redor do ombro da senhora. — Passar tanto tempo em casa não é bom. Deveria sair mais vezes.

— Não tenho vontade de sair e a casa tem que estar pronta para quando vocês duas chegarem. — Rosana deu uma desculpa.

— Mamãe, a senhora não é nossa empregada.

— Vocês duas trabalham e sustentam a casa, eu preciso fazer alguma coisa, não? — manifestou com ênfase.

Bea também abraçou a mãe e as três caminharam pela praça enquanto o vento roçava em suas peles, viam as crianças brincarem no parquinho e outras pessoas sentadas no banco da praça conversando naquela agradável tarde de domingo. Dona Rosana não estava se sentindo bem e as jovens decidiram levá-la para espairecer.

As primas sabiam que desde a morte do esposo, Rosana nunca mais foi a mesma. Um abatimento e angústia pareciam ter feito morada nela para sempre. Isso entristecia sua filha profundamente, que nada podia fazer para mudar a situação, a não ser dedicar atenção e carinho. E era algo em que falhava muitas vezes, pois chegava sempre cansada e só desejava dormir.

— Vamos sentar ali perto daquela barraca de sorvete. — Flávia apontou para o local que dispunha de algumas mesas redondas.

Elas se encaminharam para lá e se sentaram.

— Está com o rosto cansado, Bea. — Rosana reparou após pedir o sorvete de baunilha. — Dormiu bem?

A filha negou com a cabeça, no entanto também não gostaria de partilhar daquilo.

— Não há nada para se preocupar. — Tocou na mão da mãe e deu um sorriso seco.

Beatrice estava com a mente cansada desde o dia anterior no abrigo, onde descobriu sobre o roubo de Letícia e tudo mais que ela ocasionou. Não deixou de refletir sobre como o juiz foi afetado e, ao conhecê-lo melhor, sabia o quanto prezava pela ordem e honestidade. Encontrar tamanha falha na própria noiva deve ter sido destrutivo. Ela suspirou.

— Não parece que é nada! — Flávia cutucou a prima que estava com os pensamentos longe.

A jovem sorriu.

— Por que não nos conta? — Rosana sondou, sabendo que aquele olhar da filha era de quem escondia algo. — Somos sua família! — Essa era a forma da senhora esquecer de seus próprios dilemas.

— Não tenho nada para dizer, apenas que preciso vencer a mim mesma. — Soltou um suspiro fraco.

Bea sabia sobre como seus sentimentos eram inclinados a grandes comoções a depender das situações. Não podia negar que os últimos dias acabaram mexendo consigo. A viagem, a proteção do juiz, a dança, o passeio e a conversa que partilharam estavam começando a mexer na sua própria consciência, muito mais do que gostaria. No entanto, uma indagação percorria em sua mente: será que ele ainda gostava de Letícia?

A dúvida era sincera porque, apesar de saber que ele se irritava só de ouvir o nome dela, poderia ser apenas ego ferido, mas ainda podiam existir sentimentos ali.

“Por que estou preocupada com isso?”

Era isso que ela não desejava pensar e sentir, mas os questionamentos começavam a penetrar seu coração.

— Acho que se você se abrisse faria bem, minha filha — Rosana insistiu porque sabia como Bea só precisava de incentivo para tirar o peso dos ombros.

Ela meditou um pouco sobre aquelas palavras e, depois de ponderar, resolveu apenas perguntar:

— Mamãe, como a senhora se apaixonou pelo papai? — O olhar espantado de Rosana e Flávia com a súbita pergunta, levou a jovem a se arrepender. Não era uma boa ideia relembrar de seu pai no momento. — Não precisa responder, desculpa. — Bea abaixou a cabeça.

— Não se preocupe. — Rosana soltou uma risada, levando o clima ficar leve e descontraído. — Sabe, não foi fácil — disse, pensativa. — Primeiro, eu achava que nunca conseguiria tê-lo.

— Essa história vai ser boa de ouvir! — Flávia colocou os cotovelos na mesa e pousou o queixo nas palmas das mãos.

Bea ergueu a sobrancelha ao ouvir o surpreendente relato.

— Como assim? Por quê?

— Nós éramos participantes do grupo de jovens da igreja — Rosana contou, expressando na voz a saudade dos tempos antigos. — Seu pai era muito ativo na comunidade, o que despertava o interesse de muitas meninas. Ele era engraçado e sério ao mesmo tempo, uma combinação cativante.

Bea podia compreender esse aspecto da personalidade de seu genitor.

— E existia entre nós a Débora, que era apaixonada por ele — Rosana exprimiu sobre as qualidades de sua antiga “oponente”, fazendo as duas moças rirem. — Ela era muito bem articulada e despertava o interesse dos outros rapazes, mas quem ela queria nem sequer a enxergava.

— Não sabia que papai era um conquistador — Beatrice brincou. — E o que aconteceu? — pediu com a curiosidade flamejando em seu coração.

— Essa história é mais empolgante do que eu pensava — comentou Flávia.

— Certa noite, no acampamento da igreja, estávamos todos reunidos e uns rapazes escolheram as meninas para a dança em conjunto. — Rosana abriu um largo sorriso ao relembrar de uma das noites mais felizes da sua vida. — Seu pai nunca dançava, mas, naquela noite, ele se levantou e veio em minha direção, me chamando para ser seu par.

— Na frente de todos? — Bea arregalou os olhos, empolgada com a situação.

— É disso que eu gosto! Homem decidido! — Flávia deu um tapa na mesa, que assustou as outras duas.

— Para, sua doida! — Bea deu um empurrãozinho na prima que fingiu que ia cair.

A conversa parou porque os sorvetes chegaram. Elas começaram a comer e o assunto retornou para um ponto crucial.

— Então foi na frente de todos e Débora viu tudo. — Por um momento, uma tristeza penetrou no peito de Rosana. — Você não gostaria de ver as lágrimas descendo pelo rosto dela enquanto presenciava o homem dos seus sonhos chamando outra para dançar.

— Acho que na vida eu sou a Débora — Bea mostrou um sorriso seco e levou um pouco de sorvete à boca.

— Por que diz isso? — Flávia franziu o cenho.

— Não é nada. Por favor, continue. — A filha fez o gesto com a mão, incentivando a mãe a terminar a história.

— Desde lá, criamos uma profunda amizade, e meses mais tarde ele pediu minha mão em casamento. — Rosana possuía uma emoção única. — Nunca pensei que um acampamento mudaria minha vida drasticamente. — O brilho do olhar apaixonado voltou. — Ele me disse depois que já me observava, e naquela noite marcou seu território.

Bea riu ao ouvir a expressão de possessividade utilizada pelo pai.

— Que lindo, mamãe! — A moça tocou nas mãos da mãe e a acariciou.

— Tia Rosana viveu o sonho romântico que muitas jovens desejam ter — Flávia riu, e Bea assentiu.

— Sabe o que isso tudo me fez aprender? — Rosana questionou.

— O quê? — as duas perguntaram em uníssono.

— Quando a gente acha que não está sendo vista, às vezes nosso ângulo pode estar errado.

Bea constatou seu coração dar um salto no peito ao escutar aquelas palavras. Não poderia se deixar convencer.

— O sorvete está muito bom, não? — Beatrice comeu mais e sorriu, tentando desviar o assunto. — Se sente melhor?

— Bem melhor. — Rosana riu. — É sempre bom estar com vocês! — Tocou nas mãos das duas moças de sua vida.

— Precisamos sair mais vezes — Flávia declarou.

— Vamos planejar — Bea disse, começando a dar algumas ideias de passeios.



29-CUMPLICIDADE

O relógio de ponteiro marcava a hora exata do almoço de Beatrice. O serviço tinha rendido bastante pela manhã e sentia a fome corroer seu estômago. Ela desejava um bom prato de carne assada com arroz e purê de batata.

Movida pelo apetite desenfreado, organizou a mesa em que trabalhava, pegou a bolsa para ir a um restaurante próximo do fórum e saciar os pedidos da fome. Ao abrir a porta de sua sala, deparou-se com Pedro, sentado, digitando algo no computador, contudo a presença dela pareceu despertá-lo da atividade que executava. O juiz a olhou e perguntou:

— Para onde vai?

— É o horário do meu almoço — Ela entrelaçou as mãos frente ao corpo.

A convivência entre os dois melhorou, porém Bea estava começando a sentir um leve nervosismo na presença de Pedro. Não sabia discernir o que era, contudo, manter distância era bom para o próprio coração.

— Já? — O juiz checou as horas em seu relógio de pulso. — Nossa! O tempo voou!

Bea esboçou um pequeno sorriso diante da afirmação dele. De repente, lembrou da conversa que gostaria de ter com o magistrado e se aproximou da mesa para falar:

— Pedro — ao ouvi-la, ele a mirou com firmeza, levando-a a engolir em seco para poder prosseguir —, depois do expediente, gostaria de conversar com você. Seria possível?

— Depois do expediente? — Ele arqueou a sobrancelha. — Por que não me fala agora?

— Não, você está cansado de tanto serviço e deve usar seu tempo de almoço para ficar em paz — Bea mostrou outra vez sua preocupação em relação à saúde física e mental do homem. — O assunto pode esperar.

Pedro suspirou um pouco.

— Beatrice — o juiz se levantou da cadeira —, quer almoçar comigo? Acho que podemos usar esse tempo para conversarmos.

Ela ficou sem reação diante do convite inesperado.

*"*O que farei? Deveria recusar?"

Mas um profundo anseio de estar ao lado dele também falava alto.

— E então? — ele inquiriu, finalizando de abotoar seu terno.

— Tudo bem, eu aceito — cedeu.

Pedro não pôde deixar de abrir um largo sorriso, com o coração saltando dentro do peito, fazendo-o se sentir mais vivo do que um dia pudesse imaginar. Beatrice sempre o proporcionava sentimentos de paz e euforia. Ele não sabia descrever, mas era muito bom de experimentar.

— Primeiro as damas, senhorita. — Ele abriu a porta do gabinete e a deu passagem, fechando-a logo atrás de si.

Do lado de fora do fórum, ele perguntou:

— Onde deseja comer? Tem algum restaurante preferido?

Bea não sabia o que dizer, pois os únicos lugares em que comia eram self-service de dez reais, o que era muito bom por sinal.

Entretanto, ela considerou como Pedro nunca pisou num ambiente tão simplório. Até aquela lanchonete aonde foram durante a viagem era de um padrão mais elevado. Mas também não conhecia nenhum ambiente requintado. Estava numa encruzilhada.

— Ah, não sei — disse sem muita segurança. — Fique livre para escolher qualquer lugar. — Mostrou um sorriso, mas, por dentro, pedia que não fosse um lugar tão chique porque era provável nem saber segurar direito o garfo.

— Não precisa ficar nervosa, Beatrice — Pedro a fitou com atenção.

— Nervosa? Quem está nervosa? — Ela franziu o cenho em direção ao chefe.

— Você sempre bate rápido o pé no chão quando fica ansiosa — ele disse, olhando para o referido membro inquieto do corpo dela.

— Ah...Eu, eu, eu... — gaguejou e fechou os olhos, piorando o sinal de nervosismo. Fazia isso para poder organizar suas ideias.

Pedro percebendo que algo não estava bem, então se virou e a tocou nos ombros.

— Está acontecendo algo, Beatrice? — O grave da voz denunciava o desassossego que ele sentia no momento por vê-la daquela forma.

— Não! — Ela soltou o ar. — Está tudo bem. — Não podia dizer que tudo aquilo era simplesmente a reação de seu coração bombardeando a mais de mil por estar com ele. — Vou ser sincera. — A jovem passou as mãos sobre os cabelos, procurando mostrar sua naturalidade. — Quero comer carne com purê.

— É mesmo? — questionou incrédulo por vê-la mudar de assunto tão rápido.

— Tem um restaurante aqui perto que é maravilhoso, ao menos na minha concepção. Já que me mandou escolher, desejo comer lá. — Jogou a verdade no ar e deu de ombros.

— Seu desejo é uma ordem! Vamos!

— Para onde está indo? — Bea perguntou ao vê-lo caminhar rumo ao estacionamento.

— Vou buscar o carro.

— Que carro nada! Deus nos deu duas pernas boas para andar. — A jovem deu um riso. — O restaurante não é longe daqui.

Pedro deu de ombros e se deixou convencer pelo argumento da auxiliar. Os dois começaram a caminhar e a rua frente ao fórum tinha um alto fluxo de carros. Ao observar aquela situação, Pedro pegou no braço de Bea e disse:

— Fique desse lado da calçada. — A colocou ao lado dele, um pouco distante da pista. — Não quero que nenhum acidente aconteça com você.

Beatrice ficou encantada com o gesto de proteção demonstrado pelo juiz. Ele estava sendo literalmente um cavalheiro. Não compreendia por que estava começando a apreciar mais isso.

“Beatrice, pare com isso!”, repreendia-se. “Ele só não quer ter a responsabilidade da morte de uma funcionária!”. Quis se convencer.

— Obrigada pela preocupação. — Uma grande satisfação percorreu por todo o corpo dela e ficou estampada no rosto.

— Quero seu bem-estar, Beatrice. — Ele sorriu cortês.

Ela assentiu com o coração aquecido, e ambos continuaram o trajeto. Após andarem três quadras e atravessarem na faixa para pedestre, chegaram ao local escolhido por Beatrice.

Pedro observou que o restaurante era muito simples, com ventiladores nas paredes de uma cor branca e bege, mesas de plástico dispostas na calçada, diversos trabalhadores dos comércios ao redor comiam no ambiente.

— Venha! — Bea o puxou pela mão, levando-o para dentro.

O juiz se deparou com muitas pessoas na parte interior do estabelecimento. Um grande ruído de vozes dizia: “Quero refrigerante”, “Batatas cozidas”, “Desejo carne e linguiça”. Essas e muitas outras falas aumentavam o barulho. As comidas estavam nas bandejas no Buffet Gourmet e a fila para se servir era grande. Bea, receosa de que Pedro se assustasse com tudo aquilo, declarou:

— Não se preocupe, a fila anda rapidinho. — Tentou ser otimista diante do caos do pequeno estabelecimento.

— Não tem problema esperar. — Colocou as mãos no bolso da calça e sorriu de leve.

Com toda a sua postura, Pedro chamou bastante atenção das demais pessoas no ambiente. Ele mantinha seu semblante sério e o olhar muito atento para o andamento de tudo, o que não era comum para os demais. Uns homens o analisavam, e umas jovens sorriram para ele, que não esboçou nada. O juiz se virou para o outro lado e ouviu alguém dizer:

— Menino, pare com isso!

De repente, uma criança veio na direção dele e passou como um furacão no meio de suas pernas. Pedro ficou surpreendido pela velocidade do pequeno. Bea arregalou os olhos com a audácia do menino.

— Meu pai eterno do céu! Desculpa, senhor — proferiu uma mulher de cabelo curtinho e óculos. — Esse menino vai acabar me deixando louca!

— Tudo bem, senhora — Pedro quis acalmar a mãe, que demonstrava quase explodir por tamanha agonia. — Mas é bom ele parar, se não pode acabar...

Não terminou de dizer o que pretendia quando um alto som de pratos se quebrando ressoou no local.

— Quebrando alguma coisa — Bea completou a frase solta no ar com uma careta no rosto, pois seus olhos viram o estrago que o menino havia feito.

— VOU TE MATAR! — A mãe da criança saiu de perto deles e correu até o filho travesso.

As vozes se alvoroçaram ainda mais depois que a mulher pegou a criança pelo braço, tirando-a do meio dos cacos de vidro dos pratos estilhaçados. Ao analisar todo o cenário caótico, Bea quis proteger o chefe de todo o incômodo ao qual ele estava sendo exposto, procurando trazer a atenção dele para si em alguma conversa produtiva. Para a alegria de seu coração aflito, a fila andou.

— Chegou nossa vez. — Ela quase pulou, dando graças por aquilo, mas, para não demonstrar sua loucura de modo tão evidente, se segurou. — Você deve querer me matar por trazê-lo para este lugar.

— Não, imagina. — Fez um aceno descontraído.

Ao chegarem perto do self-service, Pedro ficou um pouco perdido sobre como se servir, e Bea percebendo isso o instruiu:

— Primeiro, a gente pega o prato aqui. — Ela pegou o utensílio de porcelana e o entregou, depois andou um pouco mais para a frente. — Agora você vai escolhendo o que comer das bandejas. Tem arroz, frango, feijão, macarrão, bife, carne moída e muito mais — disse com um sorriso aberto. Ela notou o olhar um pouco assustado do homem, então assegurou: — Não se apavore, eu te ajudo.

O juiz soltou um suspiro aliviado. A cada passo da fila, Bea perguntava o que ele desejava, e Pedro colocava a comida no prato. Os dois não demoraram muito, pois, felizmente, o magistrado não tinha objeções para nenhum dos alimentos oferecidos. Bea considerou que estava sendo educado, pois conhecia, em partes, seus modos seletos com alimentos em outras ocasiões. No fim, os dois caminharam para uma mesa próxima a uma janela e se sentaram.

— O que vão querer para beber? — A garçonete apareceu com um bloquinho, pronta para anotar o pedido.

— Quero um suco de laranja — Bea respondeu, a mulher escreveu o pedido e esperou o homem loiro falar.

— Só água com gás — ele pediu, e Bea crispou os olhos.

"Tudo bem que ele é rico. Mas água com gás é golpe baixo!"

— Certo! — A garçonete, de cabelos castanhos, partiu para pegar as bebidas.

— As pessoas aqui são muito rápidas no atendimento — ele declarou.

— É a vida do trabalhador! — Bea exclamou. — Nós só temos uma hora de intervalo. Agora imagina ter que almoçar e tentar descansar em apenas uma hora. Se o restaurante for lento, perde os clientes.

Algo dentro de Pedro se inquietou por saber que Beatrice passava por aquele aperto todo dia. Não queria isso para ela. Não mesmo.

— Aqui está! — A garçonete retornou na velocidade de uma bala e pôs as duas bebidas na mesa. — Tenham um bom almoço. — E partiu.

— Vamos orar antes de comer — Pedro conduziu uma breve oração pelo alimento.

Ele apreciou o tempero da comida. Era algo simples, mas feito com esmero. A sua acompanhante se deliciava com o pedaço de carne e o purê. A alegria e satisfação de Beatrice nas pequenas coisas, simplesmente, a deixavam mais encantadora.

Não tinha reclamações sobre o dia estar muito quente ou muito frio. Não tinha murmúrio de que aquilo ou outra coisa não estava bom. Ela sempre demonstrava contentamento com todas as coisas que o Senhor a proporcionava. Pedro a admirava por todas essas suas características.

— O que você tem para me falar? — ele perguntou após terminar a refeição.

— Eu visitei o abrigo. — Ela limpou a boca com o guardanapo e bebeu um pouco de suco antes de continuar. — Tive algumas ideias e gostaria de compartilhar com você.

— Visitou? Que maravilha! — Se alegrou por saber que ela se importava de verdade com aquelas crianças. Ele a tinha julgado certo!

— Foi um momento de muitos aprendizados e grandes descobertas... — Bea prendeu a língua na boca antes que pudesse soltar algo que não devia.

— Diga, quais são suas ideias? — Ele largou os talheres e dedicou total atenção à Bea.

— Pensei que devíamos preparar passeios fora do abrigo. — A jovem pôs uma mecha de cabelo atrás da orelha e prosseguiu: — Será muito benéfica essa socialização com pessoas de fora. Você acha que poderíamos planejar algumas saídas para eles?

— É claro! — Pedro sorriu, encantado com a beleza do cuidado ao próximo que exalava dela.

Bea bateu palminhas, empolgada.

— Quero formar um grupo com as adolescentes para fazermos estudos sobre feminilidade. Já estão numa ótima fase e tenho certeza de que algumas mulheres da minha igreja se disponibilizariam para dar algumas aulas. — Levantou o dedo, lembrando de mais. — Ah! Podemos fazer umas oficinas de culinária, temos umas irmãs que sabem fazer bolos, salgados, tortas, e seria muito bom para as meninas aprenderem — despejou todas as sugestões numa respiração só.

Pedro só conseguia fazer uma coisa: admirá-la.

— Você é incrível, Beatrice!

Tomada pela surpresa, Bea sentiu as bochechas queimarem como pimenta depois de ouvir tamanha exclamação de apreciação do chefe em seu favor. Nem soube o que responder, mas o coração se alvoroçou mais.

— Pode organizar tudo e eu aprovarei os recursos — ele ordenou.

— Muito obrigada, Pedro. Você terá o relatório de tudo.

— Não preciso de relatório, pois eu estarei lá. — Ele parou, pensou um pouco e continuou: — Nós estaremos!



30-AMIZADE ESPECIAL

Setembro de 2016

Com euforia, as crianças desceram do ônibus e, ao vislumbrarem a bela arquitetura do planetário à frente deles, ficaram boquiabertos. Beatrice, Raquel, Olívia e outros voluntários riram ao vê-los com aquelas expressões perplexas e fizeram gracinhas com os pequenos.

Para que as coisas não saíssem do controle, os responsáveis trataram de organizá-los em filas, dando as instruções específicas de comportamento. Eles balançavam as cabeças, demonstrando ter entendido as normas do passeio. Beatrice andava entre as crianças, colocando as pulseiras verdes de identificação no pulso de cada uma. Enquanto se atentava a sua função, ouviu:

— Eles estão mesmo empolgados com a pequena aventura longe do abrigo.

Bea deu um pulo ao reconhecer o timbre de Pedro atrás dela. Se virou para ele e com os olhos quase fechados — por conta da luz do sol — contemplando-o em sua simplória vestimenta de calça jeans, blusa polo

preta, que deixava um pouco da tatuagem dele exposta, um charme a mais para ela, e tênis esportivo. A simplicidade caia bem para o imponente juiz.

— É bom vê-lo sem terno e gravata outra vez. — Ela brincou, e Pedro riu.

— Apesar de não me importar em usar sempre terno, faz bem se adequar às ocasiões.

— É sempre bom inovar — Beatrice ironizou e suas bochechas ficaram vermelhas ao notar que os olhos de Pedro estavam fixos nela.

— Que bom que gostou! — Ele tinha um sorriso, e Bea corou ainda mais.

"O que está acontecendo com você, Beatrice Mendes?"

Ela passou a mão pelo rosto, para esconder a possível vermelhidão, mas o momento foi interrompido por Raquel, a psicóloga, que cumprimentou o juiz, antigo conhecido dos seus tempos de adolescência. Isso serviu para Bea se recompor e, após trocar poucas palavras com o magistrado, Raquel disse:

— É melhor eu ir ou serei apedrejada. Tchau, gente!

A jovem se retirou sendo quase arrastada pelas crianças, e Bea se reaproximou com as mãos entrelaçadas, um brilho nos olhos, como se fosse um bebê, e um sorriso contido, perguntando:

— Vocês se conhecem há um bom tempo?

— Desde que ela tinha 15 anos de idade — o juiz respondeu. — Sempre foi uma das adolescentes mais ativas da igreja. Animava os outros a servirem no abrigo ou qualquer outro lugar. Raquel é uma benção na nossa comunidade.

— Ela é mesmo. — Bea suspirou e avistou a psicóloga à distância, que quase não conseguia andar por estar rodeada de tantos meninos. — Tão novinha e com tamanho coração e vontade de servir a Deus. Difícil achar jovens assim — elogiou os esforços da menina.

— Ainda bem que sempre tem os remanescentes — Pedro sorriu para ela. — Vamos entrar?

— Ah, vamos! Estou muito empolgada! — Bea quase deu pulinhos de alegria durante o trajeto para o planetário.

Como primeira atividade do passeio, toda a turma do abrigo foi a uma sala escura — algo parecido com um cinema —, porém as cadeiras estavam

dispostas em círculo e o olhar se dirigia para o “teto”, pois a parte superior era constituída por uma cúpula e havia uma máquina no centro do recinto.

A projeção começou com a luz do dia que, aos poucos, desaparecia, até as primeiras estrelas surgirem e o teto ficar repleto de constelações, então, uma voz começou a explicar sobre astronomia. A simulação mostrava os lugares das constelações, os astros e vários objetos celestes, como eles surgem e desaparecem.

As crianças viram os planetas como são a olho nu, mas também com pequenos aumentos ou em imagens maiores, levando-as a se empolgar por parecerem estar bem perto do céu noturno. Era uma viagem ao cosmos sem sair da terra. Durante a mostra, os sussurros de “Nossa!”, “Que maravilha!” e “Que lindo!” foram constantes entre os pequenos ao contemplarem a majestade do universo. Não se esqueceriam daquela experiência.

O momento “mágico” foi encerrado, mas as crianças não queriam se retirar. Somente a declaração de Olívia, sobre uma apresentação teatral no outro anfiteatro os encorajou a sair da sala escura. O grupo do abrigo foi conduzido para a outra programação, mas Bea não os acompanhou.

Ela, a passos lentos, contemplava — com o coração saudoso — maquetes do sistema solar e alguns banners informativos dispostos num grande corredor. Pedro se aproximou dela, que se perdia em pensamentos distantes.

— Seus olhos brilhantes propagam seu amor pela astronomia, Beatrice — Pedro proferiu e se posicionou ao seu lado, acompanhando-a na exploração do planetário.

— Ahhh! — Ela voltou à terra e o olhou. — É verdade. Eu amo! — A animação era evidente. — É fascinante conhecer as peculiaridades desse lado do universo. — O mirou com expectativa, e Pedro apenas sorriu. — Você conhece alguma coisa sobre isso?

— Meu contato foi quando minha professora pediu para fazer o sistema solar na cartolina. — Franziu o cenho como se lembrando da época. — Na época, eu tinha 10 anos. Ou seja, meu conhecimento é pobre ou quase nada.

Beatrice colocou uma mecha atrás da orelha, e seu olhar fixo na superfície de mármore no chão denunciava que suas engrenagens mentais estavam a todo vapor.

— Então serei a sua professora sobre astronomia — ela disparou, fazendo Pedro contrair a expressão e crispar os olhos. — Venha comigo.

Puxou-o pela mão, guiando-o aos diversos painéis com imagens dos planetas. O querido juiz se colocou diante de um deles, como se fosse um aluno prestes a receber o conhecimento.

— Este é o planeta Mercúrio. — Apontou para a figura do determinado corpo celeste na tela preta. — Você sabia que ele é o astro mais perto do sol e, apesar disso, não é o mais quente?

— Como pode ser? — ele a questionou com uma das sobrancelhas arqueadas.

— Simplesmente porque Mercúrio não tem atmosfera — ela respondeu com um sorriso. — Ele não tem essa camada que consegue armazenar a radiação que chega.

— Nossa! — O juiz balançou a cabeça, mostrando a sua surpresa com a descoberta. — E qual é mais quente? — inquiriu com curiosidade.

— Vênus! — Bea se encaminhou para a imagem do referido planeta, que estava logo ao lado.

— Nunca imaginaria Vênus, talvez saturno. — Ele expressou e continuou: — E o que mais? — Quis saber, interessado no assunto.

Ela bateu o dedo indicador na ponta do queixo, pensativa.

— Ah! Sabia que você pode ver os planetas a olho nu?

Ele contraiu a face, externando sua incredulidade em relação àquela informação.

— É sério, e eu mostrei para você naquela noite — ela relembrou da viagem.

— Tem razão.

Pedro não declarou sobre o fato de não ter reparado em nada na referida noite, pois teve seus olhos atentos somente a ela. O juiz passou a mão entre os cabelos e suspirou.

— Ah, outra curiosidade! — Bea continuou empolgada na apresentação. — Apesar de Júpiter, Saturno e Urano serem planetas gigantes, eles não são os mais pesados.

O juiz arqueou a sobrancelha.

— Isso é possível porque a maior parte da composição desses planetas é gás. Os grandes volumes que eles têm são por causa dos gases.

— Eu nem sei o que dizer. — Pedro estava surpreso com a forma natural dela expor seus conhecimentos e acrescentando a isso grande paixão, motivando-o a gostar daquela área. — Como sabe tanto sobre essas coisas? — perguntou.

— Papai amava. — Ela respirou fundo. — Contei um pouco para você naquela noite.

Ele assentiu concentrado no rosto suave da jovem, arrumando ainda mais a postura para focar no que ela dizia.

— O amor dele me fez gostar também. — Eles começaram a caminhar pelo extenso corredor, e Pedro seguia ao seu lado, ouvindo todas as palavras. — Aos 9 anos, eu tinha a mania de ir para o quintal e se deitar no chão para contemplar o céu estrelado. Então construiu para mim um telescópio para vislumbrar com perfeição os astros no firmamento. Foi uma das noites mais emocionantes da minha vida — ela declarou com as emoções se acentuando.

— Seu pai era muito importante para você, não? — Pedro a olhou de escanteio.

— Ele era o meu grande amigo! — Bea limpou os cantos dos olhos, que estavam molhados. — Me ensinou sobre tudo e, principalmente, sobre a fé. Papai tinha a sensibilidade de conseguir mostrar a glória de Deus em tudo. Me levando a apreciar a natureza e todas as coisas a partir do próprio Criador.

Pedro ponderava sobre as falas de sua auxiliar.

— Essa conversa me lembra uma citação que aprendi com um grande pregador.

— Qual citação?

— “Todas essas coisas (planetas, mar, terra, natureza e tudo mais) existem para e pela glória de Deus. Ou seja, elas existem para magnificar a verdade, o valor, a beleza e a grandeza de Deus”. — Ele respirou um pouco mais e continuou: — “Não como um microscópio magnifica, mas como um telescópio magnifica. Microscópios magnificam fazendo coisas pequenas parecerem maiores do que são. Telescópios magnificam fazendo coisas inimaginavelmente grandes parecerem como elas de fato são. Microscópios

movem a aparência do tamanho para longe da realidade. Telescópios movem a aparência do tamanho em direção à realidade.” — Pedro recitou com uma voz grave e calma.

— O querido John Piper. — Bea sorriu. — Gosto muito dele!

O juiz assentiu.

— Ah, e você tem uma mente incrível para memorizar tudo isso. — Ela era fascinada com aquela habilidade do chefe.

Pedro riu.

— Beatrice, desde quando você é cristã? — O interesse de conhecer mais a mulher com quem convivia todos os dias foi despertado totalmente.

— Eu nasci na igreja — ela respondeu —, mas acredito que o Senhor me alcançou quando eu tinha 12 anos de idade. — Relembrou o momento. — Foi quando ouvi o testemunho de uma missionária, e as palavras dela sobre arrependimento me comoveram. Naquela noite, tive consciência de meus pecados, pedindo, com verdade, para Jesus me salvar. — Olhou para ele e soltou o ar. — Desde então, tenho caminhado nesta jornada da vida cristã. E você?

— Fui criado na igreja também, mas depois que entrei na faculdade cometi muitos erros. — Pedro suspirou. — Mas, enfim, eu aprendi como sou necessitado da graça. Deus humilhou minha arrogância com meus próprios pecados, me fazendo ver quão perdido eu era e nada tinha para oferecer a Ele.

— O Senhor mostra sua graça sobre nós quando nos ensina a ver pelos ângulos bíblicos nossa imundícia. Isso é prova de muito amor e misericórdia — Bea manifestou as palavras com gratidão a Deus pela grande salvação concedida a ambos.

— Realmente é uma maravilhosa graça! — ele expressou com alegria.

— É sim! — Bea esboçou um casto sorriso nos lábios.

— E quais são seus planos para a vida, ou maiores sonhos? — Pedro indagou outra vez.

— Essa é uma pergunta difícil — Bea colocou o cabelo para trás, esse movimento fez Pedro a achar ainda mais linda. — Eu tive tantos sonhos.

Fez uma pausa, recordando do início da juventude e planos, mas a morte do pai fez a sua vida revirar do avesso. As circunstâncias atuais estavam

muito distantes do que planejou algum dia.

— Queria conhecer alguns lugares como a Patagônia, Groelândia e África do Sul — disse ainda suspirando. — Mas tenho aprendido a me contentar com o que tenho. Se um dia Deus quiser realizar alguns desses sonhos, que assim seja. Se a vontade dEle for que eu fique aqui sempre, amém. Quero ser como o salmista e declarar todos os dias: "Deleito-me em fazer a tua vontade"[7].

— Então você não tem objetivos de vida? — ele insistiu, querendo confirmar algumas coisas com aquela pergunta.

Bea o mirou com seus intensos olhos da cor do céu.

— Meu grande objetivo é glorificar meu Senhor! Seja em qualquer lugar em que ele me colocar — respondeu com satisfação. — Provérbios capítulo 16 e verso 1, diz: "O coração do homem faz planos, mas do Senhor vem a resposta final." — recitou. — Eu poderia fazer meu caderninho de metas, e eu já até fiz, contudo todos eles foram frustrados. Por boa parte da vida, Deus tem me ensinado a depender dEle em tudo. E é assim que desejo viver. — Tornou bastante claro seus "objetivos" de vida.

Pedro guardou tudo aquilo no coração.

— E quanto a você? Quais os seus objetivos? — Bea o indagou.

Ele suspirou.

— Posso dizer que estudo, reconhecimento profissional, festas e viagens, nada disso trazem satisfação real ao homem. Como afirmou Salomão: "Tudo é vaidade!".

Pedro era um bom conhecedor dessa verdade. Nos seus momentos de amargura nenhum dinheiro, status social ou grandes conhecimentos confortaram a sua alma atormentada. Foi a verdade pura e simples das Escrituras que tiveram o poder para restaurá-lo e conceder a paz que ansiava. Ele, depois de tudo que viveu, entendeu muito bem o versículo: "Do que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma?"[8]. De nada servia o mundo. Bea ficou contente com a resposta. Era um cristão de verdade.

Por uns instantes, se silenciaram e chegaram diante de um enorme vitral cujo cenário era digno de uma pintura feita por Van Gogh. Beatrice expeliu o

denso ar de seus pulmões ao contemplar a bela paisagem verde e natural. Eram belíssimas as altas planícies cobertas pelas copas das árvores. Pedro, captando o encantamento da jovem, perguntou:

— Gosta da natureza?

— Adoro! — Ela inclinou ainda mais o corpo para frente, apoiou os cotovelos no batente da grande janela de vidro e descansou a cabeça entre as palmas de suas mãos. — Se eu pudesse teria uma casinha no meio do mato — admitiu o sonho de criança com uma doce risada, que aqueceu o coração de Pedro.

— E como seria essa casinha? — pediu a descrição, sentindo algo forte começar a movê-lo por Beatrice.

De algum modo, gostaria de poder realizar todos os sonhos dela.

— Seria parecida com um chalezinho. Uma decoração rústica, com direito a um fogão de lenha e panelas de barro, para fazer uma carne cozida que seria uma belezinha — Bea descreveu seu desejo antigo com muito entusiasmo.

— Carne de panela parece ser algo bom — Pedro comentou. — Na minha adolescência, minha mãe cozinhava esses pratos. Eram domingos na fazenda dos meus avós e sempre havia essas comidas mais interioranas. Bons tempos!

— Gosta de carne? — Ela se virou levemente para o homem ao lado.

— Sim, mas prefiro as massas. Eu não dispenso por nada uma lasanha — confessou sobre sua comida predileta. Pedro parou, franziu a sobrancelha e perguntou: — Bea, você cozinha?

Ao ouvir tal pergunta, Bea abriu a boca e pôs a mão no peito dando um profundo suspiro.

— Juiz Bernardi, não sabe que eu sou a melhor fazedora de bolos de minha casa? — Soltou uma risada, e Pedro não pôde deixar de rir da expressão ofendida dela. — Eu amo cozinhar e isso eu puxei da minha mãe. Ela sempre inventa umas receitas que são maravilhosas. Você gosta de cozinhar?

— Eu sou uma negação, mas sei fazer suco de laranja. Isso conta? — Pedro abriu um sorrisinho maroto.

Bea o encarou e o sorriso dele fez o coração dela acelerar.

Suco de laranja.

“Ele havia prestado atenção ao pedido dela no restaurante?”

Com lentidão, ela respirou e não queria acreditar que...

“Não, não posso crer que o juiz prestou atenção em mim.”

Era mais seguro negar do que aceitar algo assim. Um formigamento iniciou nas mãos, seguido de um frio na barriga. Para não demonstrar o nervosismo, desviou o olhar dele e começou a contar:

“1, 2, 3, 4...”

— Beatrice...

A voz de Pedro destruiu sua tentativa de autocontrole. Para completar, sentiu a pele arder por causa do toque dos dedos dele no dorso de sua mão. Ela mordeu os lábios, pedindo a Deus discernimento para lidar com todos os sentimentos que começavam a querer pular dentro do peito. Com um domínio próprio — pouco convincente — virou-se para ele.

A jovem foi inundada pela intensidade daqueles olhos azuis fixos nela. Bea tinha a sensação dos lábios secos e a respiração começava a ficar ofegante. Talvez não fosse apenas ela que estava identificando outras afeições na relação deles dois.

— Bea...

Pedro contemplava a sua auxiliar. Ela era muito bonita, constatou, por fim. Estava determinado a dizer, abriu a boca e as palavras estavam num salto para sair.

— Pedro, que sorte em encontrá-lo!



31-ABRAÇO

Aquela voz aguda que os interrompeu seria reconhecida a dois mil quilômetros. Pedro e Bea se viraram somente para constatar a presença inesperada de Letícia.

O olhar penetrante da mulher morena abalou Beatrice, relembrando toda a conversa que tiveram no dia do SPA. As ameaças ainda ecoavam em seu ser: “Se afaste!”, “Ele não é pra você!”, “Você não é do nível dele!”.

As acusações sobre o roubo do abrigo se acumularam no peito, gerando mais incômodo, porém não devia demonstrar tamanha emoção diante dos dois. Ela respirou fundo e orou a Deus para lhe ajudar a manter a postura na situação.

— O que você faz aqui? — Pedro tinha uma sequidão na voz que despertou Letícia Prado da maneira nada amigável que olhava Beatrice.

— Hoje é um dia evento no planetário, todo mundo sabe. — Ela fingiu está interessada na exposição dos planetas. — Então estava andando e vi você, quis saber como está. — Abriu um sorriso largo. — Não me lembro do seu gosto pela astronomia, Pedro. — Com perspicácia, Letícia tentou trazer o passado entre os dois. — Quando éramos noivos...

Pedro entendeu o recado que sua ex-noiva queria passar. E, antes de dizer alguma coisa, Raquel apareceu com Bruce no seu encalço. A menina parecia um pouco ofegante, então tomou fôlego, inclinou um pouco o corpo para frente e apoiou as mãos na cintura, a fim de retomar o equilíbrio. Já em condições normais, disse:

— Doutor Bernardi, precisamos de sua ajuda.

— Para o que seria? — ele perguntou com o olhar semicerrado.

— É a senhora Olívia, eu não entendi muito bem o motivo — tentou explicar. — Mas ela requer sua presença com urgência.

Pedro avistou Bea entretida com a criança, que possuía um copo grande de refrigerante nas mãos. A conversa dos dois girava sobre os planetas, então ele declarou um "já volto" e partiu com a psicóloga, que o apressava ainda mais.

Letícia, ao ver que tinha ficado sozinha com a auxiliar, aproximou-se com petulância e se dedicou a ouvir o diálogo entre Bea e o garotinho.

— Você não gostaria de ir ao espaço algum dia? — Bea indagou a Bruce, que antes de responder sugou do canudo o refrigerante.

— Eu teria medo, tia — ele respondeu.

— Por que medo, Bruce? — Se ajoelhou para ficar do tamanho do rapazinho e acariciou o cabelo crespo dele.

— É muito longe e alto. — A criança manifestou o medo com certa vergonha. — Eu tenho medo de altura.

— Oh, Bruce, não precisa...

Uma risada explodiu no momento.

— É um frouxo mesmo! — Letícia se intrometeu na comunicação dos dois. — Homem com medo? Me deixa te dizer uma coisa, pirralho. — Com rispidez, virou o menino para si. — Mulheres gostam de homens sem medo, que trazem segurança. Não meninos medrosos. Desse jeito nunca vai conseguir ninguém.

— Já chega! — Bea, indignada, colocou o pequeno Bruce para trás de si. — Bruce tem 8 anos de idade! Não deve ser incentivado a querer conquistar mulheres e, muito menos, ser educado para isso. — Ela estava bufando. — Medo faz parte da vida de qualquer pessoa e as crianças têm de aprender a superar para o bem próprio, não para motivos pecaminosos.

— Olha, ela tem voz. — Letícia riu do argumento da auxiliar. — Por falar em medo, parece que se esqueceu da nossa conversa, não foi? — Os olhos dela faiscavam de ódio por causa da "ousadia" de Beatrice em "desobedecer" ao seu aviso.

— Você não manda na minha vida — Beatrice cruzou os braços e tentou mostrar sua imponência, que era pouca.

— Tá audaciosa hoje, não é, auxiliar?

Bea desviou o rosto para a paisagem verde pintada no horizonte.

— Vou te contar um segredo — Letícia proferiu, exalando uma sagacidade nas feições. — Sábado passado fui a uma loja e encontrei uma jovem adorável. Acho que você conhece o nome — quase sussurrou no ouvido de Bea: — Flávia.

Bea sentiu o sangue esvair do rosto ao escutar o nome de sua prima. O que aquela mulher tinha para querer perturbar tanto a sua vida?

— Uma excelente funcionária. — A infeliz continuou. — Ela estava muito empolgada porque o curso para assumir o cargo de gerente está quase no fim. — A mulher colocou a mão no queixo. — Algo bastante esperado por ela. — Prado soltou lentamente um suspiro e riu. — Jovens e seus sonhos de crescer na vida.

Beatrice não conseguiu conter as lágrimas, que escorreram pela sua face, deixando seus olhos vermelhos.

— Mas eu nem terminei de contar a melhor parte. — Letícia sorriu, com seus perfeitos dentes brancos, destacados ainda mais pelo batom vermelho. — A dona da loja é minha melhor amiga. — Pôs a mão ao lado do coração. — A querida Maísa sempre escuta meus conselhos. Penso como ela poderia reconsiderar a decisão de promover a Flávia, se eu lhe disser que não vejo na jovem competência necessária para assumir a gerência. — Ela tocou no rosto de Bea, molhando o dedo indicador nas lágrimas da moça. — Já imaginou em como a medíocre funcionária choraria por perder o cargo tão desejado? Triste, não acha?

— Minha prima não tem nada a ver com isso. Eu não tenho nada a ver com a sua vida! — Bea declarou com profunda angústia. — Me deixe em paz!

— Tem sim! — De ímpeto, Letícia segurou o braço dela com força, faltando pouco para suas unhas pontudas e vermelhas penetrarem na pele de Bea. — Desde que apareceu naquele gabinete as coisas mudaram. E...

— Mudaram mesmo — a voz grave de Pedro irrompeu em meio ao conflito entre as duas mulheres. — Vou *ordenar* só uma vez: Solte a Beatrice, agora! — As palavras dele saíram de modo lento e firme.

Letícia não ousou desobedecer.

— Desde quando você tem a autoridade para desmerecer minha funcionária? Em que momento foi lhe dado poder para ditar alguma coisa sobre o meu trabalho ou minha vida pessoal?

Letícia e Beatrice ficaram paralisadas ao reparar Pedro falando com uma brutal seriedade e uma calma impassível e indiferente, que só ele parecia ter.

"O juiz duro como gelo retornou". Bea considerou com tristeza.

Os olhos azuis dele se assemelhavam ao mar agitado em noite de tempestade. O rosto estava vermelho, a fúria latejava nas veias, o maxilar rígido indicava sua irritação flamejante. Aquela mulher o levava a ficar transtornado. Ele deu um passo à frente e fitou Letícia, que engoliu em seco.

— Eu espero que nunca mais se aproxime de Beatrice — disse quase soletrando. — Porque se isso acontecer de novo, você ficará diante de um juiz pronto para condená-la — alegou com sua passividade brutal. — Porque sabe como tem contas a pagar.

Letícia arregalou os olhos ao escutar as palavras. Não, ele não estava brincando. Ela abaixou a cabeça e a passos ligeiros saiu da presença dos dois.

— Você está bem? — Pedro se virou para Bea, olhando-a com avidez para ver se tinha acontecido mais alguma coisa. — Foi machucada?

Bea queria dizer que o coração estava ferido, mas apenas deixou as lágrimas descerem. Após tudo aquilo, sentiu todas as suas emoções se descontrolarem. O emprego da prima! Oh, Deus! Aos poucos, as forças deixavam o corpo de Bea. E Pedro a vendo parada apenas chorando, engolindo toda e qualquer preocupação, condoeu-se. Ele queria consolá-la e não se aguentou.

— Bea, me desculpe, mas venha aqui. — De ímpeto, a puxou para dentro de seus braços e a abraçou com força. Ela se encaixava perfeitamente ali.

Não tinha a intenção de ser invasivo, mas a vontade de protegê-la o dominou de tal maneira, que sabia que só a abraçando poderia consolá-la. Pedro constatou a retribuição daquele gesto e ouviu também os soluços que sacolejavam o corpo de Beatrice, contudo ela permanecia quietinha, segura no seu abraço.

— Bea, me perdoe! — ele exclamou com o coração sangrando por vê-la sofrer. — É por minha culpa que essa mulher apareceu na sua vida, mas prometo que não a incomodará mais. — Pedro não sentiu nenhuma reação por parte da jovem. — Você confia em mim?

— Eu confio — Bea murmurou a resposta.

Eles ficaram naquela posição por mais uns minutos e, para ambos, o mundo podia parar naquele exato momento.

— Vocês vão se casar? — a pergunta sincera de Bruce, que havia sido esquecido pelos dois, os trouxe à realidade.

Como se tivesse uma flecha com ponta de fogo passando entre os dois, eles se separaram rapidamente. O corpo de Bea parecia pinicar em vergonha.

“Jesus, como eu pude abraçar meu chefe dessa maneira? O que eu tinha na cabeça? Como olharei para a cara dele? Como vamos conviver depois de tanta intimidade compartilhada?”

Outros milhares de “como” jorraram de sua cabeça. De repente, olhou para Pedro e tudo que ele tinha nos lábios era um sorriso, por conta da pergunta do menino.

— Por que vamos nos casar, Bruce? — Pedro questionou ao garoto esperto.

— A senhora Olivia disse que homem e mulher só se abraçam com amor quando vão se casar — respondeu com sua inocência infantil. — E eu acho que vocês *tão* perto — chupou mais um pouco do refri — porque tem muito amor.

Pronto! A terra podia se abrir e engolir Beatrice. Ela achou que o juiz diria algo para negar, mas o homem não pronunciou nada. Ficou mudo.

“Quem cala consente!”. Bea deu um pulinho, parecia ter alguém no seu ombro dizendo aquilo.

— O que foi? — Pedro perguntou ao ver a inquietação dela.

— Não é nada — Bea, com um sorriso seco, se abaixou para ajeitar a blusa de Bruce, que estava “aparentemente” desarrumada. — Como as crianças estão espertas hoje em dia. — Seus lábios ficaram trêmulos e todas as juntas do corpo pareciam estar soltas, tamanha a vergonha que sentia.

— Uhumm! — Pedro resmungou.

— Vamos, pequeno? Já está na hora de ir. Terminou esse refrigerante? — Beatrice não deu a chance de o menino responder. — Pedro, segura para mim, por favor.

Ela tirou o copo da mão da criança com rapidez, contudo ainda tinha líquido, então a tampa se abriu, derramando o restante na camisa do juiz. Bea arregalou os olhos e mordeu os lábios ao ver a sujeira que havia feito.

— Misericórdia!

— Você tem o dom de me sujar. — Ele averiguou toda a mancha em sua camisa.

— Vai me chamar de palhaça fazendo travessura outra vez? — Ela brincou.

Pedro não aguentou e riu.

— Por que eu faria isso?

— Você me chamou assim quando derrubei café em sua roupa, no meu primeiro dia. — A jovem relembrou aquele trágico dia.

— Eu disse isso?

Ela assentiu.

— Que rude da minha parte. — Pedro recordou. Naquela manhã, ele mal tinha conseguido dormir por tanto trabalho. Estava cansado, estressado, mal-humorado. — Me perdoe — pediu com sinceridade. Sabia que o humor não deveria ditar os relacionamentos com as pessoas.

— Eu já perdoei faz tempo.

— Bea, eu sei que não sou um homem fácil de conviver — ele expôs e respirou fundo.

“Ele está me chamando de Bea mesmo?”. A mente dela indagou surpresa, mas guardou para si o pensamento.

— Não é mesmo — ela retorquiu. — Mas vejo muitas mudanças.

Pedro sorriu.

— Vamos, pequeno. — Ofereceu a mão para o baixinho, e olhou para Bea. — Vem, eu vou deixá-la em casa.

Os dois caminharam lado a lado e, ao ver a interação do juiz e da criança, a admiração cresceu mais. Bea suspirou.



32-CUIDADO

Pedro estava prestes a estacionar o carro na entrada do pequeno prédio de Beatrice quando a jovem falou:

— Obrigada por todo auxílio hoje. — Ela estava com as emoções mais estabelecidas.

— De certa forma, isso foi culpa minha. Não deveria tê-la deixado sozinha com aquela mulher — Pedro apertou o volante e os lábios. — Raquel foi um pouco dramática porque nem era algo tão urgente.

— O que era? — Bea indagou curiosa.

— Um dos adolescentes começou a se desentender com outro e precisava de alguém para apartar, mas as coisas estavam um pouco contidas quando cheguei. — Ele soltou o ar. — Enfim, a situação foi contornada.

— Adolescentes vez ou outra sempre são difíceis.

Ele parou o carro e se virou para Bea, olhando-a com intensidade como se desejasse guardar cada traço. A jovem sentia aqueles azuis sobre si e engoliu em seco, o coração começou a acelerar dentro do peito. A sensação do abraço voltou à memória de Bea, e o desejo de estar junto dele de novo pulsou forte.

— Preciso ir. — Queria fugir dos próprios desejos.

Ele assentiu, sério, e Bea abriu a porta do carro. Ao sair do veículo, avistou a prima correndo em sua direção com o rosto vermelho e os olhos úmidos.

— Beatrice, corra! — expressou, ofegante. — A tia Rosana não está acordando!

Bea piscou copiosamente pensando não ter ouvido direito as palavras de Flávia.

— Vamos! — A voz alterada da prima a despertou, levando-a a correr em disparada para o quarto da mãe.

Bea paralisou frente à porta ao encontrar sua mãe caída no chão. Seu corpo inteiro estremeceu por não saber o que fazer, como se um peso caísse sobre suas as costas, afundando-a numa areia movediça.

— Com licença. — Bea ouviu a voz de Pedro atrás de si.

Ele a tirou do caminho e se encaminhou para a senhora que se encontrava desacordada e a tomou nos braços com agilidade.

— Abra mais a porta, Flávia! — Ele se dirigiu para o corredor com Rosana nos braços. — Vamos levá-la para o hospital. Beatrice pegue a documentação de sua mãe — ordenou e saiu da casa.

Sem demora, Flávia organizou uma bolsa com alguns lençóis e as documentações. Todos entraram no veículo, e Bea seguia atrás com a mãe, deixando as lágrimas caírem enquanto orava para que o Senhor conservasse a sua querida progenitora. Pedro falava algo no telefone e observava, pelo retrovisor interno, a aflição de sua auxiliar.

A viagem foi rápida por conta do trânsito fluido. O carro parou na entrada de um hospital desconhecido para Beatrice, porém Pedro desceu, e alguns enfermeiros já estavam esperando na entrada para atendê-los. Flávia pulou do transporte, a fim de auxiliar em alguma coisa, mas foi impedida por um dos funcionários. A senhora Rosana foi acomodada na maca e seguiram com a paciente para dentro do hospital, rumo à emergência. Ao ver a mãe ser levada, Beatrice abaixou a cabeça e chorou, demonstrando toda a sua fragilidade diante da situação.

— Ela será bem cuidada, Bea! — Pedro ao presenciar tamanho sofrimento de uma filha com a saúde da mãe, quis consolar.

— Eu não posso perdê-la — Ela afundou a cabeça no ombro da prima, que até o momento não conseguia compreender como tudo aconteceu tão rápido. — Que hospital é este? — Analisou, com os olhos vermelhos e molhados, o grande prédio branco e organizado.

— É particular — o juiz respondeu ao seu lado. — Ela precisava de um cuidado bom e imediato.

— Pedro, não terei como pagá-lo por sua ajuda. — As palavras de Beatrice saíram embargadas pela grande compaixão demonstrada pelo chefe.

— Não é preciso pagar nada. — Ele tinha um riso suave no canto dos lábios. — Acredito que deveríamos entrar e se sentar na sala de espera. — Notou que ainda estavam parados do lado de fora.

— Você deveria ir para casa descansar. Já o fiz perder muito tempo hoje.

— Não conseguirei descansar enquanto não souber o estado de sua mãe. — O modo dele não dava chance para contrariá-lo. — E pare de pensar que você me fez desperdiçar meu tempo. Está sendo muito bem utilizado.

Beatrice umedeceu os lábios e abaixou a cabeça, consentindo com a decisão dele de permanecer. Ela não queria admitir o quanto precisava de apoio e segurança. Então seguiram para a sala de espera, onde a jovem se sentou ao lado da prima e afundou a cabeça entre as mãos, sentindo todo o cansaço de seu corpo a dominar. Estava exausta emocionalmente.

Depois de uns minutos, Pedro, que estava em pé, se sentou ao seu lado. Beatrice se ajeitou na cadeira, tirou alguns fios de cabelos do rosto e fez um gesto de assentimento para ele.

— Você sabia que sua mãe estava doente? — Pedro desejava compreender melhor a situação.

— Eu sabia que a saúde estava frágil, mas não a esse ponto. — A jovem limpou algumas lágrimas que escorriam sobre suas bochechas. — Depois da morte de papai as coisas ficaram complicadas. — Afundou o rosto entre as mãos mais uma vez.

— Pode ser um indício de depressão — o juiz deduziu.

— No domingo passado, saímos com ela porque realmente estava abatida, mas não imaginaríamos tudo isso acontecer. Eu deveria ter estado mais atenta — Flávia declarou com tristeza. — A tia é sempre tão bondosa e quieta que acabou escondendo tudo.

— Eu que não prestei atenção. Sou uma filha horrível! — Bea se condenou mais e afundou a face entre as palmas das mãos.

— Não pode dizer isso, Bea — Pedro a tocou no ombro. — Não temos como prever essas condições. A vida tem suas surpresas.

Beatrice não queria se deixar consolar por aquelas palavras. Ela não tinha prestado atenção no clamor silencioso da mãe. Seus sentimentos de condenação foram violentos a ponto de fazer sua cabeça doer.

O juiz observou sua condição e se apiedou, uma sensação de proteção o dominou por completo. De imediato, se levantou e fez uma ligação que Bea não conseguiu ouvir sobre o que era. Estava em total desalento, ansiando que a situação sofrida terminasse.

— Será que não tem ninguém para dar uma notícia? — Bea evidenciou sua ansiedade após uma hora em espera.

— Acredito que a qualquer momento alguém aparece — Flávia declarou ao lado da prima.

Pedro estava em pé com as mãos nos bolsos, averiguando toda a situação. Ele olhou no relógio e já estava perto das 21h, levando-o a se preocupar com a alimentação de Beatrice.

— Vocês precisam comer — ele falou, e as duas o olharam.

— Não tenho fome — Bea expressou com pouca voz.

— Saco vazio não para em pé — Flávia foi enfática para a prima, que era acostumada a dispensar comida quando estava triste. — A tia não ia querer vê-la passar mal.

Beatrice suspirou.

— Familiares de Rosana Mendes. — Um timbre ressoou no ambiente.

As duas moças se levantaram no mesmo instante para ouvir as notícias esperadas sobre o estado de saúde de sua mãe.

— Boa noite, eu sou o doutor Rogério — o homem calvo e de barriga saliente se apresentou.

— Doutor, como ela está? — a filha tinha a face inchada e aflita.

— Os exames de sangue mostraram que estava um pouco desidratada e o coração dela deu uma alteração, mas como não pudemos fazer alguns exames ainda, a deixaremos o restante desta noite em observação e amanhã averiguamos, para dar um diagnóstico preciso — o médico explicou com

destreza. — Mas até o presente momento, se encontra estável. — Os suspiros de alívio foram ouvidos na sala.

— Sabe a causa, doutor? — Bea, de mãos unidas e sobrancelha erguida, pedia uma explicação.

— Como disse antes, ainda não sabemos, mas estamos investigando — o médico respondeu. — Sua mãe ficará em observação, eu aconselho vocês a voltarem para casa também. Será inútil permanecer no hospital.

— Não, eu ficarei a noite toda! — A filha fincou os pés no chão para mostrar sua determinação.

— Isso será prejudicial para vocês — o doutor insistiu. — Sua mãe precisa que vocês fiquem bem descansadas.

— Vamos fazer isso, doutor — Flávia colocou a mão no ombro da prima e a olhou de um modo que não aceitaria outra contestação.

— Certo! — Bea se deu por vencida e murchou os ombros.

— Eu irei levá-las. — Pedro pegou a bolsa de Bea, mostrando que deveriam partir. — Agradecemos as informações.

Em silêncio, as duas o acompanharam. No trajeto de volta, ambas compraram algo para comer e adormeceram com o vento da noite fria tocando em suas faces, enquanto Pedro dirigia. Ele analisou como duas mulheres, cansadas pelas durezas da vida, ainda permaneciam tão firmes. Refletiu que são nesses momentos da vida que o real cristianismo e suas promessas de paz e socorro se faziam reais. Bea e sua brandura mostravam isso com clareza.



33-AUXÍLIO

Uma semana depois.

Pedro chegou tarde ao fórum, o que era uma surpresa para os funcionários. Entrou na sua sala e não demorou para checar alguns compromissos do dia. Depois de uns minutos, estranhou que Beatrice ainda não tivesse aparecido. Sua mãe tinha saído do hospital um dia após a internação, e Bea retornou ao trabalho dois dias depois. Era estranho ela não estar presente. Então Pedro caminhou até a sala dela e se deparou com tudo vazio.

— Onde está Beatrice, Andréa? — ele chamou a funcionária para perguntar.

— Desculpa ter esquecido de informar, doutor Bernardi. Mas ela avisou que não poderia vir — Andréa respondeu com seriedade.

— Qual o motivo da ausência?

— Ela teve que levar a mãe ao hospital, pois a senhora passou mal novamente — a jovem informou com pesar a situação da colega de trabalho.

Os olhos dele se arregalaram e sua expressão mudou.

— Em que hospital ela está? — Levantou-se num impulso da cadeira e começou a pegar algumas de suas coisas e a colocar no bolso do terno.

— No hospital onde se internou na primeira vez. — Bea tinha deixado Andréa a par da situação delicada a qual estava vivendo.

Pedro havia garantido uns dias pagos no hospital para a mãe de sua auxiliar caso precisasse.

— Você pode desmarcar minhas reuniões e audiências de hoje — ordenou enquanto caminhava em direção à porta.

— Tudo bem. — Andréa concordou, mas não compreendeu aquela ação tão impulsiva do juiz.

Pedro entrou no carro e acelerou o veículo pelas ruas movimentadas da cidade. No decorrer do caminho, se culpava por ter ficado em casa naquela manhã enquanto Bea estava tendo problemas com a saúde da mãe. Ele imaginou que a senhora tivesse desmaiado de novo.

“Quem socorreu as mulheres daquela casa? Deus do céu!”

Não demorou muito para que estacionasse naquele pronto-atendimento da rede particular. Ao entrar no local, avistou muitas pessoas na sala de recepção e, surpreendentemente, todos os olhares pareciam voltados a ele. Sem perder tempo, seguiu para a recepção e falou:

— Queria saber se uma senhora chamada Rosana Mendes deu entrada aqui. — A voz dele tão imponente fez com que a jovem atendente logo procurasse no computador a informação solicitada.

— Ela foi atendida, senhor — a moça de cabelos encaracolados e morena respondeu.

— Sabe me informar se já saiu?

— Aqui não está mostrando isso. — Apontou para a tela do computador. — É provável que esteja na sala de medicamentos.

— Doutor Bernardi? — Uma voz feminina o chamou por trás.

Pedro virou e reconheceu a prima de Beatrice, com um copo de água na mão, diante dele.

— O que faz aqui? — a jovem perguntou com a sobrancelha erguida.

— Eu soube da condição da senhora Rosana, não pude ignorar isso — ele, sem delongas, explicou seus motivos. — Qual o estado de saúde dela?

— De início, foi uma queda de pressão, mas está fazendo exames — Flávia respondeu. — Tia Rosana parece que perdeu o ânimo de viver. É bem triste ver uma pessoa que era tão alegre e destemida com a vida se entregar assim.

— Eu sei bem como é! — Pedro cruzou os braços e desviou o olhar da jovem para a tela que anunciava as senhas. — Como está a Beatrice?

— Bea sempre foi forte e tem sido um apoio para a mãe. Sabe, ela nunca abandona ninguém, mesmo se o barco estiver afundando. Está na sala de espera, vamos lá.

— Ela é mesmo muito forte e bondosa — Pedro elogiou as qualidades da mulher cuja admiração estava nas alturas.

Os dois começaram a caminhar e Pedro, ao se aproximar do local, avistou Beatrice conversando com o médico que atendeu a senhora Rosana da última vez. A expressão de sua auxiliar era de tormento e desolação.

— Bea, olha quem está aqui! — Flávia tinha um sorriso no rosto, e a prima se surpreendeu ao ver seu chefe.

— Pedro! — Sua pronúncia foi carregada de alívio e saudade.

Ele chegou perto dela.

— Eu vim assim que soube. O que aconteceu? — Denotou um tom suave que era destinado somente a ela.

— O doutor estava me falando que, segundo os resultados dos exames, as válvulas do coração estão entupidas e precisam ser trocadas. A cirurgia precisa ser feita com urgência. — Bea embargou a voz enquanto dava a notícia para os dois.

Flávia ficou atônita com a natureza da informação, e Pedro, sem pedir licença, ao vê-la naquele estado, a abraçou de lado, o que surpreendeu Beatrice, mas não a fez protestar, afinal, se sentia em extrema angústia e tudo que desejava era um ombro seguro para descansar. Ela apoiou a cabeça no peito do chefe, e a prima se surpreendeu com aquela demonstração de afeto de ambos.

— O que estão esperando para fazer essa cirurgia? — Pedro, ainda com Beatrice nos braços, perguntou para o médico à frente.

— Alguns documentos precisam ser assinados e os custos dos procedimentos serem averiguados — o doutor Rogério explicou os caminhos

que deveriam ser tomados.

— Traga esses papéis — O juiz obtinha seu típico tom de ordem. — Eu analisarei tudo.

— A papelada será preparada. — O médico se retirou.

O juiz se voltou para a sua auxiliar e percebeu como os dois haviam demonstrado uma interação maior do que a adequada em público. Ele ignorou aquelas considerações.

— Vamos nos sentar — declarou para Bea, que assentiu.

— A tia está mesmo com um problema grave no coração? — Flávia entristecida se sentou ao lado da prima. — Essa cirurgia é de alto risco?

Pedro queria compreender melhor a situação também.

— As veias do coração entupiram por conta de gordura — Bea suspirou e continuou contando para os dois, que se encontravam um de cada lado dela. — Por isso o cansaço e desânimo. Talvez tenha algo emocional, mas esse não é o principal.

— E o que essa cirurgia vai fazer? — Flávia os fitou como se buscasse uma solução mais rápido.

— Eles vão trocar essas válvulas do coração para que ela possa viver melhor, mas sempre fará acompanhamento médico a partir de agora. — Bea tocou a mão da prima. — Mamãe vai precisar muito mais da gente, Flávia!

— Nós daremos um jeito e Deus cuidará do restante. — As duas encostaram a cabeça uma na outra e suspiraram.

Pedro achou bonita a amizade sincera que fluía das duas primas, percebendo como nunca obteve um familiar tão perto a ponto de compartilhar as tribulações da vida. Ter alguém para partilhar os fardos e lutas era mesmo uma dádiva. Beatrice parecia preencher bem esse requisito.

— Quero que saibam que vou ajudá-las. — As duas o olharam no mesmo instante. — Eu venho buscá-las e levá-las de casa para o hospital e do hospital para casa sempre que necessário.

— Não, Pedro! — Bea protestou. — Você tem muitas audiências e não pode simplesmente parar sua vida para nos ajudar. Obrigada, mas não.

— Beatrice, não perguntei se vocês queriam. Estou comunicando o que vou fazer.

“Esse homem é um turrão mesmo!”. Bea pensou, mas seu coração agradeceu.

— E como vai ficar a vara? — ela perguntou preocupada.

— Isso eu dou conta. Não precisa se preocupar. — Fitou-a com a firmeza de quem tinha o controle da situação.

— Você é um homem eficiente. — Flávia apreciou o jeito determinado do juiz. — A maioria hoje em dia não sabe resolver os mínimos assuntos.

Bea concordou com a cabeça.

— É uma pena que tantos homens não atuem mais como deveriam — Pedro declarou e se voltou para a sua auxiliar.

— Ainda bem que existem os remanescentes. — Bea sorriu de leve para o chefe.

Os três conversavam quando chegou uma enfermeira com algumas papeladas e os chamou para uma sala particular com uma mesa oval no centro, a fim de lerem sobre os procedimentos e custos. Após se sentarem e verificarem a situação, uma voz rompeu o silêncio.

— Tudo isso? — Bea quase cuspiu as palavras fora.

— Nunca conseguiremos pagar uma cirurgia desse porte — Flávia estava atônita e frustrada. — Talvez eu doe meu rim e ganhe as válvulas da tia Rosana.

Pedro riu da opção peculiar da jovem.

— Eu... — ele ia falar.

— Não ouse querer pagar, Pedro. Eu nunca permitirei isso. — Bea usou um tom de seriedade poucas vezes vista na sua personalidade gentil.

Ele soltou o ar. Sua mente pensou sobre como resolver aquela situação.

— Tenho um conhecido da área da saúde, posso ver com ele como essa cirurgia poderia ser feita pelo SUS — ele sugeriu uma opção que foi agradável para as duas.

— Você poderia fazer isso mesmo? — Bea perguntou, esperançosa. — Mas têm tantas pessoas na fila do SUS e não seria justo.

— Como não seria justo? Nós dependemos dele tanto quanto qualquer um, e a tia Rosana é brasileira e paga seus impostos — Flávia se intrometeu. — Se Deus, por sua bondade, colocou Pedro na nossa vida para ajudar,

vamos desperdiçar por orgulho? Não mesmo! — Ela se virou para o juiz. — Por favor, fale com seu conhecido.

— É, está certa. — Bea reconheceu como estava sendo leviana. — Pode falar com ele depois.

— Vou ligar agora mesmo! — Pedro pegou o celular do bolso e fez sua ligação.

Após meia-hora de ligação, voltou para falar com as duas que esperavam com expectativa.

— Ele disse que pode ajudar.

As primas quase deram um grito na sala.

— Eu nem acredito que o milagre está se desenrolando na nossa frente. — Bea ficou a um passo de derramar suas lágrimas.

Pedro sentiu uma grande satisfação em ajudá-la. Tal sentimento o fazia se sentir mais vivo do que jamais pensou nos últimos meses. Ela apresentava uma vulnerabilidade e força ao mesmo tempo que o intrigava e o fazia estimá-la em cada sorriso e olhar.

— Acredito que já deu a hora de visitá-la — Beatrice lembrou a prima. — Vamos lá?

— Eu vou ficar esperando — Pedro colocou as mãos no bolso.

— Não! Você virá conosco! — Bea sorriu para ele. — Mamãe precisa conhecer o homem bondoso que a tem ajudado.

O juiz assentiu e acompanhou as duas até a enfermaria. A senhora estava acordada e sorriu ao ver a filha entrar com seu típico riso de preocupação, daquele que não alcançava os olhos.

— Mãe, esse é o doutor Pedro Bernardi, meu chefe. — Beatrice o apresentou. — Ele que tem nos ajudado neste momento. Pagou este hospital e agora vai ajudar com algo muito importante.

Pedro estendeu a mão para a senhora, que a segurou apesar da fraqueza.

— Deus abençoe sua vida, senhor Pedro! — A voz estava abatida e cansada.

— Espero de verdade que se recupere, dona Rosana. — O juiz segurou a mão fraca da senhora. — Estamos trabalhando para que sua saúde seja tratada da melhor forma.

Um pouco distante, Beatrice assistia à interação dos dois e dentro do peito experimentou uma emoção diferente, como se Pedro realmente fizesse parte do seu lar. Era uma experiência de acolhimento que a levava a considerá-lo em grande estima; queria que ele nunca mais se afastasse.

— Agora vou deixá-la falar com sua filha.

Ele saiu de perto da cama da senhora, e Bea envolveu as mãos de sua genitora entre as suas.

— Logo a senhora fará uma cirurgia que vai ajudar muito nessa situação. — As lágrimas se amontoaram nos olhos da jovem. — Não posso perder a senhora, mãe!

— Tenhamos fé que tudo vai dar certo.

Pedro visualizava, com as mãos nos bolsos, a cumplicidade de mãe e filha, sentindo o coração aquecer no peito. Beatrice era melhor do que ele um dia tinha imaginado. Nunca pensou que ao contratar uma funcionária estaria adquirindo um tesouro particular.

Bea, ao se virar, enxergou a face radiante dele, vivenciando uma ardência no peito. Com o juiz, experimentava a sensação de ser cuidada e protegida, a mesma segurança que possuía com seu pai vivo e sempre tão pronto a servir. Ela podia confiar no seu genitor porque sempre estava lá e nunca iria embora.

Entretanto, depois da morte de seu pai o sentimento de abandono e vulnerabilidade se tornou forte, levando-a a sofrer muito, mas, com o passar dos anos, aprendeu a ter no Senhor a garantia de que sempre seria preservada e defendida. Agora, com Pedro, também sentia isso. Era algo muito bom, porém precisava orar.



34-SINCERA

Depois de duas longas semanas com a mãe internada por causa da cirurgia, que ocorreu rápido com a graça de Deus e o auxílio de Pedro e dos médicos, a senhora Rosana recebeu alta e voltou para casa. Beatrice, durante os dias no hospital, revezava com a prima para cuidar da mãe, mas, dentro de algum tempo, estabeleceria uma rotina melhor.

— Bem-vinda ao lar! — Bea abriu a porta do apartamento e a mãe sorriu.

A mãe, sentada numa cadeira de roda, fechou os olhos e inspirou fundo aquele ar caseiro. Que saudades!

— Não há nada melhor do que voltar para minha casa, dormir na minha cama e cuidar disso tudo.

— Ah! Nem venha com essa de cuidar de casa! — Flávia repreendeu e ficou na frente da tia. — Se acostume com a vida de rainha porque agora eu e Bea seremos suas escravas!

— Você é doida, menina. — Rosana riu dos termos usados pela sobrinha.

— Uma doida de quem não conseguimos viver longe — Bea deu um empurrãozinho na prima.

— Enfim, depois de todo esse sufoco, podemos descansar. — A prima levantou a mão para o ar. — Agora só voltaremos àquele hospital para o acompanhamento.

— Todo mês vou deixar um dinheiro separado para o transporte — Bea informou, pegando algumas das bolsas que a prima segurava.

— Ou seu chefe super-herói se candidate a nos levar — Flávia brincou e as outras duas mulheres a olharam. — É sério, nenhum outro faria o que o Pedro fez. — Fez uma cara de pensativa. — Sinceramente acho que a intenção é maior do que só ajudar uma funcionária.

Senhora Rosana não disse nada, mas ponderou sobre a fala da sobrinha.

— Pare com isso, Flávia! — Bea crispou os olhos para a prima. — Isso não tem cabimento.

— Ah, sei! — Flávia deu um pigarreio e começou a empurrar a tia até o seu quarto particular.

Ao ficar para trás, Bea refletiu sobre as palavras de Flávia.

“Será que pode ter outra intenção?”, se questionou. “Não, não é possível!”, negou as próprias considerações.

Para afastar os pensamentos da cabeça, começou a tirar as roupas, toalhas e os produtos de higiene da bolsa. Pôs o que precisava na máquina para lavar e fez uma comida leve. As três almoçaram, mas a alimentação de dona Rosana era específica. A senhora se negou a voltar ao quarto, antes, quis assistir um filme com as meninas e conversar.

Mais tarde, quando o céu estava como uma coloração arroxeada e alaranjada, fazendo uma bela pintura de pôr do sol, Bea fechou as cortinas do quarto da mãe para não a acordar. Depois de todo o aproveitamento da tarde, enfim, perto do anoitecer, dona Rosana não conseguiu refrear o sono, que a venceu.

— Dormiu feito um anjo — Beatrice disse ao chegar na sala, onde a prima estava sentada com um chocolate quente na mão.

— Que bom! Ela precisa mesmo descansar — Flávia bebeu mais um pouco do líquido marrom. — Acho que até a gente precisa. Dias no hospital consomem nossas forças.

— Verdade! — Beatrice se sentou ao lado da prima e abraçou uma das almofadas. — Meu atestado dura até sexta-feira. Segunda preciso voltar ao trabalho, e você também. Estou preocupada.

Flávia passou a mão na testa e suspirou.

— A gente tem que se virar nos trinta, mas precisamos crer na Providência Divina. Pedi à minha chefe para ficar durante este mês num turno só. Espero que ela aceite. — Flávia deu mais uma golada no líquido quente.

— Isso é bom! Acredito que vou fazer uma petição dessa também. É o melhor a se fazer. — Bea apertou mais a almofada.

— É tão certo quanto a lua que brilha todas as noites que o seu chefe permitirá essa sua condição por um tempo. — Flávia crispou os olhos para a prima, que inspirou fundo.

— Por que você fica fazendo essas insinuações? — Bea estava um pouco incomodada.

— Porque é real! — Flávia se virou de lado no sofá, a fim de ficar frente a frente com a prima. — Você acha que eu não percebi o abraço de vocês naquele dia? Quem abraçaria uma funcionária assim? Você não pode simplesmente se fazer de cega, Beatrice!

— Não estou me fazendo de cega, só não faz sentido. — Beatrice repousou o queixo em cima da almofada e a apertou mais contra o peito.

— O que não faz sentido?

Bea olhou para a mesinha de centro e as palavras de Letícia, o seu olhar desdenhoso e tudo mais voltaram à sua memória. Ela não poderia permitir que sua prima ficasse desempregada. E é claro, Pedro Bernardi não se encantaria por uma simples auxiliar.

No entanto, em meio ao temor, o coração de Beatrice se aqueceu ao recordar do cuidado dele naquele momento tão difícil, das conversas e sorrisos que ambos trocaram em outras ocasiões. Suas bochechas tomaram tons avermelhados ao relembrar os belos olhos azuis cintilantes.

— Não posso gostar do Pedro, Flávia. — Umedeceu os lábios ao exprimir tal sentença. — Uma mulher como eu não é apropriada para um homem como ele.

— Uma mulher como você? Que raios seria isso? — A prima tinha um tom de repreensão na voz.

"Sabe quantas mulheres tentaram se aproximar dele?". Letícia semicerrou os olhos. "Muitas. E tem ideia de quantas conseguiram algo? Nenhuma!". A voz de Letícia ainda ressoava dentro de Beatrice.

— Apenas se conforme em saber que eu não tenho nenhum interesse nele. Por favor, não tenha nenhuma expectativa quanto a isso. — A voz dela ficou embargada.

A prima segurou sua mão e cogitou que algo tinha acontecido para que Beatrice ficasse na defensiva quanto ao assunto.

— Eu sei que o Pedro é um bom homem. E merece uma boa esposa ao seu lado. Uma mulher elegante e tão instruída quanto ele. — Sem seu consentimento as lágrimas se amontoaram no canto dos olhos de Bea.

— Ah, entendi! — Flávia assentiu.

— Entendeu o que?

— Você se sente inferior ao juiz pela sua posição, não é? — Flávia balançou a cabeça. — Acha que Pedro nunca a olharia porque é pobre e se alimenta disso, negando a si mesma.

Beatrice sentiu o impacto das palavras diretas da prima.

— Quanto a isso, eu nada posso fazer porque somente você pode vencer os próprios pensamentos derrotistas. — Flávia apertou a mão da prima. — Mas espero que perceba que aquele juiz não consegue mais ficar longe de você. E isso é uma resposta. A não ser que seja tola demais para aceitar. Porque você *sabe*, só nega a realidade!

— Flávia, você não tem papas na língua. — Bea secou as poucas lágrimas que caíram.

— Desculpa, prima. Eu não tenho paciência para fazer floreio com as situações da vida. — Ela estendeu o braço e disse: — Venha aqui, deixa eu te abraçar.

As duas se abraçaram; Bea recebeu conforto através da atitude carinhosa da prima. Ela podia não ter muita coisa na vida, mas uma família amorosa era o que precisava para enfrentar as guerras terrenas. Então, ouviu o murmúrio de uma oração que quebrou seu coração:

— Senhor Deus, obrigada pela vida da Bea. Que a sua graça divina domine toda a mente e coração dela, curando-a de toda mentira cravada no seu interior. O valor dela está em ti e nada pode roubar isso. Aumente a sua pequena fé para ver como a Providência não se baseia nas condições humanas, mas apenas no teu querer perfeito. Amém!



35-PERCEPÇÃO

Na segunda-feira de manhã, Bea retornou ao fórum e avistou uma mulher magra, de fisionomia cansada, sentada numa das cadeiras da sala de espera da vara. A auxiliar se compadeceu e ofereceu um café, gentileza que foi aceita com modéstia pela jovem aparentemente desamparada. A solidão, desesperança e vazio eram emoções expostas nos olhos castanho-escuros da moça.

— Obrigada. — A mulher estendeu a xícara para Bea e se virou de lado, mostrando como não estava disposta a conversar.

Bea compreendeu a reserva da jovem e partiu para o gabinete do juiz, mas orou pela moça em questão. Ao entrar na sala, da qual havia ficado duas semanas longe, sentiu o coração dar um salto no peito. Tudo ali refletia Pedro Bernardi. O homem que já não saía dos seus pensamentos e algumas vezes até visitava seus sonhos.

Ele foi tão presente durante o período de internação de sua mãe, que na última semana, precisou se afastar mais para organizar o trabalho. Ela entendia muito bem. O juiz fez mais do que o esperado e os sentimentos dela preenchiam cada vez mais o seu coração por isso. Estava feliz de voltar ao

serviço, mas se perguntava como seriam os próximos dias. Esperava manter controladas as emoções.

Beatrice seguiu para sua sala, ligou o computador e começou as leituras dos processos. Depois de um tempo, ouviu passos firmes ecoarem do outro lado da sala: ele tinha chegado. O coração deu um salto dentro do peito. Se atentou a ouvir os acontecimentos do outro lado da parede.

— Doutor Bernardi, a promotoria quer falar com o senhor. — Era uma das assessoras jurídicas.

Bea ouviu a voz grave dele ressoar e experimentou um estranho conforto. O timbre que a apavorou por tantos meses agora aquecia seu coração. Notou como muitas vozes, que pareciam o som de um enxame de abelhas, proliferaram pelo gabinete do juiz. A auxiliar tinha dó do chefe por tanto serviço. Ele quase nunca podia descansar.

— Eu quero que você me traga esse processo agora. Dentro de meia-hora eu tenho uma audiência, depois disso quero ler esse documento. Deixe na minha mesa — ele declarou para alguém e, aos poucos, toda a multidão de vozes foi diminuindo.

Beatrice saiu de sua sala e encontrou o juiz com aparência cansada, sentado, olhando para a tela do computador e sem muito humor para qualquer conversa. Ela sentiu os pelos da pele se alvoroçarem quando foi vista pelo magistrado.

— Beatrice! — Tinha um certo espanto na expressão.

— Oi, doutor. — As marcas de expressão na testa dela logo se formaram. Não tinha certeza como a trataria depois de tanto estresse.

— Bom dia — Pedro a saudou, a cortesia pegou Bea desprevenida e a fez expelir o ar contido nos pulmões. Ele ainda era o Pedro dos últimos dias, não o juiz intolerante como antes. — Você já retornou? Como está sua mãe? — Se levantou e a olhou bem.

— Ela tem melhorado. — Deu um sorriso casto. — A sua ajuda e a de todos à nossa volta foram uma dádiva. E sim, minha licença só cobria até sexta-feira. Estou aqui firme e forte.

— Ótimo! Se precisar de qualquer ajuda, não hesite em me falar.

— Espero que tudo dê certo daqui em diante. — Ela levantou as mãos para os céus.

Pedro sorriu e olhou para o relógio de pulso.

— Por favor, se organize, pois dentro de alguns minutos teremos uma audiência.

— Farei isso agora mesmo! — ela afirmou contente.

Antes de sair, Bea e Pedro seguraram o olhar um no outro. Havia uma necessidade que parecia ser expressa, porém nenhum dos dois declarou algo. Ela se virou, mas antes de dar o primeiro passo, ouviu:

— É bom ter você de volta.

Ela o olhou de novo com certa emoção.

— Também acho! — Sorriu e se foi.

Minutos depois, Bea entrou na sala de audiência e avistou a defensora pública, a psicóloga e outros servidores. Na mesa de julgamento, estava uma moça de cabelos pretos com as pontas ruivas, magra, de pele morena, vestida com uma blusa branca desbotada e uma calça jeans igualmente velha. Era a mulher sentada na sala de espera logo cedo. A audiência se tornou muito interessante desde então.

As pessoas ficaram de pé e Beatrice contemplou a imponência do juiz Pedro Bernardi ao entrar na sala. Após a entrada do Excelentíssimo, o caso começou a ser relatado. Beatrice se atentou para as expressões do chefe, que se mostrava sempre sério ao que estava sendo exposto. A postura rígida que tanto a irritava passou a cativá-la.

“Pedro, você é tão admirável!”

O caso dizia respeito à jovem que era mãe de uma menina de 2 anos, mas não possuía condições financeiras para sustentar e cuidar da pequena. As duas moravam nas praças da cidade até o conselho tutelar ser acionado por um dos moradores e tomar a criança da mãe. A menina estava num abrigo enquanto a processo ocorria. Após o caso ser exposto, o juiz deu oportunidade para a mãe se pronunciar.

— Doutor, é verdade que não tenho onde deixar minha filha, mas não é justo me separarem dela. — A mulher não conseguiu segurar o choro. Sua vida parecia um grande erro e, mesmo tentando acertar, falhava miseravelmente. — Sim, eu não tenho como me sustentar — retomou sua defesa —, pois fui expulsa de casa assim que meus pais souberam da minha gravidez. O pai dela também me abandonou, mas eu sou a mãe. Eu sou a

mãe! — Tentou enfatizar, batendo com a palma da mão no peito. — Oh, meu Deus! Isso não é justo! — Ela afundou a cabeça entre as mãos e o som do choro foi alto.

— A defensoria tem algo a dizer? — o juiz perguntou.

— A criança precisa de um local acolhedor para viver e ser bem alimentada. Nenhum lugar é melhor do que no colo de uma mãe — a advogada de defesa olhou para jovem de 18 anos —, porém, neste caso, a situação pede o afastamento até que a genitora possa se restabelecer e possuir as condições necessárias para sustentar a criança, sendo assim, o melhor para as duas.

— Não! — A mãe se levantou da cadeira em desespero. — Por favor, não faça isso comigo e minha filha — pediu com as lágrimas em abundância já descendo pelo rosto.

Bea sentiu um nó se formar na garganta ao ver a aflição da moça e, ao olhar para o juiz, notou como ele não demonstrava nenhuma reação diante de tudo que presenciava. Por isso, também procurou se manter forte.

— Por favor, me levem para morar no abrigo também. — A mãe ousou com uma ideia que surpreendeu a todos. — Eu não tenho onde morar mesmo. Eu posso trabalhar na casa e ficar com minha filha.

O silêncio pairou sobre os presentes na sala. O juiz, após ler algumas papeladas diante dele, tomou a palavra.

— O serviço social entrará em contato com a casa de acolhimento para ver se é possível recebê-la — o magistrado determinou. — A criança permanecerá no abrigo até a mãe ter condições de dar a ela uma moradia, sustento, educação e segurança. De acordo com isso, considero o caso encerrado. — Bateu o martelo, encerrando a audiência. Pedro fitou a jovem que se mantinha de cabeça baixa e aconselhou: — Procure um trabalho e estude, pois ainda tem tempo. Se você abandonar tudo que lhe impede e fizer das suas dificuldades degraus para subir, sairá dessa.

A moça ergueu o olhar para ele e, sem forças para protestar, apenas assentiu. Pedro Bernardi se levantou e saiu. Bea apreciou a atitude do juiz e, ao examinar a mulher de pontas ruivas mais uma vez, pediu a Deus para lhe dar esperança.

A auxiliar se retirou da sala de audiência e, ao voltar para o gabinete, se deparou com Murilo, o amigo do juiz, e vários outros funcionários que não paravam de entrar e sair. Que dia movimentado!

Murilo se aproximou de Bea quando a viu e a cumprimentou.

— Que loucura está isso aqui, não? — ele comentou.

— Nem me diga!

— Acho que é hoje que o Pedro tem um colapso nervoso, você não acha? — Murilo tinha um tom brincalhão na conversa.

Bea o fitou e riu.

— Você acha? Acredito que já teve dias piores e se saiu bem, hein!

Murilo a examinou e notou como a jovem defendeu bem o chefe. Ele deu uma risada de leve.

— Bom, se Pedro não a fez odiá-lo, então não posso mais condená-lo pelo mau temperamento.

A auxiliar não segurou a risada.

— Admito que não foi fácil!

Os dois olharam para Pedro à distância, que dava uma ordem:

— Quero que cite o réu no processo, precisamos ter tudo isso organizado — Pedro denunciava o seu nervosismo pelo tom grave. — Esse caso já está há meses parado. Leandro, acelera isso!

O homem concordou sem questionamentos e se retirou da frente do juiz, passando por Beatrice e Murilo sem ao menos cumprimentá-los.

— Não posso negar o fato de que é eficiente no que faz — Murilo disse a Bea, que concordou.

Pedro Bernardi era excelente em manter tudo em ordem, ainda que regendo tudo com mão de ferro.

Os dois escutaram novamente a voz do magistrado.

— Bianca, quero o relatório do acompanhamento que vocês estão fazendo com a família dessa criança. — Pedro requeria da assistente social mais uma atividade. — E ainda esta semana na minha mesa.

A jovem do serviço social assentiu e não demorou para se ausentar da sala. Ela saiu e Pedro tirou o terno, colocando atrás da cadeira.

— Que dia lotado, meu amigo? — Murilo se afastou de Bea e foi andando para perto do juiz.

Ela os deixou a sós para buscar algumas bebidas e talvez analgésicos. Com o passar de uns minutos, ela retornou e pôs uma bandeja com água e suco em cima da mesa do juiz.

— Sintam-se servidos — ela declarou aos dois homens.

— Obrigado, Bea — Pedro agradeceu pela água, interrompendo assim o pequeno diálogo com o amigo. — Por favor, traga os relatórios que estão prontos — pediu, com cortesia, sendo que tal forma de falar levou Murilo a semicerrar o olhar para o juiz.

— Trarei, sim. — Bea quase fez uma reverência.

— Você trouxe suco de maracujá! — Murilo fingiu estar surpreso.

— É bom para se acalmar e o doutor Bernardi precisa relaxar mais — Beatrice devolveu ao jovem no mesmo tom.

— Olha, Deus queira que quando eu assuma minha vara, consiga uma auxiliar que cuide tão bem de mim assim. — Esboçou um largo sorriso, seguido de um olhar sugestivo para o amigo.

Bea corou e Pedro arqueou a sobrancelha.

— Acho difícil, afinal sua noiva ficaria com ciúmes. E eu teria que ficar ao lado dela no processo. — Pedro deu uma risada sarcástica e fitou bem o amigo. — Ainda a ensinaria como tirar todos os seus bens.

Murilo jogou o corpo para frente numa gargalhada.

— Veja que amigo eu tenho, Beatrice! — Ele olhou para a auxiliar. — Mas eu digo que se você quiser processá-lo por fazê-la ter um colapso de estresse, não hesite em procurar por mim!

A jovem não deixou de rir e Pedro a visualizou naquela expressão de alegria que somente ela tinha. Como sentiu falta de sua presença. Por um momento, ele a contemplou e quando se voltou para Murilo, deparou-se com o olhar cravado do amigo sobre si.

— Pode ir, Bea! — o juiz Bernardi a liberou

Murilo não pôde deixar de reparar que os olhos de Pedro fitaram Beatrice até que ela sumisse do seu campo de visão e percebeu como o amigo mudou o trato com a presença da auxiliar. Ele nada disse, mas guardou no seu coração aquelas percepções.



36-VERDADE

Pedro recebeu uma visita na manhã do sábado. Ao abrir a porta, encontrou Murilo com uma sacola branca de comida em mãos.

— Como sempre, pontual. — Pedro deu espaço para seu colega entrar.

— Você me conhece. — O rapaz deu de ombros. — E eu trouxe comida. — Balançou a embalagem diante do juiz.

— Desde quando se lembra de trazer algo para comer? — Pedro caminhou para a cozinha.

— Para ser sincero — Murilo andou um pouco e deixou a comida em cima da pequena ilha com tampo de mármore branco, que separava a sala da cozinha no apartamento de Pedro —, eu estava falando com a Mísia durante o trajeto e ela me aconselhou a trazer o almoço.

— Isso sim faz sentido. — Pedro seguiu até o pacote, sentindo o cheiro que despertava seu apetite. — Você não teria essa preocupação.

— Ela disse que ficaríamos com fome. — Ele coçou a nuca. — E tinha a certeza de que não faríamos nada para comer.

— Se eu quisesse pôr fogo no apartamento, eu me prestaria a cozinhar — Pedro zombou. — Mas eu almoçaria “um pouco de alguma coisa” que a cozinheira deixou na geladeira.

— Um pouco de alguma coisa? O que é isso? — Murilo indagou, indo em direção a uma poltrona preta na sala.

— Se eu soubesse, falaria o nome do alimento. — Pedro deu de ombros e se encaminhou para a sala e se sentou no sofá para conversar um pouco mais com sua visita.

— Você apenas existe nesta casa, né? — Murilo, com nítida despreocupação, colocou a perna esquerda sobre a direita e segurou nas mãos alguns dos livros de direito civil, que estavam na prateleira perto da poltrona em que se acomodou.

— Acho que se eu fiz cinco refeições aqui foram muitas — o juiz disse na maior sinceridade.

— Ao menos sabe onde estão os pratos e os copos? — o outro homem perguntou, com um sorriso zombeteiro nos lábios.

Pedro franziu o cenho e cruzou os braços.

— Acho que no armário de cima — pensou mais um pouco —, ou nos de baixo. — Bufou. — Não faço ideia! — Desistiu de querer dar uma resposta sensata.

A grande verdade é que sempre foi servido, não tinha essas preocupações e pouquíssimo tempo ficava em casa. Nada ali tinha grande valia ou era digno de seu interesse.

— Precisa ser mais caseiro, meu amigo — Murilo advertiu.

— Desde quando se importa com isso?

— A gente ganha uns aprendizados por aí. — O amigo esboçou um sorriso seco e, após averiguar algumas páginas daquele livro, colocou-o de volta no lugar. — Bom, hoje temos que aproveitar como dois homens solteirões. — Ele bateu as mãos nas coxas e riu com seus perfeitos dentes brancos e alinhados, que faziam contraste com sua pele mais corada e a barba.

— Posso saber por quê? — Pedro arqueou a sobrancelha.

— Minha noiva chega amanhã. — Murilo não conseguiu esconder o brilho no olhar ao falar sobre sua amada. — Em breve, o casamento também.

Então não terei mais tanto tempo livre para desfrutar de sua “animada” companhia — caçoou, levando Pedro a estreitar o olhar.

— Muito sério um casamento — o juiz enfatizou, se lembrando vagamente de quando esteve naquela posição de noivo.

Algumas memórias dolorosas queriam voltar, mas ele desviou os pensamentos.

— Eu sei! — O amigo suspirou. — Tenho fé que o Senhor me ajudará em tudo que for necessário.

Pedro assentiu.

— Não conseguimos conversar direito naquele dia na vara por causa da quantidade de trabalho que você tinha para lidar. O que aconteceu para atrasar tantas coisas? — Murilo questionou, inclinando o corpo um pouco para frente, apoiando os cotovelos nas coxas e cruzando as mãos.

— Precisei me ausentar algumas vezes — Pedro mirou o amigo. — Beatrice fez um passeio com as crianças ao planetário e eu os acompanhei. Depois disso, a sua mãe adoeceu e ficou internada no hospital. Estive com ela durante essas semanas, ajudando.

Por um momento, um silêncio pasmo se apossou de Murilo.

— Beatrice? Crianças do abrigo? Você junto com pessoas? Você deixando o trabalho para ajudar outros? — Ele não podia acreditar no que estava ouvindo. — Aconteceu algo no mundo e eu não estou sabendo?

Pedro deu uma risada irônica e balançou a cabeça em negação.

— Eu a levei até as crianças do abrigo e a deixei responsável por ajudar a Olivia — O juiz se sentou de modo mais confortável sobre o sofá e deixou os músculos dos braços relaxarem sobre algumas almofadas que estavam ao lado.

— Pedro, você disse que nunca mais levaria ninguém no abrigo. — O tom usado por Murilo demonstrava seu espanto. — Meu Deus! — De repente, sua mente deu um estalo. Ele jogou o corpo para trás na poltrona, mostrando-se pensativo.

— O quê? — Pedro observou o cenho e os lábios contraídos do amigo, porém, não conseguiu decifrar quais pensamentos passavam pela sua cabeça.

Tudo se tornou claro para Murilo. Há alguns dias, ele teria negado e pensado em outra desculpa para responder suas observações acerca da

relação do juiz com sua auxiliar, contudo, toda e qualquer sombra de dúvida foi dissipada depois de ouvir aquilo. No entanto, outra questão despertou em sua consciência, o que o levou a indagar ao amigo:

— Deixa eu te fazer uma pergunta. — Murilo voltou a projetar o corpo para frente e fitou bem o homem diante de si. — Você já perdoou a Letícia?

— O que a Letícia tem a ver com isso? — Pedro se remexeu no assento e endureceu as expressões de sua face, mostrando-se arredio com a menção daquele nome.

— Quero saber se conseguiu perdoá-la — o amigo declarou com veemência.

O juiz desviou a atenção para a mesinha à frente e pegou de lá uma de suas bolinhas, que tinha em casa, passou a apertá-la e não respondeu. Murilo sabia que a mente de Pedro estava a mil por hora. Ele tinha mexido em algo que era quase inconcebível, mas sabia que precisava avançar naquela questão.

— Eu sei que não gosta de falar disso, mas é necessário.

O silêncio fúnebre pairou sobre os dois por um longo espaço de tempo. O colega esperou alguma abertura, mas o homem à sua frente apenas massageava o objeto e era como uma pedra inatingível. A conversa pareceu só ter servido para azedar a interação entre os dois.

— Não sei se um dia vou conseguir — Pedro soltou as palavras de modo rude. — Sinceramente, não sei. — Ele inspirou fundo.

— Isso é importante, cara, ou nunca vai prosseguir com a sua vida.

Pedro o olhou, e o amigo não perdeu a oportunidade.

— Veja o que dizem as Escrituras, Pedro — Murilo começou a expor algumas verdades sobre o assunto. — Jesus disse que se não perdoarmos aqueles que nos têm ofendido, o Pai que está no céu também não perdoará as nossas ofensas. Pedro, você e eu sempre queremos o perdão de Deus, mas o nosso lado ofendido se sente no direito de não o entregar àqueles que nos ofenderam. — Com ousadia, ele declarou: — Isso é orgulho! Se lembra da parábola do servo infiel? — perguntou e concedeu um tempo para o amigo pensar, então prosseguiu: — Este servo infiel pediu do Rei o perdão porque sua dívida era alta e não tinha como pagar. Mas o escravo, que devia ao

servo infiel uma quantia de pouco valor perto da dívida dele para com o rei, não quis perdoá-lo e o condenou. O rei ficou irado por causa disso.

Pedro se lembrava da parábola e os ensinamentos dela pesaram no seu coração ao refletir sobre suas próprias atitudes em relação à Letícia, mas não era fácil perdoar tantas ofensas e prejuízos. Não era nada fácil!

— O que Cristo nos ensina? — Murilo não esperou resposta, e Pedro atentou-se à conversa. — É que sempre devemos comparar as ofensas dos outros em relação a nossa com Ele. Ofendemos muito mais a Deus todos os dias, e ainda assim Ele tem um coração disposto a nos perdoar para aqueles que vêm em verdadeiro arrependimento. Por que nós não perdoamos? Será que a nossa justiça é melhor que a dEle?

Pedro fitou a bolinha na mão, pensando em tudo aquilo. As verdades duras desciam rasgando por sua garganta e se chocando com seu orgulho ferido. Ele desejava ser mais complacente, porém seu espírito obstinado e inflexível lutava para prevalecer.

— Uma vez ouvi um pregador falar que quando não perdoamos nos tornamos *escravos*. — Pedro o olhou de imediato. — Sabe por quê? Porque nosso coração está preso a outra pessoa e, muitas vezes, ela já está livre e vivendo tranquilamente e, nós paramos nossa vida por causa de alguém que nem se importa. Isso tudo por causa da mágoa e da raiva que nos consome e as quais não queremos abandonar.

As palavras de Murilo foram como uma machadada em seu coração orgulhoso.

— Isso é justiça própria! Deus odeia a justiça própria. — Murilo tinha muita firmeza. — Porque você, como juiz, sabe quando alguém alega justiça, mas fez tamanho erro como a outra pessoa.

Ele nada respondeu.

— Acredito que você nunca levou sua causa ao Justo Juiz! — Murilo enfatizou e o amigo estreitou o cenho. — Só julgou e deu a condenação sem os devidos termos.

Pedro passou uma mão na fronte e soltou o ar. Ele se sentia encurralado e a ofensa sendo expelida para fora sem sua autorização. A conversa parecia ser uma audiência da qual não foi avisado que participaria e o réu era ele próprio.

— Acontece que você falhou nesse julgamento, pois Deus é quem julga sobre os nossos corações. — Murilo continuou. — Pedro, Deus nos ensina sobre o perdão em sua Palavra e é tão diferente do que fazemos. Pense, se Deus perdoasse você, mas também lhe dissesse que nunca mais olharia para a sua cara e nem queria mais ter contato com você, como você se sentiria?

Aquela argumentação confrontou Pedro outra vez. Se lembrou da miséria do seu pecado e como o Senhor foi misericordioso com sua vida. Ele trincou o maxilar. Era mais miserável do que imaginava. As certezas bíblicas atacavam suas estruturas obstinadas e o feriam profundamente.

— Você está diante do Supremo Juiz, Ele sabe a sua causa, sua dor, sua aflição e ofensa. Mas sabe também seus defeitos, pecados e erros. Ele julgou com retidão. — Murilo olhou para o amigo. Sabia o quanto ele estava lutando com toda a situação e se perguntava como ainda não tinha sido expulso dali, mas continuou: — Você recebeu a consequência dos seus atos.

O juiz o fitou, sério, sabendo ao que o amigo se referia. Ele conhecia todos os atos de Letícia e como o deixou no fundo do poço.

— Mas Deus também estendeu sua misericórdia a você. — O tom de Murilo ficou ameno. — Não deveria largar essa justiça própria e deixar que Deus a trate? Ele saberá julgar Letícia melhor do que você. Descanse naquele que pode fazer o melhor juízo. Porque você estudou muito sobre leis, mas Ele é a própria Lei! O obedeça mais do que ao seu próprio coração inflexível, juiz Bernardi. — O amigo sorriu, e Pedro não compreendeu. — Veja como a graça dEle foi tão grandiosa que estendeu sobre sua vida um novo tempo. Você precisa ser livre para poder viver o amor livremente.

A palavra “amor” levou Pedro a soltar uma risada. Não, ele não poderia sentir aquilo. Prometeu a si mesmo e cumpriria seu voto.

— Por que está rindo? — Murilo arqueou a sobrancelha e cruzou os braços.

— Perdoar é uma coisa. — Ele respirou fundo e apertou a esfera na mão. — Agora abrir o coração para o amor é outra bem diferente.

Dessa vez, foi Murilo quem soltou uma risada, e bem irônica por sinal.

— Não, você entendeu errado — declarou, sorrindo e repousando o corpo no encosto da poltrona. — Eu não estou dizendo que isso possa

acontecer com você, estou afirmando que você *ama* e, para viver esse amor, precisa se libertar da Letícia.

Pedro sentiu os músculos enrijecerem e, com os olhos semicerrados, perguntou:

— E eu posso saber quem eu amo?

Murilo esboçou um largo sorriso e revelou com muita leveza:

— Sua auxiliar, Beatrice! — Ele veio um pouco mais para a frente e proclamou: — E a ama intensamente!



37-RECONHECER

No outro dia, pela parte da tarde, Beatrice estava saindo do hospital com a mãe após mais uma consulta de rotina. Ela estava tentando pegar um táxi, mas nenhum respondia a chamada. Depois de um tempo, resolveu ligar para a Andréa que tinha uns amigos que eram motoristas.

— Oi, Andréa, você poderia me ajudar com uma coisa?

— Claro, Bea, pode falar.

Beatrice expôs seu problema e a jovem, do outro lado da linha, compreendia. De repente, uma outra pessoa chegou e falou com Andréa, então Bea esperou. Estava cansada e só queria voltar para casa.

— Bea, você não precisa pegar mais um táxi! — Andréa declarou.

— Como não?

Andréa sussurrou no celular.

— O doutor Bernardi me ouviu falando com você, perguntou o que era e disse que ia te buscar. É só esperar uns minutos. — Andréa parou um pouco e voltou a falar. — Pelo modo que ele saiu apressado, não vai demorar mesmo.

— O doutor? — Bea sentiu um nó engatar na garganta.

— Parabéns, minha amiga, de inimigos viraram amigos e ele está até te ajudando. — Andréa brincou do outro lado do telefone.

— Obrigada e, por favor, não diga isso a ninguém. As pessoas podem pensar mal — Bea solicitou a reserva da colega de trabalho.

— Fique tranquila, pois minha boca é um túmulo!

Bea desligou o telefone e comunicou a mãe que logo voltariam para casa. A senhora assentiu e voltou a olhar o jornal que passava na televisão do hospital. A jovem se sentou numa das cadeiras da recepção e o coração batia descompassado. Uma confusão se instaurava na mente e um sentimento comprimia mais seu coração.

Não demorou para que a imponência de Pedro Bernardi chamasse atenção assim que colocou os pés dentro do hospital. Bea sentiu o ar faltar quando ele a encontrou e se encaminhou em direção a ela. Sentiu uma fraqueza nas pernas ao se deparar com o olhar sincero — e amoroso? — dele.

“Estou imaginando coisa! Eu preciso mesmo de férias!”

— Mamãe, o Pedro vai nos levar para casa — a jovem falou com a senhora, que se virou para o juiz e sorriu.

— Senhor Pedro, obrigada por nos ajudar — a senhora agradeceu. — Mas não acho que seja bom faltar trabalho por nós.

— Não se preocupe, dona Rosana. Meu trabalho está sob controle. — Ele olhou para Bea. — Sua filha me ajuda muito a manter as coisas ordenadas.

— Minha Bea realmente é muito dedicada! — A senhora tocou no braço da filha e aproveitou para elogiar sua cria.

Pedro concentrou sua atenção em Bea e sorriu com brilho nos olhos. A moça não estava preparada para tamanha beleza de cordialidade vindo do chefe.

“O que está acontecendo comigo?”

— Tenho que concordar. — Assentiu. — Vamos? — Ele ajudou a senhora com as muletas e a colocou no carro.

Bea foi convidada a se sentar no banco do carona e, ao ficar do lado do juiz, experimentou milhares de sensações pelo coração. Ela estava entrando em colapso, era isso.

No trajeto até o apartamento não teve muita conversa. Pedro se mantinha sério, parecendo pensar em muitas coisas; enquanto isso, dona Rosana apreciava a paisagem. Era certo que os ânimos de Bea não a permitiam se comunicar muito, nem entendia o que estava acontecendo.

“Por que essa aflição, Bea? Controle-se!”

Eles chegaram na entrada do pequeno prédio, e Pedro auxiliou a senhora Rosana, com quem começou uma agradável conversa no elevador. Bea ficou chocada como os dois se entenderam tão bem. O juiz estava comunicativo e considerou que aquele era o Pedro Bernardi para os íntimos. Após ponderar sobre aquilo, reparou como o olhar dele estava atento a ela, e ao constatar isso o coração deu uma cambalhota dentro do peito.

Bea abriu a porta do apartamento e guiou a mãe até o quarto. Pedro foi acomodado na sala e esperou a jovem voltar. Ele olhava tudo ao redor. O apartamento era simples e os cômodos eram pequenos; na frente da sala havia uma varanda que dava para uma vista distante da praia. O juiz notou uma foto na parede, se levantou e andou com as mãos nos bolsos da calça até a imagem de um homem com uma menininha loira diante de um céu estrelado, deduziu ser o pai de Beatrice.

— Eu sei, não pareço nada com meu pai — A voz de Bea rompeu o silêncio e ele se virou. — Papai não era muito de fotos, mas essa foi especial. Foi quando me deu o telescópio e fomos dormir no jardim da nossa antiga casa. Uma das melhores noites da minha vida. — Ela ficou do lado juiz, que largou a foto e só conseguia olhá-la.

Pedro contemplava os cabelos ondulados e loiros, os olhos azuis e a pele suave dela. Beatrice era tão especial que o seu único desejo era tê-la para sempre ao seu lado.

Bea notou como estava sendo examinada e o coração acelerou, ousou fitar o juiz e encontrou sua expressão séria e perscrutadora. Do magistrado exalava um perfume tão bom que ansiou se aproximar mais e ficar junto do coração dele.

“Largue esses pensamentos, Beatrice! Agora mesmo!”, tentava ordenar para suas próprias emoções, porém era em vão.

— O que o médico passou para sua mãe? — Pedro suspirou e cortou o momento. — Ela está bem?

— Sim, a recuperação está boa. Passou alguns remédios, mas daqui a pouco eu os compro.

Pedro sorriu.

— Não, não, vamos comprar agora. Busque a receita.

— Pedro — ela o chamou —, por que sempre fala ordenando? — Tinha uma fisionomia curiosa.

— Acredito que se tornou natural com o decorrer do tempo. — Ele riu e andou para o sofá. — Mas acredite, nunca deixe para fazer amanhã o que se pode fazer hoje.

— Sabia que nem tudo está no nosso controle, senhor juiz? — Crispou os olhos para ele com graça.

— Mas o que está, devemos fazer logo. — Foi certeiro na resposta.

— Pedro Bernardi, o eficiente! — Bea brincou com o fogo. — Vou buscar a receita.

Ele balançou a cabeça e atendeu uma ligação. Falou algumas coisas com a referida pessoa do outro lado da linha e, antes de desligar, declarou:

— Não vou voltar hoje. Pode encerrar o trabalho. — Ele ouviu uma réplica. — Esse processo pode ser remarcado para amanhã. Hoje estou fazendo algo mais importante.

Bea ouviu o fim daquela ligação. Não pôde deixar de se comover com as palavras que escutou. Pedro estava mesmo considerando sua situação mais importante que o trabalho? Aquilo era realmente surpreendente.

“Pedro, você acaba com as minhas estruturas!”

Ela se aproximou quando ele desligou o celular.

— Trouxe a receita. São esses remédios! — Bea apontou para ele e se distanciou. — Vou fazer algo para comer. Afinal, já até passou do horário do almoço. E você não quer uma funcionária doente — Bea zombou e o juiz riu.

Deixou-o na sala ligando para a farmácia. Da cozinha, o admirava ao longe enquanto o via pedindo os remédios. Pedro era muito prestativo e cuidava bem das circunstâncias. Não se abalava facilmente com as tragédias, antes pensava como resolvê-las. Na época, o achava um sem coração, mas agora entendia ser melhor uma pessoa que ordenava o colapso do que uma que só se prostrava a ele.

Ela balançou a cabeça para se concentrar no que faria. Começou a cortar uns pães e pôs queijo, presunto, algumas verduras e colocou para esquentar. Resolveu fazer também um bolo de chocolate e separou os ingredientes.

— Você realmente cozinha bem, Bea. O cheiro se espalhou por toda a casa. — Ele se aproximou perto da bancada da cozinha.

— Eu gosto de cozinhar, me ajuda a relaxar. — Ela colocou a manteiga e os ovos na tigela e batendo em seguida. — Quer me ajudar?

Pedro deu uma risada.

— Creio que você deseja ter sua casa intacta no final do dia — ele disse, e a moça apertou os lábios.

— Não é possível que seja tão ruim assim!

— Não duvide.

— Então, faça o suco de laranja.

Ele franziu o cenho, e Bea riu da expressão.

— Você disse que sabia fazer, não era? Só quero ver seus dotes.

O juiz não se deixou intimidar.

— Só porque duvidastes, verás! — Ele deu um floreio na frase, fazendo-a gargalhar.

Pedro entrou na cozinha, dobrou a manga da camisa até o cotovelo e lavou as mãos. Bea notou como o juiz ficou sério ao descascar as laranjas. Por uns instantes, pensou em como seria conviver com ele todos os dias.

“Corta esses pensamentos agora, Beatrice!”

Ela o olhou de novo.

“Mas não seria de todo ruim. Olha como é um fofo cortando laranja!”. Não se corrigiu mais.

— Nunca pensei vê-lo fazendo um suco. É mesmo surpreendente.

— Existem tantas coisas surpreendentes no mundo, Bea. — Ele a contemplou com seriedade. — Você nem pode imaginar.

Beatrice engoliu em seco ao sentir a força na sentença do juiz. Pedro não parecia esbanjar graça no momento. Ela assentiu e voltou a bater o bolo.

— A massa está com uma cara bonita. — Um arrepio subiu pela sua pele ao sentir a respiração dele atrás de si.

— Você quer provar? — Suas mãos estavam um pouco trêmulas e a voz fraquejou. — Seria bom ter uma aprovação de alguém que é seletivo com a

comida. — Tentou descontrair.

— Não tão seletivo assim. Só não como de tudo, faz parte.

Ela pegou uma colherzinha e colocou um pouco de massa para fazê-lo provar. Pedro se encostou na bancada, de frente para Bea e comeu, em seguida, balançou a cabeça como um sinal de aprovação.

— Você é de fato uma fazedora de bolos.

Bea experimentou uma satisfação ao receber o elogio do juiz. Nem sabia que importava a opinião dele. Ficou um tanto emocionada.

— Gostou mesmo?

— O que vindo de você eu posso não gostar, Bea? — Ele estava sério outra vez e o olhar intenso sobre a jovem. — E isso é bom porque sei que não vou passar fome.

Ela piscou mais vezes sem entender a frase.

— Está falando de hoje?

— Também. — Ele estendeu a mão pelo balcão e pegou o copo de suco. — Você quer provar o suco? Preciso saber se passei no teste. — Tinha um tom de desafio.

Bea assentiu, animada.

Pedro estendeu a ela o copo e, ao provar, Beatrice balançou a cabeça com afirmação.

— Está muito bom! Você não mentiu. — E o mirou com alegria nos olhos.

Naquele momento, ambos se contemplaram e nada disseram. O clima ficou mais ameno e um sentimento veloz e pulsante se espalhava por todo o corpo de Beatrice. Eram sensações desconhecidas e tão poderosas que pareciam não caber dentro do próprio peito.

— Eu não diria algo que não fosse verdade para você. — O juiz não desviou o olhar. — Confia no que eu digo, não é?

Pedro não conseguia deixar de contemplá-la. Bea o atraia completamente e os seus gestos, ações e palavras o faziam cada vez mais derrubar suas defesas diante dela. Contudo, não se importava com isso. Era a confirmação de que de fato a amava.

Diante de tudo que sentia, ela confiava mais do que gostaria. Beatrice respirou fundo e deixou o copo na bancada.

— Me dê um minuto, por favor.

A jovem saiu e foi ao banheiro, caminhando para a pia, a qual usou para lançar água fria em seu rosto. Bea viu sua imagem avermelhada refletida diante do espelho, engoliu em seco e apertou firme a pia.

“Eu não posso mais negar isso. É maior do que eu!”

Ao respirar fundo, se olhou outra vez no espelho e declarou com integridade para si própria:

— Beatrice, você ama o seu chefe perdidamente!



38-ALMOÇO

Novembro de 2016

Andréa conversava na recepção quando Beatrice chegou na vara. Ela colocou o cotovelo sobre o balcão e esperou a colega de trabalho se aproximar.

— O que aconteceu? — Andrea perguntou.

— Aconteceu o quê? — Beatrice retrucou, sem entender o motivo do espanto.

— Você se maquiou e colocou essa roupa linda. — Andréa, de braços cruzados, averiguou a saia mídi plissada cor azul escuro abaixo dos joelhos e uma blusa branca de crepe de decote em V com manga três quartos e sussurrou: — Está querendo conquistar alguém?

Ao escutar aquilo, Bea começou a tossir sem parar. Marluce e Andréa se assustaram com a reação da mulher e a conduziram até um assento, começando a massagear as suas costas.

— Que ideia é essa, Andréa? — Bea respirava fundo e soltava o ar em seguida, tentando se recompor.

— Foi só uma brincadeira! — Defendeu-se a cacheada. — Não precisa morrer por causa disso.

Marluce não disse nada, apenas observou a situação.

— Apenas fui pega de surpresa. — Bea se levantou depois de recuperada do seu quase fatal engasgo. — Bom, agora devo ir para preparar a sala para o Pe... Doutor Bernardi.

— Não se preocupe, ele já chegou — Andréa proferiu e, por qualquer motivo desconhecido, Beatrice voltou a tossir e as duas mulheres a acudiram outra vez. — Meu Deus! É melhor voltar para casa, se vai ficar nesta situação — Andréa exortou, enquanto continuava o movimento de sobe-desce nas costas da colega.

Beatrice colocou a mão no peito e expeliu o ar.

— Não, eu vou ficar bem.

— Prepare um café caprichado para seu chefe hoje. — Andréa ajudou a amiga ficar em pé, de novo. — Doutor Bernardi está de ótimo humor. — Ela olhou para Marluce. — O que é uma novidade, não é?

A recepcionista assentiu com um sorriso.

— Bons ares para nós aqui! — Marluce estendeu a mão para cima.

— É mesmo? — Bea arqueou a sobrancelha, sentindo-se mais encorajada.

Andréa assentiu com humor.

— É melhor eu me apressar e cumprir com os meus deveres do dia. — Ela sorriu para as duas mulheres e ajustou a bolsa no ombro.

— Eu vou com você. — Andréa ficou ao seu lado e se despediu de Marluce.

Durante o caminho à copa, Bea estava calada e um pouco séria, o que fez Andréa estranhar, pois a amiga não apresentava aquele comportamento quieto na maioria das vezes.

— Aconteceu algo com você, Beatrice? Está tão calada.

— Estou bem — Bea respondeu rápido.

A verdade era que se encontrava nervosa. A sua mente parecia não saber mais dar os comandos ao seu corpo quando estava diante de Pedro. Deveria se portar de modo normal, como era em todos aqueles meses de trabalho, contudo, a situação mudou.

Desde a tarde em que admitiu seus sentimentos, e Deus demonstrou sua piedade ao fazer Flávia chegar do trabalho para não mais precisar lidar com Pedro sozinha e com todos seus alvoraçados sentimentos que a deixaram tensa. Teve todo o final de semana para pensar, orar e chorar nos ombros da prima, que ficou alegre por ela abandonar o estado de negação.

Mas agora se encontrava sozinha com a verdade flamejando sob seu peito e não tinha muita sabedoria. Todos seus estudos sobre relacionamentos pareceram evaporar. Seu coração não era mais o mesmo em relação ao juiz e eles haviam compartilhado momentos íntimos — uma dança, jantares, abraços e todo cuidado dele com sua mãe — que, para seu coração romântico, fazia tudo ganhar cores e flores. Quão difícil era sua vida naquele momento!

"Você me traiu, coração!"

— Bea? — Os estalos dos dedos de Andréa interromperam os pensamentos da jovem.

— Estou com muita coisa na cabeça, Andréa. É somente isso. Não precisa se preocupar. — Bea sorriu para a colega e entrou na copa para preparar o café do chefe.

No entanto, desejava postergar o encontro dos dois, pois não sabia o que faria. Por outro lado, seus sentimentos ansiavam demais vê-lo e passar a maior parte possível de tempo ao seu lado. Era uma luta travada entre o coração e a razão!

"Por que eu descobri que te amo, Pedro? Era melhor quando eu achava que era outra coisa."

Ela suspirou e deixou os ombros caírem, as emoções lhe provocavam todos os tipos de sentimentos — dos mais felizes aos mais tristes. Observou a hora no relógio de ponteiro que ficava na parte superior da parede e declarou internamente:

"Não tem mais para onde fugir. É a hora de vê-lo!"

Respirou fundo, umas cinco vezes, preparou a bandeja e seguiu rumo ao escritório.

As pernas de Bea pareciam carregar sacos de areia, fazendo-a andar com lentidão. A Providência mostrou sua misericórdia para ela, pois, ao entrar no gabinete viu como Pedro estava rodeado de servidores com as mais

variadas perguntas. Ele nem se atentou a sua chegada com tantas pessoas à frente de sua mesa.

Ela ainda estava parada na porta, com a bandeja em mãos, quando uma das assessoras de Pedro, entrou na sala com pressa, informando:

— Doutor Bernardi, a promotoria está tentando entrar em contato com o senhor.

Naquele momento, todos abriram espaço para a mulher passar e foi quando Pedro enxergou Bea e seu olhar se fixou nela. A moça engoliu em seco.

— Doutor? — A assessora o chamou de novo.

Ele tomou o telefone nas mãos e atendeu, desviando sua atenção de Beatrice. A jovem com discrição atravessou o pequeno cercado de funcionários diante da mesa do juiz e deixou lá a bandeja. Pedro falava com o promotor, contudo seus olhos se atentaram a ela, e Bea, ao dar as costas, sentia que o olhar dele a acompanhava.

Bea entrou na saleta com o amargor da frustração. Tudo bem, estava pensando como agiria diante do juiz, mas se esqueceu como era provável Pedro não ter tempo para nada. O que tinha na cabeça? Fantasiou que eles ficariam juntos e o juiz lhe diria palavras de amor?

“Acorda, Beatrice!”

Resolveu iniciar o trabalho cuja ocupação com os relatórios era melhor do que permitir outros pensamentos não muitos propícios. Depois de um tempo, percebeu que a consciência não a deixava em paz, sempre trazendo as lembranças dos momentos com Pedro: o abraço; a conversa no planetário; o auxílio com a mãe; e tantos outros dias de convivência. Ele estava do outro lado da parede — tão perto e tão longe ao mesmo tempo.

A cabeça dava um nó com tantas cogitações internas. Tomou então seu diário de oração e permitiu seu coração se derramar através da escrita. Ao fim daquele poema, ela o releu e sentiu a verdade pulsante de seu coração. A escrita era um um auxílio na forma de lidar com a ansiedade, extravasando em algumas folhas os sentimentos.



No horário do almoço, o barulho no gabinete desapareceu. Os servidores foram abastecer seus estômagos para aguentarem o turno da tarde. Ela não saiu de sua sala para nada durante toda a manhã, mas a fome também havia chegado e começou a guardar suas coisas para sair. De repente, a porta da saleta abriu.

— Beatrice. — Era a reconhecível voz de Pedro e o coração da auxiliar se alvoroçou.

Ela respirou fundo antes de olhá-lo.

— Eu? — Sua voz saiu mais fraca do que gostaria.

— Já vai almoçar? — O juiz se aproximou da mesa e a fitou com mais atenção.

— Eu vou até aquele restaurante. Sabe que saco vazio não para em pé, né? — Brincou um pouco para tentar tirar a sua própria tensão.

O juiz acompanhou o riso dela.

— Não mesmo, mas eu queria que você me acompanhasse no almoço. Seria possível? — Pedro fechou o botão solto do terno e a encarou com um sorriso encantador.

Beatrice não tinha mais estruturas para aquele homem.

— Meus pais vieram me visitar — ele disse descontraído. — Sei que minha mãe gostou muito de você. Acho que ela gostaria de encontrá-la de novo.

— Eu também gostei muito da senhora Maitê — Beatrice sorriu, recordando da mulher mais “doidinha” que conheceu. — Mas acho que é um almoço de família, Pedro. Eu não quero ser uma penetra.

— Você tem minha palavra que não será — ele afirmou. — Aceita?

— Já que insiste — Bea deu de ombros e guardou o diário de oração na gaveta, pegou sua bolsa e se levantou. — Será um prazer.

Ele consentiu com discrição, mas seu olhar firme entregava sua satisfação.

O percurso ao restaurante foi embalado pela sua música preferida, *Love is not a fight*, que deixou Beatrice pensativa. Pedro observava a reação dela à música, mas não puxou muito assunto. Eles foram com o motorista e Bea agradeceu por esse cuidado do juiz, apesar de não saber se ele tinha sentimentos por ela. Aquela era uma dúvida que começava a atormentá-la.

Ao chegarem no restaurante, Beatrice se constrangeu um pouco com o requinte do espaço. Sem dúvida, era um ambiente luxuoso que só pessoas com grandes recursos financeiros frequentavam. Mulheres bem-arrumadas e elegantes; homens da alta estirpe e popularidade; jovens afortunados e até crianças que exalavam sua herança somente no sapato que usavam.

Beatrice se sentiu deslocada, preferindo o restaurante da esquina. Ela era uma mulher simples e sem muita ambição. Talvez aquela *fosse* a confirmação de Deus, de que não combinava com o juiz Pedro Bernardi. Seus estilos de vida poderiam ser conciliados? Não fazia ideia.

— Beatrice, que prazer revê-la! — A empolgação da senhora Maitê atraiu alguns olhares. — Pedro não disse que faria uma surpresa. — A mulher se aproximou da menina e a abraçou, deixando clara a alegria por ver o rosto da jovem. Logo após, conduziu-a até uma cadeira ao seu lado. — De vez em quando você acerta bem nas escolhas, Pedro! — A mãe se sentou na cadeira ao lado de um senhor de cabelo grisalho e barba rala, que parecia ter uns 60 anos, mas ainda possuía uma beleza elegante e natural.

O juiz balançou a cabeça e sorriu.

— Bea, esse é o meu pai, Lorenzo Bernardi — Pedro os apresentou, e Lorenzo a cumprimentou com toda a cortesia.

Bea identificou alguns traços físicos e de personalidade do pai no filho, como: os dois eram reservados, de olhos claros e possuíam o mesmo modo de sorrir. Eram bem diferentes de Maitê, que possuía uma euforia todo tempo. Ela era ligada nos 220 volts. A jovem também ponderou que, se o juiz puxasse o charme do pai quando envelhecesse, misericórdia!

— Você está tão bonita, Beatrice — Maitê a elogiou com entusiasmo e tratamento descontraído, fazendo-a perder a timidez por causa do ambiente. — Seu cabelo cresceu desde o nosso último encontro.

— Obrigada, Sra. Maitê. — Bea tomou um gole de água.

— E você, meu filho, parece que deu uma engordada.

Beatrice quase cuspiu o suco para fora, querendo rir alto do falatório da mãe. Aquela mulher não tinha filtro.

— Sua mãe que usa esses termos assim — a voz calma de Lorenzo tinha um tom de repreensão —, mas você está mais forte e corado, Pedro. Célia, sua empregada, tem te obrigado a comer?

— Duvido muito! Já que Célia disse que se Pedro comeu cinco ou seis vezes naquele apartamento foi muito — Maitê revelou a conversa que teve com a empregada do filho, e os olhos de Beatrice se arregalaram.

— Mamãe, pelo amor de Deus! — O juiz cobriu os olhos com a mão e soltou o ar.

— Vai ter a ousadia de negar? — A mulher cruzou os braços, contraiu o cenho e mirou para o filho.

— Não, porque é verdade.

— Nossa! — Bea exclamou, e Lorenzo deixou escapar uma gargalhada.

— Não se admire, Bea. — Maitê abanou a mão no ar. — Nosso filhinho amado parece que tem trauma do lar. Acho que fomos maus pais, Lorenzo. — A senhora afinou a voz, fingiu mágoa e repousou no ombro do marido, mas, de repente, voltou a falar normalmente. — Mas fazer o quê, né? Eu ainda amo esse pimpolho!

— Minha querida, lembre-se que nosso filho já tem 33 anos e estamos num lugar público. — Lorenzo, ao perceber o rubor na face Pedro, tentou controlar a esposa.

— Para as mães os filhos nunca crescem. — Ela suspirou, olhando admirada para o filho unigênito que tanto amava.

Beatrice pôs a mão na boca para tentar disfarçar o riso.

— Minha mãe diz isso também — Bea comentou.

— Faz falta o tempo em que você era pequeno e saía correndo pelado pela casa.

Pedro e Lorenzo arregalaram os olhos com a fala tão despretensiosa da mulher; Bea bebeu mais suco para esconder a gargalhada. Por outro lado, Maitê tinha seus olhos marejados para o filho amado.

— A infância podia não acabar. — Refletiu a senhora.

Bea achou bonita a demonstração de afeto com o juiz. Ela entendeu que Pedro não poderia ter nenhum trauma do lar com aqueles pais tão amorosos.

— Mas existem outras riquezas nos períodos da vida, e os pais se alegram com as conquistas dos filhos e o seu amadurecimento. — Bea procurou levar otimismo para a mulher sensível ao seu lado.

Pedro a fitou com uma beleza no olhar, então a jovem sentiu as borboletas no estômago começarem a despertar.

— É verdade, Beatrice! Meu filho já me deu tanto orgulho! — Ela mirou o homem loiro e de olhos azuis e sorriu. — Ele sempre foi muito bom no tênis e ganhou alguns campeonatos quando era adolescente. Era o que possuía uma das melhores memórias da sala; ganhou vários concursos escolares e foi condecorado com muitas medalhas de melhor aluno. No vestibular, passou entre os três melhores e se formou com muitas honras.

Bea se admirou ainda mais ao ouvir sobre o currículo do seu chefe.

— Ah! Mas também era muito orgulhoso, convenhamos!

De repente, os pedidos chegaram e a conversa cessou por uns minutos. Após os garçons os servirem e deixá-los sozinhos, Maitê continuou:

— Quando ele tinha 13 anos, pôs na cabeça que queria cantar. Ele viu o coral de jovens da igreja e decidiu participar.

— Mamãe, não acredito! — Pedro exclamou e, por um momento, a sua expressão foi como de uma criança querendo se esconder debaixo da mesa. O rubor tomou conta do rosto do juiz, o que levou Beatrice a querer abraçá-lo e o livrar de qualquer vergonha.

Porém, Maitê ignorou o clamor do filho e prosseguiu:

— Ele participou dos primeiros ensaios e fomos chamados pela professora Madalena, do coral. Ela nos confessou, com muita cortesia e elegância, como o nosso filho não tinha talento para cantar e estava atrapalhando os outros alunos. Menina, foi uma coisa!

— Até o presbítero veio falar conosco — o pai comentou, soltando uma risada logo em seguida.

— Meu querido filho, não se dando por vencido, decidiu fazer aula de canto — A mãe continuou, e Beatrice apenas pôs a mão na boca, a fim de não rir da história. — Com o tempo, percebeu que aquele não era seu forte. — Maitê ergueu as mãos para cima, como dando glória a Deus, pela desistência do filho. — No fim, eu achei bom porque o Senhor o mostrou

que todos nós temos nossos dons e talentos. Não devemos querer ser bons em tudo porque não dá.

— Eu e minha prima ganhamos o concurso de música da escola — Beatrice declarou, e os olhares da família Bernardi se dirigiram até ela. — Mas não dá para ser bom em tudo, é verdade. É descobrir aquilo que Deus nos deu e trabalhar em cima.

— Está vendo! Eu sempre disse isso. — Maitê inflou o peito e sorriu.

— Mamãe deve estar contente já que me expôs a você, Beatrice — Pedro declarou, bebendo um pouco de água.

— Não se preocupe. — Ela sorriu. — Para mim, isso não é constrangedor. Minha mãe fez isso a vida toda. Se der uma oportunidade para a dona Rosana, vai contar tudo! — Ela soltou uma risada e comeu um pouco, porém, o olhar terno do juiz pairou sobre ela.

Lorenzo e Maitê notaram a expressão amorosa do filho para Beatrice. Maitê ficou em silêncio, mas seu sorriso dócil e aperto na mão do esposo sob a mesa entregava sua felicidade e, ao fitar Lorenzo de soslaio, reparou que ele também possuía um sincero contentamento.



39-INCERTEZAS

— Meu Deus, onde está esse diário? — Bea colocou a mão na cintura, fitou o teto branco e soltou o ar.

Inutilmente continuou procurando por mais alguns lugares da sala e a imensa frustração cresceu ao constatar que não estava ali. Bea sentou-se na cadeira, abaixou a cabeça e passou os dedos entre os fios do cabelo, sentindo uma tristeza imensurável por não ter mais o objeto no qual expunha os seus pensamentos e sentimentos.

— Oi, Bea. — Andréa entrou na sua sala.

— Alguém pegou meu diário — ela declarou.

— Como assim? — Andréa indagou, pega de surpresa por aquela declaração tão enfática.

— Antes de sair para almoçar o deixei na gaveta. — Bea mostrou o lugar vazio do diário. — Agora que fui pegar de volta, sumiu. Ele não saiu andando. Alguém o pegou!

— Calma, Beatrice! — A jovem cacheada se aproximou da colega e tocou em seus ombros. — Talvez você tenha se enganado e deixado em casa,

ou já guardou na bolsa e não percebeu — sugeriu outras opções na tentativa de consolo.

— Não deixei em casa. Eu trouxe comigo e guardei aqui. — Apontou para a gaveta. — Oh, Jesus! Por que essas coisas têm que acontecer comigo? — Afundou o rosto entre as palmas das mãos, molhando-as com suas lágrimas.

— Procurou por todo canto?

— Já revirei a sala do avesso — respondeu, melancólica.

Andréa pôs as mãos na cintura e olhou ao redor para ver se conseguia encontrar o diário tão estimado da amiga.

— Isso é uma lástima, Bea. — Andréa suspirou. — Acho melhor você ir para casa e descansar. Quem sabe não se lembra onde o colocou? — Ela segurou forte a mão da colega. — Vai dar tudo certo! Você pode até mesmo comprar outro, se necessário.

— Não! Naquele diário tinha muitas das minhas orações a Deus — Bea respirou fundo e mais algumas lágrimas desceram. — Ó Deus, por quê? — indagou, olhando para o teto branco de sua sala.

— Tem males que vem para o bem — Andréa quis oferecer um consolo.

Beatrice não queria aceitar a perda do diário. Era importante demais. Não que houvesse segredos obscuros guardados, mas imaginar seus pensamentos sendo expostos a outras pessoas atormentava sua mente. Como nada mais poderia ser feito, respirou fundo, pegou sua bolsa e se propôs a ir embora.

— Beatrice! — Ouviu seu nome sendo ressoado por uma voz grave, enquanto fechava a porta de sua sala.

Deparou-se com o espontâneo Murilo, que possuía um largo sorriso no rosto e, ao lado dele, havia uma bela mulher de longos cabelos castanhos lisos e olhos da mesma cor, com a pele corada e um sorriso gracioso. Além do casal estava Pedro, em pé, atrás da sua mesa, com os olhos fixos nela. O coração de Bea errou umas dez batidas.

— Murilo, que prazer revê-lo. — Estendeu a mão para o homem que, com cordialidade, a segurou.

— Eu que o digo. — Ele sorria. — Tudo bem, Andréa? — Direcionou a sua atenção para a morena cacheada ao lado de Bea.

A mulher com um sorriso largo o cumprimentou.

— Quero apresentar a vocês a minha noiva, Mísia — ele expressou com tamanho entusiasmo que as duas mulheres riram.

— É um prazer conhecê-la, Mísia — Bea e Andréa disseram em um contratempo.

— A satisfação é minha, meninas — A noiva apertou a mão de cada uma com alegria. — Murilo disse que eu não precisava ficar tímida porque me apresentaria moças tão amáveis, em especial a que conquistou o coração do seu amigo, pois...

Murilo tossiu, e tossiu forte.

— Oxe, homem! Você está bem? — Mísia bateu nas costas do noivo, e homem deu um pequeno urro de dor.

— Meu Deus, você tem a mão forte! — ele proferiu, sentindo o ardor na pele.

— Desculpa, eu... — Ela pôs a mão na boca para conter o sorriso. — Ainda estou trabalhando o meu lado delicado.

Andréa soltou uma risada e logo comprimiu os lábios ao contemplar a expressão reprovadora na face do juiz Bernardi. Entretanto, não adiantou de muita coisa, pois a própria Mísia e o noivo desataram a rir e a morena não conseguiu se dominar, voltando a gargalhar junto com o casal. Por outro lado, Bea pegou no ar as palavras pronunciadas pela moça recém-chegada: *"a que conquistou o coração do seu amigo"*. Aquilo doeu em seu coração com grande ardor.

Apesar de não saber quem era esse "tal amigo de Murilo", não podia supor que era Pedro, afinal, ele teria outros amigos. Ela fitou o juiz que permanecia em seu estado taciturno e não demorou para os olhares de ambos se cruzarem. Por um momento, o gabinete começou a ficar sufocante e Bea precisava sair dali.

— Mísia, fiquei muito alegre em conhecê-la e em revê-lo, Murilo — Bea se dirigiu ao casal. — Mas eu preciso mesmo ir para casa. — Olhou a hora no relógio de pulso. — Se não for agora, eu vou perder minha carona com a Andréa.

— Poxa! Eu ia perguntar se você não gostaria de sair com a gente para comer alguma coisa — Murilo disse, apressado.

— Seria muito bom, mas não hoje. — Ela suspirou. — De verdade, eu estou bastante cansada.

— Seria tão bom ter outra mulher junto comigo! — Mísia suplicou um pouco.

Bea engoliu em seco, sentindo um nó imenso na garganta. Queria chorar, pois estava se sentindo encurralada. O sumiço do seu diário e as palavras de Mísia foram um golpe forte para as suas emoções tão fragilizadas. Por mais que quisesse, não conseguiria ficar na presença deles com a mente em paz, pois se conhecia muito bem para saber que ficaria a todo minuto pensando na possível paixão do juiz — se é que era ele mesmo — mas sua imaginação era eficaz em inventar milhões de possibilidades inexistentes e ainda atormentá-la como se fosse verdade absoluta. Ela precisava ficar sozinha e orar, orar muito para conseguir paz e sossego para sua alma.

— Eu sinto muito, mas não vou ser uma boa companhia hoje. — Talvez quisesse se desculpar por se deixar dominar pelos sentimentos, que uma hora estava na maior alegria e na outra afundada em lamurio.

Pedro sentiu a rejeição de Bea nas desculpas que dava para o casal de amigos. Não conseguiu compreender. No almoço, estava contente e gentil, contudo, agora queria se afastar. Desejava conversar com sua auxiliar sobre tantos assuntos. Precisava fazer isso. Entretanto, sabia que não poderia dar um passo antes de resolver seu problema com Letícia. Ele queria ser livre de toda aquela amargura, mágoa, ressentimento e raiva, que por tanto tempo alimentou na alma. Ansiava viver sua vida de novo.

Desde a conversa com Murilo, orava para Deus quebrantar e dispor ao seu coração coragem para perdoar todas as ofensas e, ao comparar as faltas de Letícia em relação a ele, e as dele para com Deus, já não se tornava mais tão penoso assim. Naquele almoço, mesmo que de relance, sentiu a esperança de um futuro bom nascer de novo. Não desejava perder a chance.

— Tudo bem, Bea — Murilo pronunciou. — Mas fique sabendo que você nos deve um jantar. — Ele semicerrou os olhos e sorriu.

— Está certo! — Beatrice sorriu e, com abraços, despediu-se do casal. Ao se aproximar de Pedro, declarou: — Até amanhã, doutor Bernardi.

— Até.

Não passou despercebido para o juiz o olhar cabisbaixo de Bea. Ele queria ir atrás dela. Desejava dizer para Andréa que a deixasse, pois a levaria para casa, mas não faria isso.

"Seja sensato, Pedro!", disse para si.

Ao levantar o olhar, deparou-se com Murilo, que o observava à distância e tinha um sorriso no rosto, como se dissesse: "Eu disse que você está apaixonado. Eu disse!". Ele odiava dar razão para seu amigo.

— Vamos, então? — Murilo declarou, e os três se encaminharam para um *pub* perto do fórum.

O lugar era reservado e dispunha de uma boa comida. Após a refeição e conversa, Pedro colocou a perna direita sobre o joelho esquerdo e analisou o cantor da noite que expressava a letra da canção:

"Sabe o que eu queria agora, meu bem? Sair, chegar lá fora e encontrar alguém. Que não me dissesse nada. Não me perguntasse nada também..."

A canção exprimia tanto sentimento e verdade que o fez ficar pensativo, até ouvir um som à sua frente.

— Terra chamando Pedro — Murilo estalava os dedos para o juiz.

O juiz checou os lados e viu que só estavam os dois na mesa.

— Onde está a Mísia?

— Foi ao banheiro. — Murilo se apoiou no encosto da cadeira. — Quando vai resolver essa situação, Pedro? — Foi direto ao ponto.

Pedro nada respondeu.

— É juiz e não sabe julgar os problemas do próprio coração. — O amigo entortou os lábios com graça. — Irônico, não?

— O coração é enganoso demais para julgá-lo sem sabedoria. — Pedro soltou um ar profundo.

— Eu sei, mas não está confuso sobre qual decisão tomar. Você sabe o que fazer. Só precisa ter coragem para isso. — Murilo não tinha mais o tom de brincadeira. — Salomão bem que disse em Eclesiastes 7.29: "Deus nos fez simples e direitos, mas nós complicamos tudo".

— Não é fácil largar o passado depois de viver tantos anos nele. — Pela primeira vez, Pedro havia exposto para o colega parte do que sentia. — Não sou bom em lidar comigo mesmo, nunca fui.

— Acho que ninguém é. — Murilo soltou uma risada seca. — Mas olhe para a perspectiva de um futuro ao lado da mulher que você ama.

Pedro o visualizou, ponderando que nem possuía certeza sobre o sentimento de sua amada.

— Ela estava estranha hoje. — Murilo coçou a barba. — Você deve tê-la atormentado muito no trabalho. Seja sincero!

Pedro soltou uma risada. Ele nem pôde responder, pois Mísia retornou.

— Minha querida, acredito que está tarde e você precisa descansar da viagem — Murilo falou para a noiva, que consentiu.

— Mísia, é uma alegria poder ter te conhecido — Pedro disse. — Acho você uma santa por se propor a suportar esse meu caro colega pelo resto da vida.

A noiva de Murilo riu da zombaria do juiz.

— Quando há amor até os defeitos se tornam mais aceitáveis. — A moça tinha os olhos cintilantes em direção ao noivo. — Além do mais, não posso pedir dele perfeição, pois sou cheia de falhas. No fim, são dois pecadores contando com a graça de Deus para que a relação sempre permaneça.

— Eu disse que mulher mais sábia que essa ninguém encontra! — Murilo exclamou com um largo sorriso e depositando um beijo amável nas bochechas de sua querida.

Pedro semicerrou os olhos.

Eles se despediram e, em silêncio, Pedro retornou para seu apartamento escuro e vazio. Jogou o terno e as chaves do carro em cima da mesinha de centro, se sentou no sofá e ficou parado, olhando para nada em específico, apenas pensando. E o passado voltou na memória:

“Eu não queria ter que dizer isso”. Olívia olhava para ele com um grande pesar. “Mas sua noiva roubou toda a arrecadação que o abrigo conseguiu com as doações e a festa do dia das crianças”.

Pedro foi afligido por uma latente decepção e vergonha quando ouviu aquelas palavras. Nunca se sentiu tão enganado. Tão desrespeitado. Tão humilhado. Como Letícia podia roubar um abrigo? Como poderia tirar de crianças que nada tinham para simplesmente satisfazer seu próprio

egocentrismo? Uma grande amostra do caráter dela lhe foi exposto naquele trágico dia.

"Desculpas não seriam suficientes para reparar esse terrível mal, Olívia", ele declarou a mulher. "Mas prometo repor uma parte do que foi roubado. Por favor, me perdoe, eu sinto muito". Ele se retirou às pressas da presença daquela senhora.

Enquanto dirigia, sentiu as entranhas se retorcerem. Ele tinha sido um idiota. Um tremendo idiota!

O ressoar de um ar pesado sendo expelido dos pulmões podia ser ouvido pelos cantos daquele apartamento silencioso. Como conseguiria esquecer tudo aquilo? Como?

"Não nos trata segundo os nossos pecados, nem nos retribui consoante as nossas iniquidades. Quanto dista o Oriente do Ocidente, assim afasta as nossas transgressões." (Salmos 103: 10,12)

Aqueles versículos bradaram com força em sua cabeça.

— Ah, Senhor, é tão difícil! — ele expressou do fundo de sua alma.

"Porque eu vos dei o exemplo, para que, como eu vos fiz, façais vós também. (...) Ora, se sabeis estas coisas, bem-aventurado sois se as praticardes." (João 13. 15,17)

Pedro havia decorado aqueles versículos há tanto tempo e agora o Espírito Santo parecia usá-los para o exortar às coisas que necessitava fazer. Era bem certo que, sendo filho do Altíssimo, o Senhor não o deixaria para sempre na condição pecaminosa de ressentimento e amargura.

O Senhor estava mexendo na ferida que o juiz, por tanto tempo, escondeu. Aquele era o tempo de novamente reviver o passado para, enfim, resolvê-lo. Não podia mais se esconder ou fugir. Era necessário desistir do seu orgulho e justiça própria diante do chamado do Mestre.

— Dá-me forças para fazer isso, Deus! — Orou com sinceridade.



40-PERDÃO

Há honra em seus ombros
Misericórdia em seu olhar
Me encanta como em tudo você parece se importar
Vejo Cristo em seu coração
Formando um homem piedoso
Que sempre estende a mão

Nas orações eu falo ao Senhor
Para Ele guardar meu coração
Que a sua vontade seja feita
Que seja a minha direção
Que talvez eu esteja louca de pensar em nós dois juntos
Eu sou sua auxiliar
Isso seria um absurdo?

Nem quero responder essa pergunta que
Tão retórica se aparenta
Mas a cada amanhecer

Em meu peito só aumenta
Um tanto de amor por você.

Pedro tinha os olhos fixos nos versos poéticos que expunham profundos sentimentos. Ao levantar o olhar, examinou a mulher de cabelo curto e preto que estava a poucos metros de distância. Ela ostentava um sorriso sagaz nos lábios vermelhos. Naquela manhã, ele chegou ao fórum e — de uma forma que ainda não sabia como — Letícia estava dentro de seu gabinete.

Pedro indagou sobre a sua entrada, mas Letícia apenas apontou para o objeto, como se fosse uma caderneta, em cima da mesa. O juiz se dirigiu ao local e o segurou nas mãos, estava aberto em cima do poema, escrito com caneta vermelha e um desenho de flor no final da página.

— Como conseguiu isso? — O juiz levantou o diário nas mãos.

— Não importa como. — Ela deixou a bolsa no sofá e veio se aproximando em seus passos lentos. — Eu só queria te mostrar que a sua funcionária, que você tanto defende, não é tão inocente.

— Em que você acha que isso a incrimina? — O juiz arqueou a sobrancelha e, pela primeira vez em muito tempo, não sentia mais raiva de Letícia.

Ao vê-la se expor daquela forma, atribuía a mulher um sentimento de pena. Os dias de oração estavam fazendo efeito.

— Ora, como não? — Letícia arregalou os olhos. — É expressamente proibido qualquer envolvimento romântico entre funcionários. Será que não vê que ela só quer tirar vantagens em tudo isso?

— A sua capacidade de pensar coisas más e sem sentido me impressiona — Pedro replicou. — É certo que, se ela está apaixonada, seria mais fácil *eu* usar disso para tirar benefícios.

— Pedro, não consegue ver? — A ex-noiva bufou e revirou os olhos. — Mulheres como Beatrice, sem nenhum futuro promissor, só desejam ter alguém de quem possam tirar proveito. Agem como boazinhas, mas são como sanguessugas.

Pedro respirou fundo para controlar seu temperamento, que começava a despertar com as insinuações deturpadas daquela mulher.

— Elas pagam de mocinhas apaixonadas.

— A sua vida é julgar as pessoas por coisas que você mesma faz. — Pedro riu. — Quem poderia bancar mais de mocinha apaixonada do que você? Que me enganou por tantos anos com as suas palavras sedutoras. Que mulher pode tirar mais proveito do que você? Que roubou de crianças órfãs e, ainda por cima, me traiu com meu ex-colega de trabalho! — Inclinou-se para frente, fitando-a. — Você não sente sua própria hipocrisia? Não sente um pingo de culpa por ser uma mulher mentirosa, falsa, aproveitadora e manipuladora?

Letícia Prado engoliu em seco as palavras ditas contra ela. Não esperava uma expressividade tão direta. Aquilo realmente a abalou.

— O que você deseja, Letícia? — ele vociferou. — Não bastam as mentiras passadas?

— Pedro, eu falhei. — A mulher mudou o semblante e a voz ficou embargada. — Eu o traí. Enganei as pessoas do abrigo, menti e estraguei tudo, eu sei. — Lágrimas escorreram pelas bochechas dela. — Mas você não pode negar que houve algo sincero entre nós. Éramos felizes, não se lembra? — Tocou no braço dele, que se afastou, dando as costas para a mulher.

— Eu não era feliz. — Ele respirou fundo. — Porque não se pode ter felicidade na desobediência.

— Mas eu mudei, eu mudei! — Ela adotou um tom suplicante.

O juiz se virou e contraiu o cenho.

— Como pode ter mudado se destratou minha auxiliar e sua língua está sempre pronta para ameaças, ofensas e mentiras? — Encarou-a com seu típico olhar frio. — Se continua com a mesma pose arrogante e roubou o diário de uma pessoa? — Ergueu o diário de Bea e, naquele instante, a porta do gabinete se abriu.

Nem se pode descrever os milhares de pensamentos que passaram na mente de Beatrice quando avistou o seu diário de oração nas mãos de Pedro. O coração acelerou tão depressa que ameaçou voar pela boca. Como havia parado nas mãos do juiz? Pela Misericórdia!

— Doutor, é o meu di...

— Beatrice, por favor, saia — Pedro ordenou com os olhos fixos nela. — Nós conversaremos depois.

Beatrice contemplou a cena triste de Letícia chorando no sofá, e Pedro atrás da mesa com a feição do rosto abalada. Tudo parecia desmoronar sobre a cabeça do ex-casal.

— Beatrice! — A voz grave do juiz foi enfática.

A chamada de Pedro pesou no coração. Estava tudo perdido! Tudo absolutamente acabado! Com as estruturas emocionais em choque, ela saiu do gabinete e correu para o banheiro.

O ar estava pesado no escritório, Pedro trancou a porta para não ser mais interrompido. Apesar de sofrer por ver Bea daquele modo, precisava resolver sua situação com Letícia de uma vez por todas. Por longos minutos, os dois nada conseguiram dialogar; eram tantas palavras a serem ditas que se perdiam pela fúria das recordações.

— Eu me sentia sozinha com você, Pedro — Letícia começou a falar, porém não o olhava nos olhos e, sim, para as próprias mãos. — Você era tão focado no trabalho que não dava atenção para mim. Não se lembrava das datas especiais, logo me sentia desvalorizada. Aí o Saulo começou a me dar a atenção que eu tanto queria e não resisti.

— Não foi só por isso. — O magistrado se sentou no sofá também e passou os dedos entre os cabelos.

— Eu sempre gostei de ser bajulada e desejada — a ex-noiva afirmou com certa vergonha. — Ele me deu tudo isso.

— Satisfez o ego do seu coração?

— Não. — Ela balançou a cabeça em negativa e fungou. — Eu sempre quis mais. Tinha algumas dívidas, por isso também me apossei do dinheiro do abrigo.

— O que você tinha na cabeça? — Pedro bradou com incredulidade. — São crianças que não têm apoio do governo. Você, pelo seu bel prazer e para suprir as suas vontades, tira alimento da boca de tantos inocentes. Isso não remói seu espírito quando deita a cabeça no travesseiro?

Letícia não o respondeu e baixou de novo a cabeça.

— Eu estou cansado, Letícia. — Soltou o ar, balançou a cabeça e apertou os lábios. — Nossa! Passei tanto tempo carregando toda essa raiva e amargura por você, que quase me consumiu todas as forças.

— Pedro, me perdoe pelo mal que fiz a você. — Ela chorou mais. — Me diga se há algo que eu possa fazer para reparar o mal que eu te fiz. — Mirou o ex-noivo com os olhos vermelhos e manchados pela maquiagem.

— Você perdeu tudo, não foi? — Pedro perguntou, e Letícia fitou um jarro em cima da mesinha de centro, respirando fundo. — Eu sei que o homem que a bancava a largou. Não se dando por satisfeita, resolveu voltar para minha vida, na vã confiança de que eu a receberia de braços abertos. Você só não esperava por uma coisa.

— E o que seria?

— Eu me libertei de você! — ele expressou com satisfação. — Você tinha tanta certeza de que seria para sempre a mulher da minha vida, mas a verdade é que eu nunca te amei. Eu fui tomado por uma insana paixão na época, essa é a realidade, mas não era amor. — Pedro não declarou aquilo com ira, porém com uma profunda serenidade. — Porque o amor não faz mal e não nos cega para a verdade.

A paz que ele manifestou trouxe a Letícia a compreensão necessária para saber que não possuía mais poder sobre o juiz.

— Eu perdoo você. — As palavras ainda pesaram dentro da boca, mas fazer essa declaração foi como se um muro de concreto estivesse finalmente ruindo. — Eu também peço perdão.

Ela o fitou com incredulidade.

— Não fui um bom homem. — O juiz suspirou. — Pequei contra você, seu corpo e não a tratei como deveria. Eu não tinha direção.

Letícia balançou a cabeça e enxugou as lágrimas com as mãos.

— Quanto a mim tudo está resolvido, mas, em relação ao abrigo, você irá pagar sua dívida. — A mulher sentiu o chão se abrir debaixo dos seus pés. — Vai se entregar para a polícia e pagar pelo seu crime.

— Pedro! — Ela saltou do sofá e as lágrimas se tornaram mais densas junto com a voz mais pesada. — Eu não tenho dinheiro para pagar um advogado, não posso ir para a cadeia.

— Sempre saiu ilesa das coisas erradas que fazia, mas agora pagará pelos seus erros e aprenderá que tudo na vida tem consequências.

— Pelo amor de Deus! — Letícia segurou o braço de Pedro com força.

— Você tem o dever de pagar pelos seus erros. — Olhou para a mulher. — Não passarei a mão sobre sua cabeça. — Levantou-se do sofá e seguiu até a mesa, pegou o telefone e falou com uma pessoa. — Estou esperando. — Desligou o telefone.

Letícia apenas chorava e, pela primeira vez, refletiu sobre seus atos impensados. Quão terríveis eram os seus caminhos, de quem sempre submetia os outros às suas vontades, manipulava as emoções das pessoas e não pensava duas vezes antes de realizar aquilo que lhe aprazia, independentemente do certo e do errado.

Ela agora não podia fugir, nem tinha forças para isso. E o castigo vinha do homem que nunca imaginara. Como se deixou enganar por sua própria arrogância, achando que Pedro Bernardi sempre estaria em suas mãos?

Após uns minutos, sons de batidas foram desferidos na porta do gabinete. A velocidade do pulso de Letícia parecia como a de um rato, tão rápido que não se conseguia contar. Pedro atendeu aos homens, que se identificaram como da polícia, contudo, não estavam fardados. Outro homem, de pele negra, vestido com terno e gravata, segurava uma maleta na mão e acompanhava os policiais.

— Ela irá em paz, não precisa de algemas — Pedro proferiu aos homens.

Letícia Prado se ergueu, enxugou as lágrimas e pegou a bolsa.

— Esse é o doutor Félix Fernandes, um defensor público que cuidará do seu caso. — Pedro apresentou o advogado de defesa para a mulher.

— A senhora nos acompanhará até a delegacia — um dos policiais, de camisa branca, pronunciou.

Ela nada proferiu, apenas saiu andando porta a fora do gabinete, sendo acompanhada pelos três homens, mas, antes de partir de vez, virou-se para Pedro e declarou:

— Adeus!

Ele apenas assentiu com a cabeça e, enfim, Letícia sumiu de diante de seus olhos. Ao ficar sozinho, Pedro respirou fundo e agradeceu a Deus pela paz que o guardou durante todo aquele momento. Foi mais fácil do que pensou. Dessa vez, com alegria, releu o último verso do poema de sua amada auxiliar e, de todo coração, declarou:

— Eu também te amo!



41-ESCLARECER

Beatrice contemplava seus olhos vermelhos na frente do largo espelho no banheiro do fórum, desejando sumir em meio a uma fumaça e nunca mais ser vista por ninguém, pois grande era a sua tristeza e vergonha. A lembrança do seu diário de oração nas mãos de Pedro lhe revolvia o estômago e fazia seu peito pesar uma tonelada.

“O que ele leu? Será que leu? Como ele teve acesso ao diário? Oh, Deus, por que isso aconteceu?”

Todas essas e muitas outras indagações passavam pela mente dela, ocasionando uma forte dor de cabeça. Até gostaria de pensar em coisas diferentes, mas nada faria parar tantos questionamentos. A verdade era que precisava enfrentar o problema ou morreria de dúvidas. Ela lavou o rosto com água fresca, limpou as mãos e resolveu caminhar até o gabinete.

A cada passo, o coração errava as batidas e as suas emoções pareciam entrar em erupção, tamanha a força do nervosismo, e a vontade de derramar as suas lágrimas era absurda. Quando mirou em direção à porta, toda a sua frágil coragem ruiu de vez, queria dar meia volta e sair correndo para bem longe do juiz, mas não o fez.

Bea caminhou, sentindo a mão tremer e as pernas cambalearem, até a sua respiração ficou mais ofegante e o peito se apertava parecendo comprimir o coração. Segurou a maçaneta e era a hora de encarar a realidade.

Pedro terminava de desligar o celular quando Beatrice entrou na sala. Eles se olharam e todo ar parecia ter sumido, tudo se tornou pesado. Por breve tempo, os dois não conseguiram fazer nada, mas Pedro tomou a iniciativa, pegou o diário, andou até Beatrice e estendeu o objeto.

— Creio ser o seu diário. — O tom do juiz era mais grave que o habitual.

Bea examinou o diário nas mãos do juiz, desejando não o pegar, pois mostraria como suas mãos estavam trêmulas, contudo, engoliu em seco e o tomou para si.

— Obrigada. — Apertou os lábios.

Ele sorriu levemente e deu uns passos para trás, colocando as mãos nos bolsos e, na sua postura firme, pronunciou:

— Eu desejo pedir perdão a você, Beatrice.

— Não é necessário, senhor — Bea declarou num fio de voz.

— Primeiro, quero pedir desculpas pelo furto do seu diário. — Bea arregalou os olhos com a informação. — Foi a Letícia quem cometeu essa terrível falta. Ela entrou aqui de alguma maneira, que não sei como, mas ainda vou descobrir, e o furtou.

Bea demonstrou seu assombro com a notícia por meio de sua boca e os olhos bem abertos.

— Queira me desculpar também pelo fato de tê-la feito ir embora daqui de um modo rude. Não era a minha intenção, mas foi necessário. — Pedro apertou os lábios. — Finalmente tudo entre nós dois foi resolvido.

Ela ouviu aquelas palavras e foi como se o soco de um boxeador tivesse lhe atingido o estômago.

“Eles tinham se resolvido?”

— Agora eu e ela podemos seguir livremente nossos caminhos.

Beatrice apenas assentiu com o coração apertado.

— Por fim resolvemos as pendências de uma relação que havia sido deixada com tantos problemas abertos.

— Não precisa me explicar nada, Pedro. É a sua vida pessoal.

— Não preciso, mas eu quero. Afinal, você sofreu por causa dela. — Ele apontou o sofá para Beatrice se sentar, mas ela preferiu ficar em pé. Ambos continuaram frente a frente. — Nós dois namoramos por um longo e desperdiçado tempo. — Ele balançou a cabeça. — Essa foi a época do meu afastamento da fé. Estava cego por uma paixão.

Bea não entendia o porquê do juiz ao revelar seu passado, mas achou a motivação nobre e serviu para aliviar as suas emoções tão alteradas.

— Eu a envolvi em todas as áreas da minha vida, com isso pequei gravemente, mas eu não queria ouvir. A levei para o abrigo e a coloquei para ajudá-los, mas Letícia nunca se importou com aquelas crianças. — Pedro seguiu para trás de sua mesa. — Todos me diziam, com restrição, sobre o fingimento dela, contudo eu não queria escutar. Então, Deus me castigou.

— De verdade, você é um ser bem teimoso. — Bea deixou escapar. — Difícil alguém ter coragem de ser sincero com você tão abertamente.

Pedro a encarou e deixou uma risada escapar.

— Se minhas recordações forem exatas, você não parece ter esse medo. — Ele semicerrou os olhos como se tivesse a provocando.

— Ah, às vezes eu tenho, mas eu me empolgo. — Bea deixou um sorriso escapar, o que encantou mais o juiz. — Você sofreu algum acidente?

— O que?

— Estava dizendo que Deus o castigou. — Ela trouxe o assunto de volta.

— Sim, mas foi pior que isso. — Ele riu com ironia e fitou o chão. — Ele me deixou livre para andar segundo o entendimento do meu coração. A pior coisa que um pai pode fazer pelo seu filho é não o disciplinar. Eu disse de tantas formas para Deus que eu não desejava seus conselhos, que ele simplesmente me permitiu ir adiante como ansiava.

Bea teve pena do juiz.

— Depois de cinco anos de namoro, eu me encontrei sendo enganado pela mulher por quem eu tinha largado tudo e todos. — Pedro bufou, enraivecido pela sua burrice. — Fui traído pelos que diziam ser meus amigos e, se não fosse o bastante, ela ainda roubou o abrigo. A minha queda foi tão forte que eu não consegui mais me reerguer.

A auxiliar não conseguiu declarar nada. Era diferente ouvir por terceiros a história sobre a decepção amorosa do juiz e ouvir ele mesmo contar. O peso e as angústias se tornaram mais reais. Depois de tantas decepções, era um pouco compreensível a atitude de extrema reserva para com todos.

— Eu não podia ir a Deus outra vez, sabe? Não podia — o magistrado continuou. — Não tinha coragem para ir às pessoas que me avisaram e pedir ajuda. Eu a odiei por isso. Culpei-a por toda a minha infelicidade. A odiava tanto que perdia minha própria razão. Havia chegado ao fundo do poço por causa dela.

A auxiliar nem sabia o que dizer.

— Mas o Senhor foi tão misericordioso que me fez enxergar que a Letícia não era a causa de todo o meu problema, mas meu coração corrupto. Ele me levou a pecar e depois jogou toda a responsabilidade dos erros em cima do outro. — Pedro suspirou cansado. — Hoje tanta coisa mudou. — Ele se virou para o lado e fixou o olhar em nada específico. — E, por causa disso, eu não posso ir além do que me é permitido.

A jovem contraiu o cenho e não entendeu as últimas palavras do juiz.

— Obrigado, Beatrice. — Olhou-a com simpatia.

— Pelo quê?

— Você me pregou o evangelho nos momentos mais difíceis da minha vida. Eu sempre serei grato.

Bea foi surpreendida. Nunca poderia achar que sua vida um dia pudesse atingir o recluso e rígido juiz Bernardi.

— As nossas palavras não podem fazer muita coisa, mas as Escrituras podem tudo. — Ela sorriu com certa timidez.

Pedro apenas apreciou o sorriso de sua auxiliar, os traços delicados de sua face e soltou o ar.

“Oh, Deus, como eu a amo!”

Queria poder falar tudo que sentia em relação a ela, mas seguiria o conselho de seu pai. Havia aprendido que palavras devem ser firmadas por ações. Depois que conversasse com aqueles que realmente pudessem o direcionar e apoiar uma possível união, poderia se declarar. Estaria oferecendo à jovem um amor seguro em que ela confiaria e não palavras vazias.

— É verdade! — Foi o que ele disse, depois de uns minutos pensando.

Beatrice desejava saber se o juiz leu o diário, mas, ao ver como ele não agiu de modo a constrangê-la, entendeu que nenhum sentimento foi exposto, então decidiu descansar.

— Obrigada por devolver o diário. Agora vou começar o meu serviço. — Ela acenou e caminhou em direção a sala.

Pedro assentiu e, enquanto a via caminhar, pensou:

“Querida Beatrice, em breve você será demitida.”



42-CONFIANÇA

Uma semana depois.

Beatrice chegou ao fórum e, sem demora, foi recepcionada por Andréa, que a puxou para um lugar mais reservado e declarou:

— Bea, o que foi que aconteceu?

Bea arqueou a sobrancelha sem entender.

— A empresa que contratou seus serviços para o fórum ligou. — Andréa mordeu os lábios. — Aconteceu algo entre você e o doutor Bernardi? Eles disseram que precisavam falar com você.

Beatrice não estava conseguindo entender direito as perguntas e aquela informação: Uma ligação? De quem? Para quê? O que tinha ela com o juiz? Achava que tudo já estivesse esclarecido entre eles. Desde a conversa sobre o diário, os dois mantiveram um contato profissional somente. O juiz voltou a seu molde antigo de restrição.

— Onde está o doutor Bernardi? — a auxiliar indagou. — É bom esclarecer com ele as coisas.

— Ele viajou.

O olhar de Bea se arregalou com a resposta recebida.

— Foi para onde? Fazer o quê?

— Ah, não sei. — Andréa deu de ombros. — Ontem enquanto trançávamos o cabelo um do outro, não consegui perguntar.

Beatrice piscou os olhos, incrédula, até compreender a ironia na voz da colega de trabalho.

— Meu Deus, Andréa!

— Só você para fazer essa pergunta! — A morena balançou a cabeça. — Desde quando o juiz diz o que faz com a vida dele? Nós somos meros servidores. — Andréa suspirou e acrescentou: — A mulher pediu para que retornasse a ligação. Aqui está. — Estendeu um pequeno papel com um número escrito nele.

— Eu vou ligar — Bea se despediu da colega.

— Nos vemos no almoço — Andréa fez um aceno de despedida, e Bea assentiu já distante.

Ao entrar no gabinete, viu alguns dos assessores trabalhando lá. Teve uma sensação de vazio ao saber que Pedro não estaria naquele dia, ou por toda a semana. A presença dele preenchia todo o local e agora a sua vida também, apesar de precisar se conformar que era apenas seu chefe.

Ao entrar na sua sala fez a urgente ligação. Beatrice, era funcionária de uma empresa que oferecia serviços jurídicos para o fórum, como não era concursada para trabalhar para um órgão público, prestava serviço terceirizado como auxiliar do juiz. Contudo, todo seu pagamento e responsabilidades eram com o escritório que a contratou.

“O que poderia ter acontecido?”, ela se questionava.

Após duas chamadas, uma voz feminina atendeu. Beatrice se identificou e, sem rodeios, informou o motivo de sua ligação.

— Beatrice, precisamos que venha ao nosso escritório ainda hoje — a mulher do outro lado da linha solicitou. — Seria possível encontrá-la daqui uma hora?

— Eu poderia saber o motivo? — Estava aflita.

— Aqui terá todas as informações necessárias. Por favor, não se atrase. — A mulher não deu mais informações e a ligação foi encerrada.

Beatrice pôs o telefone no gancho e respirou fundo. Aquilo não prenunciava algo bom. Preparou-se imediatamente e pediu permissão de

saída à diretora de secretaria da vara. O escritório não ficava tão distante do seu local de trabalho, após uns 20 minutos entrou na recepção da devida empresa, deu o seu nome e foi conduzida até uma sala com paredes de MDF branca. Ela foi orientada a esperar enquanto a pessoa responsável viria ao seu encontro. Não demorou muito para que uma mulher de aparência singela entrasse no ambiente.

— Beatrice, tudo bem? — A presença feminina possuía um cabelo longo e preto, que estendeu a mão para um cumprimento cortês. — Eu sou a Suzanne e tenho seu contrato e documentos aqui comigo. — Bea enxergou o envelope.

— Fiz algo imprudente para estar aqui? — A jovem empregada mordeu os lábios e esfregou uma mão na outra, querendo conter um pouco o nervosismo.

— Não, não. — Suzanne delineou um sorriso no canto da boca. — Mas não temos uma boa notícia para você. — Ela se sentou e indicou para Bea fazer o mesmo. Ajeitou os óculos em seu rosto e declarou: — Beatrice, o fórum vai promover um concurso público e eles precisam abrir novas vagas para os concursados, portanto, reduzirão os terceirizados. Infelizmente, uma das vagas é essa que você ocupa.

Beatrice sentiu o chão fugir debaixo dos seus pés. Como assim ficaria sem emprego de novo? Como ajudaria no pagamento do tratamento que estava fazendo com sua mãe? Como ajudaria nas despesas de casa? Não, não, não! Aquilo não podia ser!

— Mas não se preocupe, pagaremos todos os seus direitos e esse mês de trabalho completo — Suzanne declarou, como se aquilo trouxesse algum conforto. Ela continuou e tirou o contrato do envelope. — Você não será enganada em nada.

— Isso é um aviso prévio? — Bea nem acreditava na própria pergunta.

— Não. Na verdade, a sua dispensa é imediata.

— Misericórdia! — A jovem empregada soltou o ar e passou a mão entre os cabelos não crendo no que ouvia. — Moça, você pode me dizer por que essa pressa toda em me dispensar? O concurso ainda vai ser aberto, e eu poderia trabalhar por uns meses. Essas coisas demoram. Teria tempo para

procurar outro trabalho. — Tentou intervir diante da calamidade que vinha para tirar seu sossego.

— Desculpe, não posso fazer nada. — Suzanne apertou os lábios e colocou os papeis na mesa. — Esse é o documento para dar encerramento aos seus meses trabalhados. — Mostrou o contrato de demissão. — É só assinar. Se você não estiver com sua carteira de trabalho, traga amanhã para assinarmos e darmos a baixa.

Bea leu a documentação e, diante de uma luta interna, assinou a demissão. No outro dia, levaria sua carteira. Após tudo ser resolvido, ela se ergueu da cadeira e saiu daquela empresa com o coração apertado e a ponto de gritar com Deus e com qualquer pessoa que ousasse ao menos olhar para ela. Estava exausta dos altos e baixos da sua vida. Exausta! Ela queria entender tudo aquilo, mas nada fazia sentido. Absolutamente, nada!



Os últimos raios solares se despediam e o grande astro luminoso começava a se esconder além do horizonte daquele vasto mar. A cena refletia a vida de Beatrice, onde a luz sumia e o que restava era a escuridão da noite.

A jovem não tinha voltado ao fórum, também não tinha ido para casa. Em meio a um turbilhão de pensamentos, foi caminhar na praia, buscando uma resposta. Passou horas olhando para o vai e vem das águas. Ela chorou muito. Não conseguia dizer uma palavra, tamanha era a frustração do seu coração. Queria entender os motivos de sua vida ser sempre assim: tão incerta.

Quando achava que havia pegado um caminho certo, sua vida virava de cabeça para baixo. Sentia-se só e sem esperança de mais nada. Precisava ter coragem para contar à sua família que estava desempregada. E deveria erguer a cabeça para buscar outro emprego em qualquer lugar.

Já eram quase 20h da noite quando Beatrice passou diante da entrada da sua igreja, que ficava próxima a sua casa. Do lado de fora, olhou para o altar

à distância e sentiu mais uma vez um nó na garganta. Decidiu entrar, se sentar no último banco e chorar pedindo que Deus a ajudasse a superar tudo que viveu naqueles últimos dias.

Ela nunca mais veria Pedro. Precisava dar um jeito de tirar o profundo sentimento do seu coração pelo qual, tolamente, se deixou levar. Deveria saber que nunca, nem em um milhão de anos, teria chance. Ela não era a Cinderela. O juiz voltaria de viagem, teria à disposição uma nova auxiliar e estaria bem, ao contrário dela, que ficaria sofrendo.

"Precisa avançar, Beatrice!"

— Bea, você está bem? — Era Vanessa, sua velha amiga e companheira do ministério infantil.

— O que faz aqui? — Procurou limpar as lágrimas que rolavam pelas bochechas.

— Hoje é o meu dia de limpar o templo — respondeu e se sentou frente à irmã em Cristo. — Mas o que *você* faz aqui?

— Buscando algum consolo e resposta de Deus — a moça declarou em meio às lágrimas copiosas e murchou os ombros. — Você acredita que eu fui demitida?

Vanessa segurou a sua mão.

— Qual o motivo para isso?

Beatrice explicou à mulher tudo que lhe fora dito como desculpa para a demissão.

— É estranho mesmo — Vanessa ficou pensativa. — Mas não se perturbe. Não esqueça que para os filhos amados de Deus todas as coisas cooperam para o bem. — Tocou no queixo da jovem com amizade. — O Senhor tem seus propósitos em tudo. Podemos chorar algumas noites, mas a alegria virá ao amanhecer.

— Eu só queria entender, sabe? Só ter uma resposta sobre o porquê dessas coisas na minha vida. — Bea estava desolada.

— Olha, Deus responde às nossas orações. Na verdade, todas elas. — Vanessa encontrou o olhar desconsolado de Beatrice. — Só que, às vezes, não como queremos, mas com o que precisamos. Li certa vez que*:* "Deus não age segundo o nosso imediatismo — que deseja ouvir simplesmente

“Sim” ou “Não”. Ao invés disso, Ele nos leva a uma dimensão maior, mostrando que o mais importante não é saber se “sim” ou se “não. O mais é importante é honrá-lo; e descansar nEle é uma das maneiras mais simples de fazer isso”[9].

— Nossa! — Beatrice suspirou fundo, engolindo o choro que a consumia por tantas horas.

— Como disse J.I. Parcker: “(Deus) não tem tanta pressa quanto nós temos e não é seu costume dar mais esclarecimento sobre o futuro do que precisamos para agir no presente, ou nos guiar em mais de um passo de cada vez. Quando em dúvida, não faça nada, continue esperando em Deus. Quando houver necessidade de ação a luz virá.” — Vanessa recitou o pequeno texto que tanto apreciava, pois já fora respostas para as suas indagações em outros tempos.

— Não sabia que era tão boa de memória. — Bea sorriu. — Meu chefe... Quer dizer, ex-chefe era assim também. — Ela ainda sentia a dor de saber que não veria mais o juiz todos os dias.

— Eu recordo apenas aqueles que já me ajudaram nas dificuldades. — Apertou a mão da jovem. — Descanse.

— Obrigada por essas palavras. — Bea a abraçou. — Eu precisava mesmo ouvi-las.

— De nada, querida. E não esqueça: “Em vos converterdes e em sossegardes, está a vossa salvação; na tranquilidade e na confiança, a vossa força”[10]. Ele cuidará de você e de sua casa. A provisão vem dEle e não do trabalho. O emprego é só um meio que Ele usa para nos sustentar, mas, se Ele desejar, usará outros meios, pois vivemos dependentes dEle e não do mundo. Entendeu?

Bea assentiu, consolada.



43-PERMISSÃO

A manhã calma de sexta-feira trouxe à Rosana uma boa disposição para cuidar da casa, sobretudo após Bea e Flávia saírem, deixando-a sozinha. Então colocou um cântico e começou a lavar a louça. Estava progredindo em seu tratamento e sua saúde melhorava a cada dia.

De repente, a campainha não parava de tocar e, atordoada, a senhora limpou suas mãos para atender o visitante desconhecido e inesperado.

— Espere, por favor — a mulher quase gritou.

Ao abrir a porta se alarmou ao observar o juiz Pedro Bernardi, ex-chefe de sua filha, em toda sua postura estóica, diante dela.

— Doutor Bernardi, o que faz aqui? — a senhora estava meio paralisada na porta. Incrédula à pessoa diante de si.

— Eu gostaria de conversar.

— Desculpa, mas a Beatrice não está — a mulher falou. — Ela saiu para procurar emprego. O senhor sabia que deram as contas dela na segunda-feira?

— Eu sei, senhora — Pedro balançou a cabeça, e Rosana tornou seu semblante impassível.

— Mas...

— Nós podemos conversar?

— Mas acabei de dizer que a Beatrice saiu.

— Na portaria, me informaram que ela havia saído. Também sei que sua sobrinha está fora — o juiz mostrou seu modo brando e firme. — No momento, minha conversa é com a senhora.

— O que eu fiz? — A senhora arregalou os olhos, parecendo uma menina que tinha sido pega no flagra fazendo alguma travessura.

Pedro não pôde deixar de soltar uma risada da pergunta inocente da mulher. Ele agora sabia de onde vinha o humor de Bea.

— Nada, por enquanto. — Ele estreitou o olhar e sorriu. — Mas espero que faça.

— Sou toda ouvidos — ela afirmou, dando espaço para o magistrado entrar em sua humilde residência.

Pedro se sentou no sofá e aceitou a oferta de água da senhora Rosana. Enquanto ela foi buscar o líquido, Pedro lembrou da conversa com seu pai. A visita causou grande comoção na sua mãe que, ao vê-lo, quase chamou a imprensa para registrar aquele marco. Ele a amava demais e, de certa forma, o jeito avoado de Maitê, lembrava-o da mulher a qual seu coração teimoso tinha se rendido. Entretanto, antes de comunicá-la qualquer coisa, pediu uma audiência privada com o senhor Lorenzo para conversar.

“Acho que posso saber o motivo de sua vinda, filho”, Lorenzo declarou com um sorriso. “Seus olhos brilham”.

Pedro sorriu de canto.

“Queria saber sua opinião sobre isso”, Pedro disse.

Lorenzo balançou a cabeça e pareceu meditar um pouco. Após isso, perguntou:

“O que vê quando olha para Beatrice, Pedro?”

O filho ponderou um pouco sobre aquela pergunta antes de responder:

“Vejo um belo caráter”. Ele riu, lembrando-se das atitudes de sua auxiliar. “Sua dedicação aos outros; disposição para ajudar; a língua dela não se afia para falar mal dos outros ou reclamar; a sinceridade em se

importar e olhar para além de si mesma; e, principalmente, aquele coração devotado a Deus".

Senhor Lorenzo bateu palmas para o filho, e Pedro não compreendeu.

"Percebe que em nenhum momento falou da beleza dela?", ele indagou e o filho contraiu o cenho. "Enfim, aprendeu a olhar além da aparência, sendo enlaçado pelas virtudes, e essas não passarão. Na verdade, ficarão mais lindas a cada ano, pois serão cultivadas por Deus".

"Beatrice é linda". Pedro se lembrou das características que compunham aquela mulher: seus olhos azuis sob a luz do sol pareciam com um oceano calmo e sereno; os cabelos loiros e longos eram como fios de ouro; o sorriso largo e espontâneo iluminava todas as suas manhãs naquela vara.

Oh, sim! Ela era uma bonita mulher e a beleza interior ultrapassava ainda mais a exterior.

"Deus respondeu minhas orações", o pai proferiu e o filho o olhou. "Orei tanto para que uma boa mulher aparecesse na sua vida. Para que você se libertasse de todo aquele passado e visse que uma boa esposa só pode vir do Senhor. Ah, meu filho, eu concedo a você minha benção".

Os dois se abraçaram e, não demoraram a contar a senhora Bernardi que, quando soube o motivo da visita do filho, fez tamanho alarde que quase colocou aquele condomínio abaixo.

— Aqui está sua água. — Seus pensamentos foram interrompidos pela senhora. Ele aceitou e bebeu o líquido fresco.

A mulher de espírito meigo e gentil se acomodou numa cadeira diante dele e lhe concedeu o direito de fala.

— Eu sei que nos vimos em algumas situações, mas não tivemos a chance de conviver tanto, contudo, espero que isso mude com o tempo.

A senhora assentiu com estranheza.

— Gostaria de esclarecer que fui eu quem mandou um ofício pedindo a demissão de sua filha.

O queixo da mulher caiu diante da sincera afirmação.

— Por Deus! — Ela bateu as mãos nas coxas. — O que minha filha fez para acontecer isso com ela? Senhor, meu Deus! — A senhora se levantou com os ânimos alterados. — Bea é uma menina tão boa, meu Jesus. Não merecia isso. — Rosana olhava para o teto. — O senhor tem algum motivo grave para ter feito isso com ela? — Ela virou para o juiz com um olhar que clamava pela verdade.

— Ela fez sim — ele assegurou com gravidade na voz.

Rosana levou a mão à boca e arregalou os olhos.

— E o que foi?

— Fez que eu a amasse!

— Doutor Bernardi, descu... — A mulher parou e como que voltando a fita, pediu: — Por favor, repita. Porque eu acho que não entendi.

Pedro deixou o copo de vidro na mesinha de centro, levantou-se e, com toda a sua imponência, declarou o desejo do seu coração e o real motivo de sua ida até ali.

— Eu amo sua filha, dona Rosana. — A sublimidade com a qual disse as palavras tocou a mãe de Beatrice. — Estou aqui para pedir sua permissão para um compromisso com ela e um casamento em breve.

— Jesus amado! — Rosana caiu sobre o assento da cadeira, com os olhos estatelados para nada específico, apenas processando aos poucos a informação. — O senhor é o chefe dela!

— Ex-chefe! — ele assegurou e tudo fez sentindo na cabeça da mãe.

— Agora sei por que a mandou embora — emitiu as palavras meio soltas, estava buscando ainda se situar um pouco. Porém, sua divagação não demorou muito, pois virou para ele e perguntou com firmeza: — E como isso aconteceu?

— Com a convivência — respondeu. — Sua filha foi uma benção de Deus para mim, dona Rosana. E eu a amo demais!

— Você está convicto sobre se casar com a minha filha?

Ele assentiu.

— E o que o senhor tem para oferecer? Eu sei que tem dinheiro, mas isso não é o mais importante. — Naquele momento, Rosana tomou uma posição de protetora e defensora da cria, fazendo as perguntas que seu

marido teria feito se tivesse vivo. Ele não daria seu tesouro sem antes analisar aquele que desejava tê-la.

Pedro suspirou e se sentou diante da senhora.

— Efésios 5:25 em diante, declara: "Vós, maridos, amai vossa mulher, como também Cristo amou a igreja e a si mesmo se entregou por ela, para a santificar, purificando-a com a lavagem da palavra, para a apresentar a si mesmo igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhantemente, mas santa e irrepreensível" — recitou o versículo e continuou: — Eu ofereço a minha própria vida para amá-la, para santificá-la sempre à luz das Escrituras, para defendê-la em todas as circunstâncias, para prover em todas as coisas, para liderá-la em amor. Dona Rosana, eu sei que Deus me pedirá que preste conta de cada ação que eu fizer com a minha futura esposa e quando chegar esse dia, eu desejo apresentá-la adornada. Sempre a conduzindo a Cristo!

As palavras de Pedro comoveram a genitora de Bea, era como ver diante de si o seu esposo pedindo a sua mão anos atrás. Ele se baseou nos mesmos versículos quando enfrentou seus pais. O juiz não tinha medo e nem dúvidas no olhar. Era um homem feito que, pela graça de Deus, cumpriria seu papel de esposo diante do Senhor e dos homens.

— E apesar de tudo isso — o juiz prosseguiu —, eu não quero prometer só coisas bonitas e sorrisos todos os dias. A senhora poderia me dizer que espera que eu nunca faça sua filha sofrer e nem derramar nenhuma lágrima, mas isso eu não posso garantir. Eu sei quem eu sou e sou um homem pecador com tremendas falhas. — Ele a olhou com firmeza. — Haverá dias em que eu venha a dizer algo que a magoe e podemos ter alguns desentendimentos em que sejamos feridos com ofensas. — Pedro suspirou um pouco. — Mas, em tudo isso, eu sei que temos o Senhor para nos conduzir ao arrependimento e perdão. Estou pedindo a mão de sua filha em casamento, contando que a graça de Deus nos auxiliará durante toda uma vida. Por causa dEle, há chances de se fazer votos.

Rosana sorriu e, com ternura, olhou para o homem de coração aberto à sua frente.

— Quando Bea era criança, antes de dormir eu sempre lia para ela sobre as virtudes da mulher piedosa. — O riso nos lábios da senhora era a

demonstração da alegria dos tempos passados. — E a pergunta que a gente sempre escuta é: “Mulher piedosa quem achará? O seu valor excede o de rubis”. Ela, com a sua imaginação questionadora, uma vez perguntou: Por que só a mulher, mamãe? Se eu tenho que ser a piedosa, o que o homem deve ser?

Pedro sorriu, imaginando a cena.

— Então, eu falei que Provérbios 20:6 fazia uma pergunta interessante: “Mas e o homem fidedigno, quem o achará?”. E ela ficou satisfeita com a resposta. Contudo, a ensinei que essas perguntas sobre o homem e a mulher e quem poderá encontrá-los não podem ser respondidas por ninguém, porque só Deus sabe onde eles estão e a seu tempo uni-los. O homem fidedigno e a mulher virtuosa estão escondidos no Criador. — Ela tomou um pouco de ar e declarou emocionada: — Neste dia, Cristo me fez conhecer um homem fidedigno e Ele o concedeu a minha menina. — Algumas lágrimas escorreram pela face da senhora, e Pedro sentiu seu coração se comover de tal forma como nunca pensou.

Como poderia ser considerado um homem fidedigno, se apenas há alguns anos, ele podia ser uma péssima opção para qualquer jovem cristã solteira?

— Nós falhamos muito, mas fomos justificados no Senhor e somos santificados nEle. Não tiremos a glória da cruz nunca — a declaração de Rosana soou como se estivesse respondendo suas indagações internas. — Eu sei que falhará e não será pouco, porém confio no Cristo que pode sempre nos levar ao recomeço. — Ela, após soltar um longo suspiro, disse: — Nem acredito que minha Bea sairá de casa. — Estava emotiva nas palavras, contudo manifestou: — Você tem minha benção!



44-AFEIÇÃO

Depois de todas as intenções do juiz serem esclarecidas para Rosana, ela lhe serviu um café. Pedro apreciou a bebida, percebendo que há tempos não provava algo tão bom. Por um breve momento, ponderou sobre a condição financeira que a família estava passando. Tinha proposto para si próprio que auxiliaria a casa de Beatrice em todas as coisas.

— Dona Rosana, eu gostaria que não me interpretasse mal — Pedro colocou a xícara de café na mesinha de centro. — Eu sei que Bea saiu do emprego e a situação financeira não é muito boa.

— Doutor, eu...

— Quero ajudá-las. Não pense que o motivo é por querer parecer ser bom aos seus olhos, mas porque é um chamado do cristão: ajudar uns aos outros.

Ela sorriu, recolheu a xícara em cima da mesinha e se levantou.

— Bea recebeu os meses trabalhados e todos os seus devidos direitos. Estamos bem, senhor. — Pôs o utensílio doméstico na pia e se voltou para ele. — Não se preocupe, qualquer coisa eu o aviso.

Pedro gostou do tom favorável da senhora. Rosana demonstrava ser uma mulher de alma leve e que não se apegava a quase nada. Era satisfeita com a vida que tinha, tal qual sua filha. As duas se pareciam em muitos aspectos.

— Obrigado. Eu desejo ficar a par de toda a situação.

Ela assentiu.

— Bom, agora tenho que ir. — Ele se levantou e estendeu a mão para a mulher a sua frente. — Agradeço por esta conversa e sua disposição em me atender.

— Acho que num futuro, não muito distante, eu vou ter que atendê-lo muitas vezes. — Ela riu, e o juiz não pôde deixar de exibir um sorriso também.

— Se Deus quiser e se sua filha me aceitar.

Rosana gostaria de contar sobre os sentimentos da filha, pois, por muito tempo, observou sua cria cada vez mais apegada ao juiz, apesar de nunca dizer abertamente. Ela era mãe e sabia ler as atitudes de Beatrice.

— Se isso for da vontade de Deus, tudo ocorrerá naturalmente.

Ele consentiu e estava em paz.

— Eu podia pedir um favor?

— Pois não?

— Teria como a senhora me entregar um anel da Bea para usar como medida?

Rosana sorriu ao ouvir o motivo do pedido.

— Eu trago já! — Saiu com os passos acelerados em direção ao quarto da filha.

Durante a espera, Pedro checou algumas mensagens no seu celular, percebendo que precisava voltar aos seus afazeres. Na verdade, gostaria de umas férias. Quem diria que depois de três anos trabalhando sem parar, recusando-se a descansar, agora sentia essa necessidade.

Enfim, sua alma descansava das tribulações passadas e o seu corpo físico também pedia por isso. Ele olhou ao redor da sala e notou uma foto de Bea com um avental azul marinho e uma marmitex de isopor na mão, sorrindo para a câmera. O coração dele se agitou no mesmo instante. Se pudesse, naquela tarde, casaria com a bela jovem de sorriso gentil e olhos bondosos. O seu amor era tão forte que nem sabia dimensionar.

— Raramente vi o amor brilhar nos olhos de alguém, como nos seus agora — disse a senhora, apoiada numa parede, fitando-o.

Pedro se afastou da foto e sentiu a mão suar.

— Aqui está. — Rosana estendeu a mão entregando o anel e se aproximou, olhando para a imagem da filha. — Essa foto foi tirada num dos acampamentos da nossa igreja. Bea sempre gostou de auxiliar as pessoas.

— Ela tem grande prazer em servir ao próximo. — Ele mirou o objeto circular folheado a ouro com uma pedra azul no centro.

— Aos 13 anos, ela e o pai saíam nos finais de semana para fazer visitas em asilos. — Rosana cruzou os braços e começou a falar sobre a adolescência da filha. — Ela sempre chegava em casa muito empolgada, falando sobre as histórias que tinha contado para os idosos e de como tinha feito uma senhora sorrir enquanto tocava violão. Minha filha é uma benção de Deus. — A mãe coruja se emocionou, lembrando-se dos bons tempos passados.

Pedro sentiu a admiração crescer, ansiando o dia em que teria Bea como sua mulher. Ela era um testemunho vivo da graça. Antigamente não acreditaria, mas Deus ainda moldava mulheres com os valores bíblicos e, por mais indigno que se achasse, não tinha dúvidas de que a jovem era um presente do Altíssimo em sua vida.

— Essa outra foto é ela segurando as flores que eu ganhei do seu pai. — Indicou uma foto da filha ao lado. — Tinha dez anos. Amava as flores que o pai trazia para casa.

— O pai é uma forte influência na vida da Beatrice, não é?

— Você não tem noção! Ela ganhou esse anel dele, portanto cuide com sua vida — Rosana dizia para Pedro que, com interesse renovado, examinou o pequeno brilhante outra vez, porém, de repente, a porta do apartamento se abriu e uma voz conhecida ressoou animada:

— Mamãe, cheguei!

Pedro e Rosana arregalaram os olhos um para o outro e, na pressa para que a menina não visse o anel na mão do juiz, a mãe dela pegou o acessório, contudo foi feito de mau jeito e deslizou de sua mão para o chão, mas Pedro o apanhou no ar e fechou a mão, colocando-a atrás das costas. A senhora o mirou com os olhos estatelados e a respiração ofegante.

— Pedro, o que faz aqui? — Beatrice tinha o cenho contraído numa expressão de total espanto.

O magistrado apertou os lábios. E agora? Por um momento, nada passou pela sua cabeça. O que diria? Será que ela tinha visto o anel?

— Ele veio ver se estamos bem, minha filha. — Rosana tomou o rumo da conversa.

— Mas por quê? Para quê? — A jovem colocou a sua bolsa sobre o braço do sofá e o jornal junto.

— Porque ele é uma boa pessoa. — A mãe deu de ombros. — Ora, ele foi proibido de vir aqui? Pelo que sei, o doutor Bernardi nos ajudou muito, não foi?

— Foi... — a voz de Bea saiu arrastada. Ela franziu a sobrancelha, contudo o olhar do juiz a desconcertou por uns instantes. — Desculpa, eu só não esperava sua visita.

— Eu entendo. — Ele uniu as mãos e assentiu.

Beatrice ficou sem saber o que fazer, sentiu uma tremedeira nas pernas. Apenas se sentou no sofá e olhou para nada específico. Ao vê-lo ali, toda a tristeza que havia tentado dissipar durante a semana voltou. Por que ele foi até seu lar? Ah! Se o juiz soubesse de todo seu amor e como aquele sentimento a tinha feito passar horas em oração pedindo a Deus para que fosse removido. Até orou para que o seu prometido aparecesse de vez, quem sabe assim o esqueceria. Não era muito certo orar assim, mas, em meio a dor, pediu. Ela o amava tanto que, ao vê-lo, só desejava abraçá-lo.

— Como foram as coisas, minha filha? — Rosana se intrometeu em meio aquele silêncio fúnebre que se instaurou sobre eles por breves minutos.

Beatrice balançou a cabeça, recordando de sua alegria ao chegar em casa.

— Foram ótimas! — A menina sorriu e mirou para os dois, que estavam ao lado um do outro. — Já que o doutor Bernardi está aqui para ver se estamos bem, servirá de alegria também saber que fiz uma excelente entrevista numa loja de departamento no centro, e é provável eu começar na segunda. — Bea saltou do sofá e correu para abraçar a mãe. — Eu saí do fórum, mas Deus foi bondoso comigo. Isso não é uma excelente notícia, doutor?

Pedro coçou a nuca e assentiu com seriedade sobre a informação feliz de sua ex-auxiliar. Ele sentiu certo incômodo, essa era a verdade. Não queria que Bea sofresse as dificuldades que a vida dura trazia, desejava ser o seu apoio sempre. A pessoa em que ela encontrasse companheirismo, amizade e proteção.

— Depois de uma semana tensa, finalmente coisas boas começaram a acontecer. — Ela olhou para o juiz, que permanecia meio que paralisado.

— Põe boa nisso! — exclamou a mãe, e Bea a encarou não a entendendo.

— Eu vou até meu quarto rapidinho — Rosana disse. — Sentem-se, crianças.

Pedro e Bea ficaram sozinhos e a jovem se afastou, tomando um lugar no sofá, e o juiz se sentou em uma poltrona. No início, não conseguiram dizer nada, pois muitos pensamentos rondavam a cabeça dos dois.

— Desde que eu soube de sua saída, me preocupei. — Era verdade, apesar de ter sido o próprio a ter enviado o ofício, não sabia quando a empresa o faria.

Bea abaixou a cabeça e esboçou um leve sorriso.

— Não era necessário, Pedro. Eu só fui mais uma funcionária como tantas outras que passaram por aquele fórum. Não fui a primeira e nem serei a última a ser sua auxiliar.

— Bea — ele inclinou o corpo um pouco mais para frente —, para mim, você sempre será única!

As palavras soaram com tanta sinceridade que Bea sentiu como se fosse uma flecha certeira em seu coração apaixonado.

— Eu... Eu... — quis dizer algo, mas o tremor do corpo não a deixou.

— Você não sabe o quanto me ajudou. — Pedro fechou os olhos e soltou o ar, pois precisava controlar aqueles impulsos de dizer tudo de uma vez. — Sua presença no fórum foi uma Providência. Tenha sempre essa certeza.

— Nossa! Eu nem sei o que dizer quanto a isso. — De ímpeto, Bea sorriu, e o juiz estreitou o olhar. — Se bem que eu preciso confessar que, logo no início, eu quis assassiná-lo. Por Deus, você era um poço de chatice e mau-humor.

— Olha, mocinha, eu... — Ele pensou um pouco. — De fato, não posso me defender quanto a isso.

— “Beatrice, controle suas emoções!” — começou a imitá-lo com uma voz rouca. — “Beatrice, você não pode ficar chorando. Não deve ficar por aí que nem uma palhaça fazendo travessura”. — Soltou uma gargalhada relembrando os tempos passados. — Ai! É bom poder recordar isso e rir. E quem diria que eu faria isso na sua frente. O dono dos meus tormentos e raivas! — Bea enxugou as lágrimas que desceram em consequência das muitas risadas.

Pedro sorriu diante de tudo aquilo. Até voltou em sua memória a conversa de Murilo: “Sua auxiliar deve ter comprado um saco de boxe e bater pensando que é você!”.

— De acordo com tudo isso, eu era o pior chefe do mundo — ele, com os olhos semicerrados, fingindo falsa indignação.

— Não é para tanto. — Ela suspirou e se conteve mais. — Todos nós temos motivos para estarmos chateados em alguns momentos da vida. Mas os tempos bons também chegam, trazendo alegria e esperança.

— Você é esse tempo bom na minha vida. — Fitou seus belos olhos azuis nela. Não tinha nenhum brincadeira no tom de voz. Era tão claro quanto a água aquela declaração, levando Bea se arrepiar. — Eu quero que você saiba disso.

Bea engoliu em seco e assentiu. A conversa não pôde dar continuidade porque Rosana apareceu, deixando-os um pouco encabulados, mas era a hora certa. Pedro se despediu das duas mulheres e partiu com o desejo de logo declarar tudo que precisava para a mulher da sua vida.

— Que bom chefe você tinha, Bea — a mãe da jovem a despertou de seu torpor, em razão das palavras ditas pelo juiz.

— Ele era sim — a filha disse, indo para o quarto, pensativa.

No anoitecer, todas as mulheres da casa estavam reunidas para o jantar: Rosana, Beatrice e Flávia. A campainha tocou sem que nenhuma delas estivesse à espera de algo, e a prima de Bea se levantou para atender. Não demorou para que a voz da jovem, exclamasse:

— Tia Rosana e Bea venham aqui!

As duas se dirigiram ao encontro da menina e chegando à porta ficaram boquiabertas com os dois grandes buquês de flores que o entregador esguio e magro segurava em ambas as mãos.

— Para Rosana Mendes — o entregador estendeu para a mulher um ramalhete de rosas vermelhas.

Rosana inalou aquele precioso perfume e se emocionou ao recordar do marido.

— Beatrice Mendes — o homem entregou um buquê de tulipas amarelas.

Havia um cartão em ambas as flores. Rosana leu:

"É um modo de agradecê-la por toda cortesia e amabilidade. Que as flores alegrem seu coração.

Pedro Bernardi."

Beatrice abriu o pequeno bilhete escrito com uma letra cursiva:

"Mulher virtuosa quem a achará? O seu valor muito excede ao de rubis... Ela só lhe faz bem, e não mal, todos os dias da sua vida.

Com carinho, Pedro."



45-PACTO DE AMOR

Dezembro de 2016

Uma semana depois.

O café da manhã era regado com muitas conversas, e Beatrice não pôde se conter quando ouviu que era sonâmbula e, em certa noite, a mãe a pegou sentada à porta da geladeira comendo todo o sorvete que havia.

— Acho que estava fingindo o sonambulismo só para não brigarmos com ela — A mãe trouxe à memória a cara nada favorável do marido na época.

— Isso é uma calúnia! — Bea se defendeu. — Eu realmente não sabia o que estava fazendo.

As três mulheres da casa riram.

— Bea, o clima está tão bom hoje — Flávia se levantou e levou o prato até a pia. — Vamos à praia? Estou precisando de um passeio.

Bea fez uma expressão que demonstrava não estar disposta a sair. Ela planejava passar o dia inteiro deitada e assistindo filmes de comédia romântica. Isso era o paraíso!

— Deveria ir, minha filha. Vocês duas só trabalham. Aproveitem o feriado — Rosana incentivou um pouco mais.

Pensou um pouco e decidiu ir. Seguiu para o quarto, onde se vestiu com um vestido longo, solto e florido e organizou a bolsa com uma toalha, protetor solar, manta, um livro e mais alguns apetrechos. Após meia hora, as duas meninas estavam prontas, pegaram um Uber e seguiram rumo à praia.

O local se encontrava um pouco cheio — em decorrência do feriado nacional. Elas caminharam para um local mais reservado, podendo, assim, relaxar em meio ao belo som das vastas águas e apreciar aquele gostoso vento roçando sobre a pele.

— Que dia bom! — Flávia estendeu o tecido sobre a areia e se deitou, colocando os braços para trás da cabeça.

— É sim. — Bea tirou de dentro da bolsa o célebre exemplar de "Orgulho e Preconceito". — É ótimo também para ler meu livro preferido. — Mostrou para a prima o clássico romance.

— Você já não leu esse livro umas... — a prima colocou o indicador no queixo, fingindo pensar — quinhentas vezes?

— Vou reler mais quinhentas! — Bea sorriu, pondo seus óculos escuros e se deitando ao lado da prima.

— Você tem que arranjar um marido, Bea — Flávia expressou, enquanto tentava formar desenhos com as nuvens do céu.

— Eu posso me casar e ainda continuar gostando do sr. Darcy.

— Qual é a descrição que você mais gosta desse livro? — Flávia se dispôs a ouvir.

— Gosto desta parte — Bea disse empolgada e começou a ler: — "Elizabeth começou a compreender então que Mr. Darcy era o homem que mais lhe convinha, tanto pelo temperamento como pelas qualidades. O gênio, embora diverso do seu, correspondia a todos os seus desejos. Essa união teria sido vantajosa para ambos. A espontaneidade e a naturalidade de Elizabeth contribuíram para suavizar o espírito dele, e melhorar-lhe também as maneiras. Ela, por sua vez, receberia um benefício ainda maior com a segurança do seu julgamento e a sua experiência do mundo". É lindo ver o quanto são diferentes, mas se completavam.

— Você é uma romântica incurável! — afirmou a jovem ouvinte.

Bea suspirou!

— Não posso negar.

— Sabe o que eu acho mais legal? — Flávia se sentou e fitou a prima deitada. — É que você parece ter encontrado alguém de temperamento tão diferente do seu, porém que corresponde os seus desejos, tal qual a Elizabeth.

Bea estreitou os olhos não compreendendo.

— Quem eu poderia ter encontrado dessa maneira, Flávia?

— Ele! — A menina apontou para a frente.

Beatrice se sentou e, ao fitar o horizonte, não pôde controlar o salto do seu coração. Uma onda de nervosismo a atacou, não a permitindo se mover, no entanto, seus olhos estavam fixados no homem que caminhava em sua direção.

Pedro vestia uma bermuda e blusa polo que deixava exposta parte de sua tatuagem, o que o deixava mais bonito para o coração apaixonado de Beatrice. Ele andava com as mãos nos bolsos em sua postura calma e segura, e o vento balançava o cabelo dele, fazendo o charme do juiz encantá-la por completo.

— Flávia, o que está acontecendo? — Bea perguntou num fio de voz.

— Eu só sou a dama de companhia. — Flávia sorriu e, de mansinho, afastou-se um pouco.

Enfim, o juiz se apresentou diante de Bea, que ainda permanecia sentada e chocada.

— Beatrice!

— Pedro!

Disseram em uníssono.

Por um breve espaço de tempo, nenhuma palavra a mais foi dita. Pedro ofereceu a mão para ajudá-la a se levantar, e ela sentiu no trato uma firmeza que expressava algo diferente nele.

— Eu falo primeiro. — O juiz a fitou. — Eu quis buscar as palavras certas durante esses dias... — De repente, Pedro parou e observou o livro que ela segurava, lendo o título do exemplar. — Cá estou eu com o sr. Darcy de novo. — Riu um pouco desconcertado. — Acho que não tenho palavras

tão bonitas como ele, mas meus sentimentos são maiores, disso tenho certeza.

Ela sentiu o sangue se esvair da face diante da declaração. Pedro envolveu as duas mãos da jovem entre as suas e a olhou com grande carinho.

— Beatrice, eu amo você!

Não houve rodeios ou palavras muito românticas para adornar a alegação. Os sentimentos foram expostos da maneira mais singela possível, porém a mensagem passada era com verdadeira afeição.

— Tenho orado por nós desde que descobri meu amor por você. — Ele beijou as mãos frias dela. — Eu não a mereço, mas depois de Jesus Cristo, você é a maior benevolência do Senhor para mim.

Bea não conteve as lágrimas, libertando todos os sentimentos que guardava no peito. A gentileza das palavras e a sinceridade de Pedro a fizeram sentir uma mistura de alegria e assombro. Jamais imaginou que um dia o veria à sua frente declarando um amor tão profundo. Não só os lábios do juiz anunciavam a devoção, como também todas as suas expressões.

— Pedro — ela quis dizer algo, mas não conseguiu.

— Eu não acreditava que um dia voltaria a amar. — O juiz acariciou a face dela. — Mas você, com esse seu jeito desastrado, que no início me enlouquecia — eles deram uma risada —, mudou essa realidade. Todo seu cuidado e carinho nas mais simples ações e o mais lindo sorriso que uma mulher pode ter me conquistaram dia após dia. — Pedro limpou as lágrimas que escorriam sobre as bochechas de Bea. — Até chegar o momento em que eu durmo e acordo pensando em tê-la ao meu lado todos os dias.

Ela o olhava como um vislumbre de um sonho muito bom. Não se aguentou e se lançou aos braços firmes do juiz, que a envolveu, mostrando a força de seus sentimentos. Por um tempo, ficaram assim até Pedro a afastar para surpreendê-la outra vez.

Beatrice pôs a mão sobre a boca ao enxergar o magistrado Pedro Bernardi se ajoelhando sobre a areia diante dela e tirando do bolso uma pequena caixinha preta, que carregava dentro de si um anel de ouro branco com um brilhante no centro.

— Beatrice Mendes — disse compassadamente —, você aceita se casar com um homem tão falho e pecador como eu, mas que a ama... — Pensou

um pouco, procurando a ilustre palavra: — Ardentemente!

Ela ficou boquiaberta com a declaração final. Nem nos seus mais loucos sonhos ousaria imaginar uma cena com Pedro Bernardi ajoelhado a pedindo em casamento. Seus pensamentos voaram para as noites de orações em prantos para Deus tirar aquele sentimento que a feria, porém, o Criador preparou coisas maiores. Como agradeceria por tudo?

— Você dirá alguma coisa?

— Oh! Você usou as palavras do Darcy! Sabia que não o odiava. — Bea entrelaçou as mãos e o olhou com fofura.

— A gente faz o que pode, mas a areia está machucando o meu joelho aqui. — Ele apertou os lábios e crispou os olhos.

Bea deu uma risada de escanteio.

— É claro que sim! — a resposta foi quase um grito e a jovem apaixonada se lançou sobre o noivo e ambos caíram no chão. — Pela misericórdia! — Bea disse, saindo de cima de Pedro às pressas. — Desculpa. — Ela comprimiu os lábios. — Não era para ser assim.

Pedro se sentou no chão, tirou a areia da roupa e começou a rir.

— Eu estava ciente que tê-la como esposa era um atentado diário a minha própria vida — a expressão dele era de garoto sapeca.

Beatrice arregalou os olhos e abriu a boca, fazendo-se de ofendida.

— É um preço pequeno perto do que eu terei de aguentar do seu temperamento explosivo. — Ela cruzou os braços, e Pedro se levantou, puxando-a para perto.

— Pagaria todo preço todo mundo para ter você! — ele assegurou, e Bea quis chorar.

Pedro tomou a mão direita dela e colocou a aliança no dedo anelar. Os dois se abraçaram e uma alegria pulsante os envolveu. Aquela que é proporcionada por Deus para os que esperam nEle e confiam na sua benignidade. O amor reservado aos filhos cujos corações foram regenerados e não vivem mais para satisfazer a si próprios. Por um momento, o recém-casal dispensou diálogos, apenas se permitiram ouvir o som das ondas se quebrando sobre as rochas.

— Precisamos falar com nossos pais. — Bea enxugou o canto dos olhos. O tremor das mãos ainda demonstrava muita emoção.

— Já estamos abençoados e autorizados, meu bem.

Ela contraiu o cenho, fitando-o. Pedro dedicou algum tempo para explicar todas as suas ações durante os dias anteriores. Bea se surpreendeu.

— Como teve tanta certeza de que eu o aceitaria? — Ela semicerrou o olhar.

"Eu sou sua auxiliar
Isso seria um absurdo?
Nem quero responder essa pergunta que
Tão retórica se aparenta
Mas à cada amanhecer
Em meu peito só aumenta
Um tanto de amor por você"

Pedro recitou uma parte do seu poema, e a moça arregalou os olhos, não acreditando que o ouvia pela voz grave do magistrado.

— Você leu?

— Li, não por querer, mas foi uma jogada de Letícia. — Ele soltou uma risada. — O mal dela serviu como resposta de Deus.

— Você não disse nada quando me entregou.

— Não tinha condições de dedicar palavras de amor, sem autorização antes. Você não merecia receber promessas vazias. Deus me cobraria por defraudar uma filha amada dEle.

Bea o abraçou mais uma vez, descansando sua cabeça sobre o peito sólido do — agora — noivo.

— Eu achava que isso nunca seria possível. — A voz dela estava embargada. — Somos de vidas tão diferentes. Você poderia ter qualquer mulher rica e mais importante.

— Beatrice, elas podem ser ricas e elegantes, porém nenhuma delas foi forjada pelo Senhor para ser uma mulher virtuosa. Essa graça só alguns homens recebem. — Ele suspirou e recitou. — "Porque do Senhor vem a esposa prudente"[11]. — Com delicadeza, segurou o queixo dela, levando-a a fitá-lo. — Eu recebi essa dádiva. Porque caráter, coração puro, beleza de alma, isso tudo só Cristo pode conceder.

Pedro a olhava de modo tão apaixonado que a jovem sentia a intensidade dos sentimentos de seu amado. Ele a abraçou forte. Ambos apreciaram o horizonte onde o céu se encontrava com o mar. Era a mais perfeita união.

Aos poucos, Bea afastou a cabeça e admirou o juiz atento à paisagem à frente. Como ela o amava! Processar a realidade dos acontecimentos levaria dias, porém saber que estavam juntos e cuidaria dele pelo resto da vida a fez sorrir, e antes de voltar a repousar a cabeça no ombro do noivo, lembrou-se de algo. Um sorriso largo se formou no rosto da jovem que se virou para o noivo e indagou:

— Pedro, tu me amas?

O juiz a mirou e franziu o cenho, pois achava que tinha sido convincente em sua declaração de amor, contudo, não deixou de responder:

— Sim, Beatrice, eu amo.

— Pedro, tu me amas? — Ela repetiu de novo com a voz mais enfática.

Pedro semicerrou os olhos.

— Eu acabei de dizer que sim. — Colocou a mão sobre a cabeça dela para checar a temperatura. — Você está bem?

Ela segurou a mão dele, fitou-o séria e perguntou mais uma vez:

— Pedro, tu me amas?

O magistrado contraiu o cenho e, finalmente, a luz de discernimento se acendeu sobre ele.

— Sua engraçadinha! Está usando meu nome para caçoar de mim.

— Claro que não! — Bea soltou uma risada. — Mas se até Jesus perguntou três vezes para garantir, eu também vou. — A espontaneidade da noiva aqueceu o seu coração. — Vamos, você não respondeu a última pergunta!

Ele entrelaçou as suas mãos, trouxe-a para mais perto e expressou:

— O Senhor sabe de tudo e Ele sabe o quanto eu te amo! — Depositou um beijo na fronte da amada noiva.

Com aquela demonstração de ternura, ela se sentiu cuidada e protegida. Podia entregar sem reservas seu coração ao homem que faria de tudo para honrá-la.

— Eu também amo você, Pedro! Amo tanto que chega a doer. — A emoção saltava do seus olhos emocionados. — Eu nunca senti isso por ninguém. Você é o homem fidedigno pelo qual sempre orei. — Suspirou e disse: — Mas tenho uma confissão a fazer.

Ele estreitou o olhar.

— Só aceitei casar com você porque o sr. Darcy não existe na vida real. — Bea fez uma cara engraçada.

Pedro não soube o que responder diante do que ouviu.

— Beatrice, como você…

De repente, a noiva se inclinou numa gargalhada,

— Você precisava ver sua cara! — A jovem pôs a mão na barriga para tentar se controlar.

— Meu Deus! Eu vou ser um eterno motivo de graça para você, não é? — Pedro colocou os dedos nas pálpebras e balançou a cabeça.

— Qual é a graça de casar com você e não te perturbar, gelinho?

— O quê? Gelinho?

— Ah, veja bem — Bea fez um cara de pensativa. — Você não pode negar ser frio e sem sabor às vezes como um gelo, mas ainda sim pode ser muito refrescante se usado com sabedoria.

O juiz mordeu o lábio inferior para não deixar escapulir a grande risada que queria dar.

— Bea, você é muito doidinha!

— É o meu jeitinho. — Ela colocou as duas mãos debaixo do queixo e piscou, como fazendo cara de cachorrinho manhoso.

Seu noivo se aproximou e entrelaçou suas mãos com a dela, depositando um beijo na sua testa. A jovem fechou os olhos e respirou fundo aquela sensação de plena alegria por estar ao lado do homem que aprendeu a amar mesmo em meio ao fogo.

— E é mentira. Sr. Darcy nunca ganharia meu amor como você, juiz Bernardi. — Bea o fitou com os olhos marejados. — Eu o amo tanto que nem consigo descrever.

Pedro passou o polegar nas suas bochechas e limpou as lágrimas.

— Não precisa, essas lágrimas dizem tudo. — Ele a trouxe para mais perto do coração. — Não se esqueça que eu a amo mais! — Respirou fundo

e declarou. — E, afinal, o Darcy não teve a mesma graça concedida que eu.

— Elizabeth era uma excelente mulher! — Defendeu sua personagem preferida.

— Para mim, existe uma muito melhor. — Beijou a bochecha dela, fazendo-a corar.

Beatrice se colocou entre os braços do homem que amava, repousando a cabeça nos ombros fortes dele.

— Olha, que belo casal! — Flávia se aproximou, batendo palminhas.

— Você sabia de tudo! Me enganou com essa de querer vir à praia pegar sol. — Bea deu um empurrãozinho na prima.

— Não enganei. — Flávia levantou as mãos. — Eu queria mesmo vir, mas eu também sabia de tudo isso. — A prima deu de ombros. — Porém, eu vou ser muito bem recompensada.

Pedro e Bea estreitaram o olhar para a menina.

— Pedro vai me arranjar um amigo juiz também. Não posso ser a única solteira daquela casa. — Flávia colocou a mão na cintura e balançou a cabeça.

O casal riu da brincadeira da jovem.

— É melhor você tentar outra opção, Flavia — Bea expressou, e a prima se virou para vê-la melhor. — Porque esse juiz aqui não é de muitas amizades. Ele é uma chatice para ter contato com os outros.

Flávia abriu a boca chocada.

— Não vai se defender, Pedro? — Flávia questionou o noivo da prima, que estava calado.

— Não posso desmentir uma verdade. — O juiz colocou a mão no bolso da bermuda. — Mas verei o que posso fazer por você!

— É melhor orarmos para o milagre vir de outro lugar — Bea tocou no ombro da prima.

— Ainda bem que meu Deus faz o impossível. — Flávia riu. — Agora vou nadar. Tchau para vocês.

Bea se voltou para o noivo e enxergou de novo a tatuagem no braço do juiz.

— Pedro — ela expressou e o magistrado a olhou —, agora que é meu noivo posso dizer.

— Dizer o quê?

— Acho linda sua tatuagem e o deixa mais bonito e atraente. — Deu um sorrisinho divertido.

— Bom saber que a faz feliz. Será uma vista exclusiva para você!

— Gosto de saber disso. — Ela fez uma cara séria e engraçada.

Pedro e Beatrice entrelaçaram os dedos e começaram a caminhar pela praia, conversando sobre tudo o que ocorreu para chegarem ali. Eles sabiam que quando o relacionamento vem de Deus, não carrega consigo confusão, mas, acima de tudo, reina a doce paz no coração.



46-CINEMA

— Um shopping?

— Sim! Fazia tempo que eu queria vir ao cinema. — Bea envolveu o braço de Pedro enquanto ambos andavam entre os corredores de vitrines. — Essa semana foi agitada para nós dois e estou feliz que podemos tirar esse tempo para ficarmos juntos.

— Eu também! — Pedro a beijou no topo da cabeça.

Fazia duas semana que tinham ficado noivos e a correria da vida pareceu se multiplicar. O gabinete de Pedro ficou mais agitado nos últimos dias, e Bea não tinha folga do seu recente trabalho. Os dois conversavam bastante pelo celular, porém nada disso compensava estar realmente juntos.

— Sua mãe tem me enviado mensagem sobre decoração de casamento e todas as outras coisas que eu nem sabia que existiam — Bea comunicou ao noivo.

Desde o anúncio do noivado, que foi feito com as duas famílias num jantar, a senhora Maitê resolveu tomar a frente da preparação da festa. Bea tentava administrar a empolgação da sogra.

— Tenho certeza de que você consegue dominá-la. — Pedro queria acreditar que o modo espontâneo da noiva fosse perspicaz o suficiente para lidar com a força da natureza que era Maitê Bernardi.

— Estou tentando. — Bea manifestou um sorriso amarelo e abraçou mais o noivo.

Eles andaram para o terceiro andar e encontraram uma longa fila para a compra de ingressos. Tinham muitos jovens e adolescentes fazendo algazarras, algumas crianças gritando e gente conversando para todo lado. Bea olhou para o noivo com uma expressão de incredulidade. Tinha certeza de que aquilo era o inferno na terra para o juiz silencioso.

— Quer mesmo assistir um filme aqui? — Pedro estava incrédulo quanto aquele lugar ser mesmo bom para um passeio depois de um dia estressante.

Ela olhava para os lados e balançava a cabeça em afirmação.

— É claro, meu amor. São só jovens fazendo besteira. Isso a gente pode superar. Logo a fila anda. — Bea tentou manter a esperança.

Pedro soltou o ar e colocou a mão no bolso da calça. Bea orava a Deus para que tudo ocorresse bem, afinal estava ciente da tolerância baixa do noivo para lugares lotados. Atrás deles, chegou um grupo de jovens que ficavam gritando um com o outro, fazendo piada sobre coisas que nem deviam ser mencionadas. Um completo caos! A fila começou a andar, e Bea agradeceu aos céus.

— Como foi seu dia hoje? — ela perguntou após um tempo.

— Foi bom. — O juiz olhou para o jovem alto de cabelo comprido e preto que começou a encostar nele por ficar se empurrando com os outros. — Enfim conseguimos resolver um caso que se estendia por uns dois anos.

— Que benção! Ah! — Bea lembrou de algo que tinha curiosidade. — Como ficou o caso da jovem que quis morar no abrigo por causa da filha?

— Ela... — Pedro recebeu um empurrão forte do garoto cabeludo e olhou para o rapaz, sério.

— Opa, desculpa aí, tio! — Um dos meninos da roda declarou, mas o que realmente o empurrou só riu.

O juiz fechou os olhos e expeliu o ar com força.

— Não liga para eles, querido. São meninos sem juízo! — Bea tentou intervir, ela começou a notar como Pedro estava ficando tenso. — Mas termina de contar a história.

— O abrigo a aceitou. Ela começou a trabalhar e em breve poderá ter a filha — o juiz informou, e a noiva manifestou sua alegria com uma expressão de surpresa.

— Que maravilha! Eu orei para que mãe conseguisse sair daquela situação porque...

Naquele instante, Beatrice foi empurrada para frente e Pedro a segurou. A pouca paciência de magistrado se esgotou, então se virou para o grupo com os olhos faiscando e expressou rudemente:

— Qual é o problema de vocês? Não conseguem se comportar como seres humanos normais? — As perguntas não tinham uma finalidade de serem respondidas. — Se vocês nos empurrarem mais uma vez...

— O que você vai fazer? Por acaso, é alguma autoridade para nos impedir de alguma coisa? — O garoto de cabelo longo desafiou, com um sorriso debochado, e os outros três meninos e duas meninas do grupo cruzaram os braços, encarando o juiz.

— Pior que ele é sim! — Bea falou com rispidez para surpresa de Pedro. — Sabiam que ele é juiz justamente da área da infância e da juventude? Cuida de muitos casos de meninos inconsequentes como vocês!

Os seis adolescentes arregalaram os olhos e de repente as poses agressivas foram se desfazendo. O garoto cabeludo murchou os ombros e engoliu em seco.

— Eu não ia fazer nada, mas agora eu vou — Pedro declarou com sua típica acidez e frieza.

— Não, tio...

— Sou da sua família por acaso? — Pedro indagou para o garoto de cabelo castanho que tentou intervir.

— Não, senhor — o rapaz baixou a cabeça e imprensou os lábios.

— Portanto, não sou seu tio.

A forma de falar de Pedro fez Bea retornar para o momento de quando o conheceu. As palavras curtas e diretas eram sempre tão certeiras que poderiam ferir o coração de qualquer um. Ela só agradecia por não ser um

daqueles adolescentes. Mas sabia que precisava controlar o ânimo do noivo, infelizmente Pedro tinha um temperamento explosivo, apesar de se esforçar mais nos últimos meses para melhorar.

— Olha, senhor, nos perdoe. Não iremos mais ficar gritando e empurrando. Esperaremos nessa fila quietos. — Uma das meninas, de cabelo ruivo, declarou em favor do grupo. Todos olharam para ele com súplica na face.

Pedro permanecia com nenhuma expressão no rosto, não dava para saber o que estava pensando, mas Beatrice teve o coração tocado pelo pedido de "misericórdia" dos adolescentes.

— Custa nada dar mais uma chance. — Ela olhou com gentileza para o noivo, que estreitou o cenho.

— Por favor! — uma outra menina morena da roda enfatizou.

O juiz soltou o ar e apertou o maxilar, não queria muito ceder para aqueles adolescentes inconsequentes, mas sabia que era o certo a se fazer.

— Só mais uma chance. — E voltou a olhar para a frente.

Bea o abraçou de lado para tentar confortá-lo.

— Obrigada por isso e agora sei que preciso trazer sua bolinha comigo. Ela é uma ótima auxiliar.

Pedro riu seco e se remexeu na fila, indagando:

— Você quer mesmo assistir esse filme? — Sua voz estava cansada.

— Quero sim! É uma das minhas sagas favoritas! — Bea não conseguiu esconder a euforia.

— Tudo bem. Vou falar com o gerente. — Ele segurou a mão dela e começou a andar.

Bea não entendeu aquele comportamento e, fincou os pés no chão, fazendo o parar e se voltar a ela e então perguntou:

— Por que vai falar com o gerente?

— Vou perguntar quanto custa uma sessão e comprar.

A jovem arregalou os olhos abismada.

— A sessão inteira? — Não acreditava que o noivo pudesse fazer aquilo.

— Veja esse povo, Bea. — Indicou os jovens nas filas em seus maus comportamentos. — Eles não sabem apreciar uma arte cinematográfica. —

Ele a olhou firme. — Vão estragar sua experiência. É melhor assistirmos só nós dois.

— Pelo amor! — Bea segurou o impulso de falar mais alto. — Pedro, você não pode comprar uma sessão inteira. — A noiva segurou a mão dele e o trouxe para mais perto. — A experiência é justamente a empolgação do público. Você vai ver que torna tudo mais legal.

— Não acredito nisso.

— Ei, poderoso chefinho! — Bea brincou com o noivo, que arqueou a sobrancelha para aquele novo apelido. — Você precisa aceitar que arranjou uma noiva do povão, não da corte de marfim de onde você veio. Nem tudo precisa ser do seu jeito.

— Vai me obrigar a assistir um filme com todas essas pessoas gritando? — Pedro a encarou.

— Com toda certeza. — Ela riu.

— Se apaixonar tem um alto custo. — O juiz esboçou um sorriso cansado.

— Você não pagaria todo o preço do mundo? — Bea o fez voltar para fila. — Mas caso seja difícil demais ainda dá tempo de desistir. Não nos casamos ainda.

O juiz a fitou com espanto.

— Oh, gelinho, não me olhe assim. Não sabe que agora não tem mais volta? Estava só brincando. Você tem que melhorar sua interpretação de ironia, hein?

— Com essas coisas não se brinca, Bea!

— Está bem, prometo nunca mais fazer isso. — Ela o abraçou de lado outra vez e, enfim, a fila para a sessão andou de vez.

Depois da compra do ingresso e de algumas guloseimas, ambos entraram na sala para assistir ao espetáculo cinematográfico. Pedro e Bea ficaram bem no alto e meio da sessão, tendo uma vista privilegiada. O filme iniciou e o juiz observou o quanto sua noiva estava atenta ao enredo do longa-metragem. Ele a apreciou um pouco mais. Com o tempo, Bea cruzou os braços para se aquecer, o que foi resolvido com Pedro colocando seu terno sobre ela, que agradeceu.

Após uma hora de filme, uma das cenas mais esperadas pelos telespectadores aconteceu e um estrondo ressoou na sala com o grito das pessoas, levando o juiz a quase ter um infarto. Bea estava com a multidão. Ele tentou entender o motivo para a euforia coletiva, porém como não era fã de filmes não conseguiria chegar a uma conclusão. Com o treinamento de sua paciência, conseguiu chegar ao fim. As pessoas começaram a se dispersar, mas os dois ficaram dentro da sala até terem mais espaço para se locomover.

— Gostou? — Bea perguntou com um largo sorriso.

— Não foi tão terrível, apesar de não entender nada. — Foi sincero.

— Eu sei que foi um esforço para você. — A noiva segurou a mão dele.

— O amor é isso mesmo, Bea. A gente tem que renunciar o que é importante para nós algumas vezes, a fim de valorizar o gosto do outro.

— Você é muito lindo, meu gelinho! — Bea apertou as bochechas do noivo, tendo os olhos brilhantes de uma alegria sincera. — Sei que prefere uma sala fechada com livros ou seus esportes radicais, mas, de certa forma, é algo que o faz ter solitude.

— Mas prefiro estar com você entre todas essas coisas — disse com verdade, pegando a noiva de surpresa com sua fala sincera. — Ainda que eu tenha de enfrentar esse povo louco.

Bea caiu na gargalhada.

— Prometo que o nosso próximo passeio vai ser algo do seu gosto. — Ela deu um beijinho no rosto dele. — Na verdade, não importa onde seja, só quero estar com você também!

Pedro observou a delicadeza e doçura de Beatrice e desejou mais ainda ter a noiva nos braços e ponderou como aquele ambiente não ajudava em nada.

— É melhor irmos embora!

Bea achou estranha a mudança de postura, porém assentiu e saíram do cinema.



47-ACAMPAR

“86 mensagens”

Bea avistou no celular a quantidade de mensagem de Maitê e resolveu não as abrir durante aquele final de semana. Aproveitaria o acampamento com seus amigos e noivo em paz. Suspirou e guardou o objeto no bolso do moletom.

— O que aconteceu, Bea? — Mísia, a noiva de Murilo, perguntou ao ver o semblante um pouco esmorecido da mais nova amiga depois de ver o celular.

— Minha sogra e seus excessos de ajuda. — Bea colocou uma chaleira em cima da pequena mesa portátil de madeira.

— Como assim?

— Desde que eu e Pedro ficamos noivos, ela se autoproclamou nossa cerimonialista. — Bea se sentou num dos bancos ao redor da mesa, e Mísia a sua frente. — Não me leve a mal, é bom ter uma ajuda. Mas a empolgação é tanta que às vezes nem considera muito o que eu digo.

Mísia deu um sorriso de compaixão.

— Empolgação demais pode atrapalhar. Pedro não diz nada sobre isso?

— Acho que ele desistiu há muito tempo de lidar com a mãe. — Bea murchou os ombros. — Mas acho que teremos que conversar sobre essa situação. — Olhou para a amiga e falou: — Sua sogra é assim também?

— Graças a Deus, não! — A jovem arrumou os óculos. — Ela é muito tranquila. Prefere dar conselhos só quando pedido ou quando vê que realmente estamos perdidos.

— Assim é mais fácil! — Bea mirou para o lado, vendo o campo aberto com as três barracas armadas e um círculo de pedra para fogueira no centro. — Mas não vou pensar mais nisso, nós estamos aqui e vamos aproveitar.

— Estou muito feliz! — Mísia se levantou. — Nem acredito que conseguimos um final de semana para curtir nossa amizade, e eu para aproveitar uma folga com Murilo antes do nosso casamento. Tirar aqueles homens do gabinete foi um sacrifício, mas conseguimos.

— É verdade! O Pedro é muito apegado ao trabalho. Isso é uma das coisas que mais aprendi a admirar nele quando trabalhávamos juntos, porém o excesso sempre prejudica.

— Acho que isso ele puxou da mãe — Mísia deu uma risada, e Bea assentiu.

— Estou orando para que encontremos um equilíbrio — a jovem declarou e fechou os olhos para aproveitar o vento que passeava entre as duas. — De certa forma, o nosso relacionamento não está sendo exatamente como eu esperava.

— É mesmo? O que esperava? — Mísia tirou o colchão de ar da mala e, com a ajuda de Bea, começou a enchê-lo.

— Estamos há um mês juntos e é uma benção de verdade. Sempre conversamos e oramos juntos, porém eu esperava... — Bea fitou o céu, querendo achar as palavras certas.

— Mais romantismo? — a colega deduziu.

Bea soltou o ar e assentiu.

— Eu imaginava que estaríamos sempre juntos, umas surpresas com chocolates e flores ou um pouquinho mais de preocupação.

— Preocupação? — Mísia franziu o cenho.

— Você sabia que o Pedro não tem ciúmes? — Bea colocou as mãos na cintura. — No início da nossa amizade até sentia algumas vezes que ele

pudesse ter, mas depois que ficamos juntos nunca mais expressou muita coisa. Por exemplo, uma vez estávamos comprando umas coisas na farmácia e um homem ficou olhando para mim, até deu um sorriso.

— E o Pedro?

— Não fez nada. — Bea fez uma careta de espanto. — Até riu do homem!

— Não disse nada mesmo?

— Entramos no carro e eu perguntei se tinha visto a insinuação do desconhecido, mas ele deu uma risada e falou que era perda de tempo do homem. Lembro das suas palavras: "Confio em você, Bea!"

— Olha só!

— Achei meio frio.

— Você esperava que ele fizesse um escândalo?

— Não, não. Sei lá! — Quicou os ombros. — Talvez que se importasse mais.

— Bea, considerando tudo que o Pedro já passou no relacionamento passado, confiar em você é uma prova do trabalho de Deus na vida dele. Se alegre por isso! — Mísia colocou a tampa que fechava a saída de ar do colchão e continuou: — Com certeza, ele zela por você, mas não precisa do ciúme para mostrar o seu cuidado. Eu entendo que isso faz a gente se sentir um pouco mais querida, mas não julgue por esse lado. Foque no mais importante! — A colega parou e fez uma cara de pensativa para depois dizer: — Acho que ele confia no seu próprio taco também.

Bea colocou a mão na boca para esconder a alta risada.

— Meu gelinho é convencido mesmo! — As duas juntas colocaram o colchão de ar dentro da barraca em que dormiriam. Ao saírem, a jovem prosseguiu: — Seu relacionamento com o Murilo parece ser quase perfeito.

A noiva do amigo de Pedro soltou uma gargalhada.

— Não podia estar mais longe da verdade! Só que sofremos de maneira diferente.

Bea franziu o cenho.

— Murilo é bem diferente de mim. Ele é alegre, divertido, conhece muitas pessoas e ama sair para conhecer novas coisas. O que é extremamente difícil para mim. Você o conhece e sabe que é assim.

A amiga assentiu, e ambas começaram a andar para perto do lago que ficava próximo dali.

— É uma luta diária acompanhá-lo em eventos e estar presente em tudo. Sou mais na minha e as interações sociais me desgastam muito. Houve um tempo que eu até adoecia. — Elas pararam à beira do lago e respiraram aquele ar fresco. — De verdade, pensei em terminar esse relacionamento algumas vezes.

Beatrice a olhou assustada.

— Pensei muito se eu era a mulher adequada para ele, já que éramos tão contrastantes. Mas o Senhor me ensinou que o Murilo tinha o principal: é fiel servo de Cristo e se esforça para honrar sua família. E eu sempre orei por isso. — Mísia olhou para Bea. — E eu não podia perder isso por um problema de minhas emoções. Fomos nos ajustando e chegamos aqui.

— Nada é perfeito, não é? — Bea se abraçou. — Acho que sempre pensamos que a grama do vizinho é mais verde.

As duas ficaram lado a lado, em silêncio, apreciando aquela paisagem natural até ouvirem:

— Achamos que tínhamos perdido nossas damas. — A voz de Murilo rompeu a quietude entre as duas mulheres.

Elas olharam para trás e avistaram seus noivos caminhando lado a lado com passos firmes. Bea contemplou mais um pouco a beleza de Pedro com aquela calça jeans, blusa quadriculada, uma jaqueta por cima pelo dia frio e um boné.

O juiz exalava mais ainda seu encanto masculino para a noiva. Ela o recebeu com um sorriso no rosto, e ele lhe deu um beijo na testa, abraçando-a de lado. Para a sua completa surpresa, Pedro a entregou uma flor azul que a deixou mais alegre.

— Oh, quem é você e o que fez com o Pedro nada romântico? — Bea crispou os olhos para o noivo, que sorriu.

— Não se engane, Beatrice, o sr. Nada Romântico continua aí. Eu que dei a ideia de trazermos flores para vocês! — Murilo declarou, e Bea observou como Mísia também segurava uma.

— Meu noivo pode não ser muito romântico, mas se sacrifica por amor a mim. Isso é o importante, não? — Procurou defender o seu querido juiz.

Ela contou sobre o cinema e o outro casal começou a rir.

— Eu gosto de você, Beatrice. Porque realmente tortura esse meu amigo aí! — Murilo declarou em meio as risadas. — Ele merece ser importunado.

— Não sei como ainda suporto você, Murilo — Pedro disse com uma mistura de zombaria e seriedade.

— Você não está numa condição de dispensar pessoas da sua vida, meu caro. Quem mais suportaria sua chatice a não ser seu amigo aqui e sua noiva? — Murilo olhou para Bea, que ria da brincadeira dos dois. — Ah! Só o Heitor também, nosso amigo de faculdade, mas ele era igual a você em chatice. Por isso, se davam tão bem. — Todos riram. — Eu declaro o quanto você é corajosa, Beatrice! Se propor a aturar um dos homens mais ranzinzas que existem, é de fato uma prova de amor.

Bea não aguentou e caiu na risada.

— Por que você não some da minha vista? — Pedro, com um sorriso contido no canto dos lábios, fez um movimento de mão para o amigo se afastar.

— Eu vou porque temos que preparar o almoço — o amigo e Mísia começaram a andar, porém ele se virou e declarou: — O suco de laranja é seu. A única iguaria que sabe fazer.

— Por isso as amizades masculinas são fortes — Bea olhou para o noivo com a face vermelha de tanto rir.

— E você se diverte, não?

— Admito que o Murilo tem um humor que cativa. — Ela limpou as poucas lágrimas que caíram.

— Obrigado por dizer que não tenho humor, minha querida — Pedro se fez de ofendido.

— Você tem, porém é ácido e bruto! — Ela apertou os lábios, querendo não deixar soltar outra risada. — O que podemos fazer se Deus o criou assim, gelinho?

— E o que podemos fazer se você se apaixonou assim mesmo?

— Mas é um convencido! — Bea deu um tapinha no braço de Pedro, que aproveitou e a trouxe para perto e a abraçou por trás.

— Nesse caso, eu sou. Afinal, eu sei que não sou o mais preferível porque sou chato de verdade, mas se você está aqui é porque o que sente é

verdadeiro.

Bea ouviu aquilo e o olhou.

— Meu amor, você foi criado assim para suportar as coisas que Deus reservou para sua vida. Imagina se fosse um homem muito sentimental, como daria conta de todas as cargas do seu trabalho? — A noiva tocou no rosto dele.

— Bea, você é como essa brisa na minha vida. — O juiz a virou de volta para o lago, a fim de mostrá-la com clareza o que dizia: — Traz paz, serenidade e frescor para os meus dias.

Ela se emocionou um pouco.

— Sabe, quando eu tenho um dia muito cheio, eu espero com alegria o fim do dia porque eu sei que poderei falar com você. — Pedro a abraçou mais forte. — Porque você é o meu oásis em meio a guerra da minha vida.

A jovem se virou para ele com o coração agitado.

— Pedro, essa foi a coisa mais bonita que já me falou. Não sabia que era assim.

— Não quero ficar falando palavras vazias, Bea.

Eles se abraçaram e depois de um tempo voltaram para o acampamento com Mísia e Murilo.



— Vai lá, meu amor, você consegue!

— Meu Deus! Não acredito que eu aceitei fazer isso. — Beatrice tentava se segurar nos fios de ferro enquanto tentava passar pela trilha de madeira que ficava suspensa no ar. Seu coração começava a acelerar.

— É só segurar firme e tentar passar o mais rápido que consegue. Quanto mais olhar para baixo, vai ser pior — Pedro, do outro lado, dizia para a noiva.

— Pedro, nunca mais escuto seus conselhos!

Ela seguia pela corda tremendo de medo daquilo se alargar tanto que não pudesse se segurar e caísse, perdendo sua vida no além. Em meio ao caos dos seus nervos, começou a cantarolar:

Mas se é crente, é corajoso
Não conforma, não se entrega, não recua
Não desiste e não olha para trás
Cerra o punho, vai em frente, enfrenta tudo
Vence a luta, ri na cara do inimigo e vai...

E com a força da música, passou por aquela louca e terrível aventura e chegou junto do noivo.

— Você é meu orgulho, amor! — Pedro a segurou com seus firmes braços e a trouxe para perto de si.

— E você a tempestade do meu barquinho, Pedro Bernardi! — Bea tremia por inteiro. — Nunca mais faço uma coisa dessas.

O noivo soltou uma risada.

— Agora você vai buscar mais um pouco de coragem, pois temos que descer na tirolesa. Mas vamos estar juntos, não se preocupe.

— É melhor eu descer pela escada! — Estava decidida a não mais fazer aquilo.

— Não, não! Olha para mim! — Ele levantou o rosto dela para ver bem dentro dos seus olhos. — Se na primeira vez que fizemos isso nós nem estávamos juntos e eu cuidei de você, quanto mais agora, meu bem.

— Promete que vai ser rápido?

— É claro.

O instrutor colocou neles os aparelhos devidos e, depois de Bea fechar os olhos, eles se lançaram e começaram a escorregar pela imensa corda de aço.

— Vamos, Bea, abra seus olhos!

Ela foi abrindo aos poucos e a paisagem roubou seus sentidos. Apreciou o céu azul e límpido; em seguida desviou o olhar para a íris de mesma tonalidade do seu noivo e o amou mais ainda. Ao chegarem do outro lado, Murilo e Mísia os esperavam.

— Você sobreviveu, Bea — Murilo disse. — Pedro, sinceramente, por que faz sua noiva passar por isso? — Tinha um olhar divertido de repreensão para o amigo.

— A vida é muito chata sem uma tempestade! — O juiz deu uma risada e piscada para a noiva. — Mas agora vamos sossegar.

— Está anoitecendo, vamos logo para o acampamento.

Ao chegarem no espaço onde tinham colocados suas barracas, todos foram se arrumar em suas barracas. Bea e Mísia terminaram e seguiram para fazer uma macarronada para o jantar. Ao colocarem a comida na mesa, chegaram os homens e se sentaram, trazendo o suco nas mãos.

— Hoje quem fez o suco foi eu. — Murilo levantou a jarra com o líquido rosa. — Então é de acerola.

— Claro que é! — Mísia riu. — Sua fruta preferida!

Ambos os casais se sentaram um em frente ao outro e deram graças.

— Pedro, a gente se deu bem na vida. Não vamos passar fome. — Murilo enchia o prato pela segunda vez com muita alegria.

— Eu atestei isso antes de pedir em noivado — o juiz recebeu um empurrão de Bea pelo comentário. — Mas foi por uma boa causa, meu amor, ou nós dois passaríamos fome. — Fez uma carinha de inocente.

— Vou queimar o arroz de propósito de agora em diante. — Bea interpretou uma cara de brava.

Todos riram na mesa.

— Que bom é estar aqui — Mísia disse em meio a suspiro. — Saber quão pecadores somos, mesmo assim Deus nos proporciona bons momentos desse jeito. É muita graça para terríveis pecadores como nós!

Beatrice se tornou pensativa.

— Penso que podíamos estar por aí, andando segundo os nossos tolos corações, mas Ele se apiedou de nós por Seu livre amor e nos guiou pelo Seu bom caminho — Bea complementou.

Pedro refletiu nas palavras da noiva e atestou toda a verdade daquela declaração. Ele era a prova viva de que não merecia nenhuma graça, mas aprouve ao Senhor perdoá-lo e conceder tamanhas bênçãos.

— Vamos cantar a esse Deus eterno! — Bea bateu palmas empolgada.

Os homens acenderam a fogueira e os quatros se sentaram ao redor. Murilo começou a tocar o violão, Mísia e Bea começaram a cantar, porém Pedro permanecia em silêncio, apenas ouvindo.

— Por que não canta, querido? — Bea chegou mais perto do noivo.

— Você quer que eu acabe com essa atmosfera de paz? Se quiser, é só me dizer. Lembra o que minha mãe disse sobre quando eu quis cantar?

A noiva colocou a mão na boca para rir.

— Eu tinha esquecido. Desculpa!

Pedro, em silêncio, a abraçou de lado, escutando a voz serena de Mísia, que cantava sozinha, e apreciava o crispar do fogo. Refletiu o quanto a vida podia ser agradável e o tanto que perdeu por causa da teimosia do seu coração. Ele era grato a Deus por ter enviado Seus filhos, como Murilo e Bea, para lhe falar a verdade e ser liberto. Ele analisou a noiva, que balbuciava a canção ao seu lado, e seu coração ardia ainda mais por ela.

— Amo você, Beatrice Mendes! — declarou de ímpeto.

Bea se virou e o olhou com carinho.

— Eu também, Pedro Bernardi!

Ele não disse nada mais e continuaram ali. Bea começava a entender que o noivo talvez não fosse o mais romântico, mas era alguém em cujas palavras se podia confiar. Isso era bom.



48-RESFRIADO

O dia do casamento de Murilo e Mísia chegou.

Bea se aprontava para ir à cerimônia e tentou falar com Pedro algumas vezes, mas as ligações não eram atendidas. Eles eram os padrinhos e precisavam chegar cedo. Bea estava no quarto checando outra vez o aparelho de celular, porém nada do noivo, então começou a se preocupar.

— O que aconteceu para estar com essa testa enrugada assim? — Rosana apareceu no quarto e se sentou na beira da cama da filha.

— O Pedro não atende. — Ela fitava o aparelho. — Será que aconteceu alguma coisa?

— Não se preocupe, minha filha. — A mãe se levantou da cama. — Vamos terminar de se arrumar e, quando menos esperar, ele estará aqui.

— Tomara!

Rosana ajudou a filha a colocar um vestido longo de crepe, cor rosa bebê que possuía uma gola canoa e mangas curtas. A maquiagem a deixou com um aspecto natural e o cabelo estava preso num coque com alguns fios soltos. Sua mãe elogiou a escolha modesta da vestimenta e a composição da arrumação.

— Está linda — disse a mãe coruja. — Se bem que sua beleza não precisa de grandes retoques.

— É bondade sua, mamãe.

Bea se olhou no espelho para verificar melhor como estava, e nesse momento o celular tocou. Ela atendeu depressa.

— Pedro, até que enfim resolveu dar o ar da graça! — Seu nervosismo era evidente. — Onde estava?

Ele respondeu algo que a fez arregalar os olhos.

— Viajando? Como assim? Por que não me avisou?

Dona Rosana franziu o cenho por ver a cara de decepção da filha, mas não declarou nada.

— Está bem, estou esperando. — Desligou o telefone, ficando em silêncio.

— Não disse que aparecia? — Rosana tentou trazer suavidade para a filha que estava tensa.

— Pois é! Ele viajou, acredita? Há dois dias e nem disse nada. — A voz de Bea soava com decepção.

— Está chateada?

— Não, eu não... — A filha suspirou lentamente. — Mas ele falou comigo esses dias, por que não avisou? Não entendo. — Fitou para nada específico e ponderou sobre aquela atitude do noivo.

Rosana soltou uma leve risada, porém ficou quieta.

— O casamento vai ser bem luxuoso? — senhora Rosana desviou o assunto para o bem de sua filha.

— Acho que nem tanto. — Bea colocou seu celular na bolsinha. — A Mísia quis que fosse da maneira mais simples possível. Todos apoiaram o gosto dela. — A jovem suspirou e olhou para o chão por alguns segundos.

— Alguma coisa te preocupa? — A mãe tocou no braço dela.

— Estou ponderando que talvez não tenha essa chance, pois a dona Maitê está tomando a frente de tudo — Bea respondeu tristonha. — A senhora sabe como sempre desejei ter um casamento simples e ao ar livre. Contudo, ela vive me mandando milhares de fotos de modelos de casamento e nomes de convidados que nem conheço.

— Eu vi como ela é empolgada. — A mãe se sentou de novo sobre a beirada da cama. — Falou sobre sua vontade de ter as coisas menos espalhafatosas?

— Não consigo ter a chance de falar. — Bea soltou o ar e deixou os braços caírem ao lado do corpo, mostrando sua fraqueza perante a mãe do noivo.

— Ore pedindo uma oportunidade para comunicar sua vontade.

As duas ainda conversavam quando ouviram a buzina de um carro. Era Pedro.

— Eu tenho que ir, mamãe. — Beijou a testa da sua genitora. — Depois continuamos nossa conversa.

— Tenha cuidado e não dê brecha para o pecado. — A senhora estreitou os olhos e a filha entendeu bem o recado.

Bea tinha comentado com a genitora a luta de querer estar sempre abraçada a Pedro quando ficavam juntos. Não era nada além de carinho de sua parte, mas aquilo ficou difícil para o noivo suportar.

Enquanto descia as escadas se lembrava de uma tarde em que estavam juntos assistindo um filme na sala — na sua própria casa, mas a mãe e a prima estavam no quarto. Ela se aconchegou para mais perto e a respiração de Pedro ficou acelerada e um certo incômodo deixou transparecer. Ainda recordava da conversa quando o juiz expôs suas dificuldades:

"Bea, não podemos ficar assim. Isso não me ajuda em nada". Ele passou as mãos entre os cabelos e prosseguiu: "Esse seu perfume e seus abraços constantes não me fazem nada bem".

De início, ficou bem perplexa com as palavras dele.

"Você não gosta que eu te abrace?". Ela estreitou os olhos um pouco ofendida.

"Beatrice, eu prometi a Deus, à sua mãe e a mim mesmo que não desrespeitaria você em nada. Mas não é nada fácil quando se tem contato demais".

"Pedro..."

"Eu tive um passado do qual não me orgulho, mas eu tive. E ficar abraçado com você não me traz sensações só de carinho".

A jovem arregalou os olhos, sabendo que não pensou como seus gestos espontâneos pudessem trazer tamanhas dificuldades para seu noivo. Ela querendo só aconchego e o noivo lutando contra vários pensamentos não agradáveis.

"Desculpa". Ela abaixou os olhos. "Eu não tinha a intenção de provocar pensamentos pecaminosos em você. E olha que eu já tinha aprendido bastante sobre isso, mas quando se vive parece que esquecemos em alguns momentos". Sorriu, quebrando um pouco o clima tenso.

"Não vai demorar o dia em que poderemos ficar abraçados e sem problemas. Para dizer a verdade, não gosto muito de abraços, mas você eu deixo".

Os olhos de Bea meio que brilharam diante da fala dele.

Ela havia conversado com a mãe e recebido bons conselhos sobre como não se deixar levar pelo seu lado pegajoso e ajudar o noivo na sua luta em favor da pureza. Não queria de modo nenhum que seu relacionamento tomasse proporções que não eram devidas.

Bea entrou no carro e foi recebida com um sorriso afetuoso seguido por tosse. Ele apertou os olhos e engoliu em seco, movimento esse que o levou a fazer uma careta de dor. Bea se preocupou.

— Está doente, Pedro? — A jovem checou a sua temperatura com o dorso da mão.

Ele tossiu mais uma vez.

— Só a minha garganta que está um pouco dolorida, mas vou ficar bem — respondeu, já dando partida.

— Você viaja, volta doente e diz que vai ficar bem? Pedro do céu!

O juiz ficou em silêncio, e Bea atenta à saúde do noivo. Estava mesmo preocupada.

Ao chegarem ao local do casamento, Bea e Pedro deram as mãos e caminharam em direção à pequena capela, onde seria celebrada a cerimônia. Ela, após parabenizar o noivo, caminhou rumo a parte de trás para verificar a noiva e oferecer seu apoio para qualquer coisa.

Mísia estava dentro de um quarto com algumas mulheres e assim que viu Beatrice abriu um largo sorriso. A noiva estava pronta e sua aparência

irradiava a felicidade que sentia. Não demorou muito para que a cerimonialista aprontasse a todos para a entrada.

— Finalmente chegou seu momento — Bea segurou a mão da amiga com emoção.

— Logo será seu dia e estarei lá! — As duas se abraçaram rápido.

Uma música começou a tocar e os padrinhos e madrinhas começaram sua entrada pelo corredor da capela e se posicionaram nos arredores do altar. As damas de honra, que soltavam as pétalas de rosas no caminho, vieram logo atrás e o pajem, com as alianças em uma almofadinha, em seguida.

A marcha nupcial foi anunciada e a noiva se pôs diante da porta, levando o noivo a lacrimejar ao vê-la caminhando de modo tão brando e confiante em sua direção. Aquela pela qual tanto tempo orou e agora lhe estava sendo concedida, a fim de honrá-la e amá-la por toda a vida.

O casal se encontrou, entrelaçou os dedos e se voltou para o pastor que, com sabedoria, instruiu sobre suas funções no contexto do lar e manifestou sobre o significado primoroso do casamento, este que é um espelho das coisas espirituais.

Depois trocaram as alianças, firmaram seus votos e, enfim, se beijaram, selando o pacto da aliança diante de Deus e dos homens. Os convidados se organizaram para felicitar o casal. Na fila, Pedro desencadeou uma série de tosse e a sua cabeça latejava a cada espasmo do corpo.

— Pedro, você não está bem. — Bea, ao colocar a mão sobre a testa do noivo, verificou que estava muito quente. A febre tinha chegado e estava alta. — Meu Deus! Sua temperatura subiu.

Era a vez deles de parabenizar o casal. Ambos felicitaram com toda gentileza, porém, para a tristeza dos recém-casados, Bea precisou dizer que partiriam cedo, pois o juiz não passava nada bem. A situação foi compreendida, apesar de demonstrarem tristeza pela saída do casal, mas se despediram em paz.

— Estou com muita dor de cabeça — Pedro falou enquanto caminhava em direção ao carro.

— Vou te levar para casa e cuidar de você — Bea o colocou no banco do carona e tomou a direção do veículo. Nessas horas agradecia a Deus por ter carteira de motorista.

No meio do caminho, parou em frente a uma farmácia. Deixou-o no veículo, informando que compraria alguns medicamentos específicos para aqueles sintomas. Ele assentiu e ficou quietinho. Beatrice não demorou e, assim que voltou, partiu rumo a sua própria moradia.

— Chegamos — ela declarou.

Pedro abriu os olhos e observou que estava na frente do pequeno prédio dela.

— É melhor você passar a noite aqui. Amanhã o levo para casa.

Ele não fez nenhuma objeção. Ao entrarem no apartamento, a dona Rosana os encontrou e a filha contou toda a situação e decidiram acomodá-lo no quarto de Beatrice. Pedro tomou a medicação e se deitou, dormindo logo em seguida. Bea pegou seu pijama no quarto e foi para o aposento da mãe.

— Vai dormir feito uma pedra — Rosana fechou um livro que estava lendo.

— Ele estava ruim desde cedo, porém agora à noite piorou muito. — Bea colocou a mão na testa, pensando bastante sobre a saúde do noivo. — Esse homem não para de trabalhar e sabia que uma hora uma doença o abateria.

— Deve ser algum resfriado. — A mãe deu leve batidinhas na mão da filha. — Daqui uns dias melhora rapidinho. Não se abata por isso.

— É interessante que ele ficou quietinho e não se opôs a nada. Nem parece o Pedro todo decidido que é. — A filha repousou as costas no encosto da cama da mãe.

— É melhor ir se acostumando, minha filha — Rosana riu. — Homem doente é todo manhoso.

Bea riu.

No dia seguinte, o juiz ainda sentia dor de cabeça, todavia a febre havia retrocedido. Bea entrou no quarto e o encontrou acordado, pôs a mão sobre a cabeça dele e indagou:

— Se sente melhor, amorzinho?

— Um pouco de dor e as pálpebras dos olhos pesando. — O rosto de Pedro estava vermelho e abatido.

— Eu vou trazer algo para você comer. — Ela se virou para sair, mas o noivo a segurou pela mão, fazendo-a se voltar a ele.

— Não demora, não.

— Não vou. — Deu um beijinho na testa dele e partiu.

Depois de uns dez minutos, voltou com uma bandeja com suco e algumas frutas para o juiz comer. Apesar da garganta ainda estar inflamada, comeu tudo. Bea vendo um pouco de melhora, decidiu levá-lo para casa, a fim do noivo poder trocar de roupa e ficar mais confortável no seu próprio aposento.

— Como eu vou ficar sem você? — perguntou tristonho, quando Beatrice o informou que o levaria para casa. — Não posso ficar sozinho. Eu... — tossiu mais — estou doente.

— A Célia vai estar lá.

— Mas...

Bea soltou uma risada.

— Eu vou ficar com você o dia todo, senhor Manhoso. — A noiva apertou as bochechas dele, que fez uma careta em seguida. — A Célia disse que pode passar duas noites lá, desde que leve os dois filhos. O que você acha?

— Acho que deveríamos nos casar amanhã. — Pedro tossiu de novo.

Beatrice não pôde deixar de rir.

— Em breve vamos estar casados. Por ora, é isso que temos.

Pedro assentiu e se despediu das mulheres da casa, agradecendo pela hospitalidade da noite anterior. Célia já estava à espera do patrão e, assim que chegou, ajudou Bea a instalá-lo no quarto. Saíram para que o juiz tivesse sua privacidade e foram à cozinha.

— Eu deixei pré-aquecida uma sopa para ele.

— Obrigada, Célia. Acredito que é só um resfriado e logo passará.

— Você é uma benção na vida do patrão — Célia declarou, e Bea sorriu. — É sério. Eu achava que o senhor Bernardi nunca fosse encontrar alguém. E no dia em que você apareceu aqui para jantar junto com os pais dele, eu pensei que fosse uma assombração.

Beatrice soltou uma risada.

— Fico muito feliz que o juiz tenha encontrado uma boa moça para se relacionar.

— É a graça do Soberano sobre nós.

A funcionária assentiu.

— Amanhã de manhã eu vou para o trabalho e depois do almoço venho. — Ela sorriu. — Cuide dele direitinho para mim, Célia.

— Missão dada é missão cumprida — Célia brincou, seguindo para aquecer a sopa.

Bea levou para o noivo a comida. Ele não queria comer, mas depois de muita insistência foi convencido. Tomou mais alguns medicamentos e repousou novamente. O domingo passou de modo lento para a jovem, mas agradecia a presença de Célia, com quem podia conversar e até assistir um filme. Era início da noite quando precisou partir e foi se despedir do noivo.

— Amanhã, depois do almoço, eu venho ver você — disse, enquanto checava no termômetro a sua temperatura. — O bom é que a febre baixou de vez. — Colocou o objeto em cima do criado mudo.

— Esse seu emprego não é legal. — Ele segurou a mão dela.

Ela riu.

— Se eu pudesse ficaria o tempo todo com você, mas não posso. — Bea o olhou com todo carinho e desejou muito abraçá-lo, contudo, se conteve. — Agora eu tenho mesmo que ir.

Ele assentiu e a deixou partir.

Os dois dias posteriores foram cheios para Bea. Ela ia para o serviço, logo seguia para ver o estado de saúde do noivo, passava a tarde cuidando dele e no anoitecer regressava ao lar. Para sua alegria, havia se recuperado por completo. Quando chegou na tarde de quarta-feira o encontrou na sala lendo um livro.

— Parece que meus dias de enfermeira terminaram. O poderoso chefinho voltou a sua postura outra vez. — A jovem chegou por trás com um largo sorriso.

Pedro se virou para ela e sorriu.

— A única coisa boa desse resfriado foi ter você todos os dias aqui. — O juiz a puxou para o seu lado. — Não vou esquecer seu zelo constante. — Os olhos de Pedro refletiam a imensa gratidão que fluía do coração. — É por essas e tantas outras coisas que meu amor por você só aumenta.

Ela se emocionou com as palavras gentis do noivo e se aninhou sob seu braço.



49-FORA DO PLANO

Bea se encontrava sentada no sofá enquanto esperava Maitê, que tinha ido ao quarto buscar algumas revistas com ideias para o casamento. Ela se remexia no sofá, sentindo a respiração ficar mais tensa. Acompanhada do noivo, foi visitar os sogros, principalmente por causa do pedido insistente da senhora. Há dias postergou essa visita porque imaginava como seria, e não errou em supor como a sogra estaria bastante agitada.

— Minha querida, você não tem noção das coisas que separei para a decoração do casamento. — A sogra voltou com muitas coisas em mãos e se sentou ao lado dela.

Bea buscou o domínio próprio.

— Eu falei com minha amiga, Donatella. Ela é uma cerimonialista, e nós duas bolamos coisas maravilhosas.

Maitê lançou sobre a mesinha de centro todas aquelas coisas que ocupavam suas mãos e braços.

— Falou? — Bea pôs o cabelo atrás da orelha e, naquele instante, se sentiu invadida. O casamento não era dela?

— Sim, vou mostrar o que preparamos.

A sogra começou a mostrar uma série de texturas e bordados para as toalhas de mesas; apresentou os modelos de porcelanas e pratarias selecionados para o jantar; as cores dos tecidos para a decoração; as taças de vidro de todos os estilos, de acordo com as bebidas que seriam servidas; o formato das mesas e como ficariam dispostas no ambiente da festa; a ornamentação dos bancos da igreja e tudo mais. Beatrice começava a se sentir fadigada, seu peito se comprimia e uma sensação de desespero começava a dar sinais. Infelizmente, Pedro tinha saído com o pai, então não tinha ninguém a quem recorrer.

— Tivemos até uma ideia para o seu vestido.

— O quê? — Bea franziu o cenho.

— Existem umas rendas que podemos pedir na Europa e o caimento ficará perfeito.

— Dona Maitê, eu... — A jovem não queria ofender, mas se sentia numa encruzilhada. — Sempre desejei que minha mãe fizesse meu vestido de noiva.

A senhora apenas sorriu, não dando muito crédito às palavras da nora.

— Precisamos ver também a lista de convidados.

Naquele momento, a porta da casa se abriu e os dois homens entraram. Bea soltou o ar aliviada. O senhor Lorenzo andou rumo aos quartos, então olhou para o noivo com súplica, porém, para sua decepção, ele não prestou atenção. Pedro se acomodou numa poltrona e começou a teclar no celular sem parar. Uma irritação aflorou em Bea.

— Vamos ter no mínimo uns 300 convidados.

Beatrice arregalou os olhos. Quem seria toda aquela gente? Os convidados dela seriam, no máximo, 50 pessoas.

— Precisaremos chamar o juiz Rodolfo, amigo de seu pai, com toda a família; o desembargador Emanuel, sua esposa e filhos. Alguns advogados e defensores públicos que sempre foram nossos amigos; a promotora Elizangela também, que te viu quando criança, Pedro. — A mãe sorriu para o filho, mas ele não se atentou, apenas assentiu.

E continuou falando, falando, falando... Uma dor aguda tomou conta da cabeça de Bea, que já não conseguia mais ficar ali. Ela gostava muito da senhora Maitê, mas toda aquela empolgação e vibração começaram a cansar além das suas forças.

— Eu preciso ir para casa. — A jovem cortou a fala da sogra.

Enfim, Pedro a observou.

— Mas por quê?

— Eu estou com muita dor de cabeça.

— Bea, você pode se deitar num dos quartos e tomar um remédio. Não precisa ir agora — Maitê argumentou.

— Eu preciso ir sim. — Levantou-se com determinação. — Quero poder descansar tranquilamente no meu próprio quarto. — Naquele instante, se achou como uma adolescente, mas não se importou muito. Estava aborrecida!

— Você pode descansar aqui — Pedro tentou dissuadi-la, estranhando o comportamento inesperado da noiva e o vinco que se formava em sua testa.

— Eu quero ir para minha casa. — A voz saiu ríspida e procurou controlar os ânimos. — Desculpe, senhora Maitê.

Pedro percebeu a irritação no tom de voz da noiva. Passou pelo noivo e a sogra, seguindo até o quarto para pegar suas coisas. Ele foi atrás dela.

— Bea, você quer mesmo ir? — Pedro cruzou os braços, encostou-se na duela da porta e examinou a ação da noiva, que arrumava sua bolsa. — Prometemos partir depois do almoço.

Beatrice fechou os olhos e algumas lágrimas desceram, contudo não demorou para enxugá-las, não permitindo o noivo ver sua fragilidade. Ela estava agindo erroneamente, mas não sabia mais lidar com as conversas ininterruptas de sua sogra acerca de cerimônia e festa, e o pior, não a deixava opinar no próprio casamento. E isso já acontecia há bastante tempo, então não podia mais suportar. Não podia!

— Você não precisa me levar. Eu posso chamar um carro. — Bea desviou o assunto, caso contrário falaria coisas que não deveria.

Terminou de organizar a bolsa e quis passar pela porta, mas ele estava à sua frente como um muro intransponível.

— Beatrice, por que está agindo assim?

A noiva engoliu em seco, querendo não soltar toda a sua amargura de uma vez só, mas seu noivo era tão cego que não conseguia enxergar o quanto aquela pressão de sua mãe fazia mal para ela? Não podia mesmo esperar muita sensibilidade do juiz Bernardi.

— Pode voltar para o seu celular e não se preocupe comigo — Demonstrou em poucas palavras sua mágoa.

Ele arregalou os olhos abismados com a resposta seca e direta da noiva. Beatrice Mendes não era aquele tipo de mulher. O juiz se recusava a aceitar isso.

— Eu só quero ir para casa.

— Eu vou te levar. — Ele saiu da frente dela a passos rígidos e seguiu para o quarto ao lado. — Espere dois minutos.

Bea chegou à sala e tentou recobrar sua postura para não ofender ninguém em nada. Permaneceu quieta e sem quase expressar nada, nem para o amoroso sogro, Lorenzo, que ainda tentou convencê-la a não ir, mas não conseguiu.

— Ela não se sente mesmo bem. Nós voltamos em breve — Pedro respondeu ao pisar no ambiente com a expressão séria e sem dar chance aos pais de retrucarem.

Sem grande cerimônia, o casal se despediu e partiu. Por cerca de 20 minutos, Beatrice não conseguiu dizer nada. Seus olhos secos e lábios apertados, demonstraram como estava centrada em seus próprios sentimentos, sendo bombardeada por todo tipo de acusações sobre o noivo e sua postura insensível e a sogra com suas loucuras. Estava muda e, ao seu lado, Pedro também não havia declarado nenhuma palavra.

— Você não vai dizer nada? — Ele já estava incomodado.

— O que quer que eu diga?

— O porquê de agir assim. — Pedro demonstrou sua chateação em sua voz grave. — Beatrice, você nunca foi tão ríspida!

— Eu estou cansada, Pedro! — Bea bateu as mãos nas coxas. — Muito cansada! Será que não consegue ver? Não pode ser tão cego assim!

Ele franziu o cenho e não entendeu. Olhou para a noiva que tinha as bochechas vermelhas e percebeu ser de raiva, aquilo o deixou fora de órbita.

— Bea...

Beatrice respirou fundo e não conseguiu mais se conter. A voz dele foi como uma pequena pedra sendo lançada num vulcão e abrindo um furo para larvas saltarem para fora até um imenso buraco aparecer engolindo toda a sensatez e sabedoria, a raiva tomou lugar de primazia no coração da jovem e se lançou para fora atrás das palavras.

— Olha, me desculpe, eu gosto muito da sua mãe. — Resolveu ser sincera e lançar tudo que estava lhe chateando. — Mas desde o momento em que ficamos noivos, ela tem planejado todo o nosso casamento e em nenhum momento pediu minha opinião. Só vem mostrando tudo que tem preparado, porém, quando eu digo alguma coisa, não leva em consideração. — Ela apertou as pálpebras. — E quem é todo esse povo que precisa ser convidado? Parece que vamos ter que chamar todo corpo judiciário do país. Será que vou ser obrigada a ir a uma festa onde não conheço ninguém?

Pedro não disse nada, apenas se dispôs a ouvir.

— Eu não posso dizer se quero branco ou bege, se desejo somente uma festa com 50 pessoas ou só um bolo com uma cereja em cima. Para piorar, quer escolher até meu vestido de noiva! — Apontou para o próprio peito com irritação.

— Ela só quer ser útil, Bea. — Pedro trincou o maxilar.

— Eu sei, eu sei! — Bea esfregou a mão no rosto e balançou a cabeça querendo se controlar, mas não conseguia. Sua erupção parecia não ter fim. — Mas isso não é ser útil! Pelo amor de Deus! Ela está comandando tudo e não me deixa planejar meu próprio casamento. — Beatrice repousou a mão na testa, apertou os olhos e soltou um ar pesaroso.

— Mamãe sempre foi assim — Pedro dizia enquanto tentava se concentrar na estrada. — É empolgada com as coisas. Você sabe muito bem.

— Mas precisa haver um limite! — disparou, irritada. — E o pior, é que eu já tinha falado com você, mas não fez nada, Pedro! Essa sua apatia ou insensibilidade me irritam!

Pedro apertou o volante até os nós dos dedos ficarem brancos e respirou fundo muitas vezes. Bea trincou o maxilar porque sentia que seu querido noivo não faria nada para frear a mãe. Estava furiosa com a passividade dele naquela situação. Em seguida, em meio ao caos, ouviu seu celular tocando.

— Alô? — Ela atendeu e ouviu o que a pessoa desejava, depois respondeu: — Acho que posso chegar mais cedo sim. — Foi dito mais algumas coisas e se despediu: — Tudo bem. Tchau!

— Para onde você vai mais cedo? — o noivo indagou.

— Ajudar a Andréa com a preparação da festa. Se esqueceu que esta noite é a comemoração do aniversário dela?

Pedro comprimiu os lábios.

— Eu vou mais cedo e espero você lá — Bea guardou o celular e repousou as costas no encosto do banco.

— Não vou poder ir, desculpe.

— Por quê? — De repente, se inclinou para frente, a fim de vê-lo melhor. Sua expressão era de choque.

— Eu prometi estudar um caso com o Murilo à tarde e não sei até que horas terminaremos. Eu não posso mesmo. — Deu sua justificativa, olhando para a estrada à sua frente.

— Como assim, Pedro? Tínhamos conversado sobre isso há uns dias e você havia confirmado sua presença. — O tom de voz dela se elevou mais do que gostaria.

— É um caso importante, Bea. — Pedro queria fazê-la entender, mas não estava conseguindo nem a se mesmo controlar. — Ele pediu minha ajuda e a audiência já é na segunda-feira. — Tentou convencer a noiva sobre a seriedade da questão.

— E como eu fico? Você sempre colocando o trabalho na frente de algum compromisso. — Bea cruzou os braços e bufou com ira. — Eu deveria esperar por isso. É claro que devia! — Balançou a cabeça em negação e apertou os lábios com ira. — Beatrice, você é tão inocente! — dizia para si mesma.

— Eu posso dar um presente depois.

— Não é sobre presente, Pedro! — exclamou com raiva e o tom foi rude. Ela fechou os punhos e cobriu o rosto, apertando os dentes. — É sua falta de comprometimento com as coisas e tudo por causa do trabalho.

— Bea...

— Será que eu posso contar com sua presença no dia do casamento? É provável que você esqueça por estar trabalhando! Acho que devo começar a

me acostumar em passar noites sem você ao meu lado e em sempre sair sozinha, não é mesmo? — Havia começado a lançar em rosto toda a sua irritação. — Já não é a primeira vez que você se esquece de algo que marcou comigo por causa do trabalho. — As suas bochechas ficaram vermelhas por conta da ira inflamada.

Ele suspirou e o estresse começou a ficar aparente em sua postura séria.

— Eu acredito que o Murilo não deixaria a Mísia sozinha por causa de algum estudo. A gente vê que ele prioriza a esposa. Eu posso esperar isso de você, Pedro? — Os olhos dela marejaram e o coração batia acelerado, parecendo que ia sair para fora da caixa do peito.

— Beatrice, POR FAVOR! — Ele alterou a voz, respirando num ritmo frenético. O juiz tinha chegado no seu nível de zero paciência.

Pela graça de Deus, Bea se calou e um profundo abatimento se apoderou dela. Os dois não trocaram nenhuma palavra a mais durante todo o resto do percurso. Após uns trinta minutos, o carro estacionou em frente ao pequeno prédio em que a noiva morava. Bea pegou suas coisas no banco traseiro em total silêncio. Pedro permanecia sem pronunciar nenhuma sentença. Ela, em pé do lado de fora, declarou:

— Obrigada. — Fechou a porta do carro e caminhou às pressas rumo ao seu apartamento.

Ao vê-la partir daquela forma, afundou a cabeça sobre as mãos que estavam apoiadas no volante. Indagou aos céus: Por que as coisas estão ficando tão complicadas, meu Deus?



50-ENCANTO REAL

A festa de Andréa foi divertida junto com o pessoal do Fórum, porém Beatrice não conseguiu se empolgar nenhum pouco. Ajudou no que pôde e logo retornou para casa, se sentindo cansada física e emocionalmente.

Aquela dor de cabeça se tornou mais forte. Ao chegar em casa, sentou-se no sofá e, através da janela, admirou a lua que iluminava o firmamento. Seus pensamentos se tornaram doloridos ao se lembrar da briga que teve com o noivo. Rosana apareceu na sala, vestida com seu robe e no seu rosto havia um sorriso meigo.

— Está tudo bem, filha? — Sentou à frente de Bea. — Achei que ia demorar um pouco mais.

— Não consegui me divertir em nada. Minha cabeça está latejando. — Ela repousou as costas no encosto do sofá e colocou os dedos sobre as pálpebras.

— Você está assim desde mais cedo. — A mãe reparou na aparência abatida da menina.

— Eu e Pedro brigamos na volta da casa dos pais dele. — Soltou um suspiro pesado e fechou os olhos, deixando umas lágrimas descerem. —

Lancei sobre ele toda a minha mágoa.

— E isso te fez se sentir bem? — Rosana cruzou os braços e esperou a filha responder. Em sua postura não tinha acusação, mas uma amostra de preocupação.

— Nem um pouco. — Negou com um movimento de cabeça. — Acho que fui muito insensível. — Bea desviou o olhar para o lado. — Mas eu não consegui me segurar. Era como se uma explosão tivesse acontecido dentro de mim.

— Você às vezes age por impulso e já conversamos sobre isso. Não pode ficar guardando tudo para soltar de uma vez só.

— Eu sei. — Beatrice baixou a cabeça, envergonhada.

— Por que está tão irritada com seu noivo? — A mãe chegou mais perto, tocou na perna da filha e semicerrou os olhos.

Bea explicou toda a situação com a senhora Maitê e a falta de compromisso dele em algumas situações. Pôs para fora o seu ressentimento em ver que, às vezes, ficava em segundo plano e ele nem avisava que faria algumas coisas.

— Tenho a impressão de que o Pedro se esquece de mim — contou com o tom melancólico. — Se lembra quando ele foi até uma cidade próxima e nem disse nada. Como ele espera que eu fique?

— Ele não espera. — Rosana riu.

A filha estreitou o olhar.

— É sério. Não pensa mesmo e isso é por um motivo bem simples.

— E qual seria?

— Ele não é acostumado a dar satisfação — a senhora disse com simplicidade.

Bea bufou com a resposta inusitada da mãe.

— Minha filha, veja só. — A mãe chamou a atenção dela. — O Pedro passou bastante tempo sozinho em tudo. Não dava satisfação aos pais em nada porque morava só e tinha independência financeira. Demanda tempo criar o hábito de avisar o que faz e para onde vai. Quando somos solteiros criamos muitas manias que demoramos para perder. As coisas são assim. — Quicou os ombros. — E você ainda não esqueceu essa história da viagem? Pela santa misericórdia!

— Mas...

— Seu pai mesmo era assim, Bea. Quando nos casamos, eu ficava chateada porque ele desviava do trabalho direto para a igreja e nem ligava para informar sobre. — Rosana acabou rindo daquelas brigas de início. — Ele dizia que não tinha costume de avisar. Até que passou a ter, mas foi um processo. Porque tudo é um processo.

— Mas não é só isso.

— É claro que não. Sabe o que é realmente?

A filha franziu o cenho ansiando por uma resposta que trouxesse alento para o seu coração ferido.

— É que você criou um padrão de homem. E no seu padrão, esse homem não a fere e nem a chateia. Ele é perfeito. Supre todas as suas fantasias. — Bea abriu a boca, chocada. — Você só esqueceu de colocar nesse tempero aí o pecado.

— Mamãe!

— É verdade, minha filha. — Rosana a olhou com firmeza e profunda seriedade. — Conheço você, Beatrice. É uma menina sonhadora.

Bea suspirou e baixou a cabeça.

— Você estabeleceu que seu futuro marido fosse isso ou aquilo, mas ele não é. É só mais um homem comum e pecador, que pela graça de Deus tenta ser melhor. — Rosana tinha um tom de repreensão. — O mundo tenta nos iludir achando que haverá perfeição em um relacionamento, mas não há. Somos falhos e vamos ser até a morte. Sabe por que sente toda essa ofensa? Porque está sentindo o pecado dele espirrando em você, assim como os seus nele. O romance, jantares à luz de velas e os presentes não sustentam uma relação a dois. É só a misericórdia de Deus.

— Eu só achava que as coisas seriam mais fáceis. — Os olhos de Beatrice se encheram de lágrimas.

— Vão ser quando você parar de querer formar nele o seu padrão. Beatrice, antes de nos unirmos a alguém, sempre temos a mania de imaginar como será a pessoa que teremos. Colocamos sobre ela todos os nossos anseios e vontades. — A mãe fez uma cara que ilustrava os sonhos românticos da jovem. — Queremos aquilo que achamos que vai encaixar perfeitamente em nós. Então Deus traz aquele que quase não vai encaixar em

nada. Sabe por quê? — Rosana parou um pouco e respirou fundo. — Porque o objetivo dele é nos moldar. Como vamos derramar graça e misericórdia sobre alguém que é perfeito e nunca nos ofende?

A filha balançou a cabeça envergonhada.

— Deus não vai iludir você, Beatrice. — A mãe tocou a mão da filha. — Casamento e filhos são morte para si mesma. É um lugar para servir de forma incondicional. Ou seja, independente se seu marido merece ou não. — Dona Rosana parou, tomou ar e continuou: — Paulo nos chama para imitá-lo, assim como ele imita a Cristo, ele está nos chamando a viver uma vida em que tudo faço, não pensando no meu bem, mas no do próximo[12]. Ele e Cristo não viveram uma vida para si, mas se negaram por amor uns aos outros.

A filha colocou as mãos sobre o rosto, mostrando como estava desolada e se sentindo pecadora por todas as suas ações.

— Paulo fala: "Ninguém deve buscar seu próprio bem, mas o bem dos seus próximos". Como cristãos somos chamados para morrermos para nós mesmos para vivermos com o intuito de servir o outro até nosso último dia. Fazendo isso, seremos imitadores de Cristo. Ser cristão é perder para o próximo ganhar, ainda que ele não mereça.

— Eu preciso sofrer calada sempre e nunca expor o que me fere? — A filha tinha a voz embargada.

— Não, você pode falar. Mas não pode agir de um modo como se toda a verdade fosse sua. É necessário saber ouvir também. Lançar "verdades" em rosto sem dó nem piedade não traz reconciliação e sim separação. — A mãe deu umas batidinhas nas mãos da filha. — Deixe Deus lutar por você. Ele trabalhará no coração do seu noivo. Se você quiser mudá-lo por suas palavras sem fim e ações estúpidas, não conseguirá nada, a não ser afastar o coração dele. A mulher deve ser mansa e tranquila.

Bea passou as mãos entre os cabelos e olhou para o lado, ponderando sobre aquilo.

— Você pode me perguntar qual é a recompensa em tudo isso. Deus quer que você ande como Cristo: "olhando para a alegria que lhe estava proposta"[13]. Você vai servir seu marido, seus filhos, vai doar seu tempo e

seus próprios interesses, ainda que tenha dias em que não sejam dignos, porque você faz isso por amor a Cristo. Por compromisso a sua aliança.

A filha abraçou a mãe e recebeu um cafuné na cabeça enquanto escutava:

— O Senhor faz isso por nós e não merecemos nada. Sua recompensa está nEle. Não espere pelo Pedro, nem pelos filhos ou os outros, eles podem frustrar você, e com certeza farão isso. Mas, se fizer isso pensando na recompensa de Cristo, será feliz. — Rosana tinha tanta certeza sobre essas verdades que seu coração exultava.

Bea chorou mais.

— Aprenda que a vida cristã e o casamento não são sobre você. É sobre viver para Deus e a serviço do próximo, até que fiquemos bem desgastados e, quando Ele nos recolher para sua glória, veremos a alegria de toda nossa abnegação. Viva com os olhos em Cristo e na eternidade, assim será feliz no seu casamento e consigo. — Ela fez a filha se erguer e segurou o rosto dela. — Olhe para o Pedro e veja o que tem Cristo nele, então ame-o. Você verá que o perfeito encanto dele é em ser parecido com Jesus.

— Obrigada, mamãe! — Bea a abraçou com todas as forças. Apesar de ter sido repreendida, também foi edificada e consolada.

— E mais uma coisa, eu quero que você pense sobre o motivo que a faz querer ter uma família.

A filha não compreendeu.

— Veja bem, ter uma família na ótica cristã não é sobre simplesmente realizar o sonho de ter um marido e filhos, mas sobre glorificar a Deus e ajudar a sociedade. — Rosana apertou os lábios, querendo explicar bem aquilo. — A família, minha filha, é como se fosse uma fonte e dela jorra pessoas que vão servir no mundo.

Beatrice estava começando a compreender a intenção da mãe naquela conversa.

— Você pode ver como vivemos um tempo em que as famílias estão muito desestruturadas e isso tem gerado mais caos na sociedade. E esse aumento de homens e mulheres que praticam coisas terríveis vem de onde, senão do leito familiar? — A mãe segurou a mão da filha. — Deus deseja

através de uma família que Seu Nome seja proclamado para a outra geração e que do relacionamento de seus servos os bons costumes e princípios sejam conservados. Ao casar, Bea, você tem um compromisso com sua comunidade e a próxima geração.

— Mãe, nunca tinha pensando por esse lado.

— Pois é, então se lembre que a sua família gerará pessoas para abençoar o futuro da sociedade com a moral, a conservação da justiça e a misericórdia ou produzirá mais corruptos, mais injustos e tudo isso que nos fere tanto. Não se esqueça que a família é uma fonte.

— Não vou me esquecer disso. — Bea refletiu sobre aquilo com sinceridade. — Bom, acho que vou ligar para ele agora.

— Faça isso. — Porém, antes da filha se levantar, a mãe declarou mais: — Mas tenha cuidado de não ficarem sozinhos.

Bea crispou os olhos.

— Já conversamos sobre isso. Lembra? — Bea não entendeu a preocupação outra vez.

— Mas é sempre bom relembrar. O pecado sexual nessas horas às vezes quer prevalecer.

— Como assim?

— Bea, vocês estão chateados, mas vão se perdoar. — Apertou a mão da filha com carinho. — Ficarão mais suscetíveis, vão querer se abraçar, ficar mais perto e não precisa de muita coisa para uma explosão acontecer.

A jovem ficou chocada com a previsão da mãe sobre algo nessa dimensão. Sua boca aberta e olhos espantados deixaram claro sua impressão alarmada.

— Minha menina, quero que você nunca se esqueça de que a intimidade feminina deve ser como um jardim secreto. — Rosana tomou as mãos da filha sobre as suas e apertou com carinho. — Ninguém tem acesso a esse lugar a não ser seu marido. E veja bem, um jardim para ser belo têm flores coloridas, perfumes e tantos outros ornamentos. As coisas mais belas não estão à vista de todos.

— Nossa, mãe! Nunca tinha pensado por esse lado.

— Mas pense e preserve até suas palavras. — Rosana a olhou com delicadeza. — Há tipos de elogios e declarações que só nossos esposos

devem ouvir, isso são como algumas flores; outras são nossos beijos e abraços, que também estão presentes nesse jardim e somente um homem deve usufruir. Deus concedeu isso a você. Zele muito bem. A porta de acesso para esse local é apenas através de uma aliança segura, que você e Pedro ainda não têm. Cuide-se, meu bem! — A mãe depositou um beijo na testa da filha. — Eu a amo demais para querer vê-la com o coração partido por ter ido tão longe. Segure a chave do seu jardim.

Bea ficou pensativa e achou bonita aquela comparação da sua vida íntima com um jardim secreto. Estava mais do que convicta em permanecer em pureza por amor a Deus e pela bênção de seu próprio relacionamento.

Após terminar a conversa com a mãe, ela ligou para o noivo e ambos combinaram de se encontrar bem cedo pela manhã. Antes de dormir, prostrou seu coração e orou pedindo a misericórdia de Deus e sabedoria para lidar com os problemas. Aquilo a fez ver que não era tão madura quanto achava. Tudo dependia da Graça operante do salvador. Precisava ser feliz com o noivo que tinha, necessitava pensar além de suas próprias necessidades e deveria mortificar suas fantasias românticas e se alegrar pela realidade.

De manhã cedo, ela preparou café e se sentou para ler sua Bíblia quando a campainha tocou. Tomou mais um gole do líquido quente e atendeu, deparando-se com o seu noivo cujo olhar mostrava a noite mal dormida.

— Podemos conversar? — ele indagou e a noiva assentiu.

Ambos se posicionaram um à frente do outro no sofá.

— Bea, falhei com você. — Pedro tomou a direção da conversa e a olhava com sinceridade. — Você precisou de mim e eu não estava lá. Deveria ter priorizado nosso compromisso, mas não fiz isso. Eu peço que me perdoe.

Bea sentiu o coração aquecido com aquelas palavras. De fato, Deus lutaria por ela e não precisava recorrer a insensatez.

— Eu também peço perdão. — Uniu as mãos e imprensou os lábios. — Você não merecia ouvir tudo aquilo. Eu estava chateada, mas não podia expor da forma como fiz. Me perdoa, por favor.

— Eu perdoo sim. — O juiz segurou as mãos frias da noiva. — Eu sei que sou difícil e, por diversas vezes, não tenho enxergado a sua necessidade.

Quero que você se sinta confortável em falar, mas não precisa ser daquele jeito.

— Eu tenho que falar na hora e não ficar acumulando as coisas. Eu sei que preciso mudar isso em mim. — Bea olhou para baixo e balançou a cabeça. — Sou tão pecadora, meu Deus. São nessas horas que o abismo do nosso coração parece ficar pior.

— Somos dois pecadores, errando e falhando sempre.

— Mas, por causa de Cristo, podemos continuar nos perdoando e nos reconciliando sempre. — Ela lacrimejou.

Pedro assentiu e deu uma informação que fez a noiva arregalar os olhos.

— Eu conversei com a mamãe. Falei sobre sua frustração e disse que deveria se refrear mais. Não seria tudo do jeito dela.

— Você fez mesmo isso? — Quase deu um pulo do assento.

— Eu vou sempre estar aqui por você, Bea. Somos uma dupla. — Tocou no queixo dela com o polegar. — Pretendo melhorar no quesito do trabalho também, exercite só um pouco de paciência. Tenho orado por isso. Ontem, eu me voltei para Deus, a fim de buscar auxílio. Sou falho demais.

— O Senhor me visitou também. Ou seja, isso foi um exemplo de que somos imperfeitos, buscando permanecer só por causa dEle.

A jovem sorriu e o noivo beijou na sua testa, porém não se afastou rápido como sempre fez. Ela também não. Os dois estavam tão próximos e a paixão começou a arder mais forte naquele instante.

Eles se fitaram e Pedro beijou mais uma vez sua fronte, desceu pela têmpora, na bochecha. O cheiro dos cabelos dela o inebriava, querendo-a mais perto de si. Sentiu a respiração mais intensa da noiva, e então mirou os lábios dela; com ardor, desejou tomá-los para si. Porém, por um fio de domínio próprio, fechou os olhos e se afastou. Beatrice estava meio paralisada.

— Beatrice, me perdoe por isso. — O juiz se levantou abruptamente. — Eu não podia. Não mesmo.

— Pedro, eu não me afastei também — ela disse com pouca voz.

— Eu vou embora. — Pedro passou os dedos sobre o cabelo. — Conversamos mais tarde.

Não demorou para ela ouvir a porta do apartamento sendo fechada. Bea afundou a cabeça sobre as mãos chateada. Sua mãe tinha acertado no alvo com o conselho. Ela chorou e pediu a Deus para que o mês acabasse logo.



51-NÚPCIAS

Março de 2017

Um mês depois.

Beatrice acordou e, ao olhar para o lado, fitou o marido dormindo de bruços, deixando para admiração dela a tatuagem tão bem-feita. Agora tinha livre acesso.

Ainda estava incrédula acerca de ser uma mulher casada por dois dias. Ela olhou para o teto daquele quarto de hotel e trouxe à memória aquele dia tão especial que estaria para sempre cravado no seu coração. Tudo havia sido uma correria e apenas agora podia pensar com mais tranquilidade e processar o ocorrido.

Pensou em como a festa havia sido impecável e de certa forma luxuosa, mas as ornamentações singelas e delicadas refletiam o gosto humilde da noiva. Todos estiveram presentes: sua família e a do noivo, Andréa, alguns outros servidores do fórum e pessoas do abrigo. Com emoção, recordou da conversa da mãe antes de entrar na capela, a oração e o presente de um

relicário com a foto do pai para enrolar no buquê e entrarem juntos, de certa forma.

Considerou a beleza de ver todos seus convidados sorrirem para vê-la caminhar para o homem fidedigno que Deus havia lhe concedido, com seu belo vestido branco e longo, de mangas compridas e o modesto decote em V, com um leve bordado de pedraria, mas o mais belo de tudo era olhar de Pedro a esperando no altar. Ela ainda usufruía da sensação de ser a mulher mais linda do mundo e amada só pela contemplação do noivo sobre si. O amor de ambos era evidente a qualquer um. E era muito grata por isso. Quando deram as mãos e o pastor fez sua pregação ao finalizar declarou:

"Eis que já não é mais o amor que sustenta a aliança, mas a aliança que sustenta o amor. Não se enganem, amar é uma escolha diária. Busquem nAquele que é a fonte de todo o amor tudo que precisam, e com certeza encontrarão".

Bea e Pedro olharam um para o outro e sorriram.

O casal fez seus votos. Prometendo, pela confiança em Deus, que amariam, serviriam e honrariam um ao outro. Pedro e Beatrice trocaram as alianças, receberam a benção final e o pastor disse:

"Agora o noivo pode beijar a noiva".

Pedro se aproximou da esposa e suavemente tocou nos seus lábios, selando assim aquele pacto.

"Vos apresento o senhor e a senhora Bernardi!", o pastor finalizou a cerimônia, o que fez todos os convidados ficarem de pé e aplaudirem.

Bea sabia que tinha valido a pena esperar. Para sua maior surpresa, Pedro pagou a lua de mel deles em Bariloche, na Patagônia, um dos lugares que sempre teve vontade de conhecer. Ao sair da cama, colocou uma roupa de frio, pegou seu diário e caminhou para o lado de fora, olhando para a paisagem branca pela neve que cobria tudo. Era tão perfeito.

A jovem fechou os olhos e entoou uma canção a Deus em gratidão por todos os milagres que viveu. Desde a morte do pai, não teve a chance de sonhar com grandes coisas, mas o Senhor sabia de tudo e fez acontecer o

melhor para o seu próprio crescimento e foi bondoso em realizar alguns desejos do seu coração. Escreveu mais uma de suas orações no diário, que já estava nas últimas folhas. Ela verificou como muitas das orações ali haviam sido atendidas. Era uma forma de sempre lembrar da graça do seu Salvador.

— Ora, se não é minha linda esposa concedendo parte de sua beleza para complementar essa paisagem! — Pedro chegou por trás e a abraçou.

Ela se sentiu aquecida pelo aconchego daquele abraço já tão familiar, sem o qual não poderia mais viver sem, e estava radiante ao saber como agora era livre para se sentir completamente amada pelo marido.

— Nem acredito que estamos aqui, Pedro! — Deixou o diário numa mesinha e suspirou, segurando o braço do esposo que a apertava mais. — Quero visitar muitos lugares e fazer várias coisas. Eu li que o hotel oferece passeios bem legais. O que você acha?

— Hummm. — Pedro pareceu pensar. — Acho que podíamos ficar o tempo todo aqui nesse quarto. Só nós dois. Não é melhor?

Ela o encarou, chocada.

— Viemos para a Patagônia para ficarmos enclausurados dentro do quarto? Não, não!

— Não é ficar enclausurado, é aproveitar a presença um do outro. — Ele semicerrou os olhos e um roubou um beijo dela.

— Sua proposta não é válida! Pense em outra coisa, gelinho. — Bea balançou a cabeça com determinação.

Pedro se afastou e foi para a frente de Beatrice.

— Eu queria poupá-la disso, mas, como deseja sair, que sua vontade seja feita! — Ele inflou o peito e arfou.

A esposa inclinou a cabeça para o lado e franziu o cenho.

— O que está planejando?

O marido deu um sorrisinho.

— Lembra que sou a sua tempestade? — Segurou a mão dela e a puxou para dentro do quarto. — Arrume-se rápido!

Bea quis adivinhar o que se passava na cabeça do marido, mas nada surgiu no campo das suas ideias. Eles se preparam com as roupas adequadas para o frio violento, tomaram café da manhã e o esposo a guiou para o alto de uma montanha, onde tinha várias pessoas se preparando para fazer...

— Snowboard? Como assim? — Bea quase teve um treco. — Eu não vou descer por essa montanha de neve, não! — Sua expressão de indignação envolta naquela roupa pesada fez Pedro a achar muito fofinha.

— Meu amor, é a coisa mais maravilhosa do mundo. — Pedro estava pronto para convencê-la. O juiz audacioso apertou as bochechas da esposa, o que a surpreendeu. — Eu só tenho coisas boas para você.

— Você quer ficar viúvo, Pedro? — Ela crispou os olhos para o esposo e possuía uma falsa irritação na voz. — E a gente só tem dois dias de casados. Achava que esperaria mais tempo.

Pedro caiu na gargalhada.

— Eu quero é que vivamos por cem anos, meu amor! — A abraçou de lado com carinho. — Mas desejo que você experimente coisas incríveis também. Vamos lá! — Chegou mais perto do ouvido dela e disse: — Eu prometo que depois a gente pode ir ao planetário daqui.

Os olhos de Bea brilharam.

— Você promete? — Os olhos da esposa ganharam um novo brilho.

— Com toda a certeza!

A esposa assentiu confiante e colocou os óculos e todos os demais equipamentos que a protegeriam. Escolheu uma prancha de snowboard que tinha pintura de lua e estrelas, então orou para que não despencasse da montanha. Bea uniu as mãos e fechou os olhos.

— Livre-me de quebrar a coluna, as pernas ou os braços, meu Deus. Amém!

— Você vai ficar bem, meu amor. — O marido tentava conter a vontade de rir da esposa, que orava como se fosse seu último dia de vida. Os dias com Beatrice nunca seriam tediosos.

— Por isso eu entrego a minha vida a quem realmente pode me livrar. — Ela apontou para o céu. — Acredito que minha maior loucura de vida foi casar com você. Eu acho que não estava tão lúcida assim.

— E não está arrependida!

— Sua sorte é que meu amor é verdadeiro.

Pedro a beijou e o instrutor começou a orientar Beatrice sobre o que deveria fazer. Aos poucos, a jovem começou a deslizar pela montanha e, orando a cada momento da descida, tombou algumas vezes.

Depois de uma hora de treino, a jovem quis ir um pouco mais longe e aos poucos conseguiu descer, apesar do terror correr por suas veias, a sensação de deslizar pela neve era gostosa. Depois foi adquirindo mais segurança e começou a aproveitar o esporte, porém, para seu maior desespero, num determinado momento do deslizamento sentiu algo embaixo da prancha e desequilibrou, saindo rolando montanha abaixo.

— Beatrice! — Pedro saiu em disparada ao encontro da esposa, que pela misericórdia divina não tinha ido muito longe.

Após a breve queda, Bea permaneceu deitada, mirando o firmamento e movimentou o braço e as pernas para tentar ver se tudo estava funcionado bem. Acabou fazendo um anjo na neve enquanto gesticulava com os membros superiores e inferiores.

— Meu bem, como você está? — Pedro chegou perto e a verificou de cima a baixo.

Com a presença do esposo, ela se sentou e tirou aqueles óculos do rosto. Limpou a roupa de tanta neve e bufou.

— Estou viva, mas com vontade de dar uma surra em você, Pedro Bernardi! Por que eu escuto suas loucuras? — Manifestou um olhar furioso para o marido.

— Prometo que paramos por hoje.

— Por hoje? — O olhou em desafio.

— Vamos? — Ele desviou o assunto. — Eu ajudo você a levantar.

Beatrice se apoiou no esposo e ficou em pé. De mãos dadas, ambos voltaram para a pista de esqui, onde deixaram os equipamentos e seguiram para um restaurante.

— Tem certeza de que está bem? Podemos ir a um hospital — Pedro inquiriu.

— Tenho certeza! Não vou deixar que um tombo de nada acabe com a magia deste país. — Os olhos de Bea evidenciavam o seu encanto com tudo. Ela estendeu a mão para o esposo e disse: — Obrigada por se lembrar que eu queria conhecer esse lugar.

— Prometo sempre me esforçar para ver você feliz, meu bem. — Pedro segurou a mão de Bea, que estava sobre a mesa. — Apesar de não garantir apenas sorrisos.

— É claro que posso esperar uns passeios para testar meu sistema nervoso de vez em quando. — Ela deu uma risada, e Pedro não pôde deixar de gargalhar.

Ambos escolheram o almoço e, enquanto esperavam, chegou no celular de Bea umas fotos do casamento. Com empolgação, as mostrou para o esposo e os dois se divertiam ao assistir a alguns vídeos. Um deles mostrava a entrada de Bea e o juiz a recebendo no altar.

— Não teve noiva mais linda neste mundo do que você, Beatrice — Pedro se virou para a esposa e declarou com a suavidade do amor.

A esposa sentiu o coração aquecer.

— Você sempre me pega de surpresa com esses elogios espontâneos, gelinho — Bea tinha as bochechas rosadas.

— O amor é livre e a declaração dele também deve ser. — Pedro a trouxe para mais perto. — Deixa eu te contar um segredo.

A jovem semicerrou os olhos, curiosa.

— Se lembra de quando me encontrou dormindo no gabinete? Preparou um café da manhã para mim e me disse palavras de esperança?

Bea assentiu, relembrando aquele tempo.

— Estávamos começando a nos dar bem, mas eu tinha medo de você ainda. — Os dois riram.

— Na noite daquele dia, eu cheguei em casa e quis beber. — Bea se espantou com o relato. — Mas as suas palavras naquela manhã sobre deixar tudo na cruz de Cristo voltaram à minha memória e eu abandonei aquela ideia e orei com sinceridade. Há tempos não fazia uma oração como aquela. — Pedro suspirou um pouco e continuou: — Depois eu dormi e sonhei como se estivesse num jardim, via meus filhos e, por fim, minha esposa.

Beatrice ouvia o relato com admiração.

— Ela tinha tanta serenidade, usava um vestido e os cabelos eram longos e loiros como os seus. — Fitou-a com intensidade. — Quando vi você caminhando em direção a mim no altar, tive a certeza de que o sonho se concretizava. Você, Beatrice, é o meu tesouro particular.

As lágrimas de Bea não puderam ser contidas. Nunca imaginou que o marido tinha passado por aquela experiência e como sua vida tinha sido, em partes, realmente tão importante para ele. A esposa o beijou depois disso.

Apesar de estar em público, não se importou. Ambos se abraçaram e o garçom chegou com o pedido e, assim que ele saiu, Bea falou:

— Obrigada por me contar isso. Foi importante para mim!

Antes de começarem a comer, chegou outra foto: era deles dois abraçados com Bruce no altar. O pequeno, no dia do casamento, após a cerimônia, havia feito uma brincadeira com o casal sobre estar certo "de que eles tinham amor demais" assim que deram o beijo no altar, levando todos os convidados a rirem.

— De certa forma, Bruce também contribuiu para nossa união — Beatrice analisou a foto da criança com amor.

— Bruce e seu jeito único de ser — Pedro falou. — Ele será um excelente rapaz.

— Bom seria ter uma família para o guiar. — De repente, uma luz se acendeu sobre a mente de Bea. — Pedro, já pensou em ser um pai adotivo? Eu sempre tive essa vontade.

O marido a olhou.

— Esse é um assunto sério, mas podemos ponderar as possibilidades.

A esposa se agarrou ao braço dele.

— Acho que é algo pelo que podemos orar.

O juiz assentiu e a convidou para almoçar antes que o alimento esfriasse. Após aquele almoço, seguiram para visitar outros lugares, comprar alguns presentes e aproveitar o máximo possível. No final do dia, voltaram para o hotel, cansados.

Bea foi se preparar para dormir, e Pedro igualmente depois. Assim que o esposo voltou do banho e com aquele cheiro masculino exalando por todo o quarto, encontrou a esposa na varanda, que, ao vê-lo, foi até ele, colocando os braços ao redor do seu pescoço.

— O meu marido é tão bonito que eu o deixaria parado como uma estátua só para apreciá-lo a cada momento.

Pedro deu um cheiro na cabeça da esposa e segurou a cintura dela, puxando-a para si e diminuindo o espaço entre eles. Bea o atraía a cada momento, fosse com sua personalidade, conversa e jeito de mulher delicada, mas adulta, como nessa hora.

— Tenho uma coisa para contar. — A esposa chegou mais perto do seu ouvido e sentiu o cheiro da loção de barbear dele, que a fez querer ficar ali mesmo, mas prosseguiu com o seu comentário. — Quando trabalhávamos juntos eu tinha que vigiar os olhos para não ficar parada só contemplando você.

— Ah, eu sei! Afinal, Deus estava de bom humor quando me criou! — A declaração espontânea do marido a fez ficar de boca aberta.

— Você ouviu? — Afastou-se com o assombro na face, e o marido assentiu com um sorriso. — Mas não disse nada.

— Não queria deixá-la constrangida. — Trouxe-a para mais perto.

— Apesar de ser um gelinho, é um cavalheiro.

— Sou para você — sussurrou e a fez arrepiar.

— E o que vamos fazer agora? — A esposa colocou outra vez as mãos em volta do pescoço do esposo.

O marido puxou os lábios num sorriso.

— Eu sei muito bem.

Bea semicerrou os olhos.

— Pedro?

Ele a beijou com paixão e a puxou para dentro do quarto, fechando a porta da varanda logo atrás de si.



EPÍLOGO

1 ano depois.

Pedro entrou no quarto para ver se Bea estava pronta, porém a viu com o cabelo enrolado na toalha, de roupão, passando maquiagem em frente a penteadeira.

— Pelo amor de Deus, Bea, como você ainda está assim? — A averiguou dos pés à cabeça, querendo crer que tudo aquilo era uma visão errada.

— Não se preocupe, eu termino rapidinho. — Ela passou o batom sobre os lábios.

— Pai Amado, dá-me paciência! — O pontual juiz olhou para a hora no relógio de pulso e notou que tinham apenas 20 minutos. — Beatrice, a inauguração começa em poucos minutos. Acha que vamos chegar na hora assim? — Uma das coisas que tirava o juiz do sério era a falta de pontualidade, mas parecia que a esposa nunca aprendia.

— Meu bem, não se irrite! Vai dar tudo certo! — Com toda a calma do mundo tentou dobrá-lo, todavia não serviu para apaziguar o nervosismo do marido.

Ele inspirou e expirou, depois disse:

— Querida, nós já conversamos sobre isso. Se sabe que demora, por que não se arruma mais cedo? — Ele procurou usar todo seu autocontrole. — Você sabe que eu não suporto me atrasar.

— Eu sei, mas não faço por querer. Apenas acontece! — Bea esboçou um pequeno sorriso. Ela se virou para o esposo. — Não fique assim. A Bíblia fala que o fruto do espírito é paz, alegria, amor e outros. Então exerça isso, por favor. — Voltou a se olhar no espelho.

— A Bíblia também fala lá em Colossenses 3.9: "Não mintais uns aos outros, uma vez que vos despistes do velho homem com os seus feitos".

Bea se virou para ele abruptamente e indagou:

— Desde quando eu menti?

— A partir do momento que você diz que vai chegar num horário e não cumpre com sua palavra, isso é uma mentira. — O juiz semicerrou os olhos.

— Pedro... Pedro... — Bea respirou fundo, querendo achar uma resposta, até que se lembrou. — As Escrituras também falam: "sejam pacientes, suportando uns aos outros com amor"[14].

Ele se aproximou e tocou no ombro da esposa.

— Logo abaixo desse versículo está escrito: "Façam todo o esforço para conservar a unidade do Espírito pelo vínculo da paz"[15] — o marido recitou. — E, meu bem, você não está se esforçando para conservar a paz.

Bea abriu a boca, chocada!

— Faça como Cristo que ama a sua noiva e detêm paciência para com ela — Bea tentou dar o desfecho.

— Pelo que sei, a Igreja se submete a Cristo — o juiz retrucou, com um sorriso preso nos lábios.

— Ai! — Ela bufou. — Você é chato!

— Chato não é uma palavra bonita! — De repente, entrou no quarto o pequeno Bruce. Todo bem-vestido com sua bermudinha jeans e blusa azul.

— Não é que você tem razão, Bruce. — Pedro o pegou no colo. — Diga para a mamãe como ela está errada em se atrasar. Não é verdade?

— É verdade! — o garoto repetiu.

— Agora vocês dois contra mim? Vê se pode!

Fazia seis meses que Pedro e Bea haviam conseguido a adoção de Bruce e, apesar de se conhecerem, não foi fácil a adaptação e a habilidade de se enxergarem como uma família. Porém, com o tempo, essa nova visão e relação começou a se estabelecer.

— Mas apesar disso, vocês ainda têm muito amor! — Bruce disse.

Bea se levantou e foi até os dois homens de sua vida.

— Que agora compartilhamos com você, meu amorzinho.

Os dois fizeram cócegas no pequeno menino, que se contorcia rindo e o beijaram um em cada lado da bochecha.

— Agora vão e me deixem terminar de me arrumar.

Pedro roubou um beijo dela.

— Não demora mais, pela fé! — Pedro saiu, levando Bruce.

Minutos depois, a família partiu rumo à inauguração da loja de doces de Andréa. Ela conseguiu todo o dinheiro que precisava e investiu no seu próprio empreendimento. Bea auxiliou a ex-colega de trabalho. Agora veria os frutos do árduo trabalho da amiga.

Todos compareceram ao evento: Murilo e Mísia, com quem Bea dedicava boa parte de seu tempo para ensinar as jovens do abrigo. Ela largou o emprego e começou projetos em outras organizações filantrópicas; Flávia, que conseguiu seu cargo de gerência e ainda esperava no Senhor em relação a sua vida amorosa; Lorenzo e Maitê, que agora devia ser contida em relação ao neto Bruce. Pedro estacionou o carro no local adequado, os pais de Pedro acenaram e o neto correu para eles, deixando os pais a sós. Pedro olhou para a esposa e declarou:

— Quem diria que dois anos depois que você entrou naquele fórum nós estaríamos aqui?

Bea sorriu e assentiu.

— Quem diria que eu me casaria com aquele juiz tão turrão. — Ela mordeu os lábios. — Mas, se tem uma coisa que eu aprendi, é que realmente é bom não saber do futuro. É melhor ser surpreendida.

— Por isso, Cristo nos ordena: “Não andeis ansiosos pela vida, pelo que haveis de comer ou beber. (...) Pois o vosso Pai Celeste sabe que necessitais de todas elas”[16] — Pedro expressou e a esposa o beijou.

— Amo essa sua memória cheia de versículos bíblicos. — Acariciou a face do esposo. — O seu encanto está em ser cheio de Cristo!

— E o seu encanto também está em ser cheia de Cristo!

Eles se beijaram mais uma vez e, de mãos dadas, seguiram rumo à festa. Uma coisa podia ser afirmada: o amor de ambos se basearia sempre no caráter de Cristo sendo formado em seus corações e essa beleza da alma durará para sempre.

FIM



AGRADECIMENTOS

Minha gratidão ao Senhor, por ter me abençoado com este enredo e por todas as pessoas que ele colocou em minha vida para que isso pudesse acontecer. A começar pela minha mãe, que leu este livro e, quando terminou, voltou de novo para o começo só porque não conseguia largar esses mocinhos. Isso foi muito legal!

Expresso minha gratidão a Karine, minha amiga, que foi a primeira a ouvir sobre a ideia deste livro, lá em 2018, e não só me deu todo apoio, como também viajou comigo na maionese, até que as coisas foram pegando forma.

A Maina e Aline, que me apoiaram com a obra desde o início também. A Kell, que leu e usou em Meu Enredo de Amor, e isso contribuiu para que realmente esta história fosse revisada. A Raquel, fã número 1 do Pedro, e a Abigail, que surtou bastante. Obrigada pela parceria, meninas. Não poderia deixar de mencionar a Laís e Bárbara, que atenderam minha petição para ler o enredo e me ajudar na revisão. Vocês são demais!

Aqui manifesto minha eterna gratidão a minha mentora e revisora, Clys, que embarcou comigo nesta história — a cada mentoria era um surto. A

revisão desta obra gerou muitas risadas, conversas reflexivas e aprendizados. Nossa! Foi a melhor revisão da minha vida. Te amo, Clys!

Por último, mas não menos importante, a você, caro(a) leitor(a), que se chegou até aqui é porque curtiu a história, portanto agradeço por ter confiado na minha escrita. Até mesmo se você não gostou tanto, mas chegou ao fim, eu agradeço. Todo escritor deseja ter alguém para ler suas "imaginações" e, de verdade, obrigada por ter embarcado comigo nessa.

No mais, desejo que a beleza de Cristo seja formada em você e isso será sua maior recompensa!

---

[1] Salmos 50:15 [2] Mateus 11:28 [3] Salmos 51:10 [4] Romanos 3:23-24 [5] I Coríntios 10:13 [6] Hebreus 13:5 [7] Salmos 40:8 [8] Marcos 8: 36 [9] J.I. Parcker [10] Isaias 30:15 [11] Provérbios 19:14 [12] 1 Coríntios 10:24 [13] Hebreus 12:2 [14] Efésios 4:2 [15] Efésios 4:3 [16] Mateus 6:32

ABOUT THE AUTHOR

Dulci Verissimo



Dulci Veríssimo é uma manauara, formada em música e mestranda em educação, com um toque de literatura na veia. Começou sua jornada literária em 2016, sendo uma das pioneiras na escrita de romances de época cristão no Brasil, e sua narrativa tem conquistado diversas mulheres com testemunhos sobre o impacto da obra em suas vidas. Suas histórias têm ido para além do seu país natal através dos livros físicos e digitais. Seu objetivo é apresentar obras que realmente edifiquem e encorajem os irmãos na fé e na esperança da glória!

BOOKS BY THIS AUTHOR

Amor e Graça

Augustus Foss, em busca de descobrir a verdade sobre a morte da mãe, parte para a cidade de Vilas-Boas, no interior de São Paulo.

Ana Muniz, ao perder a única família que tinha, fica sem nenhum recurso para sobreviver em meio ao caos de sua vida.

Entre o vislumbre de uma donzela tocando piano e uma proposta de casamento repentina, o caminho desses dois jovens se unem, levando-os a trilharem um percurso de muitas incertezas e dilemas. Porém, se sobressai a maior de todas as dúvidas: Eles permanecerão?

Essa jornada os ensinará sobre o significado do amor de Deus, amor ao próximo, perdão e resgate, compreendendo ser pela Graça que podem sempre recomeçar.

"Mas eu me lembrarei da aliança que fiz contigo nos dias da tua mocidade e estabelecerei contigo uma aliança eterna". Ezequiel 16: 60.

Meu Enredo de Amor

Quatro garotas. Quatro leitoras românticas assumidas. Quatro contos de amor. Beatriz, Napáuria, Júlia e Lyra são jovens cristãs cujos corações anseiam por serem as protagonistas da própria história de amor, aquela escrita pelo melhor Autor. Como as personagens de seus livros preferidos, aprenderão a guardar o coração e esperar em Deus, enquanto descobrem que

viver um romance com propósito é melhor do que qualquer paixão recreativa e passageira.

Manual de Cortejo

Os contos de fadas não te falaram, mas as princesas têm problemas e defeitos.

Por isso, este manual tem o intuito de encorajar você, querida princesa desencantada, a não desistir do seu feliz para sempre ao lado de Deus e de esperar por seu (príncipe) rapaz piedoso encantado — ou nem tanto.

Em meio a bailes de cortejo, fugas durante a noite, conversas teológicas, acordos de casamento, maldições e vampiros, neste manual, princesas de diferentes universos vão aprender como encontrar o amor sem negociar a sua fé.